

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Telejornalismo e Educação Ambiental: formação do sujeito consumidor?

Cristiane Leite Pereira

Orientadora: Lais Maria Borges de Mourão Sá

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF, maio/2010

Pereira, Cristiane Leite

Telejornalismo e Educação Ambiental: formação do sujeito consumidor?

Brasília, 2010.

293 p. : Il.

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável.

Universidade de Brasília, Brasília.

1. Educação Ambiental. 2. Jornalismo Ambiental. 3. Telejornalismo. 4. Mudança Social. I. Universidade de Brasília. CDS. II. Título.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta tese e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O (a) autor (a) reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do(a) autor(a).

Assinatura

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Telejornalismo e Educação Ambiental: formação do sujeito consumidor?

Cristiane Leite Pereira

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de grau de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Educação e Gestão Ambiental, opção acadêmica.

Aprovado por:

Lais Maria Borges de Mourão Sá, Doutora (CDS-UNB)

Elimar Pinheiro do Nascimento, PhD (CDS-UNB)
(examinador interno)

Ilza Maria Tourinho Girardi, Doutora (FABICO-UFRGS)

Brasília, 24 de maio de 2010.

Dedico este trabalho a Deus, fonte de toda energia e força de que tanto precisei para sua concretização. A meus pais, Jales e Suseni, e meu irmão Charley, essência do que sou. Tudo o que conquistei intelectual e afetivamente devo aos senhores. A meus avós, José e Olália, Olavo e Francisca (*in memoriam*). A todos os que acreditam e se dedicam ao Jornalismo Ambiental.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho contou com o apoio e participação de inúmeras pessoas especiais. Acima de todas, agradeço fortemente a meus pais, Jales e Suseni, que sempre representaram a base de minha estrutura afetiva, emocional e de minha maneira de enxergar e me relacionar com os outros. A meu irmão Charley, cuja alegria e leveza sempre me acolheram e inspiraram a superar as dificuldades.

Minha gratidão também a Cléssio e Fernanda, cuja amizade e auxílio constantes os transformaram em verdadeiros irmãos, assim como a todos os meus tios e primos presentes em cada etapa dessa enriquecedora caminhada. Destaco especialmente meus profundos e sinceros agradecimentos à dona Divina e seus filhos, família cujo amparo e carinho significaram e ainda hoje representam uma parte bastante significativa da conquista por mim alcançada.

Agradeço com especial carinho à professora doutora Lais Mourão, que me orientou muito mais do que com seus direcionamentos acadêmicos. Aprendi a admirar e tentar seguir sua postura de grande intelectualidade sempre acolhedora da singularidade de cada saber, cada história e cada ritmo de vida. Aos integrantes da banca examinadora, Dr^a. Ilza Girardi, PhD Elimar Nascimento, Dr^a. Lais e Dr. Philippe Layrargues, obrigada pela disposição em contribuir com suas enriquecedoras críticas a meu trabalho.

Reitero ainda o reconhecimento da importância dos professores, em especial doutor Elimar Nascimento (por sempre me estimular no crescimento intelectual), e de todo o corpo institucional do Centro de Desenvolvimento Sustentável, que ao longo do mestrado muito me ensinaram e ajudaram a construir o arcabouço teórico que me trouxe até aqui.

Não posso deixar de agradecer aos três jornalistas que com boa vontade me receberam e concederam as entrevistas para a realização de meu estudo: Washington Novaes, André Trigueiro e Leonardo Menezes. No mesmo sentido agradeço aos funcionários da TV Cultura, Canal Futura e Globo News que prontamente me atenderam esclarecendo dúvidas e ajudando no acesso aos dados.

A todos os membros do Instituto Ambiental Brasil Sustentável pelo incentivo à plena realização de minha pesquisa, amizade e apoio diário. Sem esquecer de nenhum dos integrantes do IABS, agradeço em especial a Luís Tadeu Assad e Eric Sawyer, que à frente de meu trabalho sempre se mostraram compreensivos nos momentos em que precisei me ausentar para dedicar-me à elaboração da dissertação.

A minhas amigas e amigos que aqui em Brasília me apoiaram e hoje são parte essencial de mim, meu muito obrigada!

Graças à presença de todos vocês em minha vida, alcancei grande parte de minha evolução pessoal.

Cara Do Brasil

Ney Matogrosso

Composição: Celso Viáfora, Vicente Barreto

Eu estava esparramado na rede
jeca urbanóide de papo pro ar
me bateu a pergunta, meio a esmo:
na verdade, o Brasil o que será?
O Brasil é o homem que tem sede
ou quem vive da seca do sertão?
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo
o que vai é o que vem na contra-mão?
O Brasil é um caboclo sem dinheiro
procurando o doutor nalgum lugar
ou será o professor Darcy Ribeiro
que fugiu do hospital pra se tratar
A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho
Ninguém precisa consertar
Se não der certo a gente se virar sozinho
decerto então nunca vai dar
O Brasil é o que tem talher de prata
ou aquele que só come com a mão?
Ou será que o Brasil é o que não come
o Brasil gordo na contradição?
O Brasil que bate tambor de lata
ou que bate carteira na estação?
O Brasil é o lixo que consome
ou tem nele o maná da criação?
Brasil Mauro Silva, Dunga e Zinho
que é o Brasil zero a zero e campeão
ou o Brasil que parou pelo caminho:
Zico, Sócrates, Júnior e Falcão
A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho
Ninguém precisa consertar
Se não der certo a gente se virar sozinho
decerto então nunca vai dar
O Brasil é uma foto do Betinho
ou um vídeo da Favela Naval?
São os Trens da Alegria de Brasília
ou os trens de subúrbio da Central?
Brasil-globo de Roberto Marinho?
Brasil-bairro: Carlinhos-Candeal?
Quem vê, do Vidigal, o mar e as ilhas
ou quem das ilhas vê o Vidigal?
O Brasil encharcado, palafita?
Seco açude sangrado, chapadão?
Ou será que é uma Avenida Paulista?
Qual a cara da cara da nação?
A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho
Ninguém precisa consertar
Se não der certo a gente se virar sozinho
decerto então nunca vai dar

RESUMO

O presente trabalho analisa as vertentes de Educação Ambiental difundidas por três telejornais especializados na cobertura de temáticas ambientais: *Cidades e Soluções*, *Repórter Eco* e *Globo Ecologia*. Para o estudo, optou-se, como primeiro passo, por entrevistar os jornalistas responsáveis pelos programas acerca da concepção de natureza, desenvolvimento sustentável e educação ambiental e da relação entre os grupos sociais e deles com o meio ambiente. Tais entrevistas, após transcritas, foram seguidas da análise exploratória das edições exibidas em abril e maio de 2009, e da transcrição de 15 edições selecionadas. A última etapa consistiu na análise de conteúdo das entrevistas e edições à luz do referencial teórico que, em três capítulos, contemplou as seguintes questões: Desenvolvimento Sustentável e mudança social; concepção de educação no processo de transformação social; concepções de Educação Ambiental; mídia e constituição do sujeito contemporâneo (aqui abordando-se a possibilidade de uma concepção de educação transformadora no jornalismo ambiental). Dentre os resultados, concluímos que os telejornais ambientais analisados pautam suas edições num projeto formativo voltado para a sujeição à ideologia dominante da sociedade capitalista, sendo predominante a vertente pragmática de Educação Ambiental. Notou-se uma frequente coexistência da vertente conservadora e a pragmática, sendo raros os momentos em que se notaram traços da EA crítica. As semelhanças que possibilitaram tão frequente coexistência entre as duas concepções justificam-se por uma mesma concepção de Educação que está por trás de ambas - aquela que historicamente se tornou inerente à "missão" da mídia: formar consumidores a partir de uma educação voltada para a sujeição, uma educação mercadológica alicerçada num conceito de público como massa indistinta e deslocada de seus vínculos comunitários, suas diferenças culturais e suas contradições de classe.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Jornalismo Ambiental, televisão, mudança social.

ABSTRACT

This study analyzes Environmental Education aspects employed by three television news shows specialized in coverage of environmental topics: *Cidades e Soluções*, *Repórter Eco* and *Globo Ecologia*. The first step chosen in the study was to conduct interviews with journalists responsible for these shows regarding their views on nature, sustainable development and environmental education and the relationship among social groups and between them and the environment. These interviews, once transcribed, were followed by an exploratory analysis of shows aired in April and May, 2009, and transcription of 15 selected shows. The last stage consisted in analysis of the content of the interviews and shows in light of theoretical frameworks that, in three chapters, included the following issues: Sustainable Development and Social Change; conception of education in transforming social conceptions of environmental education, media and constitution of the contemporary subject (here discussing the possibility of a conception of transformative education in environmental journalism). Among the results, we conclude that base their newscasts analyzed environmental issues in a project aimed at training the subjection to the dominant ideology of capitalist society, being predominantly a pragmatic perspective of Environmental Education. There has been a frequent coexistence of conservative and pragmatic aspects are rare moments when you noticed traces of the EA review. The similarities that allowed so frequent coexistence between the two views are justified by the same conception of education that is behind them is one that historically has become inherent in the "mission" of the media: educate consumers from an education geared towards entry, an marketing education based on a concept of public and indiscriminate mass and displaced from their community ties, cultural differences and contradictions of class.

Keywords: Environmental Education, Environmental Journalism, television, social change.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto I: Entrevista com Washington Novaes	134
Foto II: Entrevista com André Trigueiro	153
Foto III: Entrevista com Leonardo Menezes	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Listagem das edições	74
--------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Eixos indicadores de concepções de Educação Ambiental	35
Quadro 2 – Trechos das entrevistas referentes a cada categoria de análise	199
Quadro 3- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre Gestão Sustentável	211
Quadro 4- Quadro-resumo das Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre agricultura orgânica	219
Quadro 5- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 01/04/09	227
Quadro 6- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções - Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável	236
Quadro 7- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre Slow Food	244
Quadro 8- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre Rio São Francisco	252
Quadro 9- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 10/05/09	261
Quadro 10- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 05/04/09	269
Quadro 11- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre Ecogerma	278
Quadro 12- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre o avanço da soja	288
Quadro 13- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre agricultura familiar	296
Quadro 14- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 12/04/09	305
Quadro 15- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 17/05/09	314
Quadro 16- Fontes e assuntos do Globo Ecologia - fogo no cerrado	322
Quadro 17- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre reciclagem do óleo de cozinha	330
Quadro 18 - C&T e soluções para problemas ambientais	340
Quadro 19 – Destaque a pesquisas científicas	340
Quadro 20 – Trechos que pregam o investimento em tecnologias limpas e a regulação dos usos dos recursos naturais	341
Quadro 21 – Trechos que pregam a defesa de ambientes preservados da presença humana	341
Quadro 22 – Trechos que pregam religação homem/natureza sob a lógica do capital	342
Quadro 23 – Trechos de contraponto à priorização do sistema econômico acima das questões socioambientais	343
Quadro 24 – Trechos sobre elementos conceituais de Desenvolvimento Sustentável	343
Quadro 25 – Trechos com perspectiva fatalista ou antropocêntrica.....	344
Quadro 26 – Trechos de crítica à separação do homem e o meio natural	344
Quadro 27 – Trechos sobre manifestações culturais e sabedoria popular	345
Quadro 28 – Trechos acerca da volta à harmonia com a natureza	345
Quadro 29 – Trechos sobre conflitos e sua abordagem	345
Quadro 30 – Trechos sobre problema X soluções	346
Quadro 31 – Trechos sobre atuação no campo da política pública	346
Quadro 32 – Trechos sobre mobilização coletiva	346
Quadro 33 – Trechos sobre dramaticidade ou espetacularização da natureza	347

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 – Frequência das fontes entrevistadas no Cidades e Soluções	111
Gráfico 2 – Frequência das fontes entrevistadas no Globo Ecologia	111
Gráfico 3 – Frequência das fontes entrevistadas no Repórter Eco	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CBJA** – Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental
- CDS** – Centro de Desenvolvimento Sustentável
- C&T** – Ciência e Tecnologia
- DS** – Desenvolvimento Sustentável
- FABICO** – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
- EA** – Educação Ambiental
- FRM** – Fundação Roberto Marinho
- IFEJ** - Federação Internacional de Jornalistas Ambientais
- JA** – Jornalismo Ambiental
- Nejrs** - Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul
- ONG's** – Organizações não-governamentais
- RBJA** - Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental
- TV** – Televisão
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UnB** – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	09
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	13
INTRODUÇÃO	16
1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	24
1.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONSERVADORA	27
1.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRAGMÁTICA	29
1.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA	31
1.4 QUADRO DE INDICADORES	34
1.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA MUDANÇA SOCIAL	37
2 A INFLUÊNCIA DA TV NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA	40
2.1 TV PÚBLICA E TV PRIVADA: HISTÓRICO E DIFERENÇA CONCEITUAL.....	40
2.1.1 TV Cultura	43
2.1.2 Canal Futura	44
2.1.3 Globo News	45
2.2 A ATUAÇÃO DA TV NA (IN)FORMAÇÃO AMBIENTAL DO PÚBLICO	45
2.2.1 A Produção de sentidos na televisão e a construção do espetáculo	45
3 A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	52
3.1. A COBERTURA ESPECIALIZADA EM MEIO AMBIENTE: O JORNALISMO AMBIENTAL	52
3.1.1 Trajetória Histórica	52
3.1.2 CONCEITOS E PRESSUPOSTOS DO JORNALISMO AMBIENTAL	57
3.2 INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MÍDIA EMPRESARIAL	65
4 CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	69
4.1 CONSTRUINDO OS DADOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS	69
4.1.1 Entrevistas	70
4.1.2 Coleta de materiais e análise exploratória	72
4.1.2.1 Coleta de materiais	72

4.1.2.2 Análise exploratória	73
4.1.3 Análise de Conteúdo	75
4.2 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	76
4.2.1 Relação natureza-sociedade	77
4.2.1.1 Ciência e tecnologia	77
4.2.1.2 Conceito de natureza, economia e Desenvolvimento Sustentável	84
4.2.1.3 Cultura e natureza	88
4.2.2 Relação Rural-Urbano	94
4.2.3 Relação Produção-Consumo	97
4.2.4 Conflitos e soluções	100
4.2.5 Ética (do jornalismo e dos telespectadores)	101
4.2.6 Educação e Educação Ambiental	103
4.2.7 Política	106
4.2.8 Dimensão jornalística e lógica empresarial	108
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	124
GLOSSÁRIO DE TERMOS DO TELEJORNALISMO	131
APÊNDICE	134

INTRODUÇÃO

A reflexividade acerca dos rumos do desenvolvimento atualmente tem consolidado a ideia da necessidade urgente de se construir um novo paradigma orientador das relações sociais e destas com o meio ambiente.

No início da idade moderna, na época dos grandes descobrimentos do século XV, uma visão de mundo se constituía, baseada, segundo Guimarães (2006), no estranhamento e distanciamento dos seres humanos em relação à natureza, um sentimento de não pertencimento que leva a uma identificação com o artificial, o virtual da vida moderna. Firmou-se então um modelo urbano e mercantil em contraposição ao padrão medieval, basicamente rural. Assim, à medida em que o projeto civilizatório moderno avançava, o passado medieval adquiria um sentido negativo, sendo qualificado como inculto, menos desenvolvido, período das trevas.

Carvalho (2008a) explica que tal mudança cultural inaugurou a modernidade e está na base de nossa experiência civilizatória, sendo protagonizada por uma burguesia crescente que, buscando diferenciar-se da nobreza feudal, investia em novos valores culturais e padrões de comportamento que formariam as bases ideológicas da modernidade. Assim, civilidade e cultura passaram a constituir conceitos opostos à natureza, ao selvagem, à barbárie, à falta de razão e à ignorância.

Em contraposição a essa corrente, após o advento e consolidação de seus efeitos para a qualidade de vida, iniciou-se no século XVIII, na Inglaterra, uma mudança significativa no padrão de percepção do mundo natural – definida pela autora como as novas sensibilidades: “Um traço cultural ligado ao ambiente social inglês do século XVIII, à medida em que se evidenciavam os efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida nas cidades, causadas pela Revolução Industrial”. (CARVALHO, 2008, p. 97).

Nesse período, testemunhou-se a radicalização da ordem burguesa e de seu almejado domínio humano sobre o ambiente, materializado nos progressos técnicos que tornaram possível a primeira Revolução Industrial. De fato, a urbanização em seus primórdios, trazendo consigo inóspitas condições ambientais, alavancou o surgimento de um sentimento estético e moral de valorização da natureza selvagem, intocada, sem a interferência antrópica. Além disso, pode-se dizer que a Revolução Industrial trouxe uma tecnificação crescente da relação homem-natureza a partir do século XIX, como a mecanização do trabalho nas fábricas substituindo o trabalho familiar e artesanal.

Vale ainda ressaltar que, seguindo essa corrente de desenvolvimento tecnológico, o século XX assistiu ao enorme avanço das tecnologias de guerra e de controle. De fato, as duas grandes guerras mundiais balizaram-se no uso de novas armas criadas graças à articulação das pesquisas e esforços estratégicos da Ciência e Tecnologia. Daí o crescimento avassalador das armas bélicas e bombas nucleares como instrumentos de aniquilamento das forças inimigas. Filho (2002) explica tal princípio de aniquilamento como um dos conceitos fundamentais da estratégia, utilizada nas duas guerras mundiais, que se aplica a partir da destruição da capacidade inimiga de realizar ações eficazes e de reagir de modo organizado. No entanto, esse poder escapou do cálculo político-estratégico com o uso da arma nuclear a partir do lançamento de bombas atômicas no Japão.

Como se vê, a multiplicação dos riscos, em especial os ambientais e tecnológicos de graves consequências, é peça fundamental para a compreensão das características, limites e transformações da nossa modernidade, conforme defende Jacobi (2006):

Os riscos contemporâneos explicitam os limites e as consequências das práticas sociais, trazendo consigo um novo elemento, a “reflexividade”. A sociedade, produtora de riscos, torna-se crescentemente reflexiva, autocrítica e se vê obrigada a autoconfrontar-se com aquilo que criou, de positivo ou negativo. Na sociedade de risco, o impacto da globalização, as transformações do cotidiano e o advento da sociedade pós-tradicional se caracterizam por sua instantaneidade e incalculabilidade dos efeitos da ação antrópica. (JACOBI, 2006, p. 09).

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento tecnológico responde pela evolução nos processos de comunicação, um dos responsáveis pela nova etapa no relacionamento do homem com o meio ambiente. Isso porque o planeta saiu da esfera do conhecimento local e regional, saltando para uma dimensão global: interligado pelas redes de comunicação com o auxílio dos satélites computadorizados, qualquer ponto da Terra pode ser visualizado e pesquisado, em qualquer momento, obtendo-se informações praticamente simultâneas sobre os mais diversos acontecimentos que envolvem o homem, a sociedade e a natureza. (RAMOS, 1996).

Diante deste cenário é que Jacobi (2006) afirma que vivemos, no início do século XXI, uma emergência que, mais que ecológica, é uma crise de pensamento, dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentam a modernidade. Por isso a reflexão sobre a complexidade ambiental abre um frutífero espaço para compreender a formação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação

da natureza, para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas do saber.

Em tal contexto, as práticas educativas, em especial os meios de comunicação como atuantes no processo de educação informal, devem apontar para propostas pedagógicas centradas na mudança de hábitos, atitudes e práticas sociais, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação coletiva. Os meios comunicacionais ganham destaque por possibilitar, segundo Ramos (1996), que a humanidade se coloque diante de si mesma numa perspectiva de avaliação de seu passado, da trajetória de seu desenvolvimento e de projeção de seu futuro.

O monitoramento global proporciona aos cientistas o acesso a dados fundamentais para a pesquisa ambiental em suas várias manifestações disciplinares, da mesma forma que os acontecimentos sociopolíticos, artísticos, esportivos, meteorológicos, os desastres ambientais, as devastações e as guerras passaram a fazer parte, quase diariamente, da vida da maioria dos seres humanos. Para Castells (1999), nas últimas décadas surgiu uma nova economia, informacional e global ao mesmo tempo. Informacional porque os macroorganismos da sociedade (empresas, nações) dependem de suas capacidades de gerar, processar e distribuir informações. Global porque todas as atividades produtivas que envolvem o consumo e a circulação de mercadorias estão organizadas em fluxos, em conectividade. O autor acredita que estamos vivendo um momento histórico que aponta a construção de uma organização humana em torno da informação e das tecnologias que geram conhecimento.

Nessa perspectiva pode-se dizer que o domínio da informação está diretamente ligado ao poder de interferir e reorientar as relações humanas e da sociedade com a natureza. Portanto, é com grande influência dos meios de comunicação que a humanidade, hoje, toma contato com os problemas ambientais e procura discutir os seus modelos de desenvolvimento e sua atuação no meio ambiente.

Nos últimos anos tem-se verificado um aumento significativo de publicações, documentários, campanhas de publicidade sobre o meio ambiente, mas é sobretudo por meio dos jornais e da televisão que as questões ambientais têm chegado ao conhecimento, pela primeira vez, de segmentos da sociedade que nunca tinham tido acesso ao tema, já que, até então, essas informações circulavam basicamente em espaços restritos, na comunidade científica, empresarial e governamental.

Considerando-se ainda que os jornais e a televisão são a principal fonte de informação para expressiva camada da população, sendo pela mídia que a maior parte da sociedade toma conhecimento de uma porção da realidade a qual não acessa pela experiência (ABREU, 2006, p. 22), o papel desses veículos revela-se decisivo nos processos de formação de opinião sobre a problemática ambiental, na medida em que, conforme defende Ramos (1996) a informação ambiental é um elemento fundamental no conjunto das ações interdisciplinares que procuram alcançar uma compreensão sistêmica das relações sociedade/meio ambiente.

Nesse sentido, o estudo da mensagem ambiental revela-se como uma etapa essencial na investigação da influência da comunicação nos processos individuais e sociais de percepção e interação com o meio ambiente. Ao divulgar problemas e soluções ambientais, a mídia tem colaborado para o aumento da sensibilização da opinião pública, mas é preciso ressaltar que isso se dá segundo uma determinada concepção de meio ambiente. Berna (2008) enfatiza que a conscientização do brasileiro em relação ao meio ambiente aumentou 30% nos últimos 15 anos - de acordo com uma pesquisa do Ministério do Meio Ambiente e Instituto de Estudos da Religião (MMA/ISER, 2005) -, num contexto social em que lideranças da sociedade civil organizada já revelam sua preocupação com a falta de informação ambiental “ao ponto de incluí-la, ao lado de educação ambiental, entre os três principais problemas ambientais brasileiros, atrás do desmatamento e dos recursos hídricos”. (BERNA, 2008, p. 96).

Eis porque vários estudiosos do desenvolvimento sustentável defendem que a construção de um novo paradigma de desenvolvimento só se torna possível a partir do engajamento de diversas áreas do saber num trabalho de Educação Ambiental, no qual acredita-se assumirem os meios de comunicação um papel de destaque, por seu enorme alcance junto às sociedades.

Tal visão é corroborada por alguns autores da área de Jornalismo Ambiental. Para Cerqueira (2002), expor a complexidade da problemática ambiental à opinião pública é tanto uma tarefa ao alcance quanto de responsabilidade da mídia. Segundo ela, a própria UNESCO, já em 1977, quando da Conferência de Tibilisi, recomendava o jornalismo como meio disseminador da Educação Ambiental (EA), colocando como responsabilidades dos meios de comunicação social pôr seus enormes recursos a serviço dessa missão educativa; fomentar a discussão de conhecimentos sobre a proteção e melhoria do meio ambiente; organizar cursos de formação destinados a profissionais dos meios de comunicação a fim de que possam tratar adequadamente os aspectos da EA; e instituir mecanismos de

planificação e coordenação de programas de EA, de modo a atingir a população – rural e urbana - à margem do sistema educacional.

Assim, pergunta-se se existe mesmo uma função primordial dos meios de comunicação no trabalho de formação e tomada de consciência de vários segmentos da sociedade, a respeito da importância da participação social na construção das soluções para as problemáticas ambientais que a cada dia se agravam em todos os níveis, tanto local quanto global.

De todos os veículos de comunicação, destaca-se a televisão que, desde a segunda metade do século XX, marca presença nos lares e ganha cada vez mais espaço no papel de formador de opinião pública, sendo o veículo de comunicação cuja influência na formação e informação da opinião pública constituem um dos fatos mais marcantes do século passado. Atualmente, a televisão se destaca por alcançar os maiores números em abrangência e prestígio, como defendem autores como Bucci (2003), que coloca a televisão como um veículo presente em 98% dos lares brasileiros.

A escolha do objeto atende à demanda surgida a partir da trajetória das pesquisas já desenvolvidas pela autora desde 2004, acerca da relação entre comunicação, educação e sensibilização ambiental do público. Dentre os trabalhos já realizados, pesquisou-se acerca dos processos comunicacionais em ONGs ambientalistas e sobre os veículos especializados em Jornalismo Ambiental e o trabalho de sensibilização ambiental do público, com enfoque nos veículos impressos. Com o andamento dos estudos, depreendeu-se que as mídias impressas especializadas apresentam um público-alvo bastante restrito e sobretudo técnico, não atingindo a maioria da população (explicando o fato de não priorizarem o enfoque e linguagem voltados para a sensibilização dos leitores, *a priori* já interessados pelas problemáticas ambientais).

O objetivo geral foi compreender as intencionalidades formativas dos meios de comunicação social, com foco na relação entre Telejornalismo e Educação Ambiental, tendo como objetivos específicos:

- Identificar e classificar os elementos que norteiam a linguagem e a abordagem dos programas de telejornalismo, segundo categorias de análise metodologicamente construídas para esse fim;

- Interpretar as concepções presentes nos programas selecionados e no discurso de seus editores, do ponto de vista das tendências de Educação Ambiental metodologicamente formuladas para essa análise.

Para os objetivos do trabalho, tornou-se relevante a escolha de telejornais especializados com maior abrangência e alcance nacional, como os veiculados em canais abertos. Além disso, optou-se por programas com a mesma periodicidade de exibição (semanal). Para fins comparativos que enriquecessem a análise deste trabalho, decidiu-se abordar telejornais de canais públicos e privados – a fim de analisar as peculiaridades das emissoras, e sua influência na abordagem de cada programa, o que será detalhadamente discutido na dissertação. Diante disso, os telejornais *Cidades e Soluções* (exibido nos canais Futura e Globo News), *Globo Ecologia* (Canal Futura) e *Repórter Eco* (na TV Cultura) foram selecionados como os mais adequados a esta pesquisa.

Justificada a relevância dos objetos selecionados para o estudo, colocou-se a indagação a respeito da importância de se verificar as concepções de Educação Ambiental (EA) inerentes, implícita ou explicitamente, na mensagem veiculada por tais programas. Para isso, é imprescindível conhecer o endereçamento de EA seguido pelos programas, com as características, formas de estruturação do discurso, os caminhos, enfim, trilhados por eles nesse processo.

Temos as seguintes questões do trabalho:

- Que concepções de EA estão presentes nos modos pelos quais os telejornais especializados na cobertura ambiental elaboram sua abordagem?
- Que ideias e concepções de mundo estão presentes em sua linguagem?
- Que projeto formativo é dominante no jornalismo ambiental no Brasil?

A hipótese aqui levantada é que existe um projeto formativo (de formação de opinião) nos meios de comunicação - e aí se inclui a televisão – e, nesse sentido, é trabalhada uma determinada concepção formativa para o ambiente.

Para a elaboração deste trabalho, partiu-se de três capítulos teóricos que buscaram formar a base de conceitos e discussões fundamentadoras da análise propriamente dita, descrita no quarto capítulo com a apresentação dos caminhos metodológicos de construção dos dados e o detalhamento da interpretação e análise dos mesmos.

O primeiro capítulo, ao apresentar uma breve discussão histórica do movimento ambientalista, para melhor contextualização do cenário em que ganhou forma o conceito de Desenvolvimento Sustentável, aponta a necessidade de transformação de nossa forma de conceber o mundo e nos colocar nele – a partir das relações entre os povos, e também entre os seres humanos e a natureza. Nesse sentido o papel a ser desempenhado pela educação é central, sobretudo uma educação voltada para as reivindicações, compreensões e transformações do campo socioambiental - que, com suas várias definições e categorizações, é colocada como Educação Ambiental (EA). Assim, as ideias norteadoras deste capítulo foram: Desenvolvimento Sustentável e mudança social; concepções de Educação Ambiental e a concepção de educação no processo de transformação social.

O capítulo seguinte traz como discussão central a atuação dos veículos de comunicação, em especial a televisão, no processo de constituição do sujeito contemporâneo. Para isso, foi abordada a construção de sentidos na televisão e a formação do sujeito contemporâneo segundo a sujeição a um processo hegemônico da ideologia da sociedade capitalista. Apresentou-se brevemente a trajetória histórica da televisão, desde sua invenção até sua consolidação como o veículo de comunicação mais influente na atualidade. Após uma discussão acerca das diferenças (ideais) entre TV pública e TV privada, foi apontado um desafio para os estudiosos e profissionais do telejornalismo que se propõem a especializar a cobertura ambiental e, conseqüentemente, aprofundá-la: o de desenvolver uma abordagem mais abrangente e contextualizada das questões ambientais num veículo que requer a construção de uma linguagem audiovisual que, para prender a atenção dispersa do telespectador, lança mão de recursos que acabam fragmentando e espetacularizando os assuntos que aborda.

No terceiro capítulo, após trabalhar o cenário histórico e os pressupostos do Jornalismo Ambiental como um movimento de militância dos jornalistas dedicados à cobertura de temáticas ambientais, trazemos como questão principal as limitações e as possibilidades de uma concepção de educação transformadora no jornalismo ambiental.

Após o referencial teórico construído nos três primeiros capítulos, o quarto detalha os caminhos metodológicos seguidos, bem como a análise dos dados obtidos a partir das entrevistas com os responsáveis pelos três programas selecionados e da transcrição das quinze edições escolhidas.

A conclusão, dentre outras considerações e questionamentos, mostrou que os telejornais ambientais analisados pautam suas edições num projeto formativo voltado para a sujeição à ideologia dominante da sociedade capitalista, sendo predominante a vertente pragmática de Educação Ambiental. Notou-se uma frequente coexistência da vertente conservadora e a pragmática, sendo raros os momentos em que se notaram traços da EA crítica. As semelhanças que possibilitaram tão frequente coexistência entre as duas concepções justificam-se por uma mesma concepção de Educação que está por trás de ambas - aquela que historicamente se tornou inerente à “missão” da mídia: formar consumidores a partir de uma educação voltada para a sujeição, uma educação mercadológica alicerçada num conceito de público como massa indistinta e deslocada de seus vínculos comunitários, suas diferenças culturais e suas contradições de classe.

1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AS VERTENTES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Construir um referencial teórico de uma pesquisa significa construir um caminho norteador para o pensamento a ser elaborado. Assim, para orientar o leitor nas trilhas aqui traçadas, julgamos interessante enunciar os principais conceitos e principais autores (apesar de terem sido consultados muitos outros) utilizados em cada um dos três primeiros capítulos, que compõem o arcabouço teórico deste trabalho.

O primeiro deles busca em Sachs (2002, 2004, 2007) e Leff (2000, 2001a, 2001b, 2004) a base para trabalhar o conceito de Desenvolvimento Sustentável e mudança social. As concepções de Educação Ambiental foram contempladas à luz de Loureiro (2006a, 2006b, 2008, 2009), Guimarães (2004, 2006a, 2006b), Carvalho (1991, 2004, 2008a, 2008b) e Silva (2007). Por fim, a concepção de educação no processo de transformação social alicerçou-se no pensamento de Morin (2003), Freire (apud LOUREIRO, 2009) e Sá (2006).

É praticamente consensual que os debates sobre a relação entre sociedade e natureza ganharam força a partir dos anos de 1960, com o processo definido por Morais (2004) como a ecologização das sociedades. No entanto, alguns autores atestam que a preocupação com o meio natural já permeava as discussões filosóficas desde os pressocráticos, há 27 séculos. Assim, para Loureiro (2006b, p. 118), questões como criação da vida, significado da existência humana e atributos da natureza já faziam parte do foco central da filosofia da natureza.

Já no século XVIII, as raízes modernas do interesse pela natureza surgem no ambiente social da Revolução Industrial, em que se evidenciavam a degradação do meio ambiente e a deterioração da vida nas cidades. Neste cenário nascem as *novas sensibilidades* (CARVALHO, 2008), um sentimento estético e moral de valorização da natureza selvagem, sem a intervenção humana, bem ao encontro do movimento romântico do século XIX. Tais sensibilidades motivaram críticas à apropriação utilitária dos recursos naturais, às situações degradantes da vida nas cidades etc, constituindo uma das raízes histórico-culturais do ambientalismo contemporâneo.

Vale destacar, contudo, que foi no século XX que a percepção dos riscos ambientais e sua repercussão passaram a alcançar ecos internacionais. De fato, Mauro Grun lembra o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki como um episódio precursor da

idade ecológica. Segundo o autor: “Após o dia 6 de agosto de 1945 o mundo não seria mais o mesmo. Ironicamente, a bomba plantava as primeiras sementes do ambientalismo contemporâneo. Estávamos entrando na *idade ecológica*”. (GRUN, 2001, p. 16).

Assim, a partir dos anos 1960, com o advento do ecologismo contestatório (alicerçado ideologicamente nos movimentos de contracultura), a questão ambiental ganha mais força como pauta de obras como *Silent Spring* (de 1962), de Rachel Carson, que dentre outras manifestava e repercutia fortemente a ampla insatisfação com os rumos do progresso desenfreado que até então se defendia.

A efervescência das discussões mobilizou representantes de vários países em eventos como a *Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente*, no ano de 1972 em Estocolmo – que fortaleceu a educação ambiental como detentora de um papel estratégico na busca pela qualidade de vida; a Conferência de Tbilisi (Geórgia) em 1977 e a publicação, em 1989 do Relatório *Our Common Future*, pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, coordenado por Gro Harlem Brundtland. No documento era apresentado o conceito de desenvolvimento sustentável como o “desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. (UNITED NATIONS, 1987, p. 54).

Sem prolongar a discussão histórica do movimento ambientalista, julgou-se pertinente a exposição feita até aqui para melhor contextualização do cenário em que ganhou forma o conceito de Desenvolvimento Sustentável.

Entre os autores que debatem sobre o tema do desenvolvimento, Ignacy Sachs (2007, p. 22) coloca que, dentre milhares de definições, o desenvolvimento é a efetivação universal do conjunto dos direitos humanos – políticos, cívicos, econômicos, sociais, culturais e os coletivos (como o direito a um meio ambiente saudável). Considerando tais aspectos é que o autor trabalha a ideia de um desenvolvimento socialmente incluyente, ambientalmente sustentável e economicamente sustentado.

Para isso, propõe caminhos para um desenvolvimento que atenda simultaneamente os objetivos de “relevância social, prudência ecológica e viabilidade econômica. (SACHS, 2002, p. 35)”. Para ele, um crescimento (tema-chave na ideia predominante de desenvolvimento) só se sustenta se for endógeno, autossuficiente, orientado pelas necessidades, harmonioso

com a natureza e aberto à mudança institucional (SACHS, 2004). Para se alcançar tal harmonização dos objetivos sociais, ambientais e econômicos, Sachs (2002) apresenta oito critérios de sustentabilidade a serem contemplados na abordagem do desenvolvimento sustentável: social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico, político nacional e político internacional.

Leff (2001b), por sua vez, defende que os desafios do desenvolvimento sustentável implicam a necessidade de formar capacidades para orientar um desenvolvimento fundado em bases ecológicas de equidade social, diversidade cultural e democracia participativa. Isto constitui o direito à educação, à capacitação e à formação ambiental como fundamentos da sustentabilidade, que permitam a cada pessoa e cada sociedade produzir e apropriar-se de saberes, técnicas e conhecimentos para participar na gestão de seus processos de produção, decidir sobre suas condições de existência e definir a sua qualidade de vida. Isso se deve à relação intrínseca do advento dos ideais de educação ambiental com as origens do ambientalismo, que segundo Leff:

Surge num processo de emancipação da cidadania e de mudança social, com uma reivindicação de participação popular na tomada de decisões e na autogestão de suas condições de vida e de produção, questionando a regulação e controle social através das formas corporativas de poder e o planejamento centralizado do Estado. Esta demanda de democratização no manejo dos recursos volta-se também para a gestão dos serviços educacionais. (LEFF, 2001b, p. 256).

Como se vê, a sustentabilidade traz consigo a ideia de multidimensionalidade, de integração de múltiplos aspectos da realidade, na tentativa de aproximação da complexidade inerente ao ambiente. Nesse sentido, é imprescindível e urgente modificarmos nossa forma de conceber o mundo e nos colocar nele – a partir das relações entre os povos, e também entre os seres humanos e a natureza, e nesse sentido o papel a ser desempenhado pela educação é central (LEROY & PACHECO, 2006). Sobretudo uma educação voltada para as reivindicações, compreensões e transformações do campo socioambiental - que, com suas várias definições e categorizações, é colocada como Educação Ambiental (EA).

Mas não se pode incorrer no erro de homogeneizar as concepções de EA, já que as reflexões e práticas acolhidas neste conceito vêm sendo categorizadas com inúmeras denominações, construídas conforme os diferentes discursos sobre EA e suas diversas

maneiras de conceber e praticar a ação educativa. Sauv  (2005), ao apresentar um mapeamento de tal “território” pedagógico, destaca 15 correntes: naturalista; conservacionista; resolutiva; sist mica; científica; humanista; moral/ tica; holística; biorregionalista; prática; crítica; feminista; etnográfica; da ecoeduca o; da sustentabilidade.

Diante da enorme gama de vertentes e orienta es na área, torna-se imprescindível uma escolha  tico-política, situando o ambiente conceitual e político que fundamente a educa o ambiental como um projeto educativo que pretende transformar a sociedade.   nesse sentido que Carvalho (2008b) defende ser a Educa o Ambiental parte do movimento ecológico, como uma das alternativas que buscam a constru o de novas formas de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente. Assim, longe de ser um fragmento da disciplina curricular, a EA em seu sentido amplo situa-se no projeto de desenvolvimento do ser humano como ser da natureza, sendo baseada nos paradigmas defendidos pelo ambientalismo e na compreensão do ambiente como uma realidade complexa. (Loureiro, 2009, p. 92).

A par das várias correntes e nomes, o interessante   a possibilidade de se criar um espaço de diálogo entre as diferentes abordagens, e para isso   de suma importância, conforme Carvalho (2004), a explicita o das características e peculiaridades de cada vertente de EA selecionada, a fim de contribuir para práticas de educa o ambiental mais coerentes com suas premissas, e melhor subsidiar o encontro, intercâmbio e debate neste campo educativo.

Aqui serão adotadas tr s categoriza es: a EA Conservadora ou Comportamentalista; a EA Pragmática e a EA Crítica ou Emancipatória.

1.1 EDUCA O AMBIENTAL CONSERVADORA

De acordo com Silva (2007), as origens da corrente conservadora de Educa o Ambiental remontam da origem das práticas ambientalistas no contexto internacional que, de acordo com Pelicioni (2005), partem de um ideário romântico inspirador do movimento preservacionista do final do século XIX. Tem como tônica principal a prote o ao mundo natural, mantendo características do idilismo, ou a volta às condi es primitivas de vida. Segundo Silva:

São apresentados os problemas ambientais mais aparentes, desprezando-se as causas mais profundas. Ocorre uma relação dicotômica entre o ser humano e o ambiente, onde o primeiro é apresentado como destruidor. Praticamente não são abordadas questões sociais e políticas. (SILVA, 2007, p. 60).

Tal dicotomia aparece, segundo Loureiro (2009), também em elementos como a supremacia do saber científico sobre o popular; as soluções técnicas desvinculadas das relações sociais e de poder nas quais estão inseridas; e na associação da salvação planetária somente ao plano da ética e da consciência individual.

Dualismo, comportamentalismo individual e visão naturalista são elementos-chave para a vertente conservadora de EA. Nessa linha, é possível unir traços característicos dessa corrente, apontados por Demo (1999) e Carvalho (1991): visão reducionista, fragmentada e unilateral da questão ambiental; entendimento conservacionista da crise ambiental; supervalorização das soluções tecnológicas aos desafios ambientais; leitura individualista e comportamentalista da educação e dos problemas ambientais, numa abordagem despolitizada; separação das dimensões sociais e naturais; culpabilização dos impactos ambientais a um homem genérico e descontextualizado econômica e politicamente e redução da cidadania e participação a uma concepção liberal, passiva e disciplinar (quase não incorporando princípios interdisciplinares).

Um ponto já colocado mas que vale ser ressaltado é o retorno a um passado natural idílico, também abordado por Guimarães (2006a), conforme o qual essa concepção de EA se ampara na visão de que, se a sociedade humana degrada a natureza, deve afastar-se dela para que o meio natural seja preservado. É comum também a abordagem a partir da ideia de “conhecer para preservar”. O autor (GUIMARÃES, 2006b) destaca as seguintes características essenciais à vertente conservadora de Educação Ambiental:

- Quanto à condição de ser natureza: Convicção de que houve um afastamento de nossa espécie de relações adequadas, idealmente concebidas como inerentes aos sistemas ditos naturais, sendo necessário o retorno a esta condição natural pela cópia das relações ecológicas;
- Condição existencial: Sujeito definido numa individualidade abstrata, numa racionalidade livre de condicionantes sociais, cuja capacidade de mudança se centra na dimensão “interior”, minimizando ou excluindo a determinação histórica;

- Entendimento do que é educar: Educação como processo instrumental, comportamentalista, de adequação dos sujeitos a uma natureza vista como harmônica e como processo facilitador da inserção funcional destes numa sociedade ou definida de modo atemporal e sem historicidade, visto como um sistema pré-estabelecido;
- Finalidade do processo de EA: Busca por mudança cultural e individual como suficiente para gerar desdobramentos sobre a sociedade e como forma de aprimorar as relações sociais, tendo como parâmetro as relações vistas como naturais, sem entrar no mérito a possibilidade histórica de construir outro sistema social, adotando geralmente uma abordagem funcionalista de sociedade e organicista de ser humano.

Reiterando a constante interrelação entre as vertentes de EA, dada a complexidade tanto do processo educativo quanto das questões socioambientais, é interessante lembrar que, mesmo sendo aqui apontadas as principais características da corrente conservadora, em vários momentos da análise dos resultados da pesquisa alguns aspectos parecem mesclar-se, com frequência significativa, com a corrente pragmática.

1.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRAGMÁTICA

De acordo com Silva (2007), a categoria da Educação Ambiental Pragmática apresenta o foco na ação, na busca de soluções para os problemas ambientais e na proposição de normas a serem seguidas. Essa categoria de educação ambiental pode ter suas raízes no ambientalismo pragmático ou ecologia de resultados (CRESPO, 1998) e em concepções de educação tecnicistas, congregando as vertentes das ecologias técnico-científica e política. Dessa forma, a fundamentação técnico-científica reforça, como peça-chave, a racionalidade que se quer delinear.

Tal corrente tem como prioridade frear a depleção dos recursos e criar dentro dos sistemas socioeconômicos vigentes, nos quais predomina o capitalismo, mecanismos que compatibilizem desenvolvimento econômico e manejo sustentável de recursos naturais (eis sua visão acerca de desenvolvimento sustentável). Nesse sentido, os esforços rumo à sustentabilidade, na linha pragmática, são canalizados em investimentos em tecnologias limpas e na regulação dos usos e direitos dos recursos.

Na mesma linha, Loureiro (2008, p. 20) declara que no tecnicismo da vertente pragmática as soluções técnicas e de manejo e gestão ideais dos recursos naturais são vistas como detentoras das soluções aos atuais dilemas ambientais – a procura incessante pela resolução dos problemas imediatos, cuja gravidade exige atitudes efetivas e exitosas em curtíssimo prazo, também é um marcante traço da corrente pragmática. Assim, segundo ele, a supremacia das ciências (nem todas, apenas as que instrumentalmente ofereçam respostas rápidas e eficazes aos problemas identificados) e da razão técnica é colocada acima e de forma desconexa dos aspectos políticos e econômicos que contextualizam seus desdobramentos nos grupos sociais.

A ênfase é posta na dimensão moral e na mudança de comportamento individual, por meio da quantidade de informações e de normas ditadas por leis e por projetos governamentais. Quanto a tal aspecto, Crespo enfatiza que essa corrente de Educação Ambiental:

[...] tende a privilegiar o instrumental behaviorista, ou comportamental, estabelecendo uma relação direta entre a informação e a mudança de comportamento. Pressupõe que os indivíduos devidamente informados sobre as consequências danosas ou letais dos seus atos, e dominando corretamente os conceitos necessários à compreensão das relações entre o processo social e o natural, estão prontos para transformar hábitos e atitudes. (CRESPO, 1998, p. 217).

Um aspecto relevante da educação ambiental pragmática ou de resultados é a incessante preocupação com os indicadores de mudança e com o curto prazo, como os resultados de uma campanha em prol da diminuição do lixo jogado nas ruas, ou a maior disponibilidade das pessoas para economizar energia, água, ou a aderir ao consumo consciente de produtos menos poluentes.

Talvez por conta desse estímulo à mudança de comportamentos, Crespo (1998) afirma que a EA pragmática vem sendo praticada sob o discurso da cidadania, em que as questões ambientais, em especial as relacionadas à vida das comunidades urbanas, são colocadas como integrantes da cultura cívica dos direitos e deveres dos cidadãos. Aliás, a cidadania na vertente pragmática é colocada mais no campo econômico que no político, estando o cidadão no patamar de consumidor – isso devido ao maior acesso às informações e aos bens de consumo (LOUREIRO, 2008, p. 27), o que tende a favorecer uma pressão sobre o mercado de produtos “verdes”.

Por tal motivo, alguns autores como Lima (2005) identificam nesta vertente o chamado “conservadorismo dinâmico”, “modernização conservadora” ou “sustentabilidade conservadora”, definições que apontam para a apropriação e institucionalização da questão ambiental por parte do capitalismo. É o que enfatiza outro autor, Pelizzoli (2002), ao definir como modelo reformista-liberal aquele que não questiona o padrão civilizatório, mas busca a sustentabilidade no próprio capitalismo, por meio da eficiência produtiva privada, de metodologias pedagógicas idealizadas e simplistas, de tecnologias limpas, da qualidade total e um mínimo de inclusão social.

O quadro até aqui delineado pelos autores elencados mostra a despolitização dos discursos e práticas ambientais, substituindo a abordagem mais profunda dos conflitos inerentes às relações com o ambiente por enfoques mais conciliatórios, como a compatibilização e a solidariedade. Portanto, ainda que as questões sociais sejam apresentadas como parte do debate ambiental, os conflitos oriundos dessa relação ainda não aparecem ou aparecem de forma consensual na vertente pragmática.

1.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Quanto à perspectiva crítica de EA, autores como Loureiro (2008) defendem que a teoria social crítica, com destaque para alguns dos conceitos de Marx, é a que se mostra como maior interlocutora para as bases da mencionada vertente. Isso se justifica, segundo ele (2009), já que para compreender a complexidade ambiental, o método dialético marxista fornece os elementos mais consistentes. Também Leff afirma que a produção teórica de Marx “permite explicar os efeitos do modo de produção capitalista sobre suas formas ideológicas e culturais e sobre suas bases ecológicas de sustentabilidade”. (LEFF, 2001a, p. 44).

Tal teoria parte do pressuposto de que o ser humano integra a natureza com singularidades que o diferem das outras espécies, sem que isso induza a se conceber o homem fora da natureza ou um ser biológico dissociado do plano natural. Além disso, entende a transformação social como um princípio de realização humana a partir do qual modificamos a natureza exterior e por ela somos modificados, num movimento dialético de concretização da natureza humana, instituindo a unidade sociedade/natureza; natureza/cultura; ser social/ser biológico; matéria/espírito; corpo/mente. De tal forma, na

dialética, “o intercâmbio mutuamente constituinte entre partes e todo não é exclusivamente orgânico, mas também socialmente ativo”. (LOUREIRO, 2009, p. 99).

Seguindo a mesma linha, Carvalho (2004) aponta como um bom encontro o da educação ambiental com o pensamento crítico aplicado à educação, embasado nos ideais democráticos e emancipatórios.

A questão da emancipação, como um dos pilares da democracia, em contraponto à regulação, aparece em Santos (2000) constituída pela articulação entre três dimensões da racionalização e secularização da vida coletiva: a racionalidade moral-prática do direito moderno; a racionalidade cognitivo-experimental da ciência e da técnica modernas; e a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura modernas. Para o autor, somente no marco da emancipação é possível superar a tensão entre cidadania e subjetividade, construída na medida em que a igualdade ou homogeneização da cidadania (ao relegar a individualidade a segundo plano em relação aos direitos e deveres gerais e abstratos) colide com a diferença da subjetividade. Esta, segundo Santos, “envolve as ideias de autorreflexividade e de autorresponsabilidade, a materialidade de um corpo (real ou fictício, no caso da subjetividade jurídica das pessoas coletivas) e as particularidades potencialmente infinitas que conferem o cunho próprio e único à personalidade”. (SANTOS, 2000, p. 240).

Nessa direção, enfatizando a relação entre subjetividade e coletividade, Carvalho coloca que uma Educação Ambiental Crítica traz em seu projeto político-pedagógico a busca de uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um *sujeito ecológico*, definido por ela como

Um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental. (CARVALHO, 2004, p. 19).

Carvalho destaca ainda que a Educação Ambiental Crítica se baseia na ação emancipatória no campo ambiental, buscando um espaço para aspirações de cidadania nas reivindicações sociais e ambientais a partir dos conflitos e da justiça ambientais.

Outro autor que trabalha a vertente problematizadora e prática da EA, Guimarães (2004) apresenta uma explanação bem esclarecedora sobre a construção de uma reflexão crítica de EA. De acordo com ele, uma perspectiva de Educação Ambiental torna-se crítica:

[...] ao perceber, problematizando e complexificando, os antagonismos e complementaridades da realidade em suas múltiplas determinações materiais, epistemológicas, culturais, entre outras, instrumentalizando para uma prática de transformação desta realidade, a partir da construção de uma nova percepção que se reflete em uma prática diferenciada – teoria e prática, ação e reflexão na práxis dialógica da diversidade na unidade e da unidade na diversidade. (GUIMARÃES, 2006, p. 26).

Guimarães coloca ainda, como um elemento inalienável do processo educativo da EA Crítica, a dimensão política, a partir da qual se pode contribuir para a transformação da sociedade atual. Dimensão esta bastante ressaltada por Loureiro (2004) – o qual, vale ressaltar, trabalha com a denominação de EA Transformadora -, que enxerga na EA um processo de politização e publicização da problemática ambiental por meio do qual o indivíduo, em grupos sociais, transforma a si mesmo e à realidade. Assim, segundo ele, a participação e o exercício da cidadania constituem os “princípios para a definição democrática de quais são as relações adequadas ou vistas como sustentáveis à vida planetária em cada contexto histórico”. (2004, p. 82).

Em relação ao contexto histórico atual de crise e às relações sustentáveis a esse momento, Loureiro (2009) frisa não serem aceitáveis, a partir da compreensão de uma EA emancipatória e transformadora, soluções compatibilistas entre ambientalismo e capitalismo ou opções moralistas que desvinculam o comportamental do histórico-cultural da estruturação societária.

Assim, à vertente crítica não cabe (LOUREIRO, 2006a) debater conservação sem levar em conta os processos sociais causadores do atual esgotamento e extinção; abordar mudanças de comportamento individual sem pensar como cada indivíduo vive, seu contexto e possibilidades reais de fazer escolhas; defender uma concepção de natureza desconsiderando como cada civilização, cada sociedade e comunidade interagem nela e definiam suas representações, produzindo trabalho, cultura e estilos de vida.

Com tais pressupostos, Carvalho (2004) aponta algumas formulações ou caminhos de uma possível EA Crítica, dentre as quais vale aqui destacar: a promoção da compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográficas, históricas, biológicas, sociais e subjetivas e as várias interrelações entre elas, mediadas pelos vários saberes; contribuir para mudar os atuais padrões de uso e distribuição dos bens ambientais rumo a formas mais sustentáveis e justas.

Implicar os sujeitos da educação com a solução ou melhoria destes problemas e conflitos através de processos de ensino-aprendizagem, formais ou não formais, que preconizem a construção significativa de conhecimentos e a formação de uma cidadania ambiental. (CARVALHO, 2004, p. 21).

A autora enfatiza que o projeto político-pedagógico de uma Educação Ambiental Crítica poderia ser definido como a formação de um sujeito capaz de ler seu ambiente e interpretar as relações, conflitos e problemas nele existentes. Um diagnóstico crítico das questões ambientais e a autocompreensão do lugar ocupado pelo sujeito em tais relações são o ponto de partida para o exercício (e conquista) de uma cidadania ambiental.

1.4 QUADRO DE INDICADORES

Com base na discussão acerca das três vertentes de Educação Ambiental, foi possível sintetizar os pontos nevrálgicos que as caracterizam, e a partir deles construir um quadro que une parte da metodologia desenvolvida por Silva (2007) aos eixos apresentados por Guimarães (2006a) como formadores das diferentes abordagens de EA no embate entre visões de mundo.

Tal quadro, apresentado na página seguinte, serviu de referência para a análise de conteúdo das entrevistas e dos programas analisados - processo descrito detalhadamente no quarto capítulo.

Eixos	EA Conservadora	EA Pragmática	EA Crítica
Características gerais	<p>Dicotomia homem-ambiente;</p> <p>Ser humano destruidor;</p> <p>Retorno à natureza primitiva (arcaísmo ou idilismo);</p> <p>Relação de harmonia homem/natureza;</p> <p>Homem integra a natureza em sua dimensão biológica.</p>	<p>Relação entre ser humano e ambiente depende do comportamento individual;</p> <p>Ser humano capaz de usar os recursos naturais sem destruir;</p> <p>Fatalismo preservacionista: preservar para garantir a sobrevivência humana.</p>	<p>Complexidade da relação humano-natureza;</p> <p>Ser humano pertence à teia de relações sociais, naturais e culturais e vive em interação;</p> <p>Relação determinada historicamente;</p> <p>Ser humano como biopsicossocial, dotado de emoções.</p>
Condição de ser natureza	<p>Afastamento de nossa espécie de relações adequadas, idealmente concebidas como inerentes aos sistemas ditos naturais, sendo necessário o retorno a esta condição natural pela cópia das relações ecológicas.</p>	<p>Antropocentrismo;</p> <p>Lei de ação e reação (natureza vingativa).</p>	<p>Certeza de que somos seres naturais e nos realizamos e redefinimos culturalmente o modo de existir na natureza pela própria dinâmica societária na história da natureza.</p>
Condição existencial	<p>Sujeito definido numa individualidade abstrata, e racionalidade livre de condicionantes sociais, cuja capacidade de mudança se centra na dimensão "interior", minimizando ou excluindo a determinação histórica.</p>	<p>Ser humano como biológico e social;</p> <p>Embora haja o discurso da cidadania e sejam apresentadas questões sociais como parte do debate ambiental, os conflitos dessa relação ainda não aparecem ou aparecem de forma "consensual": sua solução como consenso entre as partes.</p>	<p>Somos constituídos por mediações múltiplas, sendo impossível pensarmos-nos exclusivamente em termos racionais, genéticos ou espirituais – sujeito social cuja liberdade e individualidade se definem na existência coletiva.</p> <p>Incorporação dos conflitos como necessários à mudança social.</p>

Entendimento do que é educar	Educação como processo instrumental, comportamentalista, de adequação dos sujeitos a uma natureza vista como harmônica e como processo facilitador da inserção funcional destes numa sociedade ou definida de modo atemporal e sem historicidade, visto como um sistema pré-estabelecido.	Essa categoria de educação ambiental pode ter suas raízes no ambientalismo pragmático e em concepções de educação tecnicistas; A ênfase é na mudança de comportamento individual, por meio da quantidade de informações e de normas ditadas por leis e por projetos governamentais.	Educação como práxis e processo dialógico, crítico, problematizador e transformador das condições objetivas e subjetivas que formam a realidade.
Quanto à finalidade do processo educativo ambiental	Mudança cultural e individual suficientes para desdobramentos sobre a sociedade e para aprimorar as relações sociais, com parâmetro nas relações naturais, sem considerar a possibilidade histórica de construir outro sistema social - abordagem funcionalista de sociedade e organicista de ser humano.	Apresenta o foco na ação, na busca de soluções para os problemas ambientais e na proposição de normas a serem seguidas; Busca mecanismos que compatibilizem desenvolvimento econômico e manejo sustentável de recursos naturais (desenvolvimento sustentável).	Busca por transformação social, o que engloba indivíduos, grupos e classes sociais, culturas e estruturas, como base para a construção democrática de “sociedades sustentáveis” e novos modos de se viver na natureza.
Relação entre natureza, sociedade, Ciência e Tecnologia	Cientista/especialista como único detentor do saber; Base empirista – conhecimento como algo externo ao cientista; Ciência como portadora da verdade e da razão; Produção científica isolada da sociedade.	Relação utilitária entre ciência e sociedade; Ênfase nos resultados, numa concepção descontextualizada de C&T: as soluções técnicas deixam de considerar, além das relações sociedade-natureza e os padrões de consumo, os próprios sujeitos sociais, diferenciados em suas condições de vida específicas (históricas, econômicas, culturais, políticas, sociais); Poder mágico de C&T de transformar tudo, apenas pela aplicação da eficácia técnica: resolução dos problemas ambientais pela C&T. Supremacia do saber científico sobre o popular.	Conhecimento científico como produto da prática humana; Interdisciplinaridade na produção do conhecimento; Processo de investigação envolve rupturas e mudanças de rumo; Ciência como uma das formas de interpretação do mundo; Cultura local como conhecimento.

Valores éticos e conflitos	<p>Questões que envolvem conflitos não são abordadas;</p> <p>Padrões de comportamento em uma perspectiva maniqueísta;</p> <p>Todos são igualmente responsáveis pelos problemas e pela qualidade ambiental.</p>	<p>A solução para um conflito é apresentada como o alcance de um “falso consenso”;</p> <p>Solução depende do querer fazer;</p> <p>Ênfase nos comportamentos individuais;</p> <p>Relação direta entre informação e mudança de comportamento.</p>	<p>Questões controversas são apresentadas sob ótica de vários sujeitos sociais;</p> <p>Questões de igualdade de acesso aos recursos naturais e distribuição desigual de riscos ambientais são discutidas;</p> <p>Incentivo à formação de valores e atitudes direcionados pela ética e justiça ambiental.</p>
Dimensão Política	<p>Não há uma contextualização política e social dos problemas ambientais;</p> <p>A dimensão política não aparece.</p>	<p>Participação do Estado como projetos e normas;</p> <p>Oposição entre social e natural;</p> <p>Cidadão como consumidor;</p> <p>Propostas de atuação individual.</p>	<p>Proposta de cidadania ativa;</p> <p>Aponta as responsabilidades das diferentes instâncias (soc. Civil, governo, ONGs);</p> <p>Fortalecimento da sociedade civil e ênfase na participação coletiva;</p> <p>Luta política entre interesses de classes antagônicas.</p>

Quadro 1 – Eixos indicadores de concepções de EA

1.5 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A par das categorizações aqui utilizadas para as concepções de Educação Ambiental, entendemos que tais concepções superam a definição de um projeto pedagógico e constituem visões de mundo, formas de leitura da relação entre os grupos sociais e o ambiente, baseadas em princípios específicos de transformação social a partir do trabalho de formação dos grupos sociais acerca da temática e das reivindicações ambientais sob uma perspectiva crítica de reflexão e ação.

Vale abordar essa ideia mais abrangente de Educação que, à luz de Sá (2006), não se restrinja à distinção entre educação formal e não-formal, mas se construa numa noção educativa complexa que oriente uma mudança de paradigma, transformando a consciência coletiva e pessoal num efeito turbilhonar, “atuando sobre o *imprinting* cultural que organiza os princípios inconscientes, propiciando o contexto de novas interações que permitam reorganizar nossas premissas de compreensão de mundo e de nossas práticas”. (2006, p. 2). Assim, este papel de mudança de paradigma da educação só pode ser eficaz se contemplar um trabalho de transformação de opinião, num trânsito de ideias e sentidos que contribuam para mudar valores e visões de mundo.

Tal processo transformador e construtor de novas concepções e valores civilizatórios é possível a partir de esforços que considerem a complexidade da relação homem-ambiente, buscando uma transformação social que englobe indivíduos, grupos e classes sociais, culturas e estruturas, como base para a construção democrática de “sociedades sustentáveis” e novos modos de se viver na natureza.

Construir uma nova visão de mundo que contemple a complexidade ambiental constitui um grande desafio, e torna imprescindível e urgente uma reforma de entendimento a partir do pensamento complexo, definido por Morin:

Trata-se de um pensamento capaz de reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo de reconhecer o singular, o individual, o concreto. O modo complexo de pensar não é útil apenas para os problemas organizacionais, sociais e políticos. O pensamento que enfrenta a incerteza pode ensinar as estratégias para o nosso mundo incerto. O pensamento que reúne ensina uma ética da aliança ou da solidariedade. O pensamento da complexidade possui, igualmente, seus prolongamentos existenciais, postulando a compreensão entre os humanos. (MORIN, 2003, p. 77).

Acreditamos ser essa reforma de pensamento que valorize uma leitura de mundo contextualizada num cenário social específico, mas ao mesmo tempo inserido num processo globalizado entre os diferentes grupos sociais, peça fundamental para a construção de uma Educação Ambiental capaz de contribuir para a transformação social.

É nesse sentido que Paulo Freire, mesmo não tendo escrito nenhuma obra sobre a categoria Educação Ambiental, com sua visão de educação popular e libertadora constitui

um dos marcos balizadores da concepção educativa ambiental voltada para a emancipação e mudança social.

De acordo com Loureiro (2009), a concepção freireana de educação volta-se para a superação da opressão, da alienação no capitalismo e de seus efeitos no processo de dissociação entre a humanidade e a natureza. Para isso, uma de suas premissas é a impossibilidade de superar as contradições nas relações sociais a partir de uma “educação bancária”, baseada na dominação e concepção linear e unidirecional de transmissão de conhecimento e consciência. O objetivo de tal projeto pedagógico é adaptar e ajustar condutas dos indivíduos “fora da norma”, para que os excluídos vivam melhor sem problematizar a realidade social e econômica. Enfim, trata-se de “transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”. (FREIRE, 1987, p. 60).

Para que uma prática educativa transcenda a concepção bancária e alcance os princípios da mudança social, a educação precisa ser definida como um processo dinâmico e contraditório, apontando seus limites (enquanto reprodutora da ideologia dominante) e suas potencialidades, se permite a criação e transformação críticas das relações sociais.

Dessa forma, mais do que uma atuação exclusiva no plano da transmissão de ideias e informações, a Educação Ambiental atua no campo da existência, na construção de uma consciência a partir da ação com conhecimento, na capacidade de tomar decisões que considerem o respeito com o outro e com a vida. Tal respeito requer uma postura dialógica entre sujeitos, cada um dos quais com sua identidade e individualidade respeitadas no processo de questionamento da realidade; a assimilação e o diálogo entre diferentes saberes; a transformação ativa da realidade social e das condições de vida.

2 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

De pouco serve que as pessoas digam “não acreditar” nesse discurso, se é a partir dele que se atua e vê o mundo, se é através dele que o acontecer do mundo significa e que essa significação é consumida. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 83).

A atuação dos veículos de comunicação, em especial a televisão, no processo de constituição do sujeito contemporâneo é a temática balizadora deste capítulo. Assim, para abordar a construção de sentidos na televisão, os principais autores consultados foram Fischer (2006) e Andrade (2003). Contemplando a formação do sujeito contemporâneo segundo a sujeição a um processo hegemônico da ideologia da sociedade capitalista, usamos como referencial os pensamentos de Gramsci (apud GRUPPI, 1978; NASCIMENTO, 1984), e Althusser (1985).

2.1 TV PÚBLICA E TV PRIVADA: HISTÓRICO E DIFERENÇA CONCEITUAL

É praticamente consensual que o uso e a influência da televisão para a formação e informação da opinião pública constituem um dos fatos mais marcantes do século passado. Assim, por acreditarmos que a compreensão da historicidade dos fatos sociais é essencial em sua análise, vale apresentar brevemente a trajetória histórica de tal veículo de comunicação.

Desde o século XIX, a transmissão de imagens a distância já era preocupação de matemáticos e físicos, e várias foram as pesquisas que, de forma acelerada, desencadearam um processo de corrida científica e tecnológica: desde 1817, com a descoberta, pelo químico sueco Jakob Berzelius, das alterações sofridas pelo selênio ao permitir passagem de corrente elétrica, até 1923, com a invenção do iconoscópico (um tubo a vácuo com uma tela de células fotoelétricas que realiza uma varredura eletrônica da imagem, sendo até hoje a base do olho da TV), por Vladimir Zworykin, russo naturalizado americano (PATERNOSTRO, 1999). Zworykin foi convidado pela empresa norte-americana RCA – Radio Corporation of America – a encabeçar a equipe que produziria o primeiro tubo de televisão, chamado orticon, que a partir de 1945 passou a ser produzido em escala industrial.

A partir do iconoscópico, as antenas de transmissão de imagens espalharam-se pelos países da Europa (PATERNOSTRO, 1999, p. 24; VALIM & COSTA, 1998):

1931 – A RCA conta com sua antena e com os estúdios da National Broadcasting Corporation (NBC), em Nova York;

1935 - França constrói sua antena no alto da Torre Eiffel, em Paris;

1936 - Inglaterra faz a transmissão da coroação do rei Jorge VI;

1938 – Rússia começa a fazer suas transmissões regulares;

1939 - Nos Estados Unidos, a NBC transmite a inauguração da Feira Mundial de Nova York.

1939 – Primeira transmissão em circuito fechado no Brasil, durante a Feira Internacional de Amostras, no Rio de Janeiro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi o único país europeu a manter a televisão no ar, mas após o fim da guerra, o uso da televisão aumentou enormemente devido aos avanços tecnológicos surgidos com as necessidades da guerra e à renda adicional disponível (WIKIPÉDIA, 2009). Assim, Paris voltou com as transmissões em outubro de 1944, Moscou em 1945 e a BBC em 1946. A partir daí, “a TV entrou na vida de todos os países e se firmou como meio de informação e comunicação de massa (PATERNOSTRO, 1999, p. 24)”.

No Brasil, após algumas transmissões em circuito fechado, a inauguração oficial da primeira emissora de TV é realizada em 18 de setembro de 1950: entrava no ar a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi de São Paulo – pioneira da América Latina. Até o final dessa década, funcionavam as TVs Tupi, Paulista (1952) e Record (1953) em São Paulo; Tupi, Rio (1955) e Excelsior (1959) no Rio de Janeiro; Itacolomi (1956) em Belo Horizonte.

Como se vê, a televisão inicia a segunda metade do século XX marcando presença nos lares e ganhando cada vez mais espaço no papel de formador de opinião pública, sendo o veículo de comunicação mais influente na atualidade. No entanto, dados os objetivos deste trabalho, torna-se necessária também uma breve discussão acerca das diferenças entre TV pública e TV privada.

A televisão pública tem origem no surgimento da televisão na Europa. Lá, todas as redes nasceram por iniciativa do Estado. O amadurecimento democrático da sociedade acabou impondo a participação dos cidadãos na gestão das emissoras, levando ao efetivo controle público. Já no Brasil, há mais de 50 anos, a TV nasceu comercial, como concessão do Estado à iniciativa privada, embora o presidente Vargas tenha planejado uma TV Nacional que não chegou a ser implantada. Depois de 1964, o regime militar criou as primeiras TVs estatais. Só agora, entretanto, surge o esforço para a transformação das estatais federais, em parceria com as estaduais, em uma rede pública de televisão. Dessa

forma, enquanto na Europa a prioridade voltava-se para os telespectadores, concebidos como cidadãos, nos EUA e no Brasil estes foram considerados apenas como consumidores.

Quanto à diferenciação conceitual, segundo Santos (2009), a televisão pública, teoricamente, deve ter em sua gestão influência direta da sociedade civil, não devendo estar subordinada nem às regras do mercado (regulador das TVs comerciais) nem ao controle do poder político. Sobre o enfoque, Cruvinel (2008) explica que, em relação às TVs comerciais, esta diferença fica mais evidente na programação:

A natureza não-comercial da TV pública possibilita a abertura de espaços para o debate das questões de interesse público, nacionais ou locais. Deve ainda espelhar em sua programação a diversidade cultural de um país continental como o Brasil, incorporando informações sobre as realidades regionais e valorizando a produção das TVs públicas associadas. Deve, ainda, assegurar espaços de veiculação para a riquíssima produção audiovisual independente, que tem oportunidades restritas na TV comercial. E, por último, mas não menos importante, ajudar a garantir o direito à informação, através de um bom jornalismo. Que não seja chapa-branca nem confunda independência com obrigação de fazer oposição ao governo. (CRUVINEL, 2008).

Como se vê, idealmente o modelo público de TV estaria mais adaptado a uma corrente crítica de concepção de Educação Ambiental. Já a televisão comercial tem como norteadora a lógica da propaganda e do consumo, buscando a maximização de audiência (PRIOLLI, 2003) e, inevitavelmente, influenciando o conteúdo de sua programação – voltada então à competitividade que atraia mais recursos e financiamentos. Tal ênfase numa audiência indiferenciada de consumidores, bem ao encontro da vertente pragmática de EA, não deve ser a preocupação maior de uma televisão pública.

A TV pública constitui uma modalidade de serviço de radiodifusão pública, caracterizada como não privativa do Estado, com autonomia editorial e administrativa. Assim, seu gerenciamento deve ser implementado de forma independente do Governo, o qual não deve interferir na nomeação dos dirigentes, muito menos na programação. Apresenta-se, na verdade, como um serviço de comunicação independente, voltado para a cidadania, que o Estado presta aos cidadãos – devendo, portanto, ser vista como uma instituição da sociedade civil (SANTOS, 2009).

Nesse sentido, vários autores (CARRATO, 2009; LIMA, J.C., 2003) apontam três problemas como os estruturais da TV pública - a independência, o conteúdo e o investimento ou recursos. Em tais moldes, Carrato (2009) defende que no Brasil não existe

TV pública. A emissora que mais se aproxima deste modelo é a TV Cultura, de São Paulo, mantida pela Fundação Padre Anchieta.

A partir do cenário histórico sobre as emissoras privadas e públicas de televisão, faz-se necessário destacar a apropriação privada (com caráter comercial) ou por parte do Estado das emissoras, que representam espaços de comunicação que, antes de atenderem às demandas da sociedade em que se inserem, respondem principalmente aos interesses de seus proprietários ou mantenedores.

Com base na diferenciação acima exposta, apresentaremos a seguir os canais transmissores dos programas selecionados para a pesquisa: TV Cultura (veiculadora do *Repórter Eco*), Canal Futura (responde pelo *Globo Ecologia*, sendo também transmissor do *Cidades e Soluções*) e Globo News (responsável pelo *Cidades e Soluções*).

2.1.1 TV Cultura

Reproduzindo os moldes da BBC de Londres, a TV Cultura de São Paulo foi fundada em 1969 e mantida desde então pela Fundação Padre Anchieta - Centro Paulista de Rádio e TV Educativa, uma fundação de direito privado dirigida por um Conselho Curador representativo da sociedade e com autonomia de gestão em relação ao Estado. A Fundação engloba, atualmente, uma emissora aberta de TV, a Cultura, e duas emissoras de rádio – AM e FM, além de um canal fechado infantil, o Rá-Tim-Bum.

O Conselho é formado, conforme explica Carrato (2005), por personalidades de destaque na educação, cultura, arte, ciência, empresariado e política do Estado de São Paulo. Parte desses cargos é vitalícia, sendo os demais renovados a cada seis anos (inclusive o mandato do presidente do Conselho).

Segundo o site da entidade, a Fundação “é uma entidade de direito privado que goza de autonomia intelectual, política e administrativa”, sendo custeada “por dotações orçamentárias legalmente estabelecidas e recursos próprios obtidos junto à iniciativa privada”:

Por inspiração de seus fundadores, as emissoras de sinal aberto da Fundação Padre Anchieta não são nem entidades governamentais, nem comerciais. São emissoras públicas cujo principal objetivo é oferecer à sociedade brasileira uma informação de interesse público e promover o aprimoramento educativo e cultural de telespectadores e ouvintes, visando a transformação qualitativa da sociedade. (<http://www2.tvcultura.com.br/fpa/institucional/quemsomos.aspx>).

O site coloca ainda como dois os pontos fundamentais do Estatuto que a rege: a defesa e aprimoramento integral da pessoa humana; e a formação crítica do homem para o exercício da cidadania. Entre as prioridades de enfoque, são colocados a educação, cidadania e serviços, dramaturgia, cultura e arte, música, juventude e infância, meio ambiente e jornalismo – destaca-se nos dois últimos focos o programa *Repórter Eco*, um dos nossos objetos de estudo. Ressalta-se ainda que na análise dos dados será verificado se tais princípios foram contemplados nas edições selecionadas, sobretudo a formação crítica acima mencionada.

2.1.2 Canal Futura

O Canal Futura foi criado em 1997, como um projeto da Fundação Roberto Marinho (FRM) em parceria com a Rede Globo, a partir do qual a Fundação mantém projetos nas áreas de educação, meio ambiente, patrimônio e televisão – sendo mantido por entidades parceiras da iniciativa privada: Bayer Schering Pharma; Fundação Bradesco; CNI; CNN; CNT; FIESP; FIRJAN; Fundação Itaú Social; Fundação Vale; Gerdau; SEBRAE; TV Globo; e Votorantim. Trata-se de uma das principais empresas das Organizações Globo, uma *holding* de várias empresas brasileiras (dentre as quais destaca-se a FRM como uma instituição privada, sem fins lucrativos, que desenvolve projetos voltados para o ensino formal e informal, bem como projetos educacionais visando à preservação e à revitalização do patrimônio histórico, cultural e natural brasileiros) concentradas especificamente na área de mídia e comunicação, constituindo o maior conglomerado de mídia da América Latina, e um dos maiores do mundo.

É interessante citar um trecho do site da FRM: “A instituição nasceu com a convicção de que o papel da televisão deve ir além de entreter e informar: pode melhorar a educação e contribuir para o desenvolvimento social”. A partir de tal premissa da Fundação, o Canal Futura define-se como uma TV educativa baseada em quatro princípios: espírito comunitário; pluralismo; espírito empreendedor e ética. Ressalta-se, então, a pertinência de se verificar se tais princípios são contemplados nos programas analisados.

Dentre os temas que ganham destaque no Canal, estão meio ambiente (tema abordado nos programas *Globo Ecologia*, produzido pelo Futura em parceria com a Savaget Produções, e *Cidades e Soluções*, produzido e veiculado pela Globo News, sendo também transmitido pelo Futura); direitos humanos; cultura brasileira; educação sexual e prevenção de drogas; e formação profissional.

2.1.3 Globo News

A Globo News é o canal de notícias 24 horas por dia das Organizações Globo, integradas pela junção de várias empresas de comunicação brasileiras, o maior império de mídia da América Latina, e um dos maiores do mundo.

Criado em 15 de outubro de 1996, trata-se de um canal de TV por assinatura que pode ser visto pela Internet, para assinantes da Globo.com, o que reforça de maneira veemente seu caráter mercadológico em busca de uma audiência cada vez maior de assinantes – um fator de extrema relevância a ser considerado na análise do conteúdo das edições do *Cidades e Soluções*, um dos programas do canal e objeto da presente pesquisa. Vale frisar também que, conforme quadro teórico, a concepção do cidadão como consumidor constitui um dos elementos da vertente pragmática de EA.

A partir da breve explanação sobre os três canais em questão, vale frisar que, como bem lembra Abreu (2006, p. 146), todos localizam-se na Região Concentrada: regiões do país (Sudeste e Sul) onde mais se concentram os dados da ciência, técnica e informação, daí sendo interpretada a relação sociedade-natureza difundida por seus programas. Tal fato nos leva a acreditar que, muito provavelmente, tal posição responde pela predominância da vertente pragmática de Educação Ambiental, com especial destaque para a ênfase nos resultados da Ciência e Tecnologia como solução para as temáticas ambientais abordadas pelos programas.

2.2 A ATUAÇÃO DA TV NA (IN)FORMAÇÃO AMBIENTAL

2.2.1 A Produção de sentidos na televisão e a construção do espetáculo

A televisão é o veículo de maior importância e hegemonia no Brasil, frente a qualquer outro meio de comunicação, chegando a ser assistida por 98% dos lares brasileiros (BUCCI, 2003). Além disso, segundo Carrato (2005), o país lidera o *ranking* internacional de 18,4 horas semanais gastas pelos brasileiros para assistir à TV, e apenas 5,2 horas com leitura no mesmo período.

Dessa forma, é de extrema relevância a discussão e análise dos conteúdos veiculados por este veículo que, mais do que meramente transmitir informação ou entretenimento, exerce um papel decisivo na formação das pessoas, na constituição do sujeito contemporâneo e até mesmo na unidade de um povo ou construção de seu espaço

público – aliás, Bucci (1997) afirma, em relação ao Brasil, que um fato invisível para as objetivas da TV não chega a fazer parte do espaço público brasileiro. Isso porque, como enfatiza Machado,

A televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações, espetacularizou de tal forma o corpo social, que nada lhe pode ser “exterior”, pois tudo o que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação, acontece portanto para a tevê. Aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e à sensibilidade do homem contemporâneo. Não se diz mais que a televisão “fala” das coisas que acontecem; agora ela “fala” exatamente porque as coisas acontecem nela (MACHADO, 1988, p. 8).

No entanto, julgamos pertinente colocar que os fatos mostrados na televisão não são dados como verdades prontas e inquestionáveis, mas são interpretações conforme um determinado olhar, um modo de pensar a realidade.

Fischer (2006, p. 15) defende a ideia de que todo o complexo aparato cultural e econômico da TV, seja como meio de comunicação social, uma linguagem específica ou o simples eletrodoméstico cujas imagens e conteúdos consumimos diariamente, é parte integrante e essencial de processos de produção e circulação de significações e sentidos, que por sua vez relacionam-se a modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo e se relacionar com a vida. Assim, para a autora, a investigação da linguagem da televisão adquire fundamental importância para o aprendizado de uma cidadania cultural e dos modos de constituir sujeitos em nosso tempo, quando a TV é concebida como prática social e cultural imprescindível em termos de lazer e informação: “é aprender a lidar com um jogo de forças políticas e sociais que ali encontram espaço privilegiado de expressão. (2006, p. 52)”.

Eis a pertinência que programas de televisão devem assumir quanto ao caráter formativo da opinião do público sobre o conteúdo que veiculam. No caso deste estudo, pode-se dizer que a temática ambiental divulgada e trabalhada por programas especializados na cobertura de questões relativas à relação entre sociedade e natureza responde por boa parte das informações que compõem o conhecimento e a concepção dos indivíduos acerca do tema. Sobretudo os programas jornalísticos, que trazem consigo uma ideia de “verdade” e “credibilidade” naquilo que veiculam.

Surge daí um enorme desafio para os estudiosos e profissionais do telejornalismo que se propõem a especializar a cobertura ambiental e, conseqüentemente, aprofundá-la: o de desenvolver uma abordagem mais abrangente e contextualizada das questões ambientais num veículo que requer a construção de uma linguagem audiovisual que, para

prender a atenção do telespectador, lança mão de recursos que acabam fragmentando e espetacularizando os assuntos que aborda.

O que acontece é que os indivíduos são induzidos a assistir aos programas televisivos de forma dispersiva, atentos a inúmeras outras atividades cotidianas, e é essa atenção que a TV busca capturar:

Vemos TV dispersivamente, enquanto conversamos e nos movimentamos pelas peças de nossa residência, almoçamos, atendemos o telefone, recebemos amigos. A linguagem básica da TV funda-se justamente nessa dispersão, e busca de todas as formas responder a ela, de modo especial pesquisando ritmos, selecionando sons, atores, personagens, produzindo imagens e diálogos, a fim de capturar atenções e emoções. (FISCHER, 2006, p. 62).

Seguindo essa linha, no propósito de entreter e deter a atenção do público¹, é comum que os meios de comunicação confirmem à cobertura da temática ambiental a abordagem de uma natureza-espetáculo, reduzida às suas dimensões naturais e técnicas, desprezando seu caráter histórico, ético, político. A cobertura passa a centrar-se, dessa forma, em cenas e abordagens de uma natureza na maioria das vezes exótica, selvagem, rica em cores e outros elementos que conferem maior plasticidade e beleza às imagens, de forma descolada do dia-a-dia das comunidades e da construção crítica das relações humanas com o meio.

No entanto, não é correto afirmar que a dispersão e acriticidade são intrinsecamente naturais à forma de se assistir à televisão, mas são elementos inculcados pela ideologia capitalista que as empresas emissoras de televisão fazem questão de manter e consolidar. Por isso, à luz de Althusser (1985), pode-se dizer que a TV acaba funcionando como aparelho ideológico que atua na reprodução das relações de produção e exploração capitalistas.

¹ Apesar do uso constante e indiscriminado, por parte dos profissionais da mídia, dos conceitos de público e opinião pública, aqui os entendemos como noções advindas da ideia de sociedade de massa. Para Wolf (2005), a massa “é constituída por um agregado homogêneo de indivíduos que – enquanto seus membros – são substancialmente iguais, não distinguíveis, mesmo se provêm de ambientes diversos, heterogêneos e de todos os grupos sociais. (2005, p.7)”. Assim, a atomização e formação de uma identidade genérica do público o induz a viver além de seus vínculos comunitários e contra eles, resultando na desintegração das culturas locais e na homogeneização de uma diversidade de sujeitos coletivos constituídos a partir de posições de classe na sociedade capitalista. Por isso pode-se dizer que o público não é um sujeito político – na medida em que a política é o campo em que emergem as diferenças e contradições entre os grupos sociais – mas mercadológico enquanto identidade genérica de consumidor.

Antes, porém, de abordar a questão dos aparelhos ideológicos, é interessante trabalhar o conceito de hegemonia. Para isso, buscamos em Gramsci (com base em Gruppi, 1978 e Nascimento, 1984) as definições conceituais e os mecanismos para a construção do processo hegemônico que orienta a atuação dos aparelhos ideológicos.

Gramsci entende a hegemonia como um processo que atua não somente sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, de conhecer e sobre as orientações ideológicas (GRUPPI, 1978). Este processo é mediatizado por uma estrutura de poder, na forma de consenso necessário à sua manutenção, ou seja, relações orgânicas de poder, de dominação, de força e consenso entre classes antagônicas (de um lado as dominantes e, de outro, as subalternas ou dominadas):

O componente hegemônico reside na aceitação dos explorados desta relação desfavorável, e que inclusive, na maioria das vezes, não é nem percebida como tal, mas sim como uma relação de “homens livres” fundada num contrato voluntariamente estabelecido entre partes iguais. (NASCIMENTO, 1984, p. 77).

Mas como se dá tal aceitação e consenso entre as classes dominantes e subalternas no processo hegemônico? Gramsci explica: pela construção de um bloco histórico, ou de uma unidade entre forças sociais e políticas diferentes e marcadas por profundas contradições de classe, que se conservam unidas por meio da concepção de mundo que o processo hegemônico traçou e difundiu. É dessa forma que, para Gramsci, as classes sociais dominadas ou subalternas participam de uma concepção de mundo que lhes é imposta pelas classes dominantes.

A função de toda concepção dominante consiste em conservar a unidade ideológica de todo o bloco social, que é cimentado e unificado precisamente por aquela determinada ideologia. Assim,

Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante, até o momento em que – através de sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas, consegue impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia. (GRUPPI, 1978, p. 70).

Tal esforço de construir e manter o bloco hegemônico é realizado por meio de vários canais pelos quais a classe dominante consegue consolidar sua influência ideal, sua capacidade de plasmar as consciências de toda a coletividade. Dentre tais canais, destacamos os aparelhos ideológicos de Estado conceituados por Althusser (1985).

Para esse autor, os aparelhos ideológicos de Estado (AIE) são um conjunto de instituições concretas, possuindo a unidade (conferida pela ideologia dominante) do efeito de sujeição sobre os agentes sociais ao seu alcance - dentro de tal conjunto, dado o objeto de nosso trabalho, citamos o grupo classificado por Althusser como os AIE de informação: imprensa escrita, rádio, televisão etc. A unidade almejada pelos AIE é buscada pela constante inserção, em suas práticas e rituais, do indivíduo interpelado o tempo todo como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito absoluto existente em cada ideologia (neste caso o Capital); portanto, para que aceite sua sujeição e cumpra por si mesmo os gestos e atos de sua sujeição. É por isso que Althusser apresenta a sujeição como o “mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar [...], um mecanismo de duplo efeito: o agente se reconhece como sujeito e se sujeita ao Sujeito absoluto”. (1985, p. 8).

Em outro trecho da obra, o autor explica os efeitos da estrutura da interpelação dos sujeitos: “a) a interpelação como sujeito; b) a sujeição ao Sujeito; c) o reconhecimento mútuo e o auto-reconhecimento dos sujeitos no Sujeito; e d) a garantia de que o reconhecimento da própria subjetividade é verdadeira”. (ALTHUSSER, 1985, p. 44).

Dos quatro efeitos acima listados, destacamos os dois últimos como a provável justificativa para que se “naturalize” a dispersão e acriticidade como formas intrínsecas e comuns de se assistir à televisão – tamanho o autorreconhecimento e sujeição, inculcados a todo o tempo pelos AIE de informação, inclusive a televisão, dos sujeitos em relação à ideologia hegemônica do capitalismo e seus ideais de consumismo constante.

Uma das formas de alimentar essa hegemonia é apresentada por Martín-Barbero. O autor, que trabalha com o termo indústria cultural, mostra de forma bastante esclarecedora que “a proposta cultural se torna sedução tecnológica e incitação ao consumo, homogeneização dos estilos de vida desejáveis [...] e incorporação dos antigos conteúdos sociais, culturais e religiosos à cultura do espetáculo”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 280).

Encontra-se em Andrade (2003), uma boa definição para o espetáculo, alicerçada sobre alguns elementos balizadores, como o caráter da fruição contemplativa do olhar e a representação de eventos ou de circunstâncias sociais que carreguem efeitos de sedução, de despertar o desejo do outro (capacidade de que nem todos os indivíduos estão dotados, mas uns poucos que acabam privilegiados na condução do espetáculo). Segundo o autor,

Uma das características mais fundamentais das manifestações espetaculares consiste em que os papéis e responsabilidades estão postos de antemão e as situações inusitadas só o são para os que participam na condição de espectadores, ou seja, o controle dos movimentos do espetáculo é prerrogativa fundamental de seus promotores. Não pode existir espetáculo sem esses últimos e seu bom funcionamento, enquanto espetáculo repousa na capacidade de dominar as técnicas de representação e simbolização presentes na organização espetacular. (ANDRADE, 2003, p. 22).

O controle, por parte dos promotores do espetáculo - cuja veiculação, vale dizer, atinge seu auge com o veículo televisivo -, é construído por meio do “recorte da realidade” apresentada, da seleção do olhar do telespectador: com tal objetivo é realizada uma sintetização da imagem a partir de cenários “limpos” que não apresentem elementos em profusão, mas reduzam o espectro do olhar a apenas uma parte da realidade mostrada (sendo, portanto, distinta da realidade complexa que permanece exterior à câmera).

Assim, num paradoxal movimento, a ampliação da capacidade de visão (lembrando ser a contemplação o primeiro balizador do espetáculo) dos espectadores obtida pela possibilidade técnica de acessar todos os ângulos de visão é, ao mesmo tempo, absoluta e ilimitada de um lado e, de outro, restrita pela edição das imagens e os cortes de cena – até mesmo porque seria inviável o detalhamento de todos os itens mostrados na tela.

Quanto ao segundo balizador do espetáculo, a representação, vale destacar, no caso dos telejornais, a presença do âncora ou *talking head*. Personificando a priorização do domínio das técnicas espetaculares e o controle sobre o olhar do outro, conforme defende Fischer (2006), a *talking head* fala diretamente ao telespectador, que a todo o tempo mantém a noção de que está diante da televisão e assiste a uma narrativa feita diretamente a ele. Desta forma, mesmo solitário em sua sala, nunca é o indivíduo isolado da sala de cinema, mas “é sempre o cidadão, o homem público a quem falam essas imagens e esses sons, ele é o alvo confesso tanto do aliciamento quanto do contato buscado pelas *talking heads*”. (MACHADO, 1988, p. 49-50).

É dessa maneira que as estrelas que comandam o espetáculo televisivo conseguem manter o controle e a distância manipuladora do olhar, sem contudo romper uma relação de intimidade com o público. Não é à toa que o telespectador sente-se próximo e confia nas estrelas, chamando-as pelo primeiro nome, construindo o que Thompson (1998) define como intimidade não recíproca à distância. Tal tipo de intimidade garante o conforto de uma companhia mas libera os indivíduos dos compromissos recíprocos assumidos nas interações presenciais.

Os outros distantes com quem se trava conhecimento em interações mediadas são [...] companheiros regulares e confiáveis que proporcionam diversão, conselhos, informações de acontecimentos importantes e remotos, tópicos para conversação etc. – tudo de forma que evita exigências recíprocas e complexidades que são características de relacionamentos sustentados através de interações face a face. (THOMPSON, 1998, p. 191).

A unidimensionalidade ocorre pela não-contemplação das várias dimensões da realidade apresentada em recorte, ou pela falta de compromisso entre os envolvidos no espetáculo. Assim, pode-se dizer que difundida pelas coberturas espetaculares voltadas à temática ambiental, preponderantes nos meios de comunicação de massa, determina o modo de construção do projeto formativo comunicado pelos programas de televisão especializados na área.

Acreditamos ter embasado a relevância da análise dos conteúdos difundidos pelos telejornais acerca da temática ambiental, buscando verificar se lançam mão prioritariamente do sensacionalismo e espetacularização, assumindo o papel de aparelho ideológico inculcador da hegemonia capitalista (selecionando e fragmentando o olhar acerca de questões intrinsecamente complexas) ou se assumem o papel formativo de fornecer informações abrangentes que permitam a construção de novas ideias, mais complexas, sobre as relações de interdependência entre os grupos sociais e deles com o meio natural.

3 A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação é comunicação e diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 2002, p. 52).

Neste capítulo, após trabalhar o cenário histórico e os pressupostos do Jornalismo Ambiental como um movimento de militância dos jornalistas dedicados à cobertura de temáticas ambientais, trazemos como questão principal as limitações e as possibilidades de uma concepção de educação transformadora no jornalismo ambiental. Para isso, dentre inúmeros autores, apontamos como principais Bueno (2007, 2008); Brugger (2005); Gelós (2008) e Moraes (2004).

3.1 A COBERTURA ESPECIALIZADA EM TEMÁTICAS RELATIVAS AO MEIO AMBIENTE: O JORNALISMO AMBIENTAL

3.1.1 Trajetória Histórica

A introdução de temas ambientais nos veículos de comunicação, tanto internacionais quanto no Brasil, se deu sobretudo pela mobilização e pressão dos movimentos ambientalistas, que até os anos de 1980 ocuparam papel de destaque por suas campanhas de sensibilização e denúncias sobre questões ambientais. Mas o jornalismo ambiental enquanto um segmento do jornalismo surgiu na década de 1960.

A primeira entidade de jornalistas especializados em meio ambiente foi fundada na França, em 1969, com o nome *Journalistes-écrivains pour la nature et l'écologie* (JNE). Em 1968, Paris sediou a Conferência Intergovernamental de Especialistas sobre as Bases Científicas para Uso e Conservação Racionais dos Recursos da Biosfera, conhecida como *Conferência da Biosfera*, organizada pela UNESCO. Também em 1968 o primeiro jornalista brasileiro a se especializar em meio ambiente, Randau Marques, foi preso pela Operação Bandeirantes, um centro de informações, investigações e de torturas montado pelo Exército do Brasil em 1969, que coordenava e integrava as ações dos órgãos de combate às organizações armadas de esquerda que tinham por objetivo confrontar o regime militar (que

vigorava desde 1964 no país) e instaurar um outro regime ditatorial e autoritário, só que de viés socialista.

Randau foi considerado subversivo na época porque escreveu num jornal da cidade paulista de Franca (berço dos curtumes) reportagens sobre a contaminação de gráfcos e sapateiros com chumbo, e já questionava a expressão "defensivos", mostrando que os agrotóxicos eram responsáveis pela mortandade de peixes e pela intoxicação de agricultores. Depois, Randau se especializou em assuntos urbanos e questões ambientais no Jornal da Tarde. (BELMONTE, 1997, p. 5).

Pelo diário do Grupo Estado², Randau cobriu em Porto Alegre uma batalha travada em plena ditadura pelo fechamento da fábrica de papel Borregaard, que poluía toda a cidade, às margens do Rio Guaíba. No entanto, não foi a imagem de uma chaminé, simbolizando a poluição, que representou a época. Foi a polêmica foto do estudante universitário Carlos Dayrel sentado numa acácia, no dia 25 de fevereiro de 1975. Ele ficou horas em cima da árvore impedindo que a Prefeitura a cortasse para a construção de um viaduto. Os protestos dos ecologistas ganharam ampla cobertura dos meios de comunicação, na época sob as amarras da censura militar.

Além das campanhas do movimento ambientalista, os grandes desastres ambientais que vinham à tona e as conferências sobre meio ambiente que ganhavam força também responderam pelo avanço da difusão do tema nos meios de comunicação. Especialmente após a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, realizada em 1972 em Estocolmo, os assuntos ambientais ganharam espaço e começaram a aparecer com maior frequência nos veículos mediáticos³ em todo o mundo.

Em agosto de 1989, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), e a Associação Nacional de Jornais promoveram, em São Paulo, o seminário *A Imprensa e o Planeta*. Em novembro do mesmo ano a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) organizou, em Brasília, o *Seminário para Jornalistas sobre População e Meio*

² **Grupo Estado** é um grupo de empresas do qual fazem parte os jornais O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Rádio Eldorado e OESP Mídia, editora de listas telefônicas, revistas e guias setoriais de mercado.

³ Os termos imprensa, mídia e jornalismo são usualmente utilizados de maneira indistinta, como é possível verificar em algumas citações utilizadas. Mas, para fins de esclarecimento, optamos por usar o termo *imprensa* como referente aos meios de comunicação impressos como jornais e revistas, à luz de Coraiola (2006); *mídia* como o conjunto de instituições que utilizam recursos tecnológicos na comunicação de massa (LIMA, V.A., 2003), como emissoras de rádio, de televisão, de jornais e de revistas. Já o jornalismo refere-se à prática profissional dos jornalistas (CORAIOLA, 2006).

Ambiente, considerado por Belmonte (1997, apud SILVA, 2005) o encontro mais importante para o jornalismo ambiental brasileiro, com a presença de especialistas internacionais de várias áreas.

Participaram especialistas internacionais, como o francês François Terrason, especialista em planejamento ecológico e agricultura, a norteamericana Diane Lowrie, da Global Tomorrow Coalition, a jornalista Argentina Patricia Nirimberk, da Fundação Vida Silvestre, o tcheco Igor Pirek, da Agência de Notícias CTK, o educador Pierre Weil, da Universidade Holística Internacional e especialistas brasileiros, como o repórter Randau Marques, o professor Paulo Nogueira Neto, o físico Luis Pinguelli Rosa, o agrônomo Sebastião Pinheiro e o jornalista Fernando Gabeira. (SILVA, 2005, p. 39).

A grande importância do Seminário de 1989 foi a formação de núcleos regionais de jornalismo ambiental em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, o que culminaria com a criação da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental em 1998, numa iniciativa do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (Nejrs). Conforme Nether (1998), dos núcleos surgidos a partir do Seminário de 1989, só o Nejrs – criado em 22 de junho de 1990, num debate com o presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, filósofo Celso Marques, e o presidente da União Protetora do Ambiente Natural, jornalista Carlos Aveline – prosperou, sendo o Rio Grande do Sul o estado que mais se destaca, em todo o país, no ambientalismo.

Também em 1990, foi criada a Sociedade de Jornalistas de Meio Ambiente dos Estados Unidos (Society of Environmental Journalists), por um pequeno número de repórteres, editores e produtores de alguns jornais norte-americanos: *The Philadelphia Inquirer*, *USA Today*, *Turner Broadcasting*, *Minnesota Public Radio*, e *National Geographic*. Atualmente, conforme Muniz (2009), a SEJ é considerada a principal associação de jornalistas ambientais no mundo. Segundo o site da entidade, “*the mission of the Society of Environmental Journalists is to strengthen the quality, reach and viability of journalism across all media to advance public understanding of environmental issues*”. É uma sociedade dedicada a melhorar a qualidade, precisão e importância das reportagens de meio ambiente, promovendo encontros e debates em todo o país, inclusive nas universidades, visando despertar o interesse da área acadêmica na especialização de futuros repórteres.

Também a nível global vale destacar que em dezembro de 1989 a ONU já convocava a Rio-92, que influenciou fortemente o jornalismo ambiental no Brasil e no mundo. Como parte da programação oficial da ECO-92, realizou-se em Belo Horizonte, de

20 a 24 de maio de 1992, o Encontro Internacional da Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento, batizado de *Green Press*. Organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais e pela Organização Internacional de Jornalistas, o *Green Press* reuniu cerca de mil jornalistas, ambientalistas e técnicos de 33 países para discutir o papel da mídia frente ao desafio da preservação do meio ambiente.

Desse encontro surgiu a ideia de se criar uma rede mundial de jornalistas de meio ambiente, mas foi só em 1993, numa reunião em Dresden, na Alemanha, que foi criada a Federação Internacional de Jornalistas Ambientais (IFEJ). Trata-se de uma aliança formada por jornalistas de 52 países, com o objetivo central de ampliar a compreensão pública dos problemas ambientais, por meio do intercâmbio de ideias e vivências entre os profissionais da área (BELMONTE, 1997; BACCHETA, 2000).

No *Green Press*, foi aprovada a Carta de Belo Horizonte, um documento com propostas para melhorar a qualidade e o desempenho dos meios de comunicação no que tange à cobertura sobre meio ambiente. É o que destaca o décimo de seus princípios éticos: “O trabalho jornalístico deve estar comprometido com a promoção da qualidade de vida planetária, em todas as fases de produção e veiculação da notícia”.

Em nível nacional, em 1998 é criada a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA), que é aberta a jornalistas e estudantes de jornalismo que trabalhem em veículos de comunicação social, assessorias de imprensa e organizações não-governamentais ou estejam ligados a universidades, interessados em discutir temas que envolvam jornalismo e meio ambiente. Conforme o Código de Admissão e Convivência da RBJA, a rede tem como objetivos: discutir jornalismo ambiental; integrar os jornalistas que cobrem meio ambiente nas diferentes regiões do país; divulgar, acompanhadas de comentários pessoais que destaquem sua relevância, sugestões de pauta, matérias interessantes, cursos, encontros e prêmios com interface relacionada ao jornalismo ambiental; encaminhar pedidos ou sugestões de fontes especializadas. Já em 2000, o NEJ/RS criou a Rede de Comunicadores Ambientais da América Latina e Caribe (PETRARCA, 2008).

Um grande evento nacional voltado especificamente para os jornalistas ambientais foi o II Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, realizado de 10 a 12 de outubro de 2007, em Porto Alegre. Organizado pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, o II CBJA trouxe como tema central *Aquecimento Global: Um Desafio para a Mídia*, cujas

discussões foram abertas aos profissionais da imprensa, professores, pesquisadores e estudantes universitários.

Foram debatidos no Congresso temas como mudanças climáticas, energias renováveis, cidades sustentáveis e perspectivas para a Amazônia no Século XXI. Entre os painéis, destacaram-se: o meio ambiente na mídia, a atuação e a sustentabilidade dos veículos ambientais, e reflexões para a construção de uma teoria do jornalismo ambiental. O primeiro Congresso Brasileiro na área foi realizado em 2005, em Santos, enquanto o III CBJA foi em Cuiabá, de 18 a 20 de março de 2010, tendo como tema principal, segundo o próprio site do evento:

Nesta terceira edição, o Núcleo de Ecomunicadores dos Matos – NEM, organização não governamental criada em 2005 por jornalistas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, traz o congresso para Mato Grosso, no centro do país, numa região que concentra ao mesmo tempo três importantes biomas (Cerrado, Pantanal e Amazônia) [...] Com a crise econômica global e num cenário cada vez mais urgente de soluções e alternativas ambientais, que conciliem também o aspecto social e econômico, o III CBJA se propõe a fazer análises sobre a suposta dicotomia entre desenvolvimento e meio ambiente, do ponto de vista jornalístico. (Disponível em: <http://www.cbja2010.org.br>).

À luz de Muniz (2009), pode-se depreender que o século XXI encerra seu primeiro decênio com um fortalecimento expressivo do jornalismo ambiental. É o que se pode verificar com o crescimento da atuação do NEJ/RS a partir de parcerias com universidades locais, com a criação de ciclo de palestras semanais, do programa de rádio Sintonia da Terra e da disciplina sobre Jornalismo Ambiental no Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De fato, Bueno (2007) ressalta que a grande maioria dos projetos de pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente foi concluída muito recentemente – de 2002 em diante.

Tais eventos e iniciativas na área do Jornalismo Ambiental atestam a urgente e crescente visão dos profissionais sobre a necessidade de uma cobertura mais aprofundada e especializada sobre a complexidade⁴ (cujo conceito requer o entendimento das interrelações dos vários elementos envolvidos) das questões ambientais. Somente a partir de tal concepção o jornalismo passa a assumir de forma efetiva seu papel fundamental na Educação Ambiental do público.

⁴ Para entender o modo de pensar baseado na complexidade, ler Morin (1997) em *O Método I. A natureza da natureza*.

3.1.2 Conceitos e pressupostos do Jornalismo Ambiental

Atendendo à demanda da sociedade contemporânea, cada vez mais atenta às questões referentes ao meio ambiente, em destaque a partir da globalização dos riscos ambientais provocados pela atuação antrópica sobre a capacidade de regeneração dos recursos naturais, os veículos de comunicação passaram a conferir mais espaço à cobertura ambiental - principalmente com o crescimento da discussão sobre os novos conceitos de desenvolvimento, globalização e conservação do meio ambiente.

Tal cenário traz consigo a necessidade do aprofundamento na abordagem dessas questões e, como resposta à cobertura superficial vigente nos meios de comunicação de massa (PEREIRA, 2008), surge uma especialidade no campo jornalístico: o Jornalismo Ambiental (JA), tendo, conforme Trigueiro, a premissa de “perceber a realidade que nos cerca de um ângulo mais abrangente, privilegiando a qualidade de vida no planeta e do planeta”. (2003, p. 81). Especialidade que o jornalista, educador e escritor ambiental uruguaio Gelós (2008) define como:

[...] una especialización periodística dedicada a informar, divulgar y opinar sobre temas ambientales en los medios de comunicación. Es la especialización más amplia y compleja de las especializaciones periodísticas que existe en los medios, pues abarca con igual énfasis los aspectos científicos, sociales, políticos, económicos, culturales, ambientales y éticos. Su amplitud se manifiesta en la interdependencia con estos campos. (GELÓS, 2008, p. 69-70).

Bueno (2007; 2008), um dos mais renomados jornalistas brasileiros que pesquisam (e se afirmam militantes) do jornalismo ambiental, define o mesmo como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações comprometidas com a questão ambiental, voltadas a um público leigo, não especializado, abrangendo tanto as matérias/colunas/editoriais/cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa como os veículos ou espaços exclusivamente destinados ao meio ambiente, sendo o reduto dos profissionais da imprensa que vêm se organizando para qualificar a informação e incrementar o debate ambiental, por meio da criação de redes, núcleos e realização de encontros.

Segundo o autor, há que se ressaltar a diferenciação conceitual entre Comunicação Ambiental e Jornalismo Ambiental: enquanto este restringe-se exclusivamente a manifestações jornalísticas, aquela contempla todo o conjunto de ações, estratégias, produtos e planos de comunicação voltados para a promoção e divulgação da causa ambiental (inclusive o Jornalismo Ambiental).

Vale frisar, no entanto, que a restrição do JA à atuação jornalística não torna simplificado ou unidirecional este campo, tendo em vista a complexidade da temática ambiental. É o que defende Baccheta:

El periodismo ambiental considera los efectos de la actividad humana, desde la ciencia y la tecnología en particular, sobre el planeta y la humanidad. Debe contribuir por lo tanto a la difusión de temas complejos y tratar sus implicancias políticas, sociales, culturales y éticas. Este periodismo incide en la capacidad de las personas para participar y decidir sobre su forma de vida en la Tierra, para asumir en definitiva su ciudadanía planetaria. (BACCHETA, 2000, p.18).

A multidimensionalidade dos temas a serem tratados, segundo Baumont; Girardi & Pedroso (2008), constitui o JA como uma ampliação da gama de sentidos e possibilidades jornalísticas sob o enfoque da cidadania – justificando, portanto, suas funções educativa, política e ideológica, além da informativa que já lhe é inerente. Nesse sentido, o jornalismo, enquanto portador da informação ambiental, ultrapassa sua função de informar, comunicar e divulgar, assumindo a responsabilidade de educar e transformar, já que atualmente é por meio da mídia que as pessoas tomam conhecimento dos problemas ambientais e passam a rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e sua atenção ao meio ambiente (MORAES & CORRÊA, 2008; BELMONTE, 2004).

Com base nessas premissas, Bueno (2008, p. 109) enfatiza três funções básicas do Jornalismo Ambiental: a informativa, a pedagógica e a política. A primeira delas, intrinsecamente vinculada ao trabalho jornalístico, atende à necessidade dos cidadãos de estar atualizados sobre os principais temas referentes à questão ambiental; a pedagógica contempla a explicitação das causas, soluções e os caminhos para a superação dos problemas ambientais (para os quais é imprescindível a participação dos cidadãos), por meio da “disseminação de informações, conhecimentos e vivências que subsidiem o cidadão para o questionamento e debate ambiental”. (BUENO, 2007, p. 42). Por isso, o autor defende que o JA integra o processo global da chamada educação ambiental.

No entanto, mais uma vez ressaltamos que as informações divulgadas não são estanques, prontas e inquestionáveis, mas são construídas a partir de um olhar e forma de entender a realidade específicos. Por isso, subsidiar o cidadão para o questionamento e debate ambiental requer a explicitação da posição a partir da qual tal informação foi construída, abrindo espaço para o diálogo com posições e realidades sociais diferentes (o que se torna difícil quando as informações são construídas a partir de emissoras de televisão, por exemplo, com seus interesses delimitados pelo caráter empresarial e elitista de seus mantenedores).

A função política, por sua vez, remete à mobilização dos cidadãos diante dos interesses de entidades ou setores que penalizam o meio ambiente, agravando a situação da qualidade ambiental e, conseqüentemente, da vida (inclusive a humana). Além disso, abrange a vigilância constante em relação à ação dos governantes quanto à elaboração e execução de políticas públicas para reduzir a degradação ambiental.

Em tal vertente de pensamento, Maia (2002) identifica três importantes (e ideais) funções políticas da atuação jornalística nas sociedades democráticas: a) aparelho de “vigilância” para as liberdades políticas e civis (mencionada acima); b) fórum para o debate pluralista, colaborando para elevar o nível público de transparência das mesmas; e c) agente de mobilização para a participação cívica. O segundo papel, relacionado ao debate pluralista, deve ser atendido pela própria característica informativa do jornalismo, tanto como fórum de debate mediando o Estado e os cidadãos, como enquanto espaço da comunicação orientada ao entendimento. A essas funções, acrescentaríamos a função de aparelho ideológico de Estado, trabalhada detalhadamente no segundo capítulo.

Por fim, Presotti (2009) explica que a atividade jornalística como agente de mobilização social busca gerar conhecimento sociopolítico e engajamento cívico. Assim, tal função é bem cumprida se o jornalismo “encoraja a aprendizagem sobre as questões política e de interesse público, estimulando a discussão entre os cidadãos, motivando a participação social por meio de canais e redes disponíveis para a ação cívica”. (PRESOTTI, 2009, p. 9). A autora pondera ainda sobre a necessidade de uma contextualização que permita ao público acessar os vários interesses e posições controversas sobre o tema tratado:

É necessário que a informação transmitida seja adequadamente contextualizada, isto quer dizer que imprensa deve fornecer aos leitores uma matéria com o maior volume de elementos possíveis, para que o assunto seja amplamente compreendido, inclusive no que se refere à absorção de posições adversas. (PRESOTTI, 2009, p. 10).

Dessa forma, para que o jornalismo ambiental cumpra seu papel de gerador de cidadania - esta entendida como a consciência e o exercício do direito de estar bem informado, e de participar das decisões que afetam as condições de vida da coletividade social (GELÓS, 2009) -, ajudando a melhorar a vida pública e concebendo o leitor ou telespectador como ator na vida democrática, e não como consumidor, deve comprometer-se, em todas as suas etapas, com a busca da sustentabilidade.

Uma ressalva importante: entendemos o conceito de cidadania como atuação no campo da política, no qual as contradições sociais e a diversidade de interesses estão explicitadas, sendo valorizadas as singularidades de cada personalidade. Eis aqui o ponto emancipatório, segundo Santos (2000), que permite superar a tensão e trabalhar conjuntamente a subjetividade (espaço da personalidade do indivíduo) e a cidadania (como um conceito generalizador e homogêneo de direitos e deveres). Porém, a cidadania trabalhada para a ideia de público indistinto, disseminada pelos meios de comunicação de massa, é um conceito mercadológico e homogeneizador, dificultando a atuação no campo da política.

A militância do jornalismo ambiental deve começar, portanto, na pauta jornalística, que segundo Bueno (2007) é essencialmente comprometida com a ampla visão de que em qualquer questão ambiental abordada há alguma coisa a ser feita, assim como problemas e desafios a serem enfrentados, interesses em jogo, cuja explicitação depende fundamentalmente da atuação do jornalista ambiental. Para isso, deve contemplar o embate de ideias e opiniões controversas, além de abarcar não somente os aspectos econômicos ou científicos, como ocorre com frequência, mas também os sociais, econômicos e políticos, da forma abrangente como a complexidade ambiental exige.

A nosso ver, porém, é preciso frisar a dificuldade prática que a mídia empresarial representa para o exercício desse tipo de jornalismo militante em buscar uma atuação mais crítica no âmbito político, diante dos interesses a serem defendidos pela empresa – seja o estímulo ao consumo, intrinsecamente incompatível com os ideais de sustentabilidade ou a não contrariedade em relação às atividades de seus financiadores privados ou partidários.

Dáí recai a seguinte dúvida: se é defendido que o JA tem como um dos pressupostos o compromisso ou a militância, como atender à objetividade, premissa tão propalada na prática jornalística? Quanto a isso, Muniz (2009, p. 54-55) argumenta que a objetividade não é a negação tácita da subjetividade, mas uma série de procedimentos usados pelos jornalistas para assegurar a credibilidade como parte não interessada e se proteger contra eventuais críticas à sua atuação. Dentre tais procedimentos, destacam-se: 1) apresentação de possibilidades conflituosas e identificação dos “fatos”, mesmo com a dificuldade em se verificar algumas pretensões de verdade; 2) localização e apresentação de provas auxiliares ou fatos suplementares que confirmem determinada versão dos acontecimentos; 3) uso das aspas como instrumento para que o jornalista se afaste da notícia e confira voz aos fatos e seus personagens; 4) organização da informação numa sequência adequada (o que por si só, acreditamos, já determina um certo “recorte” ou “olhar” sobre os dados mais importantes, determinado pela subjetividade do profissional).

A objetividade, pode-se dizer, é um dos frutos do pensamento cartesiano na prática jornalística, na medida em que busca fragmentar e separar o “fato” conhecido do sujeito jornalista conhecedor. Nesse sentido, o JA tende a abandonar o culto à objetividade, ao se comprometer com uma abordagem mais abrangente, que alcance a complexidade ambiental. Eis aí a ideia de militância defendida por autores e profissionais da área, como Bueno, que sobre ela enfatiza ser

[...] o compromisso primeiro e inadiável dos jornalistas com a conscientização, com a mobilização de braços e mentes, com a superação das desigualdades, com a denúncia dos grandes interesses. Isso significa repudiar a neutralidade, tomar partido, investigar as causas e consequências da ação nefasta dos grupos econômicos que degradam o meio ambiente. Consiste, sobretudo, em defender, com coragem, a necessidade premente de aumento da qualidade de vida dos cidadãos. [...] estar comprometido com uma perspectiva crítica, contextualizar as questões ambientais, politizar o debate. (BUENO, 2009, p. 21).

Para isso, o jornalismo ambiental busca atender alguns objetivos, enumerados por Gelós (2009, tradução nossa): despertar consciência ambiental onde ela não exista; buscar especialmente o porquê dos problemas ambientais; possibilitar a compreensão do público sobre a realidade, produzindo e sistematizando a informação e o conhecimento. Deve lutar contra as visões fragmentárias da realidade; estimular nas pessoas a capacidade para participar e decidir sobre sua forma de vida (empoderamento e governança).

Retomando o esclarecimento apresentado acerca da distinção entre as instituições midiáticas e o jornalismo enquanto prática profissional, vem à tona a contradição entre tais compromissos assumidos pelo jornalismo ambiental e a visão empresarial das emissoras (em nosso caso de televisão), que acaba prevalecendo sobre a atuação e comprometimento pessoal dos jornalistas com uma abordagem socioambiental mais complexa.

Contradição que se torna visível quando, na maioria das vezes, as práticas do jornalismo ambiental no Brasil acabam incorrendo nas denominadas por Bueno (2009) síndromes, que impedem o alcance de tais objetivos acima citados. São elas: “síndrome do zoom”; “síndrome do muro alto”; a “lattelização das fontes”; a das “indulgências verdes”; a “síndrome da baleia encalhada” e a da “erva daninha”.

O primeiro caso diz respeito a um fechamento do foco da cobertura, uma fragmentação que reduz a perspectiva das notícias e reportagens ambientais a apenas um olhar (científico, econômico, político etc), desconsiderando seu caráter inter, multi e quiçá transdisciplinar⁵. Isso decorre, em boa parte, do acelerado processo de segmentação jornalística, e acaba estimulando leituras errôneas e conceitos inadequados sobre a questão ambiental.

Já a síndrome do muro alto corresponde à desvinculação entre a vertente técnica (ligada à perspectiva empresarial) e as outras, como a econômica, política e sociocultural, por meio da priorização da primeira e a exclusão dos cidadãos comuns e certos segmentos da sociedade civil da tomada de decisões, despolitizando o debate e conferindo à competência técnica o critério exclusivo de autoridade.

⁵ É interessante destacar, à luz de Leff (2000, 2001b, 2004), o caminho conceitual que vai da inter à transdisciplinaridade. Mais do que a simples justaposição de disciplinas em torno de uma problemática comum, a interdisciplinaridade imprescindível à urgente racionalidade ambiental defendida por Leff tem como elemento essencial a articulação das ciências a partir da exteriorização do saber ambiental. É este saber que nos pode dotar da capacidade de construir um diálogo com os vários saberes e valores envolvidos nos processos de relação homem-natureza, ou de apropriação do ambiente por meio dos inúmeros saberes desenvolvidos seja no universo acadêmico ou no seio das comunidades tradicionais e de grupos que bebem em fontes não-científicas de conhecimento. A partir dessa nova racionalidade, que exige a articulação dos conhecimentos alicerçada num saber ambiental, se começa a percorrer a estrada que leva da interdisciplinaridade das ciências ao projeto transdisciplinar de diálogo entre os saberes (os saberes “não-científicos” dos conhecimentos práticos e tradicionais, as identidades culturais e étnicas de apropriação dos recursos naturais). Para saber mais, ver Pereira & Carvalho (2008).

Na mesma linha de raciocínio, segue a terceira síndrome, a da “lattelização das fontes”. Vale discorrer mais detalhadamente sobre esta já que, em trabalho anterior (PEREIRA, 2008), constatamos ser esta uma das práticas mais recorrentes na cobertura ambiental, tanto nos meios de comunicação de massa quanto nos veículos especializados, que teoricamente se propõem a uma abordagem mais abrangente e aprofundada.

De acordo com Bueno (2007, 2008), o Jornalismo Ambiental tem priorizado – ou se reduzido a – fontes especializadas, de preferência com um bom currículo acadêmico, excluindo do debate os cidadãos comuns, leigos, protagonistas de experiências e informações fundamentais para a democratização do debate ambiental. Dentre as razões que explicam a lattelização das fontes, o autor aponta o processo de produção jornalística e sua fragmentação dos temas, que abandona o caráter inter e multidisciplinar (a que acrescentamos ainda a transdisciplinaridade), reduzindo a cobertura a focos específicos como da economia e da ciência. Assim, ora é visto como ramificação do jornalismo econômico ora do jornalismo científico. No primeiro caso, dependente de fontes oficiais e autoridades governamentais ou empresariais, acaba divulgando conceitos cosméticos de desenvolvimento sustentável, com medidas paliativas de redução do impacto ambiental, enquanto no segundo privilegia as fontes acadêmicas e de pesquisa.

Além disso, a visão de C&T como atividades neutras contribui para a priorização de fontes técnicas e/ou científicas, vistas como descoladas de interesses políticos, ideológicos ou comerciais – que garantiria uma cobertura isenta. No entanto, o que se observa é uma ligação cada vez maior entre ciência e tecnologia e seus patrocinadores ou financiadores (que habitualmente impõem restrições severas à circulação de informações), geralmente grandes empresas e entidades às quais se subordinam os pesquisadores.

Também aqui pode-se retomar a ideia dos veículos de comunicação a serviço da hegemonia capitalista, detalhada no capítulo anterior. Segundo Gramsci, os intelectuais são os quadros que elaboram a ideologia da classe econômica e politicamente dominante, sendo os persuasores e funcionários de sua hegemonia.

Os intelectuais, portanto, não são um grupo social autônomo, mas cada grupo social – afirmando uma função específica na produção econômica – forma os intelectuais que se tornam os técnicos da produção. Esses intelectuais não se limitam a ser apenas os técnicos da produção, mas também emprestam à classe econômica dominante a consciência de si

mesma e de sua própria função [...]. Dão homogeneidade à classe dominante e à sua direção. (GRUPPI, 1978, p. 80).

Como consequências, Abreu (2006, p. 16) coloca que a “doutorização” da linguagem ensombrece o entendimento e impede uma comunicação imaginosa, emocionada, de baixo para cima, por meio de um quase absoluto silenciamento das vozes do povo. Para ela, insistir nos discursos universais da ciência implica no distanciamento da população sobre os efeitos da ciência e sua realidade local. Nada mais contrário aos pressupostos do JA de contribuir para a democratização do debate ambiental e a participação dos cidadãos na tomada de decisões sobre a melhoria da vida pública.

A defesa da neutralidade e da objetividade, fortes elementos da “síndrome Lattes”, induz a uma lógica racionalista e fragmentadora que repele o debate político e desconsidera a relação capital x trabalho, num sentimento reformista que leva à quarta síndrome – a das “indulgências verdes”: empresas em suas ações e estratégias de marketing verde buscam limpar sua imagem com *slogans* e campanhas publicitárias que visam à manipulação da opinião pública, e propor soluções cosméticas para a questão ambiental.

Já a quinta, chamada por Bueno (2008) de “síndrome da baleia encalhada”, faz alusão à espetacularização da cobertura ambiental, com a busca pelo inusitado e o recurso ao sensacionalismo. Por fim, a síndrome da erva daninha faz apologia ao modelo economicista e agroexportador, concebendo a conservação da biodiversidade como um entrave ao desenvolvimento, com a adesão inquestionável e ilimitada à biotecnologia e a C&T como solução para o crescimento. Sob essa perspectiva, é considerado nocivo tudo o que não pode ser transformado em capital, sendo o conhecimento popular visto como exótico e primitivo. Aqui é reproduzida a lógica capitalista, pela qual tudo é ou pode vir a ser tratado e vendido como mercadoria: “o discurso técnico-empresarial é levado à exaustão, legitimando a política ambiental como ação de responsabilidade social”. (ABREU, 2006, p.17).

Acreditamos, no entanto, que tais práticas acima mencionadas, antes de constituírem equívocos, representam condutas assumidas pelos veículos comunicacionais (com destaque para as emissoras televisivas) como formas de manter o *status quo* de empresas em busca da audiência de cidadãos-consumidores, ou seja, condutas que constituem tais veículos como aparelhos ideológicos de mercado.

Diante do que foi debatido, a relevância da análise dos programas, descrita detalhadamente no quarto capítulo, está justamente em se avaliar se os programas selecionados atendem aos pressupostos do JA ou carregam em sua função educativa as síndromes que comprometem a abordagem dos temas divulgados a partir de uma perspectiva que contemple a complexidade ambiental.

3.2 INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MÍDIA EMPRESARIAL

A partir do cenário acima apresentado, referente à cobertura dos veículos especializados em Jornalismo Ambiental, é possível corroborar a responsabilidade do jornalismo no trabalho de formação do público acerca da temática e das reivindicações ambientais a partir de uma perspectiva crítica de reflexão e ação. De fato, no item anterior já foram levantados muitos argumentos acerca da importância da contribuição dos meios de comunicação para a formação da visão de mundo e das questões ambientais nas quais se inserem os cidadãos, mas vale ainda destacar outros pontos.

Para Cerqueira (2002), expor a complexidade da problemática ambiental à opinião pública é uma tarefa ao alcance e de responsabilidade da mídia. A própria UNESCO, já em 1977, quando da Conferência de Tbilisi, recomendava o jornalismo como meio disseminador da Educação Ambiental, colocando como responsabilidades dos meios de comunicação social pôr seus enormes recursos a serviço dessa missão educativa, fomentar a discussão de conhecimentos sobre a proteção e melhoria do meio ambiente; organizar cursos de formação destinados a profissionais de imprensa a fim de que possam tratar adequadamente os aspectos da EA; e instituir mecanismos de planificação e coordenação de programas de EA, de modo a atingir a população – rural e urbana à margem do sistema educacional.

Nessa linha, alguns instrumentos legais que norteiam as políticas públicas de educação ambiental destacam a contribuição fundamental dos meios de comunicação social nesse processo. A lei federal 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), prevê que todos têm direito à educação ambiental, cabendo aos veículos de comunicação “colaborar de maneira ativa e permanente na

disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação”. Tendo “a garantia de democratização das informações ambientais” como objetivo, a PNEA diz ainda que o poder público deve estimular “a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente”. (DIAS, 2000, p. 66-72; BRASIL, 2005, p. 65-70). Também o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), criado em dezembro de 1994 pela Presidência da República, prevê a cooperação com os meios de comunicação como uma de suas sete linhas de ação (BRASIL, 2005, p. 25).

Além disso, são vários os estudiosos que abordam a importância da mídia no trabalho de EA. Ramos (1996), por exemplo, ressalta que os jornais e em especial a televisão são a principal fonte de informação de parcela expressiva da população, assumindo portanto um decisivo papel para a formação de opinião pública sobre a problemática ambiental.

Outro autor que debate a relação entre mídia, educação e meio ambiente é o filósofo e sociólogo Regis de Moraes. Doutor em Educação, defende a urgência em ligar as questões ambientais à educação, já que as gerações precisam ser educadas para respeitar o meio ambiente. Segundo ele, ao trabalho educacional não cabe tomar medidas de urgência para reduzir danos ambientais a curto prazo, mas manter tais medidas em defesa do meio e desenvolver outras mais a longo prazo. Para isso, é de suma importância unir esforços com os veículos midiáticos, dado seu enorme poder de alcance e influência na formação das idéias e valores dos indivíduos e grupos da sociedade.

Espaço da comunicação é, necessariamente, espaço educacional; pela simples razão de que, as ações da educação não se restringindo ao fazer das instituições especificamente educacionais, mas sendo tudo o que em campo social implica o trânsito de idéias e sentimentos, valores e sugestões comportamentais – é âmbito da educação mais ou menos espontânea. (MORAIS, 2004, p. 87).

Segundo Bueno (2007), o jornalismo ambiental bem fundamentado deve trazer na essência de sua práxis um engajamento efetivo do profissional com uma perspectiva crítica, de maneira a articular as várias dimensões envolvidas rumo à formação de uma

cidadania ambiental mais justa, e para isso o jornalista ambiental precisa vincular seu trabalho à cidadania crítica e participativa como defende a educação ambiental, por meio da militância. Isso se explica porque o jornalismo ambiental deve cumprir uma função pedagógica, integrando o processo global da chamada Educação Ambiental, na medida em que a carência no ensino formal brasileiro e a complexidade das informações na área exigem um cuidado imenso nesse trabalho de mediação.

No entanto, é preciso ressaltar que a militância peculiar do Jornalismo Ambiental não é suficiente para definir o caráter formativo da mensagem construída e veiculada. Esta é determinada fortemente pelos interesses comerciais das empresas emissoras, assunto bastante trabalhado por Brügger (2005). A autora lembra o lugar de mudança do mundo ocupado pela esfera da informação, sendo a mensagem e a linguagem não somente o veículo do pensamento, mas seu próprio motor e o meio no qual se formam.

Eis aí, conforme a autora, a grande influência da mídia na construção de conceitos de meio ambiente e natureza, repercutindo nas relações dos homens entre si, possibilitando um modelamento de relações humanas com o entorno no sentido amplo e promovendo, inclusive rupturas nesse contexto. No entanto, é preciso enfatizar que tal modelamento também é desenvolvido pelos conteúdos não-explicítos, sutis, denominados por Brügger de latentes, presentes nas entrelinhas do que é veiculado. Justamente por seu caráter não-manifesto, possuem o efeito mais devastador da mídia no que se tange à formação de concepções e visões de mundo. Esses conteúdos latentes acabam produzindo e reproduzindo inúmeros valores hegemônicos na atualidade (avessos à perspectiva crítica de um meio ambiente construído historicamente): defesa da ciência e tecnologia como meios para superar e resolver quaisquer problemas ambientais; glorificação da produtividade e do crescimento, da competitividade etc.

Neste estudo, acredita-se que a reprodução de valores hegemônicos, mesmo os que propõem uma abordagem voltada à complexidade da temática ambiental, deve-se ao caráter mercantil da mídia. De fato, Brügger lembra que os meios de comunicação de massa não são apenas controlados por corporações, mas são feitos de corporações. Assim, os ambientalistas, por mais revolucionárias e brilhantes que sejam suas ideias, encontrarão sérios obstáculos para a veiculação de mensagens que ameçam o Estado (um dos maiores anunciantes em tais veículos de comunicação) e os negócios dessas corporações. Portanto, a mídia ocidental raramente se coloca como instrumento de mudança social, mas,

conforme Meadows, “tem como propósito o de entreter, embalar e vender, não informar e menos ainda levantar questões sobre paradigmas”. (1991, p. 75). Dessa forma, Brügger mostra que as corporações formam o *imprinting* cultural segundo seus interesses comerciais.

Contudo, mesmo com tais fatores empresariais que dificultam a atuação mais efetiva do jornalismo na formação do público, é possível insistir que ele tem um grande potencial educativo, se consegue democratizar informação ambiental de qualidade e em quantidade suficiente, passando aí a ser ferramenta indispensável para a formação e mobilização da cidadania ambiental.

A democratização ambiental é fundamental para o exercício pleno da cidadania crítica e participativa, pois quando as pessoas, o povo, ou as instituições não dispõem de informação de qualidade, fica comprometida a capacidade de fazer escolhas entre as diferentes alternativas e caminhos. Quando falo de informação ambiental de qualidade falo de uma informação que mostre os fatos geradores da crise ambiental, para que as pessoas tomem consciência e possam atuar sobre as causas e não apenas sobre os efeitos. Um tipo de informação que revele as raízes de nossos problemas ambientais e não apenas que reforcem uma visão romântica do quanto a natureza é linda ou é vítima de nossa ganância. (BERNA, 2008, p.90).

Assim, não basta para o JA focar apenas no chamado “consumo sustentável” sem considerar o sistema produtivo baseado na exploração insustentável dos recursos naturais, de mão-de-obra (na vertente social da sustentabilidade) etc. Enfim, é preciso fornecer ao público informações que lhes possibilitem questionar a raiz de um modelo econômico, cultural, político e espiritual que valoriza o individualismo, o materialismo ganancioso que gera concentração de renda de um lado e, de outro, passivos ambientais e miséria.

Assim, dada a responsabilidade de disseminar informação ambiental de forma abrangente e complexa, que abra espaço à pluralidade de vozes e saberes, à diversidade de culturas e formas de apropriação e vivências com o meio, acredita-se que, caso se consiga desenvolver um jornalismo ambiental bem fundamentado e engajado, possui veemente importância no trabalho de educação ambiental do público, promovendo a solidariedade e os direitos de cidadania.

4 CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 CONSTRUINDO OS DADOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa proposta constituiu um estudo de caso de três programas de televisão especializados em reportagens ambientais: *Repórter Eco*, *Cidades e Soluções* e *Globo Ecologia*.

Vale ressaltar que, conforme a classificação de Fischer (2006), todos constituem programas de informação, nos quais os espectadores esperam uma abordagem de “fatos”, da “realidade”, e não de ficção como nos programas de entretenimento. Além disso, nos informativos uma regra básica é o “olhar para a câmera” e falar direto ao público, com a marcante atuação do apresentador ou *talking head* (ainda segundo Fischer).

No site de cada um dos programas, é apresentada uma breve descrição do objetivo e enfoque dos mesmos:

- *Cidades e Soluções*: A busca por soluções para um mundo sustentável é o objetivo do programa *Cidades e Soluções*, exibido todas as semanas na Globo News e no Canal Futura. Apresentado por André Trigueiro, o programa destaca as iniciativas que já dão resultado e podem ser replicadas num país onde 80% da população vive em cidades. No canal Futura (aberto), é exibido desde junho de 2007, às sextas-feiras às 21h, com reapresentação aos domingos, às 15h. Na Globo News, desde 2006 é apresentado em sete horários alternativos: um aos domingos, um aos sábados, três nas segundas-feiras e dois às quartas-feiras.
- *Repórter Eco*: Foi criado em fevereiro de 1992 com o objetivo de antecipar e aprofundar os assuntos que seriam abordados na Rio-92, a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro. Em setembro de 92, o Eco ganhou espaço e foi transformado pela equipe de criação em um programa de meio ambiente, com informações do Brasil e do mundo, se especializando na divulgação dos projetos, ações e pesquisas nacionais ou mundiais, com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida, de prestar um serviço

público e ainda de informar sobre os principais temas ambientais da atualidade. É exibido aos domingos, às 17h30 na TV Cultura.

- *Globo Ecologia*: Há quase 20 anos no ar (inaugurado no domingo do dia 04 de novembro de 1990), o programa chama a atenção para as interações entre sociedade e natureza, mostrando exemplos de preservação da natureza e de educação ambiental. Tem o objetivo de conscientizar o telespectador sobre a importância do meio ambiente, além de denunciar problemas como a devastação, a poluição, o desperdício e o descaso em relação ao patrimônio natural brasileiro. O programa é exibido aos sábados na Globo, às 6h50, e no canal Futura, a partir das 15h30. As reprises são sempre no canal Futura aos domingos (17h), segundas (01h), quartas (0h e 16h) e sextas-feiras (4h45).

Após a pesquisa bibliográfica pertinente ao tema de estudo, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos, dividindo o trabalho em três etapas: entrevista com os editores; coleta de materiais e análise exploratória das edições a serem analisadas; e análise de conteúdo.

4.1.1 Entrevistas

A primeira etapa foi composta por entrevistas semiestruturadas com os editores dos três programas. Nas entrevistas, buscou-se identificar junto aos entrevistados a concepção de Educação Ambiental, de natureza e de desenvolvimento sustentável que norteia os programas, bem como o objetivo pretendido com as abordagens trabalhadas nos mesmos. Foram verificados também os critérios de seleção tanto dos temas a serem divulgados quanto das fontes de informação selecionadas.

Em relação aos entrevistados, foram escolhidos os jornalistas responsáveis pelos programas. No caso do *Cidades e Soluções*, a entrevista foi realizada com o editor-chefe André Trigueiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, enquanto o supervisor do Repórter Eco, Washington Novaes, foi entrevistado em sua residência, em Goiânia (GO). Leonardo Menezes, atual Relações Internacionais do Canal Futura, falou à autora da pesquisa na sede da Fundação Roberto Marinho, também no Rio, já que por cinco anos foi analista de conteúdo do Globo Ecologia (por isso a escolha dele para falar acerca do conteúdo e concepção do programa). Todas foram realizadas no mês de março de 2009.

Buscou-se em Szymansky (2008) a referência teórica sobre entrevista semiestruturada – por ela denominada semidirigida. Para ela, nesse tipo de entrevista não há um roteiro fechado, mas, baseando-se na fala do entrevistado, pode ser visto como aberto. Ainda assim, julgou-se necessário construir um breve roteiro de questões a serem debatidas na entrevista com os editores dos programas:

Quanto aos objetivos e abordagens dos programas:

- Falar um pouco da história do programa – Quando e como surgiu a ideia de criar o programa?

- Quais eram os objetivos iniciais do telejornal ao se especializar na cobertura ambiental? E agora, os objetivos são os mesmos ou vêm mudando com as demandas, seja do público, do veículo ou dos temas a serem abordados?

- Quais os critérios de seleção dos assuntos a serem abordados pelo programa?

- Como são escolhidas as fontes de informação ouvidas: são mais técnicas e especialistas no assunto ou setores da população local envolvidos?

- Quais são as dificuldades enfrentadas por um programa especializado em temas ambientais dentro de um canal aberto de televisão?

Quanto à concepção de Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável:

- Qual a ideia de Desenvolvimento Sustentável difundida por seu programa? E de natureza?

- Na sua avaliação, este programa pode ser considerado um instrumento de Educação Ambiental do público? Em que medida ele atua nesse sentido?

- O programa é construído segundo a concepção de estimular as ações individuais ou trabalha mais as coletivas em relação às problemáticas ambientais divulgadas?

- Como é trabalhada a relação sociedade-natureza nas matérias?

- As questões existenciais do homem como ser histórico e cultural inserido no meio ambiente também são difundidas? De que maneira?

Quanto ao caráter mercantil das emissoras

- Identificação dos patrocinadores dos programas
- Expectativa de tais patrocinadores ao financiar o programa em específico
- Avaliação acerca da influência das empresas (ou Estado) financiadoras no produto final a ser veiculado no programa
- Relação entre a abordagem dada aos temas tratados e os interesses dos patrocinadores, ou mesmo de empresas (ou Estado) parceiras da emissora em questão.
- Recusa de patrocínio dado por determinada empresa que foge aos ideais difundidos pelo programa, ou a seleção dos financiadores é fechada em departamentos comerciais das emissoras, independentemente do caráter do programa patrocinado.

Após a realização das entrevistas, partiu-se para a coleta de materiais e análise exploratória das 28 edições gravadas, no intuito de selecionar as mais relevantes para a etapa de análise de conteúdo – tanto dos programas quanto das informações defendidas pelos jornalistas entrevistados.

4.1.2 Coleta de materiais e análise exploratória

4.1.2.1 Coleta de materiais

A etapa seguinte foi a busca, junto às três emissoras (Canal Futura, Globo News e TV Cultura) dos programas exibidos durante o período selecionado. Uma ressalva metodológica: Tendo em vista que o programa *Cidades e Soluções* é veiculado também no Canal Futura pertencente à rede de televisão aberta, optou-se por analisar as edições veiculadas neste canal durante o período selecionado, e não na Globo News – ainda que haja diferença das edições, já que no Futura são veiculados episódios transmitidos antes no canal por assinatura - dada a maior abrangência e alcance nacional de público dos canais abertos.

Além disso, vale relatar um outro entrave vivenciado no acesso às edições: na tentativa de solicitar as cópias dos programas exibidos de outubro a dezembro de 2009 (recorte temporal delimitado inicialmente), a TV Cultura cobraria o valor de R\$40,00 por

cada edição, enquanto o Projeto Globo Universidade, departamento da Fundação Roberto Marinho destinado a apoiar pesquisas acadêmicas sobre os produtos por ela veiculados, disponibilizaria gratuitamente as cópias, mas mediante um exaustivo contrato em que a autora deveria se comprometer a não apresentar na pesquisa nenhum dado ou informação que viesse a ferir os interesses da emissora. Assim, optou-se por mudar o recorte temporal para os meses de abril e maio de 2009, possibilitando a gravação em domicílio dos programas.

Dos 28 programas, foi analisada uma amostra de 15 edições, consideradas mais representativas para o estudo, seja pela pertinência do tema ou pela abordagem conferida como a mais apropriada para avaliar as categorias de análise.

O andamento da análise, numa perspectiva qualitativa, compreendeu duas etapas – à luz de Silva (2007):

- a) Análise exploratória de todos os programas gravados, assistidos de forma individual, com a construção de fichas para cada uma das edições contendo os assuntos tratados e as fontes de informação utilizadas.
- b) Análise de conteúdo dos 15 programas selecionados da amostra geral como os mais adequados à pesquisa.

4.1.2.2 Análise exploratória

A fase exploratória buscou conhecer de forma global o conteúdo dos programas. Para isso, a autora assistiu às 28 edições antes de qualquer avaliação, considerando o impacto visual e a pertinência dos temas tratados - procedimento considerado por Bardin (1977) como a fase de organização para se construir um plano de análise. Tal fase permitiu ainda a seleção das edições a serem submetidas à análise de conteúdo. Chegou-se assim à seleção das 15 mais representativas em relação ao perfil dos programas, conforme ilustrado na tabela a seguir.

01/04	Repórter Eco: Documentário Barão de Mauá; mulheres plantam algas no CE
03/04	Cidades e Soluções – Lavanderia ecológica em Las Vegas
04/04	Globo Ecologia – Cipozeiros da Mata Atlântica
05/04	Repórter Eco – Destruição do cerrado; Vida de médico ambientalista; a Mata Atlântica perde espaço nas grandes cidades
10/04	Cidades e Soluções – A contribuição das bactérias na vida do homem
11/04	Globo Ecologia: Fogo no Cerrado – destruição do bioma por conta do agronegócio, expansão das cidades etc.
12/04	Repórter Eco – Um inseto que só vive em ambientes saudáveis; andar a pé é a melhor alternativa para o caos urbano
17/04	Cidades e Soluções – Gestão Sustentável
18/04	Globo Ecologia – Rio São Francisco – Um rio de lembranças
24/04	Cidades e Soluções – Sacolas retornáveis
25/04	Globo Ecologia: Arroz e feijão
26/04	Repórter Eco: Especial Antártica
02/05	Globo Ecologia: Impactos da carne
08/05	Cidades e Soluções: Reciclagem do óleo
09/05	Globo Ecologia: Soja
10/05	Repórter Eco: 1 município de SP reaproveita os troncos de árvores que caem; Fernando de Noronha; beleza de um município no litoral do Recife
16/05	Globo Ecologia - O avanço da cana-de-açúcar
17/05	Repórter Eco – A morada da floresta (uma casa ecológica); as chuvas que castigam 1 milhão de brasileiros no N e NE; Arte em vidro; comportamento do golfinho rotador
18/05	Cidades e Soluções – Slow Food
22/05	Cidades e Soluções – Ecogerma
23/05	Globo Ecologia – Agricultura Orgânica
29/05	Os caminhos do Desenvolvimento Sustentável
30/05	Globo Ecologia – Agricultura familiar

Tabela 1: Listagem das edições

4.1.3 Análise de Conteúdo

A análise das entrevistas permitiu construir as categorias de análise, que posteriormente, a partir da transcrição e análise dos programas, foram confirmadas como as mais pertinentes para a pesquisa.

Subsidiando teoricamente a análise de conteúdo, Franco (2007) afirma que tal análise deve partir da mensagem, cuja emissão necessariamente vincula-se às condições contextuais de seus produtores. A autora recorre a Bardin para a definição de que

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)". (FRANCO, 2007, p.24).

Na pesquisa aqui proposta, tal inferência citada pela autora utilizou indicadores qualitativos.

Franco defende ainda que quando, a partir de uma mensagem, se busca questionar acerca de “quem” e do “por quê” de determinado conteúdo, se está trabalhando com o ponto de vista do produtor. Nesses casos (como esta pesquisa), a autora aponta três pressupostos que respondem à relevância de tal enfoque:

1. Toda mensagem falada, escrita ou sensorial, contém, em potencial, grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais etc.
2. O produtor é antes de tudo um selecionador – cuja seleção não é arbitrária. Das múltiplas manifestações da vida humana seleciona o que acredita ser mais importante para “dar o seu recado” e as interpreta de acordo com as referências de que dispõe. Vale ressaltar que tal seleção é preconcebida, sendo o produtor um produto social condicionado à época e classe a que pertence.
3. A “teoria” exposta pelo produtor orienta sua concepção de realidade, e essa concepção, filtrada em seu discurso, resulta em relevantes implicações para o pesquisador que se propõe a fazer análise de conteúdo.

Ainda de acordo com Franco, na análise de conteúdo faz-se necessária a compreensão dos enunciados a serem classificados, a abstração do significado e do sentido das mensagens e a inferência das categorias classificatórias, para um julgamento comparativo entre os conteúdos classificados nas dadas categorias.

Nesse sentido, construiu-se o quadro de indicadores apresentado no primeiro capítulo, que une parte da metodologia desenvolvida por Silva (2007) aos quatro eixos apresentados por Guimarães (2006) como formadores das diferentes abordagens de EA no embate entre visões de mundo. À luz deste quadro, a leitura das entrevistas e da transcrição dos programas definiu as seguintes categorias de análise: **Relação natureza-sociedade; Rural X Urbano; Produção X Consumo; Conflitos, problemas e soluções; Ética; Educação e EA; Dimensão Política** e a **Dimensão Jornalística**. Por fim, os conteúdos das entrevistas e dos programas foram analisados de forma conjunta, a fim de comparar as concepções de Educação Ambiental presentes em ambos os materiais.

4.2 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para contextualizar a análise das entrevistas com os responsáveis pelos programas, vale apresentar algumas características dos entrevistados demonstradas ao longo de suas falas, no que tange a seu posicionamento ideológico quanto aos temas abordados e sua relação com a empresa emissora do programa.

Washington Novaes (supervisor geral do *Repórter Eco* e comentarista do programa) apresenta uma produção intelectual sendo autor de livros e vários artigos na área do Jornalismo Ambiental, na qual atua em vários veículos como rádios e jornais. É apresentado como jornalista e ambientalista por sua militância, já tendo sido Secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal e organizador da Agenda 21 Brasileira.

André Trigueiro, editor e apresentador do *Cidades e Soluções*, é professor universitário e jornalista com ampla atuação na mídia, seja em rádio, como colunista de jornais e em programas de telejornalismo.

Leonardo Menezes por cinco anos foi analista de conteúdo do *Globo Ecologia* (por isso a escolha dele para falar acerca do conteúdo e concepção do programa) e atualmente é

Relações Internacionais do Canal Futura. Ao longo de toda a entrevista, representou estritamente a ideologia do Canal, assumindo um discurso propagandístico da Fundação Roberto Marinho. Tal dado, antes de consistir numa dificuldade para analisar a concepção do conteúdo veiculado no *Globo Ecologia*, serve como fator importante a ser considerado ao destacar a forte dependência do programa em relação à empresa emissora.

A partir da identificação dos posicionamentos e atuações pessoais dos entrevistados, e da análise de conteúdo dos programas, foram inferidas as categorias de análise acima listadas. Em seguida, buscou-se interpretar estas categorias com referência ao quadro de indicadores ou eixos que definem as concepções de EA, resultante da construção teórica da pesquisa. Para o entrelaçamento da análise das entrevistas e das edições dos programas, foram listadas as falas dos entrevistados referentes a cada categoria e trabalhadas no corpo da análise as ideias mais representativas. No mesmo sentido, no intuito de apresentar todas as ocorrências nos programas de cada categoria de análise proposta, optou-se por citar a edição e o assunto em que é observada tal categoria (já que toda a transcrição pode ser verificada nos anexos), e dar destaque à transcrição dos trechos mais representativos para a análise em questão.

4.2.1 Relação natureza-sociedade

Por contemplar a relação entre natureza e sociedade uma enorme gama de esfera de atuação humana, optou-se por dividir a primeira categoria em três subcategorias: Ciência e Tecnologia; Conceito de natureza, economia e Desenvolvimento Sustentável; e Cultura e natureza. O objetivo não foi excluir os outros âmbitos de tal relação dos grupos sociais com o meio natural, mas apenas uma postura metodológica para possibilitar a análise dos principais elementos do material selecionado.

4.2.1.1 - Ciência e tecnologia

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer que, ao dividir Ciência & Tecnologia (C&T) das outras subcategorias como cultura e natureza, não se defende que C&T são construções apartadas do contexto sociocultural e econômico dos grupos sociais, mas apenas julgou-se pertinente dar-lhes destaque numa subcategoria específica dada a enorme ênfase a elas conferida e observada tanto nas entrevistas quanto nos programas analisados.

Três ideias podem ser destacadas ao longo das entrevistas e das edições dos programas, referentes à Ciência e Tecnologia como parte da relação entre natureza e sociedade.

A primeira traz C & T como subordinadas à produção e ao consumo, tendo seu uso voltado para a necessidade de crescimento econômico. É o que pode ser constatado no seguinte trecho da entrevista:

O ser humano, pela própria inteligência e tecnologia dele, o meio ambiente é vivenciado, e não está lá na Amazônia ou na Mata Atlântica ou Pantanal; estamos na cidade com impactos sobre o meio mas convivendo com ele [...] o ser humano tem que continuar seu trabalho de conservação ambiental, que é manter o que existe e usar de forma cada vez mais racional e sustentável os recursos da natureza. (MENEZES, 08/04/2009, vide apêndice III).

Este trecho demonstra uma noção superficial e inconsequente do papel da Ciência e Tecnologia na interação entre ser humano e o ambiente, sem uma reflexão mais profunda e crítica sobre os efeitos que o poder técnico também pode trazer se colocado a serviço dos modelos vigentes de produção, consumo e desenvolvimento. Tal defesa superficial da C&T como instrumentos desenvolvimentistas pode remontar ao caráter empresarial observado na fala de Menezes.

Quanto à análise dos programas, a noção de C&T voltada para os interesses econômicos é constatada em três edições, cujos trechos mais representativos valem ser transcritos:

Cidades e Soluções – Ecogerma

Sonora com Rafael Clemente, gerente de produtos Audi: Nós temos que atender aos interesses dos consumidores, aos desejos dos consumidores, e no caso das montadoras premium, os consumidores são muito exigentes em termos de performance, de muita tecnologia. E a tecnologia híbrida, por enquanto, oferece um motor complementar ao motor de combustão que não oferece o mesmo nível de performance. E o consumidor exige performance, por enquanto.

Locução in: Performance é o quê? Potência, velocidade?

Sonora com Clemente: Potência, velocidade, aceleração. Então o desafio é criar um veículo híbrido que, evidentemente, atenda às questões da sustentabilidade, proteja o meio ambiente mas que não deixe de entregar o que o consumidor quer comprar (vide apêndice XIII).

Globo Ecologia – O Avanço da Soja

Locução off: Pesquisas e tecnologia elevaram a qualidade da soja e fizeram com que ela conquistasse as prateleiras de todos os mercados do mundo.

Sonora de Francisco Ferraz de Toledo, pesquisador da Embrapa Soja: [...] O processamento tecnológico melhorou a indústria também. A indústria hoje tem produtos que processam a soja de maneira fantástica (cenas de vários alimentos à base de soja). Nós temos produtos no mercado de excelente qualidade e saborosos. Então é uma questão tecnológica inteira: de processamento industrial, de tecnologia de processamento. [...] Porque através da tecnologia, das pesquisas, dos resultados dessas pesquisas é que você chega em novos produtos. Então por exemplo, antigamente a gente não tinha tanta variedade como a gente tem hoje. Então a tecnologia é extremamente importante; e ela nunca pára. E a ideia é realmente essa (vide apêndice XIV).

Repórter Eco - 12/04/09

Sonora com Lucia Lohmann, bióloga – taxonomista: O estudo da árvore da vida tem um interesse intelectual, de realmente entender o mecanismo de diversificação. Fora isso tem um interesse econômico muito grande. Então por exemplo, imagine, hoje em dia todo mundo toma café, né... Então vamos dizer que com as mudanças climáticas globais a gente não consiga mais crescer o café e a gente precisa encontrar um substituto ao café. Como buscar isso? A gente vai à árvore da vida e busca as espécies que são mais aparentadas ao café, e essas espécies provavelmente vão ter as mesmas propriedades (vide apêndice XVI).

Os três exemplos acima ilustram com clareza o uso do conhecimento científico e tecnológico a serviço dos interesses de mercado, dando à Ciência e Tecnologia um caráter funcionalista típico da vertente pragmática de Educação Ambiental.

A segunda ideia traz C&T como detentora de soluções técnicas para problemas ambientais. Soluções que, vale ressaltar, são colocadas à margem das relações sociedade-natureza e dos padrões de consumo, do contexto vivido pelos próprios sujeitos sociais, diferenciados em suas condições de vida específicas (históricas, econômicas, culturais, políticas, sociais) - é como se C&T tivessem um poder mágico de transformar tudo, apenas pela aplicação da eficácia técnica. Noção bem ao encontro do que Brügger constata em sua análise de conteúdo sobre a programação do canal a cabo Discovery Channel.

A ciência e tecnologia como neutras e positivas, constituindo desse modo a solução para os mais diversos males que afligem o planeta. A ciência aparece desprovida de suas dimensões históricas, éticas e políticas, enfim, como um conhecimento que paira acima dos homens e a maior parte das

tecnologias aparece como milagres ou banalidades, o que não corresponde absolutamente à realidade. (BRUGGER, 1999b, p. 207-243).

Um exemplo é a possibilidade de superar a obsolescência programada da tecnologia e assim promover a economia de recursos naturais:

(O Brasil, quanto à economia de energia) Pode ganhar 30% reduzindo o consumo através de medidas de eficiência e conservação energética, tal como fez em 2001 no apagão e economizou na faixa de 30% sem prejuízo para ninguém a não ser para as produtoras e distribuidoras de energia. Pode ganhar mais 10% com repotenciação de usinas antigas que estão com baixo rendimento porque os equipamentos estão velhos e tal. E você pode trocar esses equipamentos e geradores a um custo muitas vezes menor do que você construir uma usina nova. (NOVAES, 01/04/2009, vide apêndice I).

Em vários programas analisados, Ciência e Tecnologia são abordadas como produtoras de soluções para problemas ambientais. De todos os trechos analisados, merecem destaque os seguintes:

Cidades e Soluções (Ecogerma)

Passagem do apresentador no corredor entre os stands da feira: [...] Em tempos de crise, 150 expositores alemães desembarcaram em São Paulo para mostrar que a solução passa por tecnologia sustentável. No programa de hoje, você vai ver como é possível promover o desenvolvimento com inovação tecnológica – um assunto em que os alemães têm muito o que dizer...

Sonora com Annete Schavan, Ministra da Educação e Pesquisa: Há algumas novas oportunidades e novos caminhos para chegar ao bem-estar e todas essas questões estão sob uma única palavra-chave: inovação.

Sonora Bruno Abreu, especialista em eficiência da Siemens: A gente procura buscar soluções que elas se paguem, sozinhas. A gente calcula quanto é possível cada solução economizar; a gente especifica que solução, que equipamento é necessário, e uma vez que a gente faz isso a gente demonstra pra ele também quanto ele precisaria investir em cada solução. Então comparando um com outro você sabe: “eu vou retomar o dinheiro que eu investi em seis meses, em sete, em oito, em um ano no máximo”. Ou seja, em um ano eu recuperei meu investimento, dali pra frente é só economia pura. (VIDE APÊNDICE XIII)

Globo Ecologia (O Avanço da Soja)

Sonora de Ricardo Machado, diretor do Programa Cerrado da ONG Conservação Internacional: A nossa sorte, ou pelo menos a nossa grande vitória em termos de ciência e tecnologia, é que o Brasil tem conseguido também aumentar a produtividade, ou seja, a quantidade de soja que você consegue gerar por hectare. Então com investimentos em tecnologia, liderados especialmente pela Embrapa, a gente está conseguindo produzir mais em menos área. Significa que a necessidade de incorporar mais áreas para a produção de soja tem diminuído por causa do avanço tecnológico. (VIDE APÊNDICE XIV).

E Repórter Eco (12/04/09):

Comentário Washington Novaes: Como dizem os especialistas, tecnologias existem, como por exemplo a das energias alternativas capazes de evitar emissões. O que falta é vencer a lógica financeira que continua comandando tudo. (VIDE APÊNDICE XVI).

Ao longo das análises das entrevistas e dos programas, também verifica-se a ênfase dada aos resultados do conhecimento tecnológico de forma descontextualizada dos cenários sociais em que são produzidos ou aos quais serão aplicados, como o destaque à necessidade de maior eficiência e repotenciação das usinas hidrelétricas, dado por um dos entrevistados – argumento referente à linha pragmática e sua defesa ao uso funcionalista da Ciência e Tecnologia. Tal ênfase é observada na grande quantidade de exemplos e resultados de pesquisas científicas que ganham espaço nas matérias, seja como notícia em si ou para corroborar o enfoque dado ao tema tratado.

A expressão que encerra a edição do Repórter Eco de 12/04/09, no apêndice XVI - “A Antártica é o maior laboratório aberto da ciência no planeta. O conhecimento científico é a maior riqueza que pode ser extraída de lá” – representa significativamente a supervalorização da C&T por si mesmas, levando-se em conta apenas seus resultados e não as causas e contextos sociais em que estão inseridas.

Em outro momento, tal ideia das soluções técnicas é corroborada ao serem destacadas as tecnologias de ponta desenvolvidas por países avançados para resolver os problemas ambientais como emissão de poluentes (carros movidos a biocombustíveis) ou economia de energia (energia solar, eólica etc).

a gente está interessado em mostrar soluções que sejam efetivas, mensuráveis, de preferência de baixo custo, fáceis de replicar e principalmente sustentáveis. Que elas não onerem a pegada ecológica, que

elas reduzam o consumo de matéria-prima e energia. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, vide apêndice II).

O editor ressalta fortemente o enfoque principal do programa na citação acima, corroborando a visão sustentabilista pragmática que, de acordo com Crespo (1998), tem como pontos programáticos fortes o investimento em tecnologias limpas e a regulação dos usos dos recursos naturais, ambos valorizados sob uma ótica descontextualizada socioculturalmente. Pela transcrição dos programas, é possível constatar que esses dois princípios são também marcantes nos conteúdos abordados de algumas edições, conforme pode ser verificado no apêndice XX. Alguns trechos de duas edições configuram os exemplos mais significativos da defesa do uso de tecnologias mais limpas e reaproveitamento de recursos.

Repórter Eco - 12/04/09:

Locução off: Frota de automóveis cada vez maior. Trânsito parado, a qualquer hora do dia, motores funcionam mais do que deveriam e emitem mais poluentes. A metrópole projetada para carros se esgota a cada dia. São Paulo, dizem especialistas, precisa encontrar uma alternativa mais ágil e limpa de locomoção. (VIDE ANEXO XVI).

Cidades e Soluções - Reciclagem do óleo de cozinha:

Locução off: É para cá que são trazidas 300 toneladas de óleo de fritura usadas por mês. Na maior recicladora de óleo de cozinha de São Paulo, tudo que chega é filtrado antes de servir como matéria-prima para os diversos segmentos da indústria. Os principais compradores são as fábricas de sabão (cenas da fabricação de sabão). Para manter essa estrutura funcionando, é necessário o apoio dos clientes que separam o óleo para a coleta.

Locução off: Agora o destino é a distribuidora de combustível que vai destinar 3% de biodiesel ao óleo diesel comum, e deixar o mundo um pouco menos poluído.

Sonora com Ricardo Magalhães, diretor da Biocapital: É mais uma fonte de matéria-prima, é uma matéria-prima que a gente sabe que tira aí dos rios e lagos, que a gente sabe que é um grande problema para o meio ambiente o óleo de fritura, e comercialmente se tiver um preço que compense essas dificuldades dá pra produzir biodiesel.

Passagem apresentador: No programa de hoje você viu que o descarte inadequado de óleo de fritura é um grande problema. E que a reciclagem do óleo de cozinha já é uma solução ao alcance de muitos brasileiros. Você já faz isso? (VIDE APÊNDICE XIX).

Em todos os trechos acima apresentados, os princípios de tecnologias limpas e regulação do uso de recursos naturais, colocados como solução descontextualizada das situações ou relações humanas em que serão aplicados ou que foram construídos, são a tônica principal do conteúdo difundido, tanto que no caso do *Cidades e Soluções* consistiu no único tema de uma das edições analisadas. A restrição ao transporte veicular individual, defendida pela matéria do Repórter Eco do dia 12/04/09, também trouxe como argumento a diminuição de poluentes e do tráfego de automóveis para o aumento da qualidade de vida nas cidades.

Por fim, a terceira ideia observada nas entrevistas em relação a C&T remete à necessidade de uma mudança parcial da lógica econômica do sistema de produção, reavaliando o uso de investimentos em áreas desnecessárias e transferindo-os para setores importantes para a qualidade de vida, como no trecho: “em vez de ficar investindo em coisas que são desnecessárias, você poderia fazer esse investimento em educação, saúde, Ciência e Tecnologia e outras áreas”. (NOVAES, 01/04/2009, apêndice I). No mesmo sentido, a edição de 05/04/09 do Repórter Eco (apêndice XII) traz o uso da Ciência para a construção de um novo modelo de desenvolvimento.

Sonora com Bustamante (close no rosto dela, passando uma idéia de alerta): Eu acho que hoje a gente não pode continuar adotando um modelo de desenvolvimento que foi bom no século XIX, nós estamos no século 21, né? Nós temos aí 200 anos de ciência e tecnologia a nosso favor pra mostrar que nós podemos atuar de uma forma diferente. (VIDE APÊNDICE XII).

De acordo com o quadro teórico construído, visões utilitaristas de Ciência e Tecnologia que defendem que suas produções podem resolver a problemática ambiental sem a necessidade de mudar os padrões de consumo e as relações entre sociedade e natureza compartilham com a dimensão pragmática de Educação Ambiental.

Tal vertente foi observada como predominante tanto nas três entrevistas quanto nas 15 edições analisadas, segundo a qual a relação entre ciência e sociedade se dá de uma forma utilitária, com ênfase nos resultados e na resolução dos problemas ambientais por meio do conhecimento científico e tecnológico, desprovido de seu contexto sócio-histórico. É interessante ressaltar que, segundo Loureiro,

A ciência e tecnologia não oferecem benefícios de forma abstrata ou indistinta, mas seus conhecimentos e instrumentos são apropriados desigualmente na sociedade contemporânea; portanto, aí o problema não é de acúmulo e quantidade de saber científico disponível, mas de qualidade e de distribuição de seus efeitos. No caso de uma sociedade desigual como a nossa, ciência e tecnologia acabam gerando bens e processos que reproduzem a situação de exclusão social e a lógica de exploração do patrimônio natural, em vez de serem socialmente apropriadas em bases igualitárias. (LOUREIRO, 2009, p. 50).

Assim, a concepção do papel da Ciência e da Tecnologia na interação do ser humano com o ambiente remete não só aos resultados técnicos de seus trabalhos, mas representa a visão dos entrevistados quanto à relação entre natureza e sociedade, mostrando suas formas de intervenção e exploração com o meio ambiente natural e construído.

4.2.1.2 Conceito de natureza, economia e Desenvolvimento Sustentável

Quanto à relação entre o ambiente natural e as questões econômicas, verificou-se em alguns trechos uma concepção de ambiente com natureza intocada na relação cidade/ambiente; visão corroborada pela ideia de conservacionismo neoliberal – religação humano/natureza sem discutir a lógica do capital, demonstrada pelo entrevistado no seguinte trecho:

A gente tem um sentimento de que a natureza não é simplesmente um espaço assim: “Ah, parem as máquinas! Vamos parar toda e qualquer atividade humana para o meio ambiente se recuperar”... a gente entende que o ser humano, pela própria inteligência e tecnologia dele, a tendência é a gente ter uma visão otimista... a cidade do Rio de Janeiro está no meio ambiente, no ecossistema da Mata Atlântica, com seu impacto sobre esse ecossistema, mas a gente está convivendo com ele: a gente olha pela janela e está vendo a mata ali, está ali a Mata Atlântica presente. E junto com ela os prédios, os carros, os meios de produção e tudo isso. (MENEZES, 08/04/2009, apêndice III).

Nas edições avaliadas, prevalecem no *Repórter Eco* os argumentos a favor da preservação de ambientes isolados da presença ou convivência humana (vide apêndice XX). Na edição do Globo Ecologia *Rio São Francisco: um rio de lembranças*, a criação de uma unidade de conservação integral de parte do rio apresenta um contraponto a essa defesa de natureza intocada da presença humana: A possibilidade de que essa parte do rio

se torne uma unidade de conservação integral, que limita e proíbe a atividade humana na área, representaria o fim dos pescadores artesanais. Aqui, o manejo sustentável da região e de seus recursos naturais é colocado como a melhor alternativa para a vida das comunidades pesqueiras locais. No entanto, não se perguntou em entrevistas a tais comunidades, nem foi dito na locução dos repórteres, se o uso tradicional dos recursos da região era sustentável.

A conservação ambiental ou religação homem/natureza atendendo à lógica do capital é ideia frequente em inúmeros trechos analisados, com destaque seja para a sensibilização para a problemática ambiental por compensação financeira ou pela defesa da sustentabilidade a serviço dos interesses do mercado (apêndice XX).

Em tal vertente da sustentabilidade atendendo aos interesses do desenvolvimento econômico, é pertinente citar dois trechos do *Cidades e Soluções*, na edição Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável (apêndice VIII):

Sonora de John Elkington, consultor ambiental: [...] Estes são tempos em que os negócios estão começando a abraçar a agenda da sustentabilidade, mas de uma forma bem mais limitada. Por exemplo, eles falam sobre ecoeficiência, e querem dizer que, se você economizar dinheiro, vai ter lucro. Então, que tal fazer isso de maneira mais verde, energeticamente eficiente?

Sonora com Daniel Wajnberg, analista de mercado: [...] Você poderia ter um incentivo dizendo: você tem esse, esse e esse risco socioambiental, eu posso emprestar dinheiro para você, mas você vai ter que me apresentar um plano pra mitigar esses riscos socioambientais, sabe? Financiamentos socialmente responsáveis: isso aí seriam financiamentos com propósitos específicos ambientais ou sociais – um reflorestamento, um deficiente adquirir um veículo, esse tipo de coisa. Você tem além disso atividades relacionadas a mercado de carbono, né, a comercialização de títulos, e acho que por último seria o próprio impacto das instituições financeiras que seriam as atividades relacionadas à ecoeficiência, ou seja, o consumo responsável de papel, né – as instituições financeiras usam muito papel – o consumo de água, o consumo de energia mais eficiente.

Aqui verificamos um exemplo do conservacionismo dinâmico, que prega ações paliativas sem questionar profundamente o sistema de produção econômica. Seguindo tal visão é que este trecho defende que apenas reduzir o consumo de papel ou comercializar títulos de carbono são suficientes para uma atuação sustentável. Observe também a entrevista do Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, ao *Cidades e Soluções* sobre Gestão Sustentável (apêndice V), em que ele fala sobre o ICMS Ecológico:

Sonora com Carlos Minc, Ministro do Meio Ambiente: O município que cria e implanta mais unidades de conservação vai receber um pouco mais. Isso faz com que o prefeito se interesse por isso, veja vantagem nisso; ele vira um sócio da conservação. Assim, acaba havendo uma gincana entre os prefeitos pra ver quem avança mais na ecologia, porque isso significa uma linguagem universal – dindim, dinheiro entrando nos caixas dos municípios. Ou seja, os prefeitos, ou por convicção ou por conveniência se convertem em ecologistas desde a mais tenra idade.

Nos dois últimos exemplos citados, a priorização do aspecto econômico é corroborada pelo estímulo a ações sustentáveis a partir (ou em busca) de financiamentos governamentais ou por parte de bancos e outras entidades, sem promover uma articulação com mobilização política efetiva, constituindo um efeito passageiro.

Em outros momentos, porém, o que se constatam são críticas à lógica econômico-societária colocada acima das questões ambientais (apêndice XX). Nos trechos abaixo da edição do Repórter Eco de 12/04/09 (apêndice XVI), fica evidente a crítica ao sistema societário que privilegia a posse e uso de automóveis:

Locução off: O semáforo também comprova o prestígio dado ao cidadão motorizado. O tempo para o pedestre é bem mais curto.

Locução off: [...] Mas quem planeja a cidade, precisa pensar como pedestre. Ela alfineta: "Tem que descer do carro".

Sonora com Maria Ermelina Malatesta, arquiteta e especialista em trânsito:

Eu acho que quem desenha a cidade, quem planeja a cidade, tem que andar mais a pé, porque qualquer intervenção urbana feita por transporte a pé, ela melhora a qualidade de vida da cidade. Você investe em áreas de circulação mais saudáveis, você reduz a emissão de poluentes que o transporte motorizado causa. Então tudo isso torna a cidade mais bonita.

Contemplando o conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS), duas linhas foram observadas nas entrevistas: a elaborada no Relatório de Brundtland e a noção de sociedades sustentáveis em detrimento à expressão DS. A primeira prega como sustentável o desenvolvimento capaz de atender às necessidades das atuais gerações sem comprometer os direitos e as possibilidades das futuras gerações. Segundo Novaes, "é um bom conceito mas que é muito difícil você encontrar na prática. Quer dizer, a situação do mundo está muito complicada, né" (APÊNDICE I), demonstrando uma visão fatalista identificada na linha pragmática.

Já o conceito de sociedades sustentáveis foi colocado como baseado no *triple bottom line*, que não seja ecologicamente predatório, socialmente perverso, politicamente injusto. Assim, mesmo preconizando o lucro como princípio, está atento aos aspectos

sociais e ambientais inerentes ao modelo. Nesse sentido, quanto à relação entre sustentabilidade e economia difundida pelo *Cidades e Soluções*,

a mensagem subliminar do programa é a seguinte: tem um jeito melhor de fazer isso, tem um jeito mais inteligente. E esse jeito melhor e mais inteligente, invariavelmente, não significa prejuízo no bolso, pelo contrário, e significa mais qualidade de vida com menos demanda de matéria-prima e energia. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, apêndice II).

O trecho da entrevista acima citado remete à concepção pragmática de ambientalismo apresentada por Crespo (1998) como preocupada em reduzir a depleção dos recursos naturais criando dentro dos sistemas socioeconômicos vigentes mecanismos que compatibilizem desenvolvimento econômico e manejo sustentável de tais recursos, como o trecho da edição sobre *Gestão Sustentável do Cidades e Soluções*, abordando a transformação do município de São Jorge do Patrocínio: “E a transformação começou com uma idéia simples: aliar preservação ambiental com desenvolvimento econômico”. (APÊNDICE V).

Eis aqui uma contradição relevante: o conceito de sociedades sustentáveis, segundo a autora, não acredita que a saída para o limite colocado pelo esgotamento dos recursos está na inovação tecnológica aliada a mudanças no padrão de consumo, elementos típicos da linha desenvolvimentista presentes na fala do editor e nos episódios analisados de *Cidades e Soluções*.

A relação entre aspectos ambientais, econômicos e sociais, priorizados pelo teórico John Elkington, entrevistado pelo *Cidades e Soluções* como autor da expressão Triple Botton Line, foi destacada em algumas edições, conforme pode-se observar no apêndice XX.

É importante ressaltar a edição do *Cidades e Soluções Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, especialmente dedicada ao conceito, na abordagem de John Elkington. Em parte de seu depoimento, ele explica sua concepção entre os valores societários, o desenvolvimento econômico e a sustentabilidade:

Sonora de John Elkington, consultor ambiental: Eu não quero que as pessoas parem de perseguir o lucro. Eu quero que elas façam isso de maneira a respeitar as formas de valores sociais e ambientais amplamente éticas. (APÊNDICE VIII).

No trecho, é possível observar que o consultor não questiona, em seu conceito de sustentabilidade, o sistema societário, mas adapta o discurso ambiental ao crescimento econômico. Além disso, não se avalia se tal ética é compatível com a lógica individual do lucro.

Por fim, foram constatadas nas edições uma perspectiva fatalista de questões ambientais e a necessidade de atuação humana para a amenização dos riscos ou para a garantia da sobrevivência (apêndice XX).

A edição de 01/04/09 do Repórter Eco é encerrada com uma expressão que se contrapõe à visão antropocêntrica da atuação humana como a maior detentora da capacidade de resolver os problemas ambientais: “Meu único desejo é um pouco mais de respeito com o mundo, que começou sem o ser humano e vai terminar sem ele. Isso é algo que sempre deveríamos ter presente”. (apêndice VII). Tal contraponto também pode ser percebido na matéria sobre o Parque Marítimo Fernando de Noronha, da edição 10/05/09 do Repórter Eco (apêndice XI), cuja tônica mostrou que a lógica econômica do turismo ameaça o equilíbrio natural e, portanto, a presença humana é vista como ameaça ao equilíbrio natural.

À luz de Silva (2007), pode-se depreender que as ideias aqui apontadas, que melhor refletem a linha seguida pelos entrevistados quanto ao item 4.2.1.2, demonstram uma concepção pragmática pela noção de ser humano como capaz de usar sem destruir a natureza, e a necessidade de que esta seja preservada para garantir a sobrevivência humana, numa perspectiva fatalista, ou seja, que defende que o homem só sobreviverá à crise caso atue rapidamente na preservação ambiental – eis o momento crítico mencionado por Novaes – da relação entre a ação humana e qualidade de vida do meio natural e social. Vale lembrar que a ideia antropocêntrica de que o fim dos problemas ambientais depende da intervenção do homem com seu conhecimento técnico está estreitamente ligada ao que já foi discutido no item de C&T.

4.2.1.3 Cultura e natureza

Destacaram-se nas entrevistas as seguintes vertentes, corroboradas nas edições analisadas: uma relacionada à separação do homem e o meio natural – sendo defendida a necessidade de uma religação com o ambiente em alguns trechos – e outra acerca da cultura vista como manifestação artística, além da ideia que contempla a relação entre

conhecimento popular e o científico. No apêndice XX encontram-se alguns trechos referentes à ideia da volta à harmonia com a natureza e crítica à separação do homem e o meio natural.

No Globo Ecologia sobre Agricultura Familiar (apêndice XV), um trecho demonstra a defesa do equilíbrio orgânico da natureza, a religação homem-natureza pela agroecologia e sua ajuda à preservação dos recursos naturais e tradições da cultura local:

Sonora com Argileu Martins da Silva, Secretário Adjunto da Agricultura Familiar: A agroecologia ela estabelece esse princípio da relação homem-ecossistema, homem-ambiente, homem-natureza.

Sonora com Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: A agricultura familiar preserva o raizado, preserva as festas do Menino Jesus, preserva um conjunto de manifestações culturais próprias desse ambiente. Nós poderíamos dizer que sem a agricultura familiar, o Brasil seria menos rico culturalmente, naturalmente, economicamente e socialmente.

Acerca da separação com o meio natural, foi apresentada a noção de populações naturais como as não-humanas, com as quais estabelecemos ligação pela domesticação, seja por questão de saúde, afeição humana, ou para comida:

O entendimento desse novo mundo, um mundo mais urbano, passando pelo **conceito das populações naturais – que são aquelas que não somos nós, temos os animais, as plantas e tal**, como é que elas evoluíram no mundo, as próprias migrações que elas fizeram, muitas espécies por conta de ajuda humana ou não migraram para outros continentes, né; entender como isso foi impactando o próprio ecossistema. (MENEZES, 08/04/2009, apêndice III, **grifo nosso**).

Percebe-se aqui uma tendência pragmática, também observada no trecho em que, por outro entrevistado, foi ressaltada como errônea a noção de que as pessoas se sentem apartadas da natureza, e por isso é necessária uma religação com o ambiente:

Dois terços das pessoas se consideram fora do meio ambiente, elas se consideram como cultura, não como parte da natureza, né. E quem tem essa postura não percebe ou vai demorar muito a perceber que o que acontecer no meio físico vai acontecer no corpo dela pra começar, né? (NOVAES, 01/04/2009, apêndice I).

No entanto, vale ressaltar que embora afirmando que a cultura faz parte da relação humana com o ambiente seja como consumo, como produção da vida ou visão de mundo, o supervisor do *Repórter Eco* colocou a cultura como manifestações artísticas e outras típicas de comunidades tradicionais, por exemplo. Isso porque ele afirmou que a produção cultural “ainda não é muito forte e vive no gueto”, reiterando não ser possível dizer que toda produção de comunidade tradicional é boa ou correta. Eis aqui, a nosso ver, um conceito de cultura popular baseado numa visão elitista, que coloca esse tipo de construção cultural como exótica.

Algumas partes das edições analisadas refletem a concepção de tradições culturais e conhecimento popular vistos como manifestações artísticas (apêndice XX). Foi possível ainda observar no material analisado uma defesa à volta à relação de harmonia homem/natureza por meio da idéia de arcaísmo - que, segundo Grun (1996), prega o passado como momento suposto de tal harmonia - além da noção de que o homem faz parte da natureza em sua dimensão biológica (reducionismo biológico), traços característicos da concepção conservadora de Educação Ambiental, inclusive pela dicotomia homem/ambiente.

Alguns trechos do *Cidades e Soluções sobre Slow Food* (apêndice IX) são bastante representativos da apologia à volta ao passado, e harmonia anterior com a Terra e a natureza (como se o *Slow Food* não dependesse também do mercado):

Sobe som da cena da declaração de Sam Levin, estudante: [...] Nós somos a geração que vai reconciliar o homem com a Terra.

Sonora de Helmut Querhammer, pecuarista: [...] Com o *Slow Food*, eles têm a chance de produzir em harmonia com a natureza e respeitando os animais.

Locução off: Autor de dois *best sellers* sobre o assunto (cenas dos livros), Pollan diz que é importante saber diferenciar entre comida de verdade e as modernas criações da ciência alimentar. Uma dica é verificar a composição da comida.

Sonora com Pollan: [...] O movimento faz uma volta no tempo e caminha na contramão da crise econômica mundial. [...] Sempre que as pessoas abandonam suas dietas tradicionais e adotam a dieta ocidental, altamente processada, muita carne, muito carboidrato, açúcar, muito provavelmente elas vão engordar. Mas nós tendemos a gostar de açúcar, de gordura e de sal. Na natureza, antigamente, eram coisas difíceis de encontrar. Eram caros, era raro encontrar boa carne, encontrar doces. Mas agora, com a comida industrializada, ficaram muito comuns.

As relações ecológicas e equilíbrio natural também são temas recorrentes nos programas, sobretudo na edição sobre Fogo no Cerrado do Globo Ecologia (apêndice XVIII), que destaca a interrelação dos elementos naturais ao abordar as interações entre a atmosfera e os sistemas naturais – determinantes do clima da região – e a interdependência ecológica entre os biomas.

É interessante reforçar que a noção de harmonia no ambiente acaba incorrendo no reducionismo da não-dialetização da natureza, que não é um equilíbrio linear de cooperação intra e entre as espécies, mas o resultado de relações de ordem e desordem, estabilidade e conflito, antagonismos e complementaridades no movimento organizativo da vida (MORIN, 1999).

A par de defender uma ou outra linha de EA, vale colocar que a dicotomia homem/ambiente e equilíbrio/desequilíbrio assume uma visão reducionista não só pela separação do homem (em toda a multidimensionalidade de sua formação: biológica, psicológica, cultural, social, política etc) do meio natural, mas por não contemplar a ideia de que é essencialmente histórico e cultural o processo pelo qual nos definimos como natureza e a entendemos a partir das relações sociais e do modo de produção e organização em um determinado contexto individual e coletivo.

Verificou-se ainda a ideia da ligação da cultura local com a universidade (que portanto não foi apresentada como parte da construção histórico-cultural de uma sociedade), que remete ao diálogo de saberes abordado na transdisciplinaridade tratada por Leff: “Tenho uma certa dificuldade de estratificar e dizer isso é da universidade, isso é da cultura local. A universidade aprende com o saber local e vice-versa, tem uma interação que precisa ser considerada. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, apêndice II)”.

Vale ressaltar, no entanto, a supervalorização do conhecimento científico sobre a sabedoria popular, mesmo que em alguns trechos se perceba um discurso de diálogo ou relação entre os dois. Isso é notório quando, no programa *Globo Ecologia São Francisco: um Rio de Lembranças* (apêndice X), as falas do biólogo e a do pesquisador responsável pela cartografia dos povos tradicionais são enfatizadas como detentoras da verdade e credibilidade em relação aos depoimentos dos pescadores e moradores das comunidades apresentadas.

Ou ainda, na edição Fogo no Cerrado do Globo Ecologia (apêndice XVIII), quando a bióloga sugere que se converse com os pioneiros que se mudaram para Brasília na época da transferência da capital, pois eles, diretamente atingidos pelas consequências do desmatamento, poderiam comentar essa mudança local do clima, que está associada à conversão do uso da terra e ao processo de urbanização. No entanto, somente a pesquisadora foi entrevistada sobre o assunto.

A mesma ideia pode ser observada no Cidades e Soluções sobre Slow Food (apêndice IX), ao destacar a aproximação de uma chefe de cozinha e o produtor de pamonhas:

Locução off: O movimento de regionalização uniu essa chef de cozinha ao produtor de pamonhas de Piracicaba. Numa das discussões do *convivium*, Sany teve a sugestão de valorizar um dos doces mais populares da cidade. A pamonha ganhou um formato em miniatura, e a chef deu um toque gastronômico (cenas da elaboração e do prato final decorado pela chef).

Sonora de Sany, chef de cozinha: Então nós temos a pamonha com mel silvestre e raspinhas de laranja. A outra pamonha que a gente faz com melaço; tem uma outra pamonha que a gente monta com farofa de canela que eu faço e o sorvete de coco – fica muito bom também.

Locução off: Direto da roça o produtor veio provar a pamonha que faz há mais de uma década.

Zoom in (avanço da câmera) focalizando no produtor provando o prato

Sonora produtor: Hum, mas essa aqui ficou boa demais...

Como se vê, embora ao longo de todo o programa – e da entrevista de Trigueiro (Apêndice II) - tenha sido enfatizada a importância dos produtores de alimentos e sua relação mais próxima aos centros consumidores, a fala do produtor de pamonhas não foi valorizada com o mesmo destaque da *chef* que incrementou o produto produzido por ele.

Nesse aspecto da entrevista, o editor parece se aproximar da concepção crítica de EA ao contemplar a interdisciplinaridade na produção do conhecimento, que abarca tanto a ciência quanto a cultura local como formas de conhecer e interpretar o mundo. No entanto, a relação hierárquica dos saberes desfaz essa aparência.

Por fim, uma ligação entre a trajetória histórico-cultural e a opção pela sustentabilidade foi apresentada em um dos trechos, quando se referindo à precisão germânica em investir na valorização e economia dos recursos naturais.

Quando a gente mostra, por exemplo, o protagonismo de países como a Alemanha, que já foi apontado como o país que a gente mais mostrou dentre os que a gente visitou, existe uma questão cultural da Alemanha, da precisão germânica de um país que causou e foi devastado em duas grandes guerras mundiais e aprendeu a valorizar os recursos. Em cenário de terra arrasada você não ter água, não ter alimento, não ter infra-estrutura. [...] Eles viveram dramaticamente escassez, então tem que saber cuidar para não faltar. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, apêndice II).

Aqui verifica-se uma aparente proximidade com a vertente crítica de EA, ao tentar historicizar a relação social com o ambiente natural e valorizar a construção cultural do modo de existir no meio pela própria dinâmica societária. Porém, mais a fundo se percebe que o entrevistado isola a cultura da dimensão política, e a relação histórica de exploração colonial de extração de capital e outros recursos do terceiro mundo, imprescindível de ser considerada ao se propor a apropriação ou comparação da forma como os países europeus e o Brasil lidam com o meio natural – traços característicos da visão pragmática.

Tal linha de historicização pragmática foi observada especialmente em duas das edições analisadas do Globo Ecologia. Em *Rio São Francisco: um rio de lembranças* (apêndice X), vários trechos apresentam a valorização da história e cultura locais e sua relação de interdependência com o ambiente natural ribeirinho (esta, vale ressaltar, é colocada como a tônica principal do programa). Já na edição sobre *Fogo no Cerrado* (apêndice XVIII), um trecho é representativo da mesma vertente:

Passagem da repórter: A região sofreu uma transformação intensa a partir da construção de Brasília e da transferência da capital do país para a região Centro-Oeste na década de 1960. Em menos de 50 anos a cidade virou uma metrópole.

Locução off: Brasília é hoje o quarto município brasileiro mais populoso, com 2 milhões e meio de habitantes, e continua crescendo. A previsão é de que em até 15 anos a cidade se torne a terceira maior do país. A construção de Brasília impulsionou a ocupação das áreas ao redor. Além da urbanização, as terras do Cerrado, quase inexploradas, atraíram o agronegócio. A agricultura e a pecuária se transformaram na mola propulsora da economia da região. Em menos de 50 anos quase metade da vegetação do Cerrado foi substituída por plantações e pastagens.

Aqui pode ser visto um encadeamento histórico das causas do problema da destruição do Cerrado, mas a transformação mencionada na reportagem é colocada como algo positivo para o progresso do interior do Brasil. Ou seja, a crítica permanece no âmbito

superficial da historicidade, sem questionar o paradigma da produção que guiou o crescimento econômico e da devastação ambiental da região.

Diante das ideias expostas nas entrevistas e nos programas, depreende-se que a relação entre cultura e natureza não difere totalmente do que foi observado nos itens 4.2.1.1 e 4.2.1.2, no que tange à noção antropocêntrica do domínio do homem sobre o meio natural, seja por meio da técnica (no caso de C&T), do uso dos recursos para a continuidade do desenvolvimento econômico ou pela separação do homem de sua dimensão natural. Mesmo sendo esta a tônica predominante nas falas, os entrevistados destacam a vivência histórico-cultural das sociedades como parte de sua interação com o meio em que vivem, mas ainda de forma isolada do contexto político.

Pode-se destacar que, mesmo que em alguns trechos haja a defesa discursiva de que os problemas ambientais da atualidade sejam resultantes de uma crise civilizacional, em boa parte das falas predomina a corrente pragmática (LOUREIRO, 2009), na qual as dimensões morais, comportamentais e tecnológicas, contempladas de forma instrumental, tornam-se determinantes para se alcançar a sustentabilidade, ainda que alicerçadas pelo capitalismo globalizado e suas leis de mercado.

4.2.2 Relação Rural-Urbano

Em todas as entrevistas, prevaleceu a abordagem das questões urbanas. Ressalta-se o escopo do *Cidades e Soluções*, que se propõe a tal enfoque urbano, mas há que se colocar que *Repórter Eco* e *Globo Ecologia* seguem a mesma linha, e os entrevistados por eles responsáveis não trataram de problemas ambientais num contexto rural nem da relação campo-cidade.

Tal predominância pode ser constatada pelo recorte dado à temporada do *Globo Ecologia* em 2008, que abordou *O Mundo em Movimento* para tratar da efeméride de, pela primeira vez na história, mais pessoas viverem em cidades no mundo.

Também nessa mesma vertente de priorizar o urbano, vale destacar o seguinte trecho de uma das entrevistas:

a chamada questão ambiental hoje está muito mais perto da vivência e do interesse direto do telespectador, principalmente o telespectador urbano, do que estava há quinze anos – os problemas foram se agravando, principalmente os problemas urbanos relacionados ao meio ambiente. (NOVAES, 01/04/2009, apêndice I).

A afirmação é exemplar de como nos três programas e nas três entrevistas se nota o contexto urbano sendo trabalhado de forma isolada do rural, ignorando a intrínseca relação entre os dois ambientes.

Dentre as edições analisadas, também foi grande o destaque dado a temáticas urbanas, mas vale destacar que no Globo Ecologia dois programas abordaram especificamente a atividade rural: *Agricultura Familiar* e *Agricultura Orgânica* (respectivamente apêndices XV e VI).

No primeiro caso, é enfatizada a importância de se manterem pessoas no campo, e da produção agrícola familiar para o contexto socioeconômico, cultural e socioambiental brasileiro. Para isso, foram apresentados exemplos de famílias de agricultores e os alimentos que produzem em suas propriedades (que no Brasil somam mais de 4 milhões, de acordo com dados apresentados pelo repórter), atendendo geralmente ao mercado regional. Valores globais da contribuição da agricultura familiar para a economia do país também foram colocados:

Sonora com Argileu Martins da Silva, Secretário Adjunto da Agricultura Familiar: São aproximadamente 20 milhões de pessoas ocupadas no campo com a agricultura familiar. Ela produz aproximadamente 70%, 67% daquilo que nós consumimos dos produtos da cesta básica, dos produtos alimentares da cesta básica.

Passagem apresentador: [...] a agricultura familiar é responsável por 10% de toda a riqueza gerada no Brasil. Uma parte importante e estratégica do agronegócio. (APÊNDICE XV).

Como se vê, no trecho acima é contemplada de forma clara a relação campo-cidade, pois trata-se da produção alimentar para o mercado rural e o mercado urbano.

Outro trecho da mesma edição que chama a atenção – como contraponto à prevalência das questões urbanas nas edições analisadas - é a opção de um entrevistado de origens rurais que experimentou a vida urbana e preferiu a qualidade de vida e a atividade no campo:

Sonora com Divino Alves, agricultor familiar: Olha, essa volta pra mim pro campo foi muito gratificante, porque eu vivi em São Paulo 17 anos e convivi com um ambiente que não era muito bom: poluição, violência, meus filhos crescendo. Então resolvi voltar às origens, né, sou de origem rural (sempre fui, desde criança).

O retorno ao campo remete à ideia de retorno a uma natureza idílica, numa visão romântica do rural que não enxerga nem questiona a violência e a poluição que o modo de produção capitalista produz no campo. Eis aqui traços da EA conservadora.

O papel essencial das famílias no campo para a diversificação dos alimentos e manutenção da biodiversidade local, e de uma cultura rural alternativa à aglomeração das grandes cidades e seus megaproblemas ambientais também foi uma das temáticas abordadas nessa edição. A partir do quadro de indicadores, pode-se depreender que os trechos acima comentados (e a edição de um modo geral) traz consigo a vertente pragmática de EA ao contemplar a relação entre o homem e o campo buscando mecanismos que compatibilizem desenvolvimento econômico com a produção agrícola dos produtores orgânicos e a agricultura familiar, e o manejo sustentável de recursos naturais que tais formas de produção permitem com maior facilidade.

Já na edição sobre *Agricultura Orgânica* (apêndice VI), o Globo Ecologia assume uma vertente que mostra como realidade incontestável a dissociação entre a produção rural e o consumo urbano, colocando a atividade-tema do programa como uma alternativa para estabelecer essa relação:

Locução off: Mais de 80% dos brasileiros vivem em cidades, o que torna complicado o acesso à produção...

Locução in: Os primeiros produtos orgânicos foram vendidos assim, direto do campo para o cliente. Essa ainda é uma opção para o consumidor. Nas principais cidades do país é possível encontrar feiras como esta no Vale da Glória, no Rio de Janeiro.

Locução off: [...] A ideia é: quanto menor o caminho entre a produção e o consumo, maior é a qualidade nutricional do alimento, e menor é o custo com transporte e armazenamento. Isso reduz o gasto com energia e também a poluição gerada nesse processo.

É possível observar que o crescimento da produção orgânica, a partir da ótica do programa, embora valorize a qualidade da produção rural não questiona a relação campo-

cidade ou mesmo a relação com a terra na própria cidade, apenas consumindo produtos mais saudáveis no conforto dos supermercados ou feiras.

Na edição do Cidades e Soluções sobre *Gestão Sustentável* (apêndice V), a valorização do trabalho no campo é abordada como um dos fatores importantes para que os municípios mostrados como exemplo pudessem alcançar a classificação de “verdes”, ou sustentáveis em sua administração pública:

Locução in: O trabalho no campo é uma prioridade de investimentos da cidade. Os trabalhadores rurais, organizados em associações, fizeram uma parceria com a prefeitura. Eles recebem o subsídio de 50% para compra de equipamentos.

Sonora com Gisele Petinelli, Secretária do Meio Ambiente: [...] Então os produtores a gente procura sempre estar ajudando e atendendo, porque a gente precisa realmente que esse homem permaneça no campo. Então o nosso foco é dar toda a condição pra que ele consiga permanecer lá na sua propriedade.

Locução off: [...] No viveiro municipal centenas de mudas de espécies nativas e exóticas são distribuídas de graça para os produtores rurais constituírem a reserva legal nas propriedades.

A relação campo-cidade aqui é reforçada pela parceria entre a Prefeitura e os trabalhadores rurais, por meio do subsídio governamental para sustentabilidade das atividades rurais. Contudo, no trecho em que é colocada a distribuição de mudas para proteger a biodiversidade local com a reserva legal e, dentre outras espécies nativas, foram destacadas as de eucaliptos para garantir uma renda extra aos produtores, novamente sobressai a lógica do agronegócio em detrimento da manutenção da cultura rural e sua ligação com os ecossistemas e espécies naturais da região.

4.2.3 Relação Produção-Consumo

A separação entre o meio urbano e o rural reflete um dualismo que tende à disjunção do ambiente natural (à qual se costumam remeter o campo, as atividades rurais de produção e seus impactos ambientais, econômicos e sociais no meio e na vida das comunidades que delas dependem) da ideia de ambiente construído (a cidade e todo o aparato tecnológico construído em seus limites) – como se o meio rural também não fosse resultado da intervenção humana. Trata-se, portanto, de uma visão romântica e conservadora do rural como natureza intocada. Da mesma forma, tal linha de pensamento

acaba por separar a reflexão sobre os sistemas de consumo daquela em relação aos sistemas produtivos, enfatizando soluções aos problemas ligados ao consumo e seus resíduos, em detrimento do questionamento e reformulação do sistema produtivo predominante.

Observe dois trechos de *Cidades e Soluções*, o primeiro da edição sobre Gestão Sustentável (apêndice V) e o segundo sobre Ecogerma (apêndice XIII):

Sonora com Ubirajara Guimarães, gerente do Projeto Município Verde:
Então nós priorizamos a questão do lixo. Desde o lançamento do projeto até hoje houve uma redução de 70% dos lixões no Estado de São Paulo. Hoje são 42.

Aqui há a priorização da questão do lixo: ênfase nos resultados ou nas consequências da lógica consumista sem questionar o sistema – mesma linha mostrada no trecho abaixo, abordando as vantagens de um saco plástico feito de ecobrás, um polímero totalmente biodegradável e compostável (apêndice XIII):

Sonora de Eliandro Barbosa Felipe, coordenador de negócios BASF:
primeiro redução do ciclo relacionado ao crescimento da muda, porque o saco precisa estar lá como invólucro pra protegê-la, e adicionalmente não necessidade de retirada e descarte do plástico, porque ele vai ser naturalmente biodegradado sob essas condições. Qual o grande foco? Atingir mercado de eucalipto, ou seja, indústrias de papel. Esse é o principal foco. Em paralelo, cultura de café, seringueiras e outras culturas relacionadas com esse objetivo de manter biodegradação e compostagem.

Mais uma vez, apenas a questão do descarte ou destino dos resíduos do consumo é considerada, não se questionando o uso de sacolas plásticas, mas trazendo soluções que atendam às demandas pontuais dos problemas ambientais que atingem determinados nichos de mercado.

É relevante, contudo, destacar também outra edição do *Cidades e Soluções*, *Slow Food* (apêndice IX), em que a defesa da nova relação com o alimento e qualidade de vida passa pela religação do consumo ao processo produtivo. É como o apresentador encerra o programa, afirmando que “um pouco mais de atenção em relação à origem e à qualidade dos alimentos. Tudo isso significa maior apreço pela vida e pela saúde”. Outros trechos

também são representativos da valorização do sistema produtivo e sua relação com o consumidor:

Sonora com Roberta Sá, Coordenadora do Slow Food no Brasil: Comer é saber de onde veio esse alimento, como esse alimento foi produzido. Ter curiosidade, querer conhecer quem produz; experimentar sabores novos e prazeres novos à mesa.

Sonora do Lars Jager – do Conselho Internacional Slow Food: [...] Para o *Slow Food*, o mais importante é ser um movimento de pequenos produtores, e não de alimentos industrializados. Isso é muito importante para nós.

Sonora de Helmut Querhammer, pecuarista: [...] Através do Slow Food, vender a carne, os legumes e as verduras diretamente para o consumidor final.

Sonora de Mariana Marona, professora de Gastronomia: [...] Em cada reunião a gente tem várias pautas, né, mas as pautas giram em torno de trazer o produtor para próximo de quem elabora a comida.

Dessa forma, percebeu-se a preocupação em valorizar a produção local, e aliar a produção ao consumidor, não dicotomizando tais etapas do processo produtivo. Mas importa ter em vista que até mesmo nas fontes de informação ouvidas, é dado maior destaque às profissões urbanas, estando o produtor como um personagem importante mas raro aos integrantes do movimento (basta lembrar, no item 4.2.1.3, que o produtor de pamonhas só apareceu saboreando o trabalho da *chef* de cozinha sobre o alimento que ele produz há anos).

Além da prevalência das questões urbanas, é consideravelmente forte a preocupação em atingir um público-alvo de consumidores, o que reflete maior enfoque às consequências do consumo em detrimento às causas e questões estruturais do sistema de produção capitalista, elementos próprios da EA pragmática – que coloca o cidadão no patamar de consumidor e tenta adequar o manejo dos recursos naturais consumidos à continuidade do desenvolvimento econômico.

É o que se pode observar no trecho de Cidades e Soluções sobre Ecogerma (apêndice XIII), em que é defendida a necessidade de um processo de embasamento envolvendo várias instâncias sociais para que a mudança da atual situação de crise econômica ocorra: “há um papel muito importante para políticos, líderes empresariais, investidores, e cidadãos desempenharem, criando as condições que possibilitem que a

mudança aconteça”. Como se vê, primeiramente é considerado o lado empresarial e depois os cidadãos (no patamar de consumidores).

4.2.4 Conflitos e soluções

Quanto a questões relacionadas aos conflitos inerentes a projetos distintos de sociedade e das formas de apropriação material e simbólica da natureza, é interessante a definição de Little acerca dos conflitos socioambientais. Para ele, os conflitos socioambientais são “disputas entre grupos sociais derivadas dos distintos tipos de relação que eles mantêm com seu meio natural”. (LITTLE, 2001, p.107).

As entrevistas mostram não se tratarem de conflitos e contradições de interesses e valores nas questões ambientais trabalhadas nos programas. Isso pode ser explicado (conforme as entrevistas), pela natureza do veículo televisivo, em que se tem poucos minutos para tratar de determinado tema, não dispondo de muito tempo para tratar de conflitos e de suas causas, que podem ser percebidos superficialmente nas matérias.

A gente não tem tempo para buscar arbitragem de conflito. A linha editorial da gente é buscar soluções. Eu vejo o nosso programa como vitrine de soluções. Eu não tenho tempo para ficar mostrando conflito. O conflito, ele pode ser entendido de passagem. Você pode mostrar que existe um problema. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, apêndice II).

Os conflitos, quando tratados nas edições analisadas, aparecem de forma unilateral, na denúncia de um problema vivido por determinado grupo, mas sem ouvir os apontados como responsáveis com a mesma ênfase, nem apontar meios para que os segmentos conflitantes cheguem a um consenso. Além disso, os problemas não são tratados de forma contextualizada em suas contradições e conflitos sociais. Estes são geralmente apontados de forma rápida e superficial, o que não permite que se aprofunde na avaliação de suas causas e possíveis desfechos – conforme afirma Trigueiro em sua entrevista.

Na mesma linha, a denominação de problemas e soluções é trabalhada ao longo de todas as falas. Veja uma explicação emblemática dada pelo entrevistado responsável pelo *Globo Ecologia*: “(o programa) começava apresentando um problema – que é o que a gente chama de bloco problemático, onde se apresentava uma questão que normalmente tinha um

problema [...]. E o segundo bloco é o bloco da solução”. (MENEZES, apêndice III). Tal dicotomia pode ser constatada em trechos mostrados no apêndice XX.

O maniqueísmo de problema x solução e a não contemplação dos conflitos pode refletir uma concepção de EA conservadora, conforme Silva (quadro teórico).

4.2.5 Ética (do jornalismo e dos telespectadores)

Dois linhas de análise foram observadas nas entrevistas: uma referente à relação patrocinador-emissora-profissional da comunicação e o público, e outra acerca dos valores difundidos e construídos junto aos telespectadores – como enfatiza Novaes no trecho “Mudança de prática de vida. Tem que mudar de vida, tem que mudar não é só a questão de como enxergar o mundo e o que propor, mas também mudar a sua própria vida. (NOVAES, apêndice I)”.

A primeira aparece no produto do trabalho do jornalista, que pressupõe uma relação de confiança que vai além do contrato explicitado com a emissora – o que justifica, segundo os três entrevistados, a liberdade editorial baseada na confiança. A ética na relação entre profissional e público surge na mencionada liberdade editorial alicerçada no mito da imparcialidade jornalística – base da ética da profissão.

Já a segunda linha mencionada acima remete à responsabilidade de apontar soluções e na questão das escolhas que podem ser feitas a partir das informações veiculadas no *Cidades e Soluções*. A ética, então, pode ser considerada como uma mercadoria que o telespectador pode consumir ao conhecer as soluções apontadas pelo programa, na medida em que as informações divulgadas servem para subsidiar suas escolhas pessoais – idéia comum aos três entrevistados. Daí a responsabilidade de divulgar soluções, informações científicas e outros dados que possam servir de exemplo ou parâmetro para a formação de opinião e ação do público (mais uma vez a noção de público aparece de forma indistinta e homogeneizadora das diferenças e contradições inerentes aos grupos sociais, generalizando todas as identidades numa massa uniforme de público):

É muita responsabilidade você chamar um projeto de um projeto que possa ser entendido como solução, e nosso programa traz no nome a palavra *solução*. O que a gente tá mostrando tem esse prestígio. Então um cuidado que a gente precisa ter sempre é de não servir de veículo ou de vitrine pra quem não mereça esse rótulo. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, apêndice II).

Tal concepção de relação direta entre informação e mudança de comportamento, comum nas três falas, é típica da EA pragmática, conforme Loureiro (2006). Nesse sentido de defesa de ações e mudança de comportamento individuais, duas edições são exemplares:

Repórter Eco de 17/05 (apêndice XVII).

Locução off: Ana descobriu a morada da Floresta por meio de uma amiga, e se identificou com a proposta de criar um mundo melhor.

Sonora com Ana Ramos: O que a gente não quer é impor nada pra ninguém. A gente vive assim. As pessoas vêm e se inspiram.

E Cidades e Soluções sobre *Reciclagem do Óleo de Cozinha* (apêndice XIX).

Sonora com Reinaldo Bertagnon: Olha, aí eu acho que é uma questão de conceito. Você precisa ter o conceito de prestar atenção naquilo que você pode melhorar e reverter em benefício da sociedade

Encerramento do programa: a reciclagem do óleo de cozinha já é uma solução ao alcance de muitos brasileiros. Você já faz isso?

Ressaltamos que a postura unidimensional de transmitir informações para que o telespectador, por adesão a elas, tome a decisão correta acaba incorrendo num erro quanto à questão ética, se esta for entendida como um compromisso com o outro e sua singularidade – tanto de interesses como de formas de conceber a realidade. Nesses casos o que se observa é a contemplação de apenas um interesse, o difundido pela emissora, não abrindo espaço para o questionamento mais crítico que embase a tomada efetiva de decisões por parte do sujeito.

Por último, a vertente da ética ambiental que considera os valores afetivos pode ser observada com destaque na matéria exibida sobre a Morada da Floresta, na edição do Repórter Eco de 17/05 (apêndice XVII), em que se percebe o estímulo à convivência, parceria e valorização do aspecto emocional como essenciais à relação com a natureza e à qualidade de vida. Além disso, vale citar na íntegra dois trechos do *Cidades e Soluções* sobre *Slow Food* (apêndice IX):

Abertura de programa: Você já reparou o quanto a vida moderna é corrida, especialmente nas cidades? No meio dessa correria toda muitas vezes nos damos conta do quanto essa pressa impacta negativamente a nossa qualidade de vida. No programa de hoje você vai conhecer um movimento que segue na contramão dessa pressa toda, especialmente na hora de comer, na hora de se alimentar, uma hora tão importante na nossa existência.

Sonora com Roberta de Sá: Significa prazer, muito prazer na alimentação. Comer não é simplesmente matar a fome. Comer é algo mais; comer é conviver.

Com a valorização da qualidade de vida, e crítica à dinâmica social da atualidade, a tônica das falas de tal edição buscam difundir o destaque ao aspecto emotivo da convivência e do prazer.

Há ainda o uso das imagens e depoimentos carregados de dramaticidade (segundo Menezes em entrevista), com destaque para os casos de vítimas de impactos ambientais (natureza selvagem e vingativa ou vítimas de ações antrópicas, como os atingidos por barragens, bem a exemplo das comunidades apresentadas no Globo Ecologia sobre *Rio São Francisco: um rio de lembranças*). A sensibilização, nesses casos, acaba recaindo na espetacularização do ambiente – prática recorrente nos meios de comunicação, mas sobretudo na televisão devido à natureza do veículo (aspecto mais detalhadamente trabalhado na categoria 7, sobre a dimensão jornalística).

4.2.6 Educação e Educação Ambiental

O primeiro aspecto destacado pelos três entrevistados foi a separação da educação formal da não-formal, colocando a informação e a Comunicação como instrumentos educativos não-formais, ou seja, não restritos ao processo escolar. Assim, feita tal diferenciação, os responsáveis afirmaram que seus programas podem ser considerados instrumentos pedagógicos voltados à Educação Ambiental.

Quanto à noção de EA como disciplina curricular, pode-se citar um trecho do Cidades e Soluções sobre Gestão Sustentável (apêndice V), ao destacar as características que fizeram do município paranaense de São José do Patrocínio a cidade campeã no repasse de recursos do ICMS Ecológico: “Educação ambiental também está entre as disciplinas ensinadas nas escolas do município”.

A EA foi relacionada nas três entrevistas à mudança de valores e de hábitos nos vários setores da vida – mostrando uma das características da dimensão pragmática. Mudança construída a partir da informação divulgada e sua capacidade de subsidiar as escolhas do público, incorrendo no conceito freireano de educação bancária (LOUREIRO, 2009) da relação direta entre transmissão de informação e mudança de comportamento individual, sem questionar de forma coletiva e crítica o sistema societário e suas formas de vivência e atuação no meio ambiente, mas apenas reproduzindo a sociedade capitalista e incentivando de forma paliativa atitudes pontuais de indivíduos.

Isso porque, conforme Crespo (1998, p. 216), tal Educação Ambiental orientada para a mudança de comportamento prega que indivíduos corretamente informados sobre as consequências danosas de seus atos, e dotados dos conceitos necessários (a partir de uma fundamentação técnico-científica) para compreender as relações entre o processo ideal e o natural, estão aptos a transformar hábitos.

Veja duas sonoras de Cidades e Soluções sobre *Reciclagem do Óleo de Cozinha* (apêndice XIX):

Sonora com Ismael Lopes Moreno, técnico em Informática: [...] estou salvando o mundo, né, fazendo esse trabalho, evitando a poluição. É uma forma de você aos poucos ir fazendo essa conscientização e conseguindo a adesão dos moradores.

Sonora com Roberto Costacoi, presidente da ONG Trevo: [...] Mas alguém tem que fazer alguma coisa. Eu to fazendo a minha parte; você faça a sua; ele faça a dele; a dona de casa faça a dela. O mundo vai ser bem melhor.

Embora autores como Silva (2007, p. 116) defendam que não existe uma relação direta entre quantidade de informação e a sensibilização para a formação de uma atitude ecológica, nos trechos citados a mudança de comportamento individual é vista como suficiente para a solução da problemática ambiental tratada, conforme os elementos difundidos por uma concepção pragmática de Educação Ambiental.

Num trecho do Cidades e Soluções sobre Gestão Sustentável (apêndice V), a mudança de comportamento é colocada como fruto de mobilização coletiva a partir de informação e orientação:

A coleta seletiva eu sempre digo que ele é munido de educação. E não só na implantação; ele é diário, ele é constante – tem que estar sempre orientando, sempre informando. E isso não se faz sozinho, então a gente tem muito apoio da educação, da Secretaria de Educação, através dos alunos, dos professores que ajudam a gente a desenvolver esse projeto.

É interessante ainda destacar, numa das entrevistas, a EA como um pacote temático a ser consumido pelos telespectadores. É o caso ressaltado do *Globo Ecologia*, que faz parte de um pacote de programas de educação ambiental da Fundação Roberto Marinho e, mais amplamente, da linha de programas educativos da empresa.

na própria grade do canal (mostrando o anuário de programas), a gente tem aqui não só os programas divididos pelo mês em que eles estrearam, mas também o índice temático deles. A gente tem aqui olha (apontando pro anuário) em *Ecologia e Ecossistemas* a quantidade de diferentes títulos que a gente teve, todos eles tratando, em maior ou menor grau, sobre a temática ecológica. A gente acredita que é na verdade esse conjunto de diversos pontos de vista e abordagens diferentes sobre o tema ecologia, vai fazer com que o público tenha mais informação e mais capacidade de ter uma atitude mais ativa e atuante na sociedade. [...] Então a gente entende que todo esse conjunto de programas é que em si balizam a Educação Ambiental em que o Futura quer atuar. (MENEZES, 08/04/2009, apêndice III).

Em tal trecho, pode-se verificar uma visão de Educação Ambiental como peça integrante de um kit pedagógico construído sobretudo numa visão empresarial – eis aqui exemplo irrefutável da educação bancária brevemente definida acima.

No caso dos três programas, o que se observa é um esforço para a sensibilização e formação de opinião de um público indiferenciado (embora na fala dos entrevistados há um grupo específico de público, como no caso dos jovens como público-alvo do *Globo Ecologia*). A educação trabalhada, assim, acaba sendo uma educação de massa, que atomiza e forma uma identidade genérica de público consumidor, sem considerar os vínculos comunitários, as diferenças territoriais, as culturas locais e a diversidade de sujeitos coletivos constituídos a partir de posições de classe distintas.

Trata-se de uma educação voltada para a sujeição, reforçando o papel exercido pelas emissoras de televisão de aparelhos ideológicos do Capital: o sujeito é interpelado inserido constantemente como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito absoluto existente na ideologia da sociedade capitalista; portanto, para que aceite sua sujeição e cumpra por si mesmo os gestos e atos de sua sujeição – ou seja, o papel de

consumidor. Dessa forma, fica consolidado um bloco histórico que mantém unidas ou apagadas as contradições de classe.

4.2.7 Política

A dimensão política é por vezes tratada como atuação no campo da elaboração de políticas públicas. É possível também identificar que a cidadania é contemplada a partir da mobilização popular na busca por soluções para algumas questões políticas, mas não articulada em mobilizações que considerem o benefício a vários setores sociais (associações coletivas), tendo em vista que geralmente as soluções mostradas no programa atendem a grupos sociais específicos.

A ideia de mobilização e/ou estímulo à atuação de políticas públicas é difundida em trechos apresentados no apêndice XX. Nesta categoria, no que tange à mobilização de grupos sociais e governamentais quanto a determinada questão política, sem contudo abrir espaço à participação popular na tomada de decisões, pode-se afirmar que os trechos listados conferem uma aproximação de suas edições com a vertente pragmática de EA. A edição sobre Gestão Sustentável do Cidades e Soluções (apêndice V) é o melhor exemplo a ser citado, sobretudo em quatro momentos:

Sonora com José Figueiredo, Coordenador do Projeto Município Verde: uma agenda comum entre todos os municípios paulistas; todos fazendo a mesma coisa, esse é o grande objetivo do projeto. O segundo é a descentralização, o Estado abrir pro município e que o município abra dentro dele uma discussão com a sociedade local: Câmara de Vereadores, ONG's, enfim, pra fazer com que o meio ambiente reaja rapidamente.

Locução off: Um projeto que serve de exemplo: Santa Fé do Sul foi o primeiro município do Estado de São Paulo a elaborar um Plano Diretor ambiental. Com ele o território é todo mapeado e as principais necessidades ambientais do município são identificadas.

Locução off: [...] A iniciativa assegura todo o apoio técnico aos prefeitos que se comprometerem a resolver seus problemas ambientais.

Sonora com José Figueiredo: uma agenda compartilhada entre Estado e município, onde o município adere a um protocolo de ação ambiental baseado em 10 diretivas e a Secretaria entra com apoio técnico dando cursos, seminários, e liberando eventualmente recursos para que os municípios resolvam seus problemas ambientais.

Como se vê, é enfatizada a gestão compartilhada entre as várias instâncias governamentais, mas não a participação da sociedade civil organizada nas decisões a serem tomadas nesse processo nem como executora, tendo apenas que aderir às propostas

intragovernamentais. Já no Repórter Eco de 05/04/09 (anexo XII), a participação individual (e não da sociedade civil organizada) também é defendida, mas apenas em caráter denunciante, sem participação nas decisões políticas.

Sonora de Márcia Hirota: Precisa ter um trabalho eficiente do poder público. O poder público precisa estar atento no controle, na fiscalização e no monitoramento. E o cidadão também pode participar, quando ele denuncia, quando ele presencia o desmatamento, um incêndio ou uma queimada, ele pode exercer a cidadania alertando o poder público, encaminhando essas denúncias para os órgãos fiscalizadores.

No trecho acima, a proposta de atuação individual, acompanhada da adesão a projetos e normas apresentadas pelo Estado, sem participação dos grupos sociais na tomada de decisão, é elemento próprio de uma concepção pragmática.

Em outra linha observada numa das entrevistas, é enfatizada a necessidade (pregada em seus comentários no programa) de que a sociedade se organize e aprenda a utilizar as informações divulgadas no Repórter Eco numa mobilização coletiva e participativa no sentido de formular propostas de políticas (um dos raros momentos em que se vê uma proximidade com a vertente crítica):

também acho que é preciso que a sociedade aprenda a se organizar e discutir essas informações e formular projetos políticos de políticas em relação a isso para ser levados para candidatos a postos eletivos aí, né, e cobrar deles. Porque hoje o que que a sociedade faz em relação a essas coisas? (NOVAES, 01/04/2009)

A dimensão política a partir da mobilização coletiva é abordada em algumas edições, como demonstrado no anexo XX.

Menezes aborda a articulação dos grupos sociais como parte da estratégia do setor de mobilização da emissora que, em contato direto com ONGs e outros setores da sociedade civil organizada, atua na utilização dos programas como instrumentos pedagógicos, por exemplo. Assim, pode-se depreender que tal mobilização da emissora junto aos grupos acaba atendendo aos interesses publicitários de divulgação dos programas e outros produtos do Canal Futura, além da possibilidade de gerar novos programas a partir de demandas geradas junto à sociedade.

Então o papel do programa está muito mais nessa conscientização desse papel político que não só os governantes têm que ter mas também indústrias, empresas, e a sociedade civil, que tem que se organizar também para isso. Então a própria atuação do Futura junto, através da área de mobilização, a movimentos, a entidades organizadas da sociedade civil completam esse ciclo. (MENEZES, 08/04/2009).

Mesmo que em alguns poucos trechos (no caso da entrevista de Novaes e dos trechos que estimulam a mobilização coletiva) haja certa proximidade com a vertente crítica, o que predomina ao longo das edições e das entrevistas é o fomento das atuações individuais, tendo o cidadão como consumidor das políticas públicas e das propostas apresentadas pelas edições dos programas, sem participar ativamente das decisões no âmbito político. Dessa forma, há o predomínio da corrente pragmática de EA, apresentada por Silva.

Vale ressaltar ainda que praticamente não se percebe a concepção do campo da política como um espaço em que emergem as contradições de classe, as diferenças de interesse e as potencialidades inerentes a cada grupo social inserido numa coletividade mais ampla. A cidadania enquanto adesão uniforme a projetos políticos apresentados sem a participação efetiva dos diversos grupos sociais na tomada de decisões é a tônica principal, impedindo a formação para a emancipação segundo o pensamento de Santos (2000), em que os direitos e deveres gerais da cidadania são contempladas em conjunto com as particularidades das várias subjetividades, alicerçadas nos princípios de autorreflexividade e de autorresponsabilidade.

4.2.8 Dimensão jornalística e lógica empresarial

A última categoria de análise buscou abordar elementos próprios à construção jornalística dos programas, seja a partir do caráter do financiamento das emissoras – e a influência nos conteúdos veiculados – ou quanto às fontes de informação e assuntos selecionados.

Em relação à lógica empresarial das emissoras em questão, elemento importante a ser analisado a fim de verificar sua influência no produto final veiculado nos programas, vale ressaltar a diferença entre a Fundação Roberto Marinho (que mantém o Canal Futura e Globo), empresa particular, e Fundação Anchieta, mantenedora da TV Cultura, uma empresa pública.

Ao serem questionados acerca da influência dos patrocinadores no produto jornalístico, os três entrevistados não admitem relação entre interesse comercial e conteúdos dos programas, enfatizando a liberdade editorial que possuem junto à emissora. Contudo, admitem que problemas de financiamento influenciam na dimensão dos programas, como no número de viagens realizadas para as gravações.

Ultimamente ele tem tido algumas dificuldades, porque a TV Cultura está numa fase de adaptações financeiras, então algumas pessoas saíram do Repórter Eco e não foram substituídas ainda, diminuíram o quadro, e também terminou o acordo com a Natura, que patrocinava o quadro da Biodiversidade que permitia, com o pagamento das despesas, que se fizessem matérias em muitos lugares do país. Hoje está um pouco mais restrito isso por causa dos custos de viagem (NOVAES, 01/04/2009).
[...] um objetivo que nós temos lá que é de ter programas temáticos mas com uma dificuldade muito grande de realização por causa disso, de insuficiência de pessoas e de recursos financeiros (NOVAES, 01/04/2009, apêndice I).

No mesmo sentido, declara Menezes que a “questão de orçamento influencia muito: a gente tem um orçamento no programa pra uma viagem especificamente, você pode viajar para um lugar do país por episódio, mas às vezes a gente consegue aproveitar e faz uma mesma gravação pra dois ou três episódios (APÊNDICE III)”.

Como se vê, o conteúdo e a forma de construção das matérias veiculadas estão irremediavelmente vinculados à questão econômica das respectivas empresas emissoras, fato comum à natureza empresarial dos veículos jornalísticos.

No caráter técnico de construção das matérias, foram abordadas nas entrevistas a seleção dos assuntos e temáticas tratadas, e as fontes de informação selecionadas. Quanto aos temas abordados, a linha editorial do *Cidades e Soluções* foi colocada como “soluções urbanas, sustentáveis, de preferência de baixo custo, replicáveis, e que a gente pudesse apresentar como exemplares, modelares assim, uma nova concepção de projetos com essas características”. (TRIGUEIRO, 07/04/2009, apêndice II).

No caso do *Repórter Eco*, seu editor explica que, tendo em vista o limite de tempo para tratar as três matérias, seu comentário e uma súmula de notícias importantes da semana, “você precisa tratar especificamente a partir de um fato concreto, alguém que fez alguma coisa, uma pesquisa que foi desenvolvida ou um problema que esteja acontecendo em uma determinada área e tratar mais restritamente isso”. (NOVAES, apêndice I).

Já o *Globo Ecologia* trabalha com temporadas anuais, mas ao final abre espaço para temas factuais, em três ou quatro episódios no final, não vinculados necessariamente à temática, mas a fatos ocorridos no ano em questão. É interessante destacar que, na entrevista, Menezes expôs longamente sobre as etapas técnicas de construção dos programas, reforçando seu discurso empresarial.

Quanto às edições analisadas, é importante ressaltar o marcante uso da espetacularização na construção das imagens (recurso já explicado amplamente no segundo capítulo). Dois trechos exibidos em edições do Repórter Eco valem ser citadas pelo trabalho feito com textos, imagens e sons a fim de construir cenas com ar de poesia:

(BG de música clássica, remetendo à idéia de arte e beleza) **Locução off:** Um mundo submarino de formas curiosas e intenso colorido. Céu de fim de tarde com jeito de pintura. Em Fernando de Noronha, beleza e diversidade de vida se encontram. (Repórter Eco 10/05/09, apêndice XI).

A Lua se despede e anuncia a chegada de um novo dia no arquipélago de Fernando de Noronha, uma das paisagens mais bonitas do Nordeste do Brasil. Turistas de várias regiões do país e do exterior já estão à espera do animal símbolo do arquipélago, o golfinho rotador. (Repórter Eco 17/05/09, apêndice XVII).

Outras edições, listadas no apêndice XX, são modelares quanto à dramaticidade e outras formas de espetacularização.

Um aspecto bastante valorizado pelos autores do Jornalismo Ambiental é a necessidade de uma abordagem que valorize a proximidade das questões ambientais com a vida cotidiana do público (leitor ou telespectador). Tal princípio pode ser especialmente observado nas edições do Cidades e Soluções sobre Gestão Sustentável e Reciclagem do óleo de cozinha (apêndice XIX). No primeiro caso, é dado o exemplo de como uma dona de casa criou um sistema caseiro simples de reaproveitamento da água da chuva, que lhe permitiu reduzir o consumo de água de 20 para 4 mil litros mensais. No segundo, o apresentador mostra a rotina de uma professora que destina o óleo usado na fritura para a reciclagem.

Já em relação às fontes de informação das matérias divulgadas, foi construído um gráfico para cada um dos programas, com as respectivas porcentagens da frequência com que aparecem nas edições, em relação ao número total de entrevistas:

Gráfico1 – Frequência das fontes entrevistadas no Cidades e Soluções

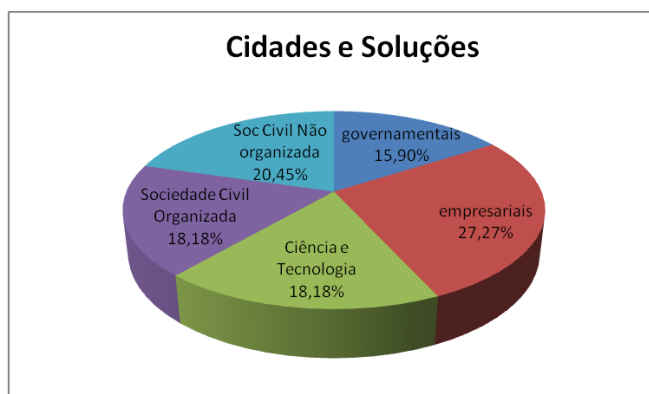


Gráfico 2 – Frequência das fontes entrevistadas no Globo Ecologia

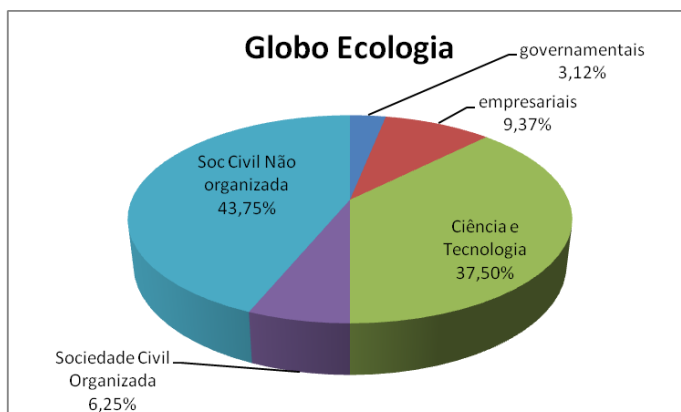
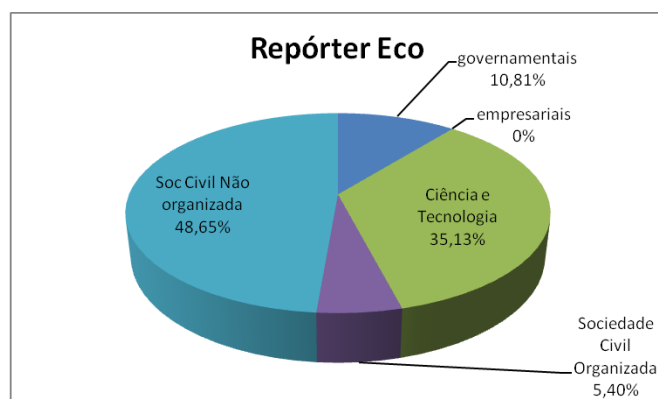


Gráfico 3 – Frequência das fontes entrevistadas no Repórter Eco



Como demonstrado acima, as fontes que representam o setor empresarial são preponderantes no Cidades e Soluções: 12 num total de 44 entrevistados. Em segundo lugar estão as fontes da sociedade civil não-organizada (categoria na qual se colocaram os profissionais liberais e civis não ligados a movimentos sociais), com nove entrevistas (20,45%), seguidas dos entrevistados representantes da sociedade civil organizada (ONG's, associações e outros movimentos sociais) e de setores da Ciência e Tecnologia (pesquisadores, professores, consultores), ambos com 18,18% (cada um com oito entrevistas das 44 totais). Por último, as sete fontes governamentais ouvidas somam 15,9%.

No caso do Globo Ecologia, a diferença de porcentagem é bem maior: com 32 entrevistas ouvidas ao longo das 5 edições analisadas, 14 representam a sociedade civil não-organizada; 12 pertencem ao grupo da Ciência e Tecnologia; 3 do setor empresarial; 2 são da sociedade civil organizada e apenas uma fonte governamental.

O Repórter Eco, por sua vez, de 37 entrevistados, contou com 18 da sociedade civil não-organizada; 13 representantes da C&T; 4 governamentais e duas da sociedade civil organizada. Vale ressaltar que, nas cinco edições analisadas, nenhuma fonte empresarial foi ouvida.

Tais números corroboram o predomínio do fomento a ações individuais (pelo maior número de entrevistados representantes da sociedade civil não-organizada) e da exaltação do conhecimento científico e tecnológico. A maior representatividade do setor empresarial no Cidades e Soluções e a ausência de tais fontes no Repórter Eco se devem pela natureza de suas emissoras, sendo a Globo News um canal pago e o Repórter Eco um programa veiculado num canal público de televisão.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve o objetivo geral de compreender as intencionalidades formativas dos meios de comunicação social, com foco na relação entre Telejornalismo e Educação Ambiental (EA), e como objetivos específicos identificar e classificar os elementos que norteiam a linguagem e a abordagem dos programas de telejornalismo, além de interpretar as concepções presentes nos programas selecionados e no discurso de seus editores, do ponto de vista das tendências de Educação Ambiental metodologicamente formuladas para essa análise.

Como questões norteadoras do trabalho, buscamos verificar que concepções de EA estão presentes nos modos pelos quais os telejornais especializados na cobertura ambiental elaboram sua abordagem; que ideias e concepções de mundo estão presentes em sua linguagem; e que projeto formativo é dominante no Jornalismo Ambiental no Brasil.

Para isso, foram analisadas as edições dos programas Cidades e Soluções, Repórter Eco e Globo Ecologia, transmitidas nos meses de abril e maio de 2009, totalizando 229 minutos de transcrição das 15 edições, e 223 minutos de entrevistas transcritas.

Diante dos resultados apresentados no quarto capítulo, depreende-se que os telejornais ambientais analisados pautam suas edições predominantemente segundo a vertente pragmática de Educação Ambiental, cujos elementos balizadores de visão de mundo e concepção da relação entre os grupos sociais e deles com o ambiente natural estão detalhados no quadro de indicadores ao final do primeiro capítulo. É preciso frisar, porém, a frequente coexistência da vertente conservadora (sobretudo na visão romântica de volta ao passado de natureza harmoniosa ou de natureza intocada e apartada da interrelação com o homem) e a pragmática. Raros foram os momentos em que se notaram traços da EA crítica.

Nesse sentido, faz-se necessário explicar as semelhanças que possibilitaram tão frequente coexistência entre as concepções conservadora e pragmática. Acreditamos que a concepção de Educação que está por trás de ambas é aquela que historicamente se tornou inerente à “missão” da mídia: formar consumidores a partir de uma educação voltada para a sujeição, uma educação mercadológica alicerçada num conceito de público como massa indistinta e deslocada de seus vínculos comunitários, suas diferenças culturais e suas contradições de classe.

É interessante retomarmos as principais constatações referentes às sete categorias de análise utilizadas, no intuito de responder a todas as questões levantadas ao longo da discussão teórica e da interpretação dos dados.

Quanto à relação natureza-sociedade, a primeira perspectiva, acerca da Ciência e Tecnologia, traz duas ideias a serem destacadas como prioritárias e representativas da vertente seguida pelos programas: uma que coloca C & T como subordinadas à produção e ao consumo, tendo seu uso voltado para a necessidade de crescimento econômico, e a segunda que as apresenta como detentoras de soluções técnicas para problemas ambientais, de forma descontextualizada das relações societárias vividas pelos sujeitos e grupos sociais, considerando apenas a eficácia técnica dos conhecimentos científicos e tecnológicos aplicados, com destaque para os princípios de tecnologias limpas e regulação do uso de recursos naturais. Tais visões utilitaristas de Ciência e Tecnologia, com ênfase nos resultados e na resolução dos problemas ambientais por meio do conhecimento científico e tecnológico, desprovido de seu contexto sócio-histórico, sem o questionamento acerca dos padrões de produção e consumo e as relações entre sociedade e natureza, são fortes elementos da dimensão pragmática de Educação Ambiental.

A relação entre o ambiente natural e as questões econômicas é trabalhada numa concepção romântica de ambiente como natureza intocada, a partir de argumentos a favor da conservação de ambientes isolados da presença ou convivência humana. Nesse sentido, a religação humano/natureza a um passado harmônico é defendida sem discutir a lógica do capital: eis aqui uma ideia alicerçada sobre a concepção conservadora de EA. Na mesma linha, a conservação ambiental atendendo à lógica do capital é ideia frequente nas edições e nas entrevistas, seja para a sensibilização para a problemática ambiental por compensação financeira ou pela defesa da sustentabilidade a serviço dos interesses do mercado. Tal exemplo é significativo para a noção de conservacionismo dinâmico abordado no primeiro capítulo, pregando ações paliativas sem questionar profundamente o sistema de produção econômica. Aqui mais uma vez se nota a mistura da concepção conservadora e pragmática, graças à mesma base no que concerne ao projeto educativo de formação do sujeito pela sujeição aos interesses mercadológicos.

A priorização do aspecto econômico é corroborada pelo estímulo a ações sustentáveis a partir (ou em busca) de financiamentos governamentais ou por parte de bancos e outras entidades, sem promover uma articulação com mobilização política efetiva, constituindo um efeito passageiro. O mercado e sua incessante busca prioritária pelo lucro

também aparecem no conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS) ou mesmo no de sociedades sustentáveis: ainda que considerando os aspectos sociais e ambientais (buscando um crescimento que não seja ecologicamente predatório, socialmente perverso, politicamente injusto), os entrevistados e sobretudo as edições analisadas não abandonam a defesa da compatibilização do desenvolvimento econômico e manejo sustentável dos recursos naturais. Compatibilização típica da vertente pragmática, preocupada em reduzir a depleção dos recursos naturais criando dentro dos sistemas socioeconômicos vigentes mecanismos que possibilitem avançar no crescimento econômico sem destruir o meio ambiente como fonte natural de recursos para suas atividades. Assim, o conceito de sustentabilidade predominante no material analisado não questiona o sistema societário, mas adapta o discurso ambiental ao crescimento econômico.

Separação do homem e o meio natural também marca a abordagem do material acerca da relação entre cultura e natureza. Aqui verificamos uma marcante dicotomia, que permeia tanto a cultura popular vista como exótica ou manifestação artística, em contraponto ao conhecimento elitizado e científico, quanto a hierarquização que sobrepõe o conhecimento científico sobre o popular (incorrendo na lattelização ou doutorização das fontes de informação, trabalhadas no terceiro capítulo). Tal dicotomia homem/ambiente e equilíbrio/desequilíbrio, traços da vertente conservadora, assume uma visão reducionista não só pela separação do homem (em toda a multidimensionalidade de sua formação: biológica, psicológica, cultural, social, política etc) do meio natural, mas por não contemplar a ideia de que é essencialmente histórico e cultural o processo pelo qual nos definimos como natureza e a entendemos a partir das relações sociais e do modo de produção e organização em um determinado contexto individual e coletivo.

Como se vê, a noção antropocêntrica do domínio do homem sobre o meio natural é preponderante na primeira categoria de análise, seja por meio da técnica (no caso de C&T), do uso dos recursos para a continuidade do desenvolvimento econômico ou pela separação do homem de sua dimensão natural. Pode-se destacar que, mesmo que em alguns trechos haja a defesa discursiva de que os problemas ambientais da atualidade sejam resultantes de uma crise civilizacional, em boa parte das falas predomina a corrente pragmática (LOUREIRO, 2009), na qual as dimensões morais, comportamentais e tecnológicas, contempladas de forma instrumental, tornam-se determinantes para se alcançar a sustentabilidade, ainda que alicerçadas pelo capitalismo globalizado e suas leis de mercado.

Outro ponto em que prevalece a dicotomização da abordagem é o predomínio das questões urbanas e de consumo sobre as rurais e relativas à produção. Não se percebeu nas entrevistas e na quase totalidade das edições um enfoque de problemas ambientais num contexto rural nem da relação campo-cidade. Pelo contrário: o retorno ao campo remete à ideia de retorno a uma natureza idílica, numa visão romântica do rural que não enxerga nem questiona a violência e a poluição que o modo de produção capitalista produz no campo. Eis aqui traços da EA conservadora.

Além disso, vale destacar que é notória a mesclagem da vertente conservadora com a pragmática quando se contempla a relação entre o homem e o campo buscando mecanismos que compatibilizem desenvolvimento econômico com a produção agrícola dos produtores orgânicos e a agricultura familiar, e o manejo sustentável de recursos naturais que tais formas de produção permitem com maior facilidade. A separação entre o meio urbano e o rural reflete um dualismo que tende à disjunção do ambiente natural (à qual se costumam remeter o campo, as atividades rurais de produção e seus impactos ambientais, econômicos e sociais no meio e na vida das comunidades que delas dependem) da ideia de ambiente construído (a cidade e todo o aparato tecnológico construído em seus limites) – como se o meio rural também não fosse resultado da intervenção humana. Trata-se, portanto, de uma visão romântica e conservadora do rural como natureza intocada. Da mesma forma, tal linha de pensamento acaba por separar a reflexão sobre os sistemas de consumo daquela em relação aos sistemas produtivos, enfatizando soluções aos problemas ligados ao consumo e seus resíduos, em detrimento ao modo hegemônico de produção.

Além da prevalência das questões urbanas, é consideravelmente forte a preocupação em atingir um público-alvo de consumidores, o que reflete maior enfoque às consequências do consumo em detrimento às causas e questões estruturais do sistema de produção capitalista, elementos próprios da EA pragmática – que coloca o cidadão no patamar de consumidor e tenta adequar o manejo dos recursos naturais consumidos à continuidade do desenvolvimento econômico.

É interessante ressaltar mais um dualismo: problema x solução é a tônica principal quando se trata de conflitos e contradições de interesses e valores nas questões ambientais trabalhadas nos programas. Os conflitos, quando tratados nas edições analisadas, geralmente aparecem de forma unilateral, na denúncia de um problema vivido por determinado grupo, mas sem ouvir os apontados como responsáveis com a mesma ênfase,

nem apontar meios para que os segmentos conflitantes cheguem a um consenso. Além disso, os problemas não são tratados de forma contextualizada em suas contradições e conflitos sociais. Estes são geralmente apontados de forma rápida e superficial, o que não permite que se aprofunde na avaliação de suas causas e possíveis desfechos. Constatamos nesse ponto uma concepção de EA conservadora.

Outra questão bastante ressaltada nas entrevistas e nos programas trabalha a ética, considerada como uma mercadoria que o telespectador pode consumir ao conhecer as soluções apontadas pelo programa, na medida em que as informações divulgadas servem para subsidiar suas escolhas pessoais – ideia comum aos três entrevistados e seus programas. Daí a responsabilidade de divulgar soluções, informações científicas e outros dados que possam servir de exemplo ou parâmetro para a formação de opinião e ação do público (visto como um público indiferenciado em suas contradições e diferenças de realidade e formas de enxergar o mundo). Tal concepção de relação direta entre informação e mudança de comportamento, com a defesa de ações e mudança de comportamento individuais, é típica da EA pragmática.

A dimensão ética é, portanto, trabalhada apenas no âmbito de escolhas pessoais, não aprofundando no compromisso e responsabilidade com o outro, com o respeito às divergências de interesses, de compreensão do “certo” e “errado” na relação com o meio natural (que depende intrinsecamente de uma construção histórico-cultural de convivência com o território e seus recursos naturais).

A mesma linha de raciocínio pautou as entrevistas e as edições dos programas quanto a seu entendimento de Educação Ambiental, vista como relacionada à mudança de valores e de hábitos nos vários setores da vida – mostrando uma das características da dimensão pragmática. Mudança construída a partir da informação divulgada e sua capacidade de subsidiar as escolhas do público, incorrendo no conceito freireano de educação bancária (LOUREIRO, 2009) da relação direta entre transmissão de informação e mudança de comportamento individual, sem questionar de forma coletiva e crítica o sistema societário e suas formas de vivência e atuação no meio ambiente, mas apenas reproduzindo a sociedade capitalista e incentivando de forma paliativa atitudes pontuais de indivíduos.

No caso dos três programas, o que se observa é um esforço para a sensibilização e formação de opinião de um público indiferenciado (embora na fala dos entrevistados há um grupo específico de público, como no caso dos jovens como público-alvo do Globo

Ecologia). A educação trabalhada, assim, acaba sendo uma educação de massa, que atomiza e forma uma identidade genérica de público consumidor, sem considerar os vínculos comunitários, as diferenças territoriais, as culturas locais e a diversidade de sujeitos coletivos constituídos a partir de posições de classe distintas.

Trata-se de uma educação voltada para a sujeição, reforçando o papel exercido pelas emissoras de televisão de aparelhos ideológicos do Capital: o sujeito é interpelado inserido constantemente como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito absoluto existente na ideologia da sociedade capitalista; portanto, para que aceite sua sujeição e cumpra por si mesmo os gestos e atos de sua sujeição – ou seja, o papel de consumidor. Dessa forma, fica consolidado um bloco histórico que mantém unidas ou apagadas as contradições de classe.

Na dimensão política, uma das mais destacadas pelos autores que defendem a EA Crítica, e colocadas pelos entrevistados como fundamentais no conteúdo que veiculam nos programas, foi possível observar certa mobilização de grupos sociais e governamentais quanto a determinada questão política, sem contudo abrir espaço à participação popular na tomada de decisões, pode-se afirmar que os trechos listados conferem uma aproximação de suas edições com a vertente pragmática de EA. Foi enfatizada a gestão compartilhada entre as várias instâncias governamentais, mas não a participação da sociedade civil organizada nas decisões a serem tomadas nesse processo nem como executora, tendo apenas que aderir às propostas intragovernamentais. A participação individual (e não da sociedade civil organizada) também é defendida com veemência, mas apenas em caráter denunciante, sem participação nas decisões políticas.

Verificamos o predomínio da corrente pragmática de EA, a partir do fomento das atuações individuais, tendo o cidadão como consumidor das políticas públicas e das propostas apresentadas pelas edições dos programas, apenas aderindo a projetos e normas apresentadas pelo Estado, sem participar ativamente das decisões no âmbito político.

Com isso, praticamente não se percebe a concepção do campo da política como um espaço em que emergem as contradições de classe, as diferenças de interesse e as potencialidades inerentes a cada grupo social inserido numa coletividade mais ampla. A cidadania enquanto adesão uniforme a projetos políticos apresentados sem a participação efetiva dos diversos grupos sociais na tomada de decisões é a tônica principal, impedindo a formação para a emancipação segundo o pensamento de Santos (2000), em que os direitos

e deveres gerais da cidadania são contempladas em conjunto com as particularidades das várias subjetividades, alicerçadas nos princípios de autorreflexividade e de autorresponsabilidade.

A última categoria de análise utilizada, referente à dimensão jornalística e lógica empresarial, mostra que, embora os três entrevistados não admitam relação entre interesse comercial e conteúdos dos programas, enfatizando a liberdade editorial que possuem junto à emissora, existe uma intrínseca relação entre o conteúdo e a forma de construção das matérias veiculadas e a questão econômica das respectivas empresas emissoras, fato comum à natureza empresarial dos veículos jornalísticos. Esse fator é primordial para se entender todo o processo construtivo das edições dos programas, a linguagem e o enfoque utilizados, extremamente baseados na espetacularização.

Um fator que chama a atenção é que o processo construtivo e o enfoque utilizado não apresentam grandes diferenciais no conteúdo entre os programas selecionados das três emissoras, demonstrando que a natureza privada ou pública dos canais não responde por diferenças significativas no projeto formativo.

Isso se dá porque mesmo a emissora pública (TV Cultura), em seu Conselho Curador, é dirigida por representantes dos mesmos grupos dominantes das emissoras privadas. Sendo composto por personalidades de destaque na educação, cultura, arte, ciência, empresariado e política do Estado de São Paulo, parte de cujos cargos é vitalícia, pode-se depreender que são aí representados setores elitistas do estado paulista, onde concentra-se boa parte do poder econômico, científico e tecnológico do país. Retomando Abreu (2006), é bom destacar que a sede das três emissoras em questão localizam-se na Região Concentrada: regiões do país (Sudeste e Sul) onde mais se concentram os dados da ciência, técnica e informação, daí sendo interpretada a relação sociedade-natureza difundida por seus programas, sendo as três dirigidas por integrantes de uma mesma elite cultura, econômica, científica e inclusive política.

Portanto, com base nos resultados, o complexo aparato cultural e econômico da TV acaba funcionando como aparelho ideológico que atua na reprodução das relações hegemônicas de produção e exploração capitalistas. Como parte integrante e essencial de processos de produção e circulação de significações e sentidos, que por sua vez relacionam-se a modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo e se relacionar com a vida, a televisão usa seu grande alcance e influência junto ao público para cumprir sua função de

aparelho ideológico inculcador, mantenedor e consolidador de uma ideologia capitalista e seus ideais de consumismo constante.

Tamanha é a interpelação dos sujeitos nessa permanente inculcação que se acaba “naturalizando” o reconhecimento mútuo e o autorreconhecimento dos sujeitos no Sujeito absoluto do capital e seus princípios, além da garantia de que o reconhecimento da própria subjetividade é verdadeira. Dessa forma também é colocada como praticamente natural e inevitável a dispersão e acriticidade como formas intrínsecas de se assistir à televisão – dado o autorreconhecimento e sujeição, inculcados a todo o tempo pelos AIE de informação, inclusive a televisão, dos sujeitos em relação à ideologia hegemônica do capitalismo.

Nada melhor do que os elementos do espetáculo para garantir essa hegemonia capitalista, já que sua unidimensionalidade (por não contemplar as várias dimensões da realidade apresentada em recorte, ou pela falta de compromisso entre os envolvidos no espetáculo) tão difundida pelas coberturas espetaculares voltadas à temática ambiental, preponderantes nos meios de comunicação de massa como bem constatado nas edições aqui estudadas, reflete limitando o projeto formativo comunicado pelos programas de televisão especializados na área.

Fragmentação do real complexo, não pluralização das vozes a partir da priorização de estrelas ou personagens que melhor se encaixem na performatividade televisiva, e falta de compromisso com o outro são características base do espetáculo que – acreditamos – é um dos elementos que compromete o cumprimento da função pedagógica dos programas de televisão que abordam o meio ambiente de forma espetacularizada. Comprometimento advindo de uma questão mais estruturante: o serviço aos interesses da ideologia da sociedade capitalista, que difunde uma educação para sujeição e dificulta sobremaneira um projeto de formação para a emancipação.

Diante do cenário apresentado, constata-se que os telejornais analisados – e acreditamos não ser diferente na maioria dos outros programas de Jornalismo Ambiental no Brasil - acabam incorrendo nas síndromes apresentadas por Bueno (2009), que impedem o alcance dos objetivos ideais de uma atuação crítica de tal especialidade jornalística. Basta lembrar dos trechos citados para ver a fragmentação do enfoque das notícias a apenas um olhar da questão ambiental sem complexas articulações; a desvinculação entre a vertente técnica (ligada à perspectiva empresarial) e as outras, como a econômica, política e sociocultural, por meio da priorização da primeira e a exclusão os cidadãos comuns e certos

segmentos da sociedade civil da tomada de decisões, despolitizando o debate e conferindo à competência técnica o critério exclusivo de autoridade. Além disso, a lattelização das fontes conferindo o status da verdade aos intelectuais pesquisadores e técnicos especialistas, relegando a segundo plano o conhecimento e formas populares de convivência com o meio ambiente. A quinta síndrome, da “baleia encalhada” e sua alusão à espetacularização da cobertura ambiental, com a busca pelo inusitado e o recurso ao sensacionalismo já foi aqui exaustivamente debatida. Por fim, a apologia ao modelo economicista e agroexportador, e a adesão inquestionável e ilimitada à biotecnologia e a C&T como solução para o crescimento não foram abandonadas ao longo das edições.

A par de julgamentos positivos ou negativos dos objetos de estudo, acreditamos ter alcançado os objetivos do estudo, compreendendo as intencionalidades formativas dos meios de comunicação social, com foco na relação entre Telejornalismo e Educação Ambiental. No entanto, defendemos a proposta da busca de um projeto de formação crítica e emancipatória do sujeito. Esse, aliás, é colocado como um dos princípios comuns apresentados por dois dos canais selecionados, mas cujo cumprimento não foi verificado ao longo da análise.

Acreditamos que, como defende Loureiro (2006: 109), é insuficiente focar na mudança do indivíduo sem mudar a realidade social em que este se situa como sujeito. É simplista, linear e dicotômico achar que a sociedade é um desdobramento direto da simples junção das esferas pessoais, sem considerar as relações de construção multidirecional (numa visão equivocada que prega a ausência da dialética entre parte-todo, e reforça o projeto neoliberal e individualista de sociedade). É a ação de mudança individual associada à ação política que pode vincular este movimento das pessoas a transformações societárias, levando-nos a outras condições de vida para os grupos sociais e os ambientes naturais em que vivem.

Para romper com a concepção tecnicista e individualista predominante nas práticas jornalísticas voltadas à cobertura ambiental, e conseguir a construção de uma perspectiva crítica, é preciso abrir espaço concreto de democratização do debate ambiental, o que implica uma outra apreensão da realidade. Isso implica uma urgente abertura das fontes para que a sociedade não permaneça refém de determinadas visões e interesses, mas busque na singularidade dos lugares a singularidade das experiências humanas e suas complexas formas de interação com o meio ambiente, baseadas em contextos socioculturais, políticos, econômicos e ambientais diversos.

Já vimos que a ausência de crítica política e análise estrutural dos problemas que vivenciamos em contextos sociais específicos possibilita que a educação ambiental – que abarca os telejornais analisados como instrumentos de EA informal - seja estratégica na perpetuação da lógica instrumental do sistema vigente, ao reduzir o “ambiental” a aspectos gestionários e comportamentais.

Cabe, portanto, a uma Educação Ambiental que se propõe crítica e emancipatória gerar um sentido de responsabilidade social e planetária que considere o lugar ocupado pelos diferentes grupos sociais; a desigualdade no acesso e uso dos bens naturais e nos efeitos desse processo; as diferentes culturas e modos de entender a ameaça à vida no planeta, problematizando as ideologias e interesses existentes por trás dos múltiplos modelos de sociedades sustentáveis que buscam se afirmar no debate ambientalista.

Qualquer atuação no sentido de contribuir para a formação crítica dos cidadãos-sujeitos deve ser balizada pela ética e tencionada pelo imperativo da mudança. Isso nos faz retomar a necessidade da militância efetiva do jornalismo ambiental, defendida por Bueno como o compromisso com a ampla visão de que em toda questão ambiental há alguma coisa a ser feita, assim como problemas e desafios a serem enfrentados, interesses em jogo, cuja explicitação depende fundamentalmente da atuação do jornalista ambiental.

Ao final do trabalho, após as discussões teóricas e da análise dos dados, surgiram algumas indagações acerca da relação prática entre os programas analisados e o discurso de seus editores com as concepções do movimento social de jornalistas ambientais: as intencionalidades declaradas no discurso militante do Jornalismo Ambiental se efetivam nos casos analisados? O jornalista ambiental tem autonomia para assumir o papel formativo que se atribui? O movimento do jornalismo ambiental tem uma concepção de educação emancipatória?

Foi demonstrado nessas considerações finais que a amplitude e complexidade da atuação do Jornalismo Ambiental (que, segundo Gelós (2008), abarca com igual ênfase e de forma interdependente os aspectos éticos, culturais, científicos, sociais, políticos, econômicos e ambientais) não vem sendo alcançada pelos conteúdos produzidos por profissionais da área e divulgados nos veículos em que trabalham.

Da mesma forma, a função política do Jornalismo Ambiental, que remete à mobilização dos cidadãos diante dos interesses de entidades ou setores que penalizam o meio ambiente, agravando a situação da qualidade ambiental e, conseqüentemente, da

vida, também tem seu exercício concreto impedido pelos interesses hegemônicos das empresas de comunicação.

Por isso, embora não pretendendo responder de forma aprofundada tais questões que só ao final da pesquisa inquietaram a autora, apostamos que ao contribuir para um projeto formativo voltado para a sujeição dos indivíduos à ideologia dominante, os conteúdos de Jornalismo Ambiental atualmente divulgados por programas de televisão e outros veículos voltados para a temática não conseguem atuar na formação emancipatória e transformadora da realidade socioambiental e política.

Para a efetivação de um projeto de EA voltado para a emancipação, é preciso contemplar o embate de ideias e opiniões controversas, além de abarcar não somente os aspectos econômicos ou científicos, como ocorre com frequência, mas também os sociais, culturais, históricos, econômicos e políticos, da forma abrangente como a complexidade ambiental exige. Somente dessa forma o jornalismo ambiental poderá atuar de forma efetiva como agente de mobilização e transformação social capaz de gerar conhecimento (e não mera transmissão de informação) sociopolítico e engajamento cívico; formar sujeitos cidadãos, enfim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. S. **Quando a palavra sustenta a farsa**: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. 180 p.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 128p.
- ANDRADE, T. H. **Ecológicas manhãs de sábado**: o espetáculo da natureza na televisão brasileira. São Paulo: Annablume, 2003.
- BACCHETA, V. L. (org). El periodismo ambiental. In: **Ciudadanía Planetaria**: temas y desafíos para el periodismo ambiental. Montevideo: IFEJ, 2000. Cap 01, p. 18-21.
- BAUMONT, C.; GIRARDI, I. M. & PEDROSO, R. N. Jornalismo e cidadania ecológica: análise da temática do aquecimento global no Caderno Ambiente do jornal Zero Hora. In: GIRARDI, I. M. & SCHWAAB, R. T.(org). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. Cap 16, p. 189-209.
- BELMONTE, R. V. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, S. **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Cap. 01, p.15-48.
- _____. **Jornalismo Ambiental**: evolução e perspectiva. Porto Alegre: Agir Azul na Rede, 1997. Disponível em: < <http://www.agirazul.com.br/artigos/joriental.html>>. Acesso em: 20/12/2009.
- BERNA, V. S. Desafios para a Comunicação Ambiental. In: GIRARDI, I. M. & SCHWAAB, R. T.(org). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. Cap 10, p. 89-104.
- BRASIL. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. 3. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.
- BUCCI, E (Org.). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- _____. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007. 199p.
- _____. **Jornalismo Ambiental**: explorando além do conceito. In: GIRARDI, I. M. & SCHWAAB, R. T.(org). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. Cap. 11, p. 105-118.
- BRÜGGER, P. Os novos meios de comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: LOUREIRO, C.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs.). In: **Educação Ambiental**: Repensando o Espaço da Cidadania. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. 6, p.143-177.
- CARRATO, A. **A TV Pública e seus inimigos**. Disponível em: < <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/AngelaCarrato.pdf>>. Acesso em: 05/12/2009.

_____. Possibilidades para a TV pública no Brasil: Uma reflexão a partir da experiência da *Public Broadcasting System* (PBS). In: **II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação**, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&id=305&Itemid=99999999>. Acesso em 06/12/2009.

CARVALHO, I. M. Territorialidades em luta: uma análise dos discursos ecológicos. In: **Série Registros**, n. 9, p. 1-56, São Paulo, Instituto Florestal, Secretaria do Meio Ambiente, 1991.

_____. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Cap. 1, p. 13-25.

_____. **Educação Ambiental: A formação do sujeito ecológico**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 256 p.

_____. A Questão Ambiental e a Emergência de um Campo de Ação Político-Pedagógica. In: LOUREIRO, C.F.; LAYRARGUES, P.P; CASTRO, R. S. (orgs). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap 2, p. 53-67.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CORAIOLA, D. M. Jornalismo e imprensa: Contribuições Analíticas ao Processo de Institucionalização. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. **Anais**. Brasília: Intercom, 2006.

CERQUEIRA, L. S. **Jornalismo e Educação Ambiental: um diálogo possível**. 2002. 81 f. Monografia (Especialização em Jornalismo, Educação e Ciência). Coordenadoria geral de especialização, aperfeiçoamento e extensão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

COSTA, L. M. Sob o olhar da mídia: uma análise da cobertura da imprensa sobre desmatamentos e queimadas nos últimos 30 anos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 4., 2008, Brasília. **Anais**. Brasília: ANPPAS, 2008. 20 p. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/gt10.html>>. Acesso em: 01/12/2009.

CRESPO, S. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no programa da Agenda 21. In: NOAL, F.O., REIGOTA, M & BARCELOS, V.H.L. **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC,1998, p. 211-225.

CRUVINEL, T. **Os desafios da TV Pública**. Tribuna da Imprensa, 11 jan. 2008. Entrevista concedida a Marcelo Copelli. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=2316. Acesso em: 04 nov. 2010.

DEMO, P. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. São Paulo, Cortez, 1999.

DIAS, G.F. **Fundamentos da Educação Ambiental**. Brasília: Universa, 2000.

FILHO, G. L. C. A tecnologia e a estratégia do Império. In: **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Campinas: Unicamp, 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/guerra/guerra15.htm>. Acesso em: 04/02/2010.

FISCHER, R. M. B. **Televisão & Educação**: Fruir e pensar a TV. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.160p.

FRANCO, M. L. P. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 2. ed: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GELÓS, H. S. Periodismo Ambiental: eje comunicacional del siglo XXI. In: GIRARDI, I. M. & SCHWAAB, R. T.(org). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. Cap. 06, p. 67-74.

GRUPPI, L. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. 143p.

GUIMARAES, M. Educação Ambiental Crítica. In: LOUREIRO, C.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs.). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Cap. 2, p. 26-35.

_____. Abordagem relacional como forma de ação. In: GUIMARAES, M (org.). **Caminhos da educação ambiental**: da forma à ação. Campinas: Papyrus, 2006. Cap 1, p. 09-17.

_____. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R.; LOUREIRO, C.F. (orgs). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez, 2006. Cap. 1, p. 15-29.

GRUN, M. **Ética e educação ambiental**: A conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996. 120p.

JACOBI, P. Prefácio. In: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R.; LOUREIRO, C.F. (orgs). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez, 2006. P.07-10.

KOVACH, B. & ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004. 302 p.

LEFF, H. **Aventuras da Epistemologia Ambiental**: da articulação ao diálogo de saberes. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 85p.

_____. Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental. In PHILIPPI JR., Arlindo et al, orgs. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

_____. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Saber ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEROY, J.P & PACHECO, T. Dilemas de uma educação em tempo de crise. In: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R.; LOUREIRO, C.F. (orgs). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez, 2006. Cap 2, p.30-72.

LIMA, G. F. C. Crise Ambiental, Educação e Cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs.). **Educação Ambiental: Repensando o Espaço da Cidadania**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. 5, p. 109-141.

LIMA, J. C. O modelo da TV Cultura de São Paulo. In: CARMONA, B (org). **O desafio da TV pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade**. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003. Cap. 09, p. 63-70.

LIMA, V. A. **Sete teses sobre a relação Mídia e Política**. Mimeo, 2003.

LITTLE, P. E. Os Conflitos Socioambientais: um Campo de Estudo e de Ação Política. In: BURSZTYN, M. **A Difícil Sustentabilidade: Política energética e conflitos ambientais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LOUREIRO, C.F.B. Educação Ambiental e "Teorias Críticas". In: GUIMARAES, M (org.). **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas: Papyrus, 2006. Cap. 4, p. 51-86.

_____. Problematizando conceitos: contribuição à práxis em educação ambiental In: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R.; LOUREIRO, C.F. (orgs). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez, 2006. Cap.4, p. 104-161.

_____. Teoria Social e Questão Ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.; LAYRARGUES, P.P; CASTRO, R. S. (orgs). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap 1, p. 13-51.

_____. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009. 150 p.

MACHADO, A. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAIA, R. C. M. Mídia e deliberação pública: mediações possíveis. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 11, 2002, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Compós, 2002. 16 p.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ: 2003. 372p.

_____. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

MEADOWS, D. Changing the world through the informationsphere. In LAMAY, C. L. & DENNIS, E. E. (orgs.). **Media and the environment**. Washington, Island Press, 1991.

MORAES, C. H. & CORRÊA, A. M. Entre o susto e o esquecimento: Jornalismo Ambiental na lógica da indústria da informação. In: GIRARDI, I. M. & SCHWAAB, R. T.(org). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. p. 210-227.

MORAIS, R. **Educação, mídia e meio ambiente**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2004.160p.

MORIN, E. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, Candido (org.). **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 69-78.

_____. **O Método I**. A natureza da natureza. Trad Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005. 2 ed. 480p.

_____. **O Método II** – A vida da vida. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

MUNIZ, C. S. **Jornalismo Ambiental**: conceitos e especificidades. 2009. 77f. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2009.

NASCIMENTO, E.P. Hegemonia em Gramsci: Uma teoria das Relações Políticas nas Formações Sociais Modernas? In: CHASIN, J (org). **Ensaio**. N. 13. São Paulo: Editora Ensaio, 1984. P. 67-84.

ANETHER, J. I. **Ecojornalismo Impresso**: análise do jornalismo ambiental em Porto Alegre. 1998. 170 f. Monografia (Graduação em Jornalismo). Centro de Educação, Ciências Humanas e Letras, Universidade Luterana do Brasil, Canoas: 1998.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PELICIONI, A. F. Desvelando representações e práticas sociais em educação ambiental. In: RIBEIRO, H (org). **Olhares geográficos**: meio ambiente e saúde. São Paulo: SENAC, 2005, p. 163-180.

PELIZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, C. L. Os veículos de comunicação especializados e o trabalho de sensibilização ambiental: um estudo de caso sobre o Jornal do Meio Ambiente. In: GIRARDI, I. M. & SCHWAAB, R. T.(org). **Jornalismo Ambiental**: desafios e reflexões. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. Cap 18, p. 228-240.

PEREIRA, C.L. & CARVALHO, G. M. Da articulação interdisciplinar das ciências ao diálogo transdisciplinar de saberes: reflexões sob a ótica de Leff. In: I CONGRESSO GOIANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., 2008, Goiânia. **Anais**. Goiânia: CONGEA, 2008.

PETRARCA, F. R. Atuação profissional, recursos militantes e lógicas de engajamento no jornalismo ambiental no Rio Grande do Sul. In: **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 27-54, set./dez. 2008.

PRESOTTI, C. G. **Amazônia em crise**: o avanço do desmatamento nos grandes jornais do Brasil. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília: 2009.

PRIOLLI, G. A Questão de Recursos. In: CARMONA, B (org). **O desafio da TV pública**: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003. Cap. 15, p. 103-109.

RAMOS, L. F. A. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: Annablume, 1996. 160 p.

SÁ, L. M. **A desordem criadora**: crise ambiental e educação. Artigo apresentado no V Congresso Ibero- Americano de Educação Ambiental. Joinville: SC, 2006.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 96p.

_____. **Desenvolvimento Includente, Sustentável, Sustentado**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004. 152 p.

_____. Primeiras intervenções Ignacy Sachs. In: NASCIMENTO, E.P & VIANNA, J.N. **Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 21-41.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, P. M. **TV Pública no Brasil**: Proposta de expansão através da multiprogramação e da parceria com as emissoras comerciais. 14f. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/journals/3/articles/2012/public/2012-35122-1-PB.pdf>>. Acesso em: 05/12/2009.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. M. **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. Cap. 1, p. 17-44.

SILVA, M. S. **Mídia e Meio Ambiente**: Uma análise da cobertura ambiental em três dos maiores jornais do Brasil. 2005. 170 f. Dissertação (Mestre em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2005.

SILVA, R. L. F. **O meio ambiente por trás da tela** - estudo das concepções de educação ambiental dos filmes da TV escola. Tese de doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da USP. 258 p. São Paulo: 2007.

SZYMANSKI, Heloísa (org). **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: a prática reflexiva. 2. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.261p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

TRIGUEIRO, A. (org.). **Meio Ambiente no Século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

UNITED NATIONS. **Report of the World Commission on Environment and Development**: Our Common Future. Disponível em: <<http://worldinbalance.net/pdf/1987-brundtland.pdf>>. Acesso em: 01/02/2010.

VALIM, M & COSTA, S. **A História da Televisão**: da sua invenção ao início da transmissão em cores. 1998. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/histormundi.htm>>. Acesso em: 08/10/2009.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Sites pesquisados:

Apresentação do III Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental. Disponível em: <<http://www.cbja2010.org.br>>. Acesso em: 12/01/2010.

Canal Futura. Disponível em: <<http://www.futura.org.br>>. Acesso em: 13/01/2010.

Carta de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.portaldomeioambiente.org.br/rebia/depoimentos-do-vilmar.html>>. Acesso em: 17/11/2009.

Código de Admissão e Convivência da RBJA. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/rbj.htm>>. Acesso em: 15/11/2009.

Fundação Padre Anchieta. Disponível em: <<http://www2.tvcultura.com.br/fpa>>. Acesso em: 01/01/2010.

Fundação Roberto Marinho. Disponível em: <<http://www.frm.org.br>>. Acesso em: 01/01/2010.

Fundação Roberto Marinho. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_Roberto_Marinho>. Acesso em: 01/01/2010.

Grupo Estado. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_OESP>. Acesso em: 01/01/2010.

História da TV. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/histormundi.htm>>. Acesso em: 08/10/2009.

Missão da *Society of Environmental Journalists (SEJ)*. Disponível em: <<http://www.sej.org>>. Acesso em: 14/11/2009.

Organizações Globo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%B5es_Globo>. Acesso em: 14/11/2009.

Operação Bandeirantes. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Bandeirante>. Acesso em: 14/11/2009.

Televisão. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o>>. Acesso em: 08/10/2009.

GLOSSÁRIO DOS TERMOS DE TELEJORNALISMO

ABERTURA DE PROGRAMA: Breve resumo de um assunto que será visto em detalhe na edição do telejornal. O mesmo que lidão.

ÁUDIO AMBIENTE: som gravado no local na hora do acontecimento; muitas vezes pode conter informações preciosas para uma reportagem. O mesmo que som ambiente.

BACKGROUND OU BG: Ruído do ambiente ou música que acompanha, ao fundo, a fala do repórter. Áudio ambiente. O BG não pode, de maneira alguma, prejudicar o áudio do repórter.

BLOCO: as partes (segmentos) que dividem o telejornal, ou um programa. Cada bloco, normalmente, fica entre dois intervalos comerciais.

CABEÇA DA MATÉRIA: O lead. É sempre lida pelo apresentador e dá o gancho da matéria.

CÂMERA: Equipamento eletrônico que capta imagens e as converte em impulsos eletrônicos, utilizando sistemas especiais, que podem ser ópticos ou digitais.

CLOSE: Um dos planos de enquadramento da imagem usados em telejornal. Aproximação do objeto (ou pessoa) que se quer destacar. Outros planos são: plano geral – serve para identificar o local onde acontece o fato; plano médio – um pouco mais fechado, destaca um objeto ou pessoa em primeiro plano na cena.

COBERTURA: Os vários enfoques de um acontecimento importante. Exemplo: a reportagem sobre um fato, suas conseqüências e análises.

CORTE: Mudança de uma imagem para outra, mudança de cena.

DADOS: Informações de uma reportagem.

EDIÇÃO: Montagem do áudio e vídeo de uma reportagem. Produto final, o que vai ao ar.

EDITOR-CHEFE: Jornalista responsável pelo telejornal.

ENCERRAMENTO DE MATÉRIA: o repórter fecha a matéria ao vivo, isto é, aparecendo no vídeo, dando uma informação conclusiva à reportagem.

ENQUADRAMENTO: O que aparece na cena, o que está sendo focalizado pela câmera do cinegrafista.

ENTREVISTA: O diálogo entre repórter e a personagem que é a fonte de informação.

ESCALADA: Frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. O mesmo que manchetes. Uma escalada bem elaborada deve prender a atenção do telespectador, do começo ao fim do telejornal. Frases curtas, podem ou não ter *teasers*: dois ou três *takes* (5 a 8 segundos) das imagens principais.

FLASH: O repórter grava um resumo das informações de uma notícia. O mesmo que boletim.

FONTE DE INFORMAÇÃO: Pessoa, organismo, documento, instituição que transmite informações ao repórter para elaboração de uma notícia.

GANCHO: A atualidade de um assunto que justifica a reportagem.

IMAGEM DE ARQUIVO: Imagem produzida anteriormente, em outra época, ao fato/acometimento que é o tema da reportagem atual, e à qual se recorre na edição da matéria para contar melhor a história, facilitando a compreensão do público.

LEAD: A abertura da matéria. O mesmo que cabeça do locutor. O gancho da reportagem normalmente está no lead.

LOCUTOR OU APRESENTADOR: Profissional (não necessariamente jornalista) que faz a locução, a apresentação do telejornal.

NOTÍCIA: Acontecimento, fato de interesse de uma sociedade. Em televisão, a imagem pode determinar ou priorizar o que é notícia.

LOCUÇÃO ON/OFF: Marcação técnica no script de telejornal que indica se o locutor estará lendo o texto ao vivo (ON), aparecendo na tela, ou em OFF, quando ele estará lendo sem aparecer na tela.

PANORÂMICA: Movimento lento da câmera, normalmente da esquerda para a direita.

PASSAGEM DO REPÓRTER: Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista.

PAUTA: Previsão dos assuntos de interesse jornalístico. É o roteiro dos temas que vão ser cobertos pela reportagem.

PLANO: Angulação da câmera. Pode ser plano geral, médio, americano, primeiro plano (close), primeiríssimo plano (close up).

POVO FALA: Também chamado de fala-povo, é a entrevista feita com várias pessoas – uma de cada vez –, que repercutem determinado assunto.

REPÓRTER: Jornalista que apura e redige informações.

SOBE SOM DO VT: Marcação técnica no script que indica ao sonoplasta o momento de colocar no ar o som da edição em VT (e não o som do apresentador).

SOM AMBIENTE: Som característico do local onde está sendo realizada uma reportagem.

SONORA: Termo que se usa para designar uma fala da entrevista.

LOCUÇÃO OFF: É o texto gravado (pelo repórter ou apresentador) para ser editado junto com as imagens da reportagem.

TRAVELLING: Movimento de câmera para acompanhar uma cena, um objeto ou uma pessoa em andamento.

VINHETA: Marca a abertura ou o intervalo do telejornal. Normalmente é composta de imagem e música característica, trabalhadas com efeitos especiais.

ZOOM: movimento da câmera.

ZOOM IN: movimento de aproximação de uma imagem.

ZOOM OUT: movimento de distanciamento.

Referências

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 158 p.

Termos técnicos em telejornalismo. Disponível em:

<http://tecnicasdereportagem.wordpress.com/2009/11/16/termos-tecnicos-em-telejornalismo>.

Acesso em: 01/12/2009.

APÊNDICE I: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM WASHINGTON NOVAES (01 DE ABRIL DE 2009, ÀS 09H NA RESIDÊNCIA DO ENTREVISTADO)

Fonte: Cléssio Silva

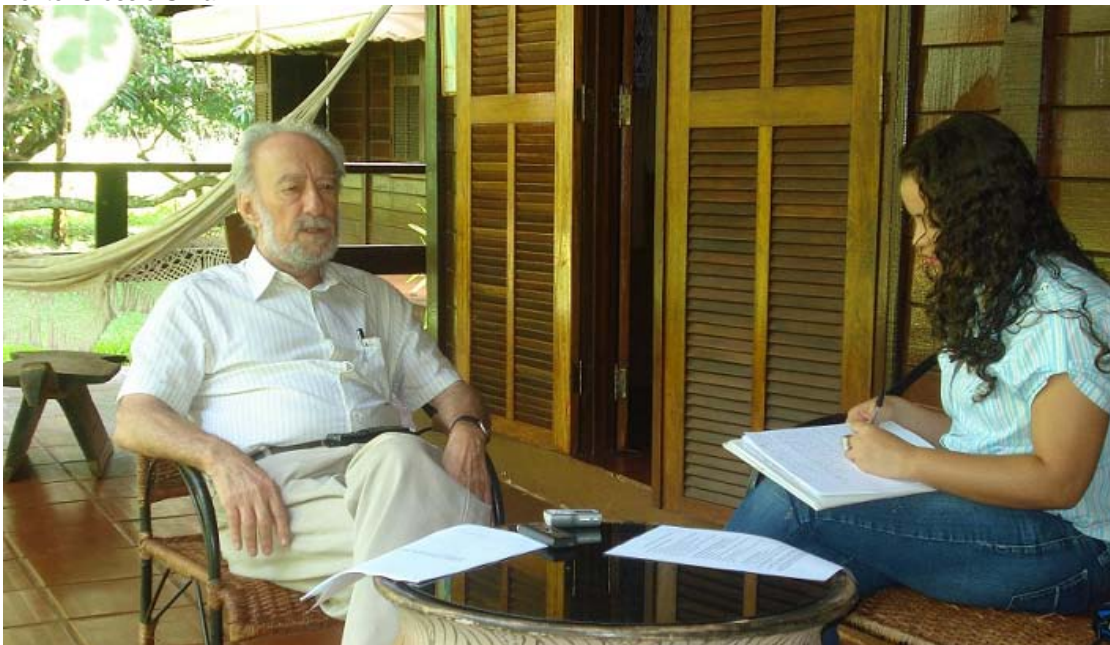


Foto I: Entrevista com Washington Novaes

Cristiane Leite – Washington, gostaria que você me falasse sobre a história do Repórter Eco.

Washington Novaes – Eu só entrei no Repórter Eco em 1999, mas quando eu entrei ele já tinha sete anos no ar. O Repórter Eco foi criado e entrou no ar em 1992, por causa da Conferência Mundial no Rio de Janeiro, a ECO 92. Então eles começaram o programa naquela ocasião com transmissões diretas do Rio. Eu participei da ECO 92 que era Secretário de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Distrito Federal, mas não era do programa ainda. Comecei em 1999 quando fui convidado a ser diretor, mas preferi ser supervisor, porque tem essa circunstância de eu morar em Goiânia e não poder estar sempre presente, né – embora eu vá com muita frequência lá para fazer discussão de pauta, propostas, depois eu faço acompanhamento do desenvolvimento disso por Internet. Vejo o programa pronto e faço uma crítica toda semana, uma avaliação do programa, e faço um comentário em todos os programas, né. Eu creio que ele é o programa mais antigo que está aí no ar na televisão. A Vera Diegoli, que é a editora-chefe, está no programa desde o início (se você puder valer a pena conversar com ela também. Ela não só comanda a operação como está desde o início no programa).

Eu creio que a visão que o programa tem é de ser realmente eu não digo de educação, eu diria de informação ambiental. Mas ambiental num sentido mais amplo. Eu te confesso que tenho uma certa implicância com conceitos como Jornalismo Ambiental, essas coisas e tal, porque eu não acho que existe Jornalismo Ambiental, e acho até que essa separação do meio ambiente da política, da economia, do social e do cultural é um dos motivos que levam a sociedade a crer que isso é uma questão apartada, é uma questão à margem, né? Quando eu acho impossível você tratar de qualquer assunto econômico, político, social e cultural sem tratar dos impactos que a atividade tem no meio físico, na água, no ar, no solo e na terra.

Até quando dizem que eu sou jornalista ambiental, especializado em meio ambiente, eu sempre me lembro uma vez que eu estava viajando aqui em Goiás, passando aqui numa cidade chamada Turvânia, na beira da estrada tinha uma placa assim: "Curador – especialista em todos os ramos da Medicina". E eu quando dizem que eu sou especialista em meio ambiente, acham que eu sou especialista em todos os ramos do conhecimento humano, porque não tem como, você vai separar isso. Mas enfim, é o que está aí. Mas eu acho é que o programa tenta levar informação sobre questões relevantes à sociedade, nas quais é preciso considerar muito esse lado dos impactos sobre o meio físico, de propostas e soluções, de bons exemplos e por aí adiante.

Acho que o programa tem um bom resultado porque ele é um dos programas mais de maior audiência na TV Cultura e tem bom conceito entre os telespectadores. As pesquisas que a TV Cultura faz mostram isso, que os telespectadores gostam do programa e têm um bom conceito do programa. Tem um cuidado com a linguagem, porque na televisão você precisa ter um cuidado né, você precisa de saída, sempre precisa lembrar isso: que você vai falar com todos os públicos possíveis; você vai falar com velho e criança, você vai falar com doutor e com analfabeto, com gente que sabe daquele assunto e gente que não sabe nada daquele assunto. Então você precisa ter uma linguagem que seja ao mesmo tempo acessível para todos os segmentos mas sem banalizar e sem ser tediosa. Basicamente eu acho que o programa é isso. Ultimamente ele tem tido algumas dificuldades, porque a TV Cultura está numa fase de adaptações financeiras, então algumas pessoas saíram do *Repórter Eco* e não foram substituídas ainda, diminuíram o quadro, e também terminou o acordo com a Natura, que patrocinava o quadro da Biodiversidade que permitia, com o pagamento das despesas, que se fizessem matérias em muitos lugares do país. Hoje está um pouco mais restrito isso por causa dos custos de viagem.

Cristiane Leite – Com relação aos objetivos iniciais, era cobrir a Conferência que teve, a Rio 92. Mas sobre os objetivos principais do programa no início em relação aos de hoje, você considera que mudaram de acordo com a demanda ou realmente se mantêm os mesmos objetivos iniciais?

Washington Novaes – Acho que mantém os mesmos objetivos iniciais, mas foi ampliando, porque a chamada questão ambiental hoje está muito mais perto da vivência e do interesse direto do telespectador, principalmente o telespectador urbano, do que estava há quinze anos – os problemas foram se agravando, principalmente os problemas urbanos relacionados ao meio ambiente, questões de poluição do ar, questão da água, questão do lixo, questão do transporte e outras coisas. Então ele ampliou os seus objetivos atendendo à própria necessidade do público. Se você pegar, por exemplo, as pesquisas do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) fez (inaudível) a Samira Crespo que fez essa parte, eles têm feito pesquisas para o Ministério do Meio Ambiente que mostram o seguinte: que mais de dois terços dos brasileiros se manifestam contra qualquer agressão ao meio ambiente, mesmo que seja em nome de desenvolvimento econômico ou de geração de empregos, que é um dos problemas mais graves do país. Mas são pesquisas também que mostram uma contradição e um ponto muito preocupante: é que também dois terços das pessoas se consideram fora do meio ambiente, elas se consideram como cultura, não como parte da natureza, né. E quem tem essa postura não percebe ou vai demorar muito a perceber que o que acontecer no meio físico vai acontecer no corpo dela pra começar, né? No caso da água, dos alimentos, de tudo.

Então eu acho que o Repórter Eco evoluiu também de acordo com essa evolução da questão ambiental no país. Nós temos tido certa dificuldade, lá temos feito muito poucos programas temáticos em que num programa se cuide de um assunto só para tratá-lo de forma mais abrangente, e isso se deve a essa insuficiência de meios. Você leva muito tempo para fazer programa de televisão, né? Então esse é um objetivo que nós temos lá que é de ter programas temáticos mas com uma dificuldade muito grande de realização por causa disso, de insuficiência de pessoas e de recursos financeiros.

Cristiane Leite – Você disse que vai lá periodicamente para discutir pauta. Como é o critério de seleção dos temas que são tratados nos programas? São mais problemas factuais, porque realmente é um programa jornalístico, ou são questões mais estruturantes, que pegam na raiz dos problemas mesmo, independente de ele ser factual ou não?

Washington Novaes – Olha, eu creio que a predominância hoje é partir de um fato concreto para tratar da questão exatamente por causa dessa dificuldade de que falei em fazer programas temáticos, em que você tenha mais tempo. Com a estrutura que nós temos, se você vai fazer três matérias por programa de meia hora, que é mais ou menos a rotina que tem. Quer dizer, o programa tem em geral três matérias, tem o meu comentário e tem uma súmula de notícias importantes da semana; basicamente é isso aí. Então você, na verdade, tem pra cada matéria não mais do que cinco, seis minutos, e é muito difícil você tratar de uma forma mais abrangente ou muito abrangente apenas com esse tempo no ar.

Então você precisa tratar especificamente a partir de um fato concreto, alguém que fez alguma coisa, uma pesquisa que foi desenvolvida ou um problema que esteja acontecendo em uma determinada área e tratar mais restritamente isso aí. Por exemplo, você tem ali um problema de estar sendo poluído aí um manancial de abastecimento. O ideal seria quando você for fazer uma coisa dessa você fazer um tratamento mais amplo do que seria o problema dos recursos hídricos hoje no país, a situação no país, a situação no estado, a situação naquele lugar. Mas isso exigiria muito tempo, muita gente, e isso não dá para fazer. Então na maior parte dos casos o ponto de partida é o fato concreto e a partir daí a documentação desse fato concreto e algumas opiniões, conclusões a respeito disso.

Cristiane Leite – Com relação às fontes ouvidas, quais são as fontes geralmente mais procuradas? Porque tem um livro do Bueno (Wilson da Costa Bueno) em que ele fala em geral em programa de Jornalismo Ambiental a gente cai muito na *lattelização*, de buscar sempre pessoas com bom *curriculum lattes*, ou pessoas técnicas, especializadas no tema. Ou o programa também tenta ouvir pessoas da comunidade, como no exemplo que você falou de poluição do rio, ouvir pessoas ali do entorno? Como é a seleção das fontes?

Washington Novaes – Não, acho que é um caráter mais abrangente, não tem nenhuma preferência específica por certo tipo de fonte. Vai depender muito do assunto, né? Você pode ouvir o especialista, pode ouvir as pessoas, pode ouvir as duas, isso depende, varia dependendo do interesse. O que o programa tem é um bom serviço de pesquisa permanente, a gente tem uma pessoa, a Mareci, que cuida só disso. A Mareci lê coisas o dia inteiro ou na internet ou outras fontes, jornais, revistas etc e ela tem sempre muitas propostas de temas para serem tratados pelo programa. Tem uma segunda pessoa, que é a Paula, que cuida só das pautas dos temas relacionados com biodiversidade, porque tinha antes uma matéria em cada programa sobre esse assunto, que no momento estão sendo

reprisesadas algumas matérias à espera de (inaudível) um novo acordo que permita voltar ao formato antigo. Mas a Paula cuida só dessa parte. E tem os repórteres que são a Cláudia e a Márcia que já são pessoas bastante experientes nessa área. Há até pouco tempo tinha a Maria Zulmira, desde o início do programa, e agora saiu e tem a Vera. Então você vê que é uma estrutura pequena para fazer um programa semanal. Mas está bem.

Cristiane Leite – Além dessa dificuldade financeira, de recursos humanos também, tem alguma dificuldade de um programa com uma visão mais abrangente, ambiental, de ligar a comunidade e o ser humano às questões ambientais? Qual é a dificuldade de fazer um programa com essa visão em um canal de televisão que é público e também tem as implicações com o Estado, e que é televisão e, querendo ou não, tem toda a natureza do veículo?

Washington Novaes – Olha, eu não tenho sentido esse problema lá na TV Cultura. Não me lembro de nenhum momento que dissessem “ah, não pode fazer isso porque isso atinge o governo do Estado, ou não devia ter feito isso porque atinge o governo do Estado”. O programa é sempre bastante livre para escolher os seus temas e tratá-los da forma que considerar mais adequada para o tratamento. Não há nenhuma limitação. Esse domingo agora, por exemplo, ainda foi ao ar no quadro Biodiversidade, era um quadro lá no Ceará. Eram mulheres que estavam plantando algas para restabelecer a alimentação de peixes e outros produtos ali que estavam ficando escassos. E o programa todo foi feito praticamente só para elas mesmo. Só entrou no programa uma acho que ela era bióloga, mas porque ela mora lá – ela se aposentou, mora lá e participa diretamente do programa. Então não tem nenhuma dificuldade em relação a isso, nem governo estadual, nem governo federal, nem empresas. O programa realmente tem uma possibilidade de isenção que não é fácil de ver isso com frequência.

Cristiane Leite – Qual a sua ideia pessoal de desenvolvimento sustentável, a concepção que você tem disso? E qual a ideia e concepção que você tem de Educação Ambiental?

Washington Novaes – Bom, desenvolvimento sustentável é uma ideia que veio evoluindo durante décadas e se consolidou no Relatório de 1987, né, que foi coordenado pela Gro Brundtland, a ex primeira-ministra da Noruega, e que fixou um conceito de desenvolvimento sustentável como aquele capaz de atender às necessidades das atuais gerações sem comprometer os direitos e as possibilidades das futuras gerações. É um bom

conceito mas que é muito difícil você encontrar na prática. Quer dizer, a situação do mundo está muito complicada, né. Eu costumo lembrar que o Kofi Annan, o ex Secretário-Geral da ONU, o problema central do mundo hoje não está no terrorismo, como parece, mas sim em mudanças climáticas e em padrões insustentáveis de produção e consumo de recursos naturais, que já estão além da capacidade de reprodução do planeta, né? E aí ele acrescenta a frase que esses dois problemas é que ameaçam a sobrevivência da espécie humana.

Você vê, é um diagnóstico muito forte, muito grave no qual é preciso prestar atenção, e prestar atenção às muitas consequências, mas isso estamos muito longe disso. Quer dizer, o consumo de recursos naturais e serviços naturais além da capacidade de reposição continua aumentando, está aí na faixa dos 30%, com consequências graves; e a questão do clima também está cada vez mais grave. Então tanto na área de consumo dos recursos naturais como no clima, a situação está cada vez mais grave, os relatórios estão cada vez mais fortes, e não se consegue avançar porque até aqui a lógica financeira tem prevalecido sobre qualquer outra lógica. E neste momento, contudo, agravado pela crise econômico-financeira no mundo, que leva mesmo os países mais favoráveis à mudança estarem numa posição agora mais vacilante. Por exemplo a Europa, que tinha uma posição mais avançada em matéria do clima, ela está agora...esta questão ela se comprometeu a reduzir as emissões em 30% até 2020, podendo aumentar até mais, mas agora está titubeante, os Estados Unidos também, e o Brasil está bem longe de qualquer coisa, né. E nessa questão do consumo dos recursos naturais e tal, isso acho que está tão distante de qualquer política efetiva no mundo que é uma coisa muito preocupante, né? Desculpe, eu perdi o foco da sua pergunta...

Cristiane Leite – Não, é justamente esse mesmo.

Washington Novaes – De desenvolvimento sustentável, né?

Cristiane Leite – É, e também o conceito de Educação Ambiental, mas está justamente no que você já tinha falado.

Washington Novaes – Então, eu acho que na questão do desenvolvimento sustentável acho que nós estamos num momento muito crítico. Não há como seguir no caminho onde nós estamos até agora, mas ainda você não tem novos caminhos delineados com clareza e com disposição política de serem seguidos. A questão da Educação

Ambiental o que eu acho fundamental é aquilo que eu disse: eu acho que é preciso um esforço para tirar a questão do meio ambiente desse gueto em que ele vive, na Comunicação e no mundo de modo geral, com essa postura de entender que meio ambiente é uma coisa à margem das outras atividades. Acho que enquanto não se conseguir vencer isso, quer dizer, não se conseguir mostrar que o ambiente físico está na base de tudo, que você não pode fazer nada no abstrato só, isso tudo tem repercussões muito concretas e que é preciso exatamente colocar – essa seria a questão central de uma Educação Ambiental: ensinar a população e os governantes que o meio ambiente precisa ser o centro e o início de qualquer político ou projeto, seja público ou seja privado. Primeiro precisa avaliar que consequências tem; se tiver consequências, se vale a pena ou não fazer.

Até a Resolução n. 1 do CONAMA, que é de 1986, diz isso: que o Estudo de Impacto Ambiental, a primeira obrigação dele é dizer que aquele empreendimento ou aquela ação é absolutamente necessária ou alternativa. É a primeira coisa, resolução número um, é a primeira obrigação dos Estudos de Impacto Ambiental. Mas isso hoje na prática não acontece, né. Por exemplo, questão de alternativa, o Brasil está fazendo opções terríveis em matéria de energia: termelétricas, energia nuclear, energia hidrelétrica na Amazônia, todas essas coisas assim. Mesmo sem discutir os problemas de cada umas dessas opções da termelétrica, hidrelétrica e da nuclear, você não pode esquecer que tem um estudo aí da Unicamp e WWF que diz o seguinte: o Brasil pode perfeitamente consumir, não, não diz consumir, ganhar 50% da energia que consome hoje. Pode ganhar 30% reduzindo o consumo através de medidas de eficiência e conservação energética, tal como fez em 2001 no apagão e economizou na faixa de 30% sem prejuízo para ninguém a não se para as produtoras e distribuidoras de energia. Pode ganhar mais 10% com repotenciação de usinas antigas que estão com baixo rendimento porque os equipamentos estão velhos e tal. E você pode trocar esses equipamentos e geradores a um custo muitas vezes menor do que você construir uma usina nova. Então são 40%, e pode ganhar mais 10% com programa de eficiência na linha de transmissão de energia (o Brasil perde 17% de energia na transmissão, o Japão perde 1). Então se você somar 30+10+10 são 50, 50%. Agora, isso não significa que você não vai ter desenvolver por causa disso. Muito ao contrário, você em vez de ficar investindo em coisas que são desnecessárias, você poderia fazer esse investimento em educação, saúde, Ciência e Tecnologia e outras áreas. Agora, isso sem falar na questão das opções que estão sendo feitas pela (inaudível).

Cristiane Leite – Aí com relação a esse gueto está outra questão que queria abordar: da mesma forma que as pessoas colocam como fragmento Jornalismo Ambiental, existe a visão de Educação Ambiental como uma educação que é tratada só em escola. Você descarta essa ideia também?

Washington Novaes – É, acho que não tem sentido. Essa é uma educação pra vida toda, porque tem que acompanhar a evolução das coisas e ir transformando seu posicionamento e suas ações na vida em função disso aí.

Mas acho que é uma responsabilidade também muito grande da comunicação, porque hoje prevalece na comunicação o modelo hollywoodiano, quer dizer, da comunicação como espetáculo. Ela se interessa muito pelos eventos nos momentos de grandes crises, grandes dramas e grandes desastres, que mobilizam o telespectador, o leitor e tal. Passado aquele momento, aquele assunto é esquecido. Agora isso tem consequências muito dramáticas. Você vê, vamos pegar um exemplo concreto, pegar esses recentes desastres ambientais lá em Santa Catarina. Eles foram motivados por algumas coisas: deslizamentos de encostas ou de tocos de (inaudível) e inundação de áreas urbanas. A inundação de áreas urbanas, quer dizer, todo mundo está cansado de saber que isso é fortemente favorecido pela impermeabilização do solo das cidades pelo asfalto – não se deixa nenhum espaço para infiltração da água. Segundo, as redes de drenagem são absolutamente insuficientes, mal cuidadas, entupidas. Terceiro, agora, por exemplo, a meteorologia esses dias agora começou a afirmar ou reconhecer que há uma mudança no formato das chuvas; você não tem mais aquela coisa de pequenas chuvas, aquela chuva miúda que caía durante dias seguidos na estação de chuva, mas que você tem cada vez mais o que eles chamam de eventos extremos, que são grandes volumes de água num curto espaço de tempo. Então você pega de novo Santa Catarina, Joinville, houve um dia que em 24h caíram 819 milímetros de chuva, que são 819 litros por metro quadrado de solo, aquele solo absolutamente impermeabilizado, a água não tem pra onde ir, redes de drenagem insuficientes, rios assoreados pela poluição por esgotos, pela poluição por lixo, poluição por sedimentos e processos erosivos. Então são rios que já não aguentam nem seu fluxo normal, quanto mais um volume brutal desse de água em curto espaço de tempo. Então o que pode acontecer? E os morros, o que pode acontecer desmatando encostas e ocupando tudo? Agora nada disso aconteceu da noite pro dia, quer dizer isso são décadas que isso foi acontecendo ali no Vale do Itajaí e em muitos outros lugares: se você pegar Belo Horizonte é a mesma coisa, Rio de Janeiro é a mesma coisa, Espírito Santo é a

mesma coisa, cidade de São Paulo é a mesma coisa. Só pode acontecer isso, são coisas absolutamente previsíveis, não são coisas fortuitas nem imprevisíveis, elas são perfeitamente delineáveis.

Eu me lembro que em 2002 na Cúpula do Desenvolvimento, que foi em Johannesburgo, África do Sul, nós estávamos fazendo um jornal lá para a TV Cultura sobre isso, o Jacques Chirac que na época era o presidente da França, que é um homem bastante conservador, ele começou a relacionar essas questões do clima, do consumo excessivo, todos esses dramas e tal, e chegou ao final do discurso dele e falou: “As futuras gerações vão nos responsabilizar. Eles vão dizer ‘vocês sabiam de tudo e não fizeram nada’”. É verdade, quer dizer, nós sabemos o que está acontecendo. A Convenção do Clima, desde 92 ela recomenda essas coisas, por exemplo: não desmatar encostas, não ocupar morros, todas essas coisas. Mas nós sabemos que isso não está acontecendo. Você tem até lutas ideológicas, eu já vi lutas ideológicas para não deixar tirar uma comunidade de um determinado lugar porque isso seria uma coisa terrível, contrapólo. Uma vez eu tive uma discussão com uma pessoa e eu disse “agora, quero ver você se responsabilizar na hora em que eles morrerem lá, que deslizar aquilo tudo, você vir com essa luta ideológica errada em torno de uma coisa”.

Então acho que tem uma grande responsabilidade da Comunicação nisso aí. Hoje por exemplo, quer dizer, você já não ouve mais falar quase na questão de Santa Catarina. Alguém está lá cobrando (inaudível)?

Cristiane Leite – *Passou o boom...*

Washington Novaes – É. Todo ano aqui na temporada das chuvas, você mora aqui no Centro-Oeste também, são centenas de pontes, de aterros, de cabeças de ponte que são arrastadas pelas águas exatamente por isso. Elas não têm uma estrutura, uma construção adequada pra esse volume de água em tão curto espaço de tempo. Que é um peso muito grande, é uma pressão muito grande. Então precisa mudar os padrões de construção de rodovias, padrão de construção de pontes, da mesma forma que dentro das cidades vai ter que mudar, daqui a pouco você vai ver cair edifício (risadas), cair essas coisas, porque não é adequado!

Está caindo morro, está caindo encosta, aliás estão caindo pequenos edifícios também, estão começando a cair, né? Tudo isso é perfeitamente previsível. Então a

Educação Ambiental deveria ser isso também; isso é uma parte da Comunicação, ou seja, de responsabilidade da Comunicação. A Comunicação é que pode ensinar a informar a população. Agora também acho que é preciso que a sociedade aprenda a se organizar e discutir essas informações e formular projetos políticos de políticas em relação a isso para ser levados para candidatos a postos eletivos aí, né, e cobrar deles. Porque hoje o que a sociedade faz em relação a essas coisas? As pessoas se queixam do lixo, mas qual é a ação que elas têm em relação a isso? Se queixam da falta de drenagem etc, mas o que elas fazem? O que elas fazem em relação ao saneamento? Quer dizer, hoje nós estamos reduzindo a política na verdade apenas à micropolítica, onde os governantes e parlamentares se relacionam com pequenos núcleos da população para atender a micronecessidades daquele lugar específico. Você não tem macropolíticas (inaudível), que estão aí num sufoco gigantesco. Agora, qual a macropolítica que você tem pra São Paulo, ou pra Brasília, ou pra Goiânia ou pra qualquer outra cidade brasileira? Não tem, não tem nada!

Cristiane Leite – E aí com relação a essas ações, você considera que as informações são importantes nesse sentido (você já disse que o *Repórter Eco* trabalha com isso), só que essas ações têm que servir para a mobilização da sociedade. E aí você defende que essa mudança mesmo no cotidiano e na visão de mundo das pessoas, elas devem partir de ações individuais, ou coletivas, ou os dois conjuntamente?

Washington Novaes – As duas coisas. Eu tento sempre falar nos meus comentários um pouco isso, né? Que a sociedade tem que fazer, o que as pessoas têm que fazer pra caminhar em direção a soluções. Sair dessa posição passiva, que eu chamo a retórica da indignação, que é só o que você tem, você tem uma retórica da indignação: todo mundo indignado com isso, indignado com aquilo, indignado com aquilo outro, mas absolutamente passivos diante de todas essas coisas. E com o agravante que eu vejo o seguinte: em 1968 eu vi umas frases que me impressionaram muito, que era de um cardeal belga, Suenens. Suenens dizia o seguinte: que hoje a diferença entre uma pessoa de 20 anos e outra de 40 anos não é de duas décadas, é de dois séculos, porque o que levava um século para acontecer hoje acontece em uma década, e o que levava uma década acontece em um ano. Então se você não correr – é o que dizia a frase dele – se você não correr, você vai ser atropelado pela realidade, porque tudo acontece muito depressa. Nós estamos num mundo de uma velocidade de transformação espantosa! E é preciso tentar enxergar isso aí e

encontrar os caminhos com certa pressa, porque se você demorar muito já não vai adiantar mais, vai estar ultrapassado.

Cristiane Leite – Tá, e então nesse sentido o que poderia ser feito assim, por exemplo, nos programas, no caso o *Repórter Eco* que está aqui em questão, ele trabalha toda essa questão de concepção de mundo. Mas você acha que a sociedade mesmo tem que mudar toda uma concepção de mundo, de não só ficar falando nesse sentido que você fala da retórica da indignação? E tem que buscar mudar não só consumir, o consumo consciente, é mudar também a questão da produção, uma mudança de visão de mundo?

Washington Novaes - Mudança de prática de vida. Tem que mudar de vida, tem que mudar não é só a questão de como enxergar o mundo e o que propor, mas também mudar a sua própria vida. Quer dizer, nós não podemos continuar com o padrão de consumo que temos no mundo. Os relatórios do PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, já na década de 90 eu trabalhei como consultor em alguns deles, já na década de 90 eles falavam sobre essa insustentabilidade dos padrões de produção e consumo e renda também. Então o PNUD dizia o seguinte: hoje quase 80% do consumo no mundo está nos países industrializados que têm menos de 20% da população total. E se todas as pessoas do mundo consumissem como norteamericanos, japoneses ou europeus, nós precisaríamos de mais dois ou três planetas para suprir os recursos para isso. Agora, evidentemente eles não estão disponíveis, né? Agora, isso num mundo onde quase um milhão de pessoas passam fome todos os dias e 40% da população vive abaixo do nível de pobreza. Ainda assim...

Agora, se você olhar o quadro em cada país, em cada país isso se repete um pouco, né? Mesmo no Brasil, por exemplo, no Brasil ainda tem 30% da população vivendo abaixo do nível da pobreza. Você tem um nível de concentração de renda com os 10% mais ricos tendo mais de 50% da renda total do país. Então em cada país você tem a mesma coisa. Agora, o consumo supérfluo ou insustentável é brutal, né? Qualquer casa que você entrar, inclusive na minha, vai encontrar um porção de coisas em relação a isso. Você vê, nós deixamos de consumir quase 30% da energia em 2001, agora voltou, o consumo voltou. Quer dizer, passado o momento de crise as pessoas reincorporaram os velhos hábitos, de manter tudo ligado, tudo aceso, e ter consumo.

Agora você não tem também na parte da política ações que favoreçam. Por exemplo, pega a área de transportes, neste momento o governo federal está reduzindo os impostos

para que as pessoas comprem mais automóveis. Agora sem nenhuma exigência para as empresas, elas não têm que mudar nada nos carros, nem nada – os mesmos carros que elas estão fabricando. Agora, você pega a cidade de São Paulo, a cidade de São Paulo tem mais de 6 milhões de veículos para 10 milhões e poucos de habitantes, e continuam licenciando mil carros novos por dia sem nenhuma exigência. Que você espera que aconteça naquela cidade? Há mais de dez anos foi criado o rodízio, que era para tirar 20% dos carros de circulação. De lá pra cá já entraram mais carros em circulação do que o rodízio retira. Digamos, por exemplo, como hipótese, o governo poderia dizer: “Não, vamos dar isenção de impostos, agora pra você licenciar um carro novo você tem que comprar um carro velho e tirá-lo de circulação”. É perfeitamente possível; já há até alguns países na Europa que fazem isso, mas não há nenhuma exigência, você simplesmente vai botar mais carro, mais carro... É Goiânia! Goiânia já tem o mais alto índice de veículos por habitantes no país, é um veículo para 1,5 habitantes.

Cristiane Leite – Em Goiânia?

Washington Novaes - O trânsito de Goiânia está uma coisa, está igual ao trânsito de São Paulo. Você não tem nenhuma exigência, você não tem nada. Pelo contrário, você tem uma política de abrir cada vez mais espaço para o automóvel: tem construção de viadutos, de galerias, cortando praças ao meio, dividindo praças pra abrir espaço para automóvel. Não há eu, por exemplo, gostaria muito de não ter que usar carro, mas se eu não usar carro estou perdido, porque não tem transporte. Não tem como.

Você tem cálculos, tem um economista - eu não me lembro o nome dele agora -, que fez um cálculo em São Paulo que mostra que cerca de 5 milhões de pessoas usam transporte todos os dias na cidade de São Paulo, e a média de tempo que cada uma consome é de 2 horas por dia. Então 5 milhões de pessoas vezes 2 horas dá 10 milhões de horas que são consumidas no transporte. Ele então calculou qual é o valor médio da hora de trabalho em São Paulo, e chegou lá num número que não tenho de memória, mas de alguns reais por dia. Digamos que seja, creio que hoje deve dar aí em torno de 15 reais de horas como média. Então 10 milhões de horas vezes 15 reais são 150 milhões de reais por dia que são desperdiçados nessa questão de transporte. Aí quanto isso representa por ano? Multiplica aí por uns 300, 15 milhões (risos) vezes 300! A conclusão a que ele chegou foi a seguinte: se pudesse investir isso que é desperdiçado em transporte coletivo, em metrô por

exemplo, em poucos anos você botaria rede de metrô na cidade inteira. É o custo de uma rede de metrô para a cidade inteira!

Tem outro especialista, que é o professor Adriano Brugel Branco, que também faz umas contas: um automóvel para transportar um passageiro gasta 26 vezes mais energia do que o metrô. Então é um outro desperdício brutal. Mais: um automóvel consome 90% da energia para transportar a ele mesmo e não o passageiro; o passageiro são só 10%, o peso do carro é que vai exigir 90% da energia.

Tem também um estudo da Associação Nacional de Transporte Público que mostra o seguinte: se você juntar o sistema viário com o sistema de estacionamento mais as garagens, você tem mais de 50% do espaço urbano para o automóvel, para o transporte. Ou seja, aquilo que deveria ser um meio passa a ser um fim, a coisa principal em si mesmo na cidade, né?

Então acho que tudo isso devia ser discutido e tudo isso devia ser levado pro campo da política – é lá que as coisas se resolvem. Então acho que a comunicação tem essa obrigação e acho que a chamada Educação Ambiental de modo geral também tem essa obrigação. Mas também penso que os cursos de comunicação nas universidades precisam mudar, quer dizer, pra que digamos essa - usar a palavra da Marina Silva, que tenho certa implicância – pra que essa transversalidade aconteça na comunicação; ela não seja “você é jornalista econômico e pronto, você vai cuidar de economia, ou você é jornalista político ou de ciência ou do que quer q seja. Acho que isso tem que ser transversal, não acho que... as pessoas dizem: “Você acha que tem que ter jornalismo ambiental”? Não é o que eu acho, eu acho que todo jornalismo tem que ser perpassado por essas questões.

Cristiane Leite – Na sua avaliação como você pode definir ou pelo menos colocar a relação que você já pontuou entre sociedade e natureza? Você falou inserido na natureza, como parte da natureza?

Washington Novaes - Eu acho isso. Por aquela pesquisa do ISER que eu mencionei, dois terços da população se consideram fora da natureza e só um terço se considera parte dela. Mas acho que mesmo nesse um terço não é muita gente que percebe a relação direta, a não ser em certos momentos, né. Vem um estudo da Universidade de São Paulo e diz 20 pessoas por dia morrem por causa da poluição do ar; fora daí não tem muita gente que perceba. Acho que precisaria muita ênfase nessa questão de você ver que

consequências tem a degradação, a devastação, o consumo excessivo para as próprias pessoas, para o corpo das próprias pessoas. Então mesmo quando pareça remoto, quando muitas pessoas dizem: “mas o que eu tenho a ver com a devastação da Amazônia”, não, vai ter que ver porque não só como consumidor de madeira e outras coisas, como você vai sofrer as consequências no clima. O clima vai te atingir, a redução da área florestada na Amazônia tem consequências muito graves no clima. A mesma questão da água, ou o que a poluição ou o que a ausência de saneamento significam em qualquer lugar.

Acho que é todo um processo de informação e de criação de consciência para a sociedade que precisa ser feita.

Cristiane Leite – A produção cultural e histórica das comunidades também faz parte dessa relação da natureza (no caso, tudo o que elas produzem)?

Washington Novaes – Eu acho que faz parte seja como consumo ou como visão de mundo. Agora não digo e acho que não dá pra dizer de modo genérico que toda produção de comunidade tradicional tem uma visão boa ou correta. Eu acho que é cada caso, você pode ter coisas boas e pode ter coisas que não digam nada ou que sejam (inaudível).

Cristiane Leite – Sem ser de comunidades regionais, de comunidades urbanas no caso, a produção histórica e a produção cultural delas também está inserida?

Washington Novaes – Eu acho que ela está se aproximando mais, mas ainda não é muito forte isso aí não. Eu acho que a produção cultural também vive um pouco no gueto.

Cristiane Leite – Passando para as últimas questões, queria que você, se fosse possível, me identificasse atualmente quais são os patrocinadores do *Repórter Eco*.

Washington Novaes – Acho que no momento, que eu vejo no ar, eu só vejo que tem apoio cultural dessa Bunge, que é empresa de alimentos.

Cristiane Leite – A Natura cancelou um contrato de quanto tempo?

Washington Novaes – Contrato de 5 anos.

Cristiane Leite – E aí eles cancelaram? Cancelaram não...

Washington Novaes – Quando terminou eles não renovaram o contrato. Acho que eles estão no Futura agora. Agora eu sei que tem uma negociação lá na TV Cultura, eu não

sei se é com a Natura ou com quem é, estão tentando fazer um outro acordo para restabelecer um caminho.

Cristiane Leite – E pra identificar os patrocinadores ou os parceiros basta ficar olhando os comerciais, né?

Washington Novaes – Ah sim. No caso do *Repórter Eco* certamente não há marketing embutido em nada. Mesmo no quadro da Biodiversidade, por exemplo, quando era a Natura dizia um produto da parceria entre TV Cultura e a Natura. Não tem nada escondido ou um subterfúgio. Então esse Bunge aparece no intervalo.

Cristiane Leite – Você sabe me dizer qual é a expectativa da Natura, da Bunge, de algum parceiro ou mesmo do Estado? Qual é a expectativa de uma instituição quando ela financia um programa que tem a natureza do *Repórter Eco*?

Washington Novaes – Acho que de alguma forma é ganhar um pouco com o eventual prestígio com a audiência que ele tem. Primeiro atingir um público específico que é de interesse da empresa e eventualmente se beneficiar do eventual prestígio que o programa tem.

Cristiane Leite – Existe alguma influência, na sua opinião, entre essas empresas patrocinadoras e as informações ou o material, conteúdo, que é difundido no programa, ou não?

Washington Novaes – Não. A não ser o seguinte: no caso da Natura, por exemplo, a Natura participou durante um tempo e depois deixou de participar da discussão das pautas. Ela também podia sugerir pautas, não havia nenhum impedimento. No começo até desse acordo, ele incluía um outro programa, que era o *Biodiversidade em debate*, que era um programa mensal de uma hora. E então a Natura participava dessas discussões de pauta mas não tinha direito a veto, a preponderância ou nenhuma dessas coisas.

Cristiane Leite – Uma outra coisa que queria saber também: você já ouviu dizer de alguma recusa do patrocínio de uma empresa que vá totalmente contra os valores do programa, ou a determinação de quem vai ser patrocinador ou parceiro é feita no departamento comercial, independente do programa?

Washington Novaes – Olha, não sei te dizer como regra; posso te falar como uma experiência concreta, né? No caso da Natura, eu sei que o acordo foi acertado pela direção

da TV Cultura com a direção da Natura, com uma coisa curiosa: é que a Natura pedia que eu fosse o consultor desse quadro da Biodiversidade também. Talvez por uma circunstância. Algum tempo depois eu fiquei conhecendo o presidente da Natura, que me fogue o nome nesse momento, e que veio me falar o quanto ele gostava e tinha gostado da série sobre o Xingu, que eu fiz na década de oitenta; que ele viu a série inteira, e depois continuou acompanhando meu trabalho e gostava muito. Então ele tinha tido uma participação decisiva nessa questão da negociação desse acordo, e nessa sugestão para que eu fosse o consultor. Mas eu já era do *Repórter Eco* nessa época. E depois, até nessa série que eu fiz agora e que foi ao ar em 2007, essa nova série que fiz sobre o Xingu, a Natura foi patrocinadora. Aí eu procurei a Natura, eu o procurei – ele era o presidente – e eles compraram uma forma de patrocínio do Xingu.

Cristiane Leite – E com essa Bunge agora, essa empresa, continua essa coisa de eles poderem participar das reuniões de pauta?

Washington Novaes – Que eu saiba não. Não, que eu saiba não, certamente não. Eu também não tenho contato com eles; nunca conversei com eles.

Cristiane Leite – E como é que fica a Natura que patrocinava o quadro, agora que terminou o contrato? Então o programa está sendo mantido só pela emissora? Como é que está?

Washington Novaes – Está pela emissora, e possivelmente eu não sei o quanto a Bunge paga ou não paga, quer dizer, é uma renda desse patrocínio que é da TV Cultura. Mas acho que ninguém do Repórter Eco sabe quanto é ou quanto não é. Isso aí é uma coisa lá da área comercial.

Cristiane Leite – Tem algum outro patrocínio em vista?

Washington Novaes – Nesse momento não; eu não sei, eu sei que tenho uma vaga informação de que estão tentando negociar um novo acordo, não sei com quem, se com a Natura mesmo ou com outro, pra ir para esse quadro da Biodiversidade. Mas é muito... não sei.

Cristiane Leite – Por enquanto ele está sendo só reprisado?

Washington Novaes – Só reprisado.

Cristiane Leite – Washington, acho que deu para fechar...

Washington Novaes – Espero que seja útil (gravação interrompida). Mas também que há um certo preconceito contra os jornalistas que trabalham nessa área. Nas redações eles são considerados ecochatos, ecoixitas, essas coisas assim porque na verdade eu acho que isso faz parte de um fato de que a chamada informação ambiental é muito ameaçadora para todo mundo: é ameaçadora para governos políticos, que se levarem isso a sério terão que mudar todos os seus modos de fazer política e administração; é ameaçadora para empresários, que se eles levarem em conta os custos que eles geram e se dispuserem a arcar com esses custos, vai diminuir sua rentabilidade, eles vão dizer que isso é impossível, vão perder na concorrência num mundo cada vez mais difícil. Acho que é ameaçadora para as agências publicitárias, os órgãos de publicidade, porque eles terão que (risos) avaliar um pouco o que eles fazem, e pra quem eles fazem, ou poderão perder a preferência.

Acho que é ameaçadora para a comunicação, que se levar isso a sério vai ter conflitos com governos, com empresas, com agências de publicidade e até com parte do público, pelo menos. E acho que é ameaçadora também para os profissionais da comunicação, porque para uma grande parte deles, para levar isso a sério, eles têm que mudar a visão de mundo, não é uma questão factual somente, eles vão ter que olhar o mundo de forma diferente, e isso é muito ameaçador para as pessoas. Elas dizerem: “não, o que eu penso está errado, é inadequado, eu vou perder o jogo”. Mexe com o brio. E na verdade, é ameaçadora também para o cidadão, que eu vi duas pesquisas do Gálope sobre a cidade de São Paulo, não, sobre a região metropolitana de São Paulo, que as duas davam o seguinte resultado: mais de 60% das pessoas diziam que gostariam de se mudar de São Paulo, por causa de fatores que você chamaria de ambientais – por causa da questão da poluição do ar, por causa da questão do lixo, a questão da água, a questão do trânsito, tudo isso. Mas como é que você muda 12 milhões de pessoas, que são 60% da Região Metropolitana de São Paulo? Muda para onde, para fazer o quê, né? E cada uma dessas pessoas lá no seu canto está pensando o seguinte: “mas o que eu faço? Vou pra onde? Vou fazer o quê? Vou perder meu trabalho? E o trabalho da minha mulher? E a escola dos meus filhos? E meus pais que moram aqui? E os meus amigos que estão todos aqui?” Então é muito ameaçador ter que pensar “nossa, vou ter que mudar de um lugar por uma questão ambiental, eu vou perder isso aqui”.

Então você tem um processo de acomodação, de inconformismo, de revolta, de insatisfação e todas essas coisas, e de indignação, né? Que eu acho que é o que caracteriza a sociedade brasileira nas grandes cidades, principalmente nas regiões metropolitanas, porque acho que são lugares que estão sofrendo surtos de ingovernabilidade, né? Quer dizer, uma hora é o PCC que ocupa uma área da cidade, outra hora são os perueiros, outra hora são os camelôs, outra hora são não sei quem... E o poder público não tem o que fazer, ele não consegue fazer nada, os motoqueiros que bloqueiam a 23 de maio. Então você percebe a invulnerabilidade. Agora, por exemplo, há duas semanas aqui, esse cara que pegou o avião em Luziânia e veio e atirou contra o maior Shopping de Goiânia, num momento que tinha 10 mil pessoas lá dentro, né? Agora, você vê que vulnerabilidade: o sujeito vai a um aeroclube em Luziânia, encostado em Brasília, pega um avião - ele não tem habilitação - sai pilotando esse avião, deu vários vôos rasantes aqui no aeroporto, nos aviões e na própria torre de controle do aeroporto. Saiu daí e foi dando vôos rasantes, deu vôo rasante no prédio onde ele morava; deu vôo rasante no Buriti Shopping, e acabou atirando o avião lá no Flamboyant, onde só não aconteceu uma tragédia talvez maior do que as torres de Nova York (porque tinha 10 mil pessoas lá, né?), porque até agora não se sabe se foi porque acabou a gasolina, ou foi porque bateu em árvore, porque que batendo em árvore não explodiu... Você não sabe, e estão proibidos de divulgar. Quer dizer, hoje ainda está aí a proibição do pessoal da ANAC de depor. É de uma vulnerabilidade espantosa! E acho que isso faz parte desse quadro de invulnerabilidade progressiva das cidades, por fatores que se você quiser pode chamar de ambientais.

Cristiane Leite – Não deixa de ser, né? (inaudível). Então você acredita que esse marketing ambiental das empresas é o que muitos chamam de maquiagem verde, ou é possível fazer um marketing ambiental responsável?

Washington Novaes – Eu acho que grande parte dele é uma coisa cosmética mesmo, né? Agora eu acho que tem coisas interessantes que são feitas, mas ao mesmo tempo não dá pra ficar seguindo esse rumo de achar que o negócio de plantar árvore resolve tudo. Tem muitas coisas além.

Cristiane Leite – Então seria interessante desde que mostrasse política de uma empresa, que tem uma questão de produção responsável, divulgue um consumo voltado para essa produção, e não só essa de plantar árvore?

Washington Novaes – É, tem muito mais coisa, mas para isso também temos que ter uma coisa mais ampla e mais coletiva de revisão de padrões de consumo, o que é muito difícil para a empresa dizer que ela não deve fabricar menos e vender menos.

Cristiane Leite – Sim, porque é uma empresa. Muito obrigada pela entrevista.

**APÊNDICE II: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANDRÉ TRIGUEIRO
(07 DE ABRIL DE 2009, ÀS 11H NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
RJ)**

Fonte: Paulo Rubens



Foto II: Entrevista com André Trigueiro

Cristiane Leite – Me fale um pouco sobre a história do programa Cidades e Soluções.

André Trigueiro – No ano de 2004, eu fiz dois programas especiais na Globo News chamados - a série - Cidades e Soluções, que tinha exatamente essa linha editorial: soluções urbanas, sustentáveis, de preferência de baixo custo, replicáveis, e que a gente pudesse apresentar como exemplares, modelares assim, uma nova concepção de projetos com essas características. O programa foi ao ar em 2004. Em 2006 houve uma mudança na grade da programação da Globo News assim que os programas novos estrearam, e a direção do canal achou por bem transformar aquele projeto especial que era apenas de dois programinhas, que não eram seriados, eram apenas dois exibidos em uma série, mantendo uma presença na grade.

Me chamaram, e eu tava indo pra Copa da Alemanha – foi antes de ir pra Copa – perguntando se eu topava ser o editor-chefe do programa, e eu achei muito legal, muito interessante, e aceitei o desafio. A equipe do programa, a escolha dos nomes foi muito feliz,

né, a Marina Saraiva e o Alexandre dos Santos são pessoas igualmente interessadas, e o programa portanto tem esse escopo, quer dizer, está inserido num mundo que é predominantemente urbano (segundo a ONU, a maior parte das pessoas que vivem hoje no planeta vivem em cidades, e isso é recente, do ano passado para cá), e num país que tem aproximadamente 83% da população vivendo em cidades. Portanto quando a gente fala em sustentabilidade, a gente faz o recorte do urbano, a gente tá tocando fundo no coração da maioria das pessoas.

E o crescimento desordenado das cidades, que se replica como metástase, a falta de opções inteligentes e criativas pro lixo, pra água, pro saneamento, pra transporte, pra moradia, pra produção de energia, o uso sustentável dos recursos tornam a pauta do programa praticamente inesgotável. Então foi assim que ele surgiu.

Cristiane Leite – Você me falou dos objetivos iniciais. E com o passar dos programas, do tempo, houve uma alteração entre as demandas (que você falou ser inesgotáveis) e os objetivos iniciais e os atuais?

André Trigueiro – Não, na verdade não, porque a ideia sempre foi a gente ter muita abertura pra tratar desses assuntos com a devida responsabilidade. É muita responsabilidade você chamar um projeto de um projeto que possa ser entendido como solução, e nosso programa traz no nome a palavra *solução*. O que a gente tá mostrando tem esse prestígio. Então um cuidado que a gente precisa ter sempre é de não servir de veículo ou de vitrine pra quem não mereça esse rótulo, porque passamos a ser assediados, quer dizer, muita gente quer emplacar uma pauta no programa porque o programa passou a ser considerado uma grife de soluções.

Mas eu não percebi, confesso a você, não me ocorre agora, apesar de em dois anos e meio a gente ter aprendido muito com o programa, as diretrizes matriciais dele continuam sendo as mesmas: a gente está interessado em mostrar soluções que sejam efetivas, mensuráveis, de preferência de baixo custo, fáceis de replicar e principalmente sustentáveis. Que elas não onerem a pegada ecológica, que elas reduzam o consumo de matéria-prima e energia, e assegurem maior qualidade de vida pras pessoas, e esse escopo continua sendo o mesmo.

Cristiane Leite – Só para entender: o programa é exibido na Globo News, que é um programa de TV a Cabo...

André Trigueiro – Na verdade o programa é exibido primeiramente na *Globo News*; ele é exibido no Canal Futura; ele é exibido no canal aberto da parabólica da Globo na segunda-feira de manhã antes do Bom Dia Brasil; e ele é exibido na Globo Internacional. E cada programa fica um ano disponível para qualquer pessoa que tenha acesso à Internet do site da Globo News.

Cristiane Leite – E é possível esse download, na íntegra, do programa?

André Trigueiro – É possível assistir pela Internet. Baixar o programa ainda não é possível, não porque eu não queira.

Cristiane Leite – Como vocês fazem para selecionar as pautas diante dessa fonte inesgotável? Qual o critério de seleção dos assuntos que vocês irão abordar?

André Trigueiro – Toda segunda-feira temos uma reunião de pauta, e as pautas saem dos mais diversos lugares: eu saí agora de manhã com uma reunião com o vice-reitor da PUC, que me deu uma pauta.

Cristiane Leite – Ah sim, então vocês têm sempre que ficar ligados...

André Trigueiro – Olha aqui (mostrando a apostila que acabara de receber do mencionado vice-reitor): como reduzir o desperdício e transformar o que a gente joga fora no lixo em pratos. Então o que eu tenho à mão sempre são sugestões que vêm do contato com as pessoas: pessoas conhecidas que de viva voz sugerem, pessoas que mandam e-mails e sugerem; pessoas que ligam e sugerem e telespectadores que sugerem no blog do programa, e da garimpagem que a gente faz em notícias do cotidiano.

O noticiário tem pautas que muitas vezes não são destacadas como a gente gosta de fazer. Então vamos lá: no programa dessa semana a gente está dando um furo; a gente está mostrando com exclusividade o selo PROCEL da construção civil. Passará a haver, a partir de junho, etiquetas de prédios com selo PROCEL. Ninguém falou nisso ainda, então esse programa dessa semana tem algo inusitado, porque o professor da Universidade Federal de Santa Catarina, que nos deu uma entrevista num outro programa soltou isso. Ele estava falando de chuveiro elétrico, da importância de coletor solar no lugar do chuveiro elétrico e no meio da entrevista ele falou: “não, e é importante substituir o chuveiro elétrico porque daqui a pouco vai ter etiquetagem de eficiência energética nos edifícios”. Então não

existe propriamente uma ordem estabelecida; no caos da avalanche de informações do cotidiano a gente filtra o que nos interessa e transforma em programa.

Cristiane Leite – E quanto à seleção das fontes de informação que vocês irão ouvir nos programas?

André Trigueiro – Quando a fonte não é conhecida, a gente procura ter uma redundância – checar a informação com pessoas que a gente considera que são fiéis da balança. Deixa ver se consigo dar um bom exemplo, vamos lá: quando tentaram vender pra mim, há dois anos atrás, a pauta do plástico oxibiodegradável, que miraculosamente desaparecia a nossos olhos, eu achei essa história meio esquisita, porque me venderam um produto fantástico demais para eu acreditar que fosse assim. Recorri às minhas fontes que me disseram “há inúmeras controvérsias, que os materiais que não são visíveis eles não se degradam totalmente, apenas não são visíveis a olho nu e geram outros tipos de impacto”. Virou pauta do programa.

Cristiane Leite – No caso dessas fontes, elas costumam ser fontes mais acadêmicas, técnicas, ou por exemplo, se vamos falar sobre o problema da poluição de um rio, dos recursos hídricos, vocês costumam ouvir a comunidade local, ou o programa é realmente voltado mais para uma questão técnica?

André Trigueiro – A comunidade local pode ser um indicador de credibilidade. Deixa ver se tenho um exemplo: lá pro lado de Brasília, você tem uma boa escola, uma das melhores do Brasil de ecovilas, nos arredores de Goiânia. Aí você vai ver quem é que está por trás do projeto de ecovilas. São pessoas que aprenderam fazendo, não tem propriamente um mega *pedigree* acadêmico, mas é um trabalho com muita responsabilidade, muita credibilidade. São pessoas que aprenderam a ensinar como construir com adobe, como fazer banheiro seco, uma concepção de comunidade, de condomínio que não tenha muro e que não privilegie o transporte de carro. Quer dizer, um aprendizado feito a partir da experiência, práxis. Então, pra mim ecovila, quando tomei conhecimento dessa experiência e conversei com algumas pessoas que fizeram o curso, eu entendi a dimensão, a importância de registrar e mostrar isso. Não interessa o *pedigree* intelectual de quem está por trás disso, o que interessa é reconhecer que é verdade a proposta que eles estão realizando de construir usando materiais alternativos.

Majoritariamente, o meu fiel da balança tem um perfil acadêmico e técnico porque mesmo na academia você vai encontrar pessoas muito sensíveis ao conhecimento não-formal, não-acadêmico e não-técnico, mas que são pessoas que eu conheço. Eu estou na Zona Sul do Rio de Janeiro, sou professor de uma universidade; eu, por acaso, e tenho vinte anos de profissão. Então o jornalista precisa de fontes, você precisa ter pessoas que você atribua valor, credibilidade pra dizer “me explica melhor isso? O que você acha de eu falar desse assunto ou daquele?”. Normalmente essas pessoas têm um conhecimento técnico, mas não é pré-requisito. Eu não fico perguntando qual é a faculdade em que essa pessoa se formou ou qual é o nível de especialização dela; ela já tem luz própria! E isso, portanto, como eu tenho alguma exposição, e como o que a gente fala tem alguma repercussão, eu preciso estar bem escorado, senão comem o meu fígado. Preciso, portanto, ter boas fontes, e majoritariamente minhas fontes se enquadram no perfil que você descreveu. Entretanto não discrimino outras.

Cristiane Leite - Sempre que você vê que é pertinente, você as (referindo às fontes não acadêmicas) usa também...

André Trigueiro – Estou tentando pensar, por exemplo, quando a gente mostrou horta orgânica na cidade. Tinha um projeto de você fazer horta orgânica dentro da cidade do Rio de Janeiro, em vez de o alimento vir de outra galáxia. E aí? E aí que a gente ouviu pessoas que estão diretamente ligadas com o projeto. Eu não preciso ter redundância com fonte pra eu reconhecer o valor daquele projeto. Agora, quando eu preciso ter redundância, eu preciso de conhecimento, gente que conhece, e aí eu não vou economizar esforços pra ter alguém que seja um bom balizador do assunto que eu estou pensando em construir o programa.

Cristiane Leite – Particularmente para mim, é uma realidade muito diferente quando, hoje em sua aula, você perguntou quem bebe leite embalado em Tetra Pak. Eu sou de Anápolis, uma cidade perto de Goiânia (GO), e bebo leite vindo diretamente da chácara, nunca bebo leite industrializado. E aqui no Rio não vi ninguém que beba leite sem estar embalado numa caixa Tetra Pak ou industrializado. Tem sempre essas diferenças entre as regiões...

André Trigueiro – Sim, tem as singularidades.

Cristiane Leite - Existem dificuldades, e quais são elas, de se ter um programa com esse escopo que tem o *Cidades e Soluções*, dentro de um canal de televisão como o *Globo News* e outras emissoras? Qual é essa dificuldade de se ter, nessas emissoras, um programa com a natureza do *Cidades e Soluções*?

André Trigueiro – Eu posso dizer para você que tenho o privilégio de ter liberdade editorial. Não existe censura. Eu sou responsável pelos conteúdos que vão ao ar, e eu trabalho com uma emissora que me dá essa liberdade. Essa liberdade não foi oferecida, ela foi conquistada, e eu procuro fazer bom uso dela. Eu não sou propriamente um ativista ambiental, eu sou jornalista. Marcada essa diferença, eu faço por merecer uma confiança em relação ao que vai ao ar. Então no caso específico do *Cidades e Soluções*, eu realmente considero um privilégio ter conquistado essa confiança de quem paga meu salário, pra colocar no ar o que eu acho importante, do jeito que eu acho que é importante.

Cristiane Leite – Vamos para a relação entre Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável: qual é a ideia de desenvolvimento sustentável e de natureza que o *Cidades e Soluções* busca difundir no programa?

André Trigueiro – Em primeiro lugar eu não estou propriamente interessado em disseminar valores de desenvolvimento sustentável. Eu estou mais preocupado em disseminar valores de uma sociedade sustentável. Portanto uma cultura sustentável. Eventualmente a gente vai estar falando de projetos que gerem emprego e renda, que produzem riqueza, e o recorte na direção do desenvolvimento é mais evidente, mas não é o que me motiva mais. Eventualmente eu vou estar falando de modelo de desenvolvimento que não seja ecologicamente predatório, socialmente perverso, politicamente justo, quer dizer, um modelo na direção que interessa do que se convencionou chamar de *triple bottom line*: ele não tem medo do lucro, ele preconiza o lucro como princípio, mas ele está atento aos aspectos sociais e ambientais inerentes ao modelo. Então minha fonte de inspiração não é o conceito de desenvolvimento sustentável. Eu respeito quem considera esse o lide, mas o meu lide é sociedade sustentável.

Cristiane Leite – Então a partir disso, qual é essa ideia e que valores de uma sociedade sustentável que o programa busca difundir?

André Trigueiro – Eu acho que são novos valores civilizatórios. O mundo mudou, e nós precisamos mudar hábitos, comportamentos, padrões de consumo, estilos de vida. Em

que direção? Reduzindo a pegada ecológica – a gente pode viver melhor com menos – portanto tendo noção dos impactos do consumo sobre o meio que nos cerca e como uma atitude consumista se volta contra nós de várias maneiras; como é importante a gente ajustar projetos, na escala que ele tiver, domésticos, municipais, estaduais, federais, globais, projetos que podem ser menos impactantes; projetos que podem investir com mais cuidado na direção de um *design* ecológico sustentável; que a gente aprenda a refazer as contas. Aquilo que até pouco tempo atrás era considerado um modelo ou prioridade, se o mundo mudou, que ajustes esses projetos em diferentes escalas precisam ter.

A gente está sempre sugerindo. Eu acho que a mensagem subliminar do programa é a seguinte: tem um jeito melhor de fazer isso, tem um jeito mais inteligente. E esse jeito melhor e mais inteligente, invariavelmente, não significa prejuízo no bolso, pelo contrário, e significa mais qualidade de vida com menos demanda de matéria-prima e energia. Então a gente sempre vai estar instigando as pessoas a pensarem, sentirem e enxergarem diferente.

Cristiane Leite - Você abordou com destaque essa questão do consumo. Essa cadeia produtiva, a questão da produção também é muito abordada no programa ou vocês realmente focam mais no consumo?

André Trigueiro – Não, não temos preconceito com ninguém: fala de consumo, fala de produção, e dentro desse binômio você sustenta, como a gente já tem, 105 programas no ar.

Cristiane Leite – Qual a sua avaliação, André Trigueiro, editor-chefe do programa, do uso (ou não) do *Cidades e Soluções* como instrumento de educação ambiental?

André Trigueiro – Eu coleciono, graças a Deus, retornos que me são dados de forma espontânea de pessoas que gravam o programa e usam em sala de aula. Então ele tem, e isso foi discutido antes de o programa número um ir ao ar, pretensamente, ele é um programa didático. Ele tem essa função, então melhor se professores ou facilitadores na escola, na universidade, no sindicato, na igreja, na pastoral onde você estiver, descubra uma maneira de usar o programa como ferramenta pedagógica, ele tem esse perfil. Me alegra quando ele é usado dessa maneira porque a minha realização profissional vem do fato de o trabalho ter alguma utilidade ou serventia, e se ele tem essa função eu ganho o dia.

Cristiane Leite - Qual sua ideia de Educação Ambiental? É uma Educação Ambiental formal, realmente em escolas? Mas aí você já foi citando sindicatos, igrejas... Que ideia de Educação Ambiental você tem?

André Trigueiro – Eu acho que é importante quando a gente fala de educação – sou filho de pai e mãe professores, então é uma área que eu já conheço de casa, me acostumei a ver como é a vida de professor fora da sala de aula pelo menos - importa separar educação formal de educação informal. Nesse sentido, acho que os educadores formais são aqueles que possuem os rudimentos da Pedagogia, são treinados para isso, são professores profissionais, educadores. No que me diz respeito, enquanto jornalista interessado nesses assuntos, produzindo um programa didático que fala de uma sociedade sustentável, eu me reconheço como um educador informal – mesmo sendo professor - enquanto jornalista.

Por quê? Porque é muito evidente para mim que certos conteúdos disponibilizados através da mídia, por nosso intermédio, podem mudar ou ajudar a mudar hábitos, comportamentos, estilos de vida e padrões de consumo. É a função de uma boa educação. Uma pessoa bem educada tem discernimento para realizar escolhas em conformidade com uma visão de mundo.

Cristiane Leite - Então o Jornalismo tem essa relação com a parte educacional de formação de opinião, de visão de mundo?

André Trigueiro – Eu acho que, feita a distinção entre educação formal e educação informal, não há menor dúvida de que hoje o Jornalismo, a veiculação de notícias, certas informações veiculadas pela mídia sim influenciam as pessoas, educam para o bem ou para o mal. A mídia é apenas um instrumento amplificador. Que uso você faz desse instrumento? Que tipo de influência você exerce sobre as pessoas? É uma pergunta que fica em aberto. No que me diz respeito eu me esforço para que a influência a partir do meu trabalho seja a melhor possível. E a melhor possível significa que eu possa ser útil para que a escolha das pessoas se dê com uma melhor base de dados: eu estou melhor informado sobre esse assunto, portanto me sinto mais à vontade para assumir uma posição.

Deixa eu te dar um exemplo curioso de como isso acontece e da liberdade editorial que eu tenho: *Cidades e Soluções* acho que foi o único programa que já foi veiculado em TV aberta ou fechada que durante 23 minutos falou de cemitério sustentável. A gente conseguiu

mostrar o jeito certo e o jeito errado de você dar uma destinação final ao cadáver, e reconhecer que existe um impacto ambiental gerado pelo cadáver e existe uma série de cuidados que precisam ser tomados com os cadáveres, para que depois de morto você não vire um impacto ambiental.

A direção do canal, ao ser consultada (porque eu não sou maluco de colocar no ar e as pessoas só verem depois que eu estou falando de defunto em 23 minutos), avalizou mas pediu para ver o programa antes de ir ao ar; viu e aprovou. Semanas depois - eu me reservo o direito de não dizer o nome porque não sou autorizado – um dos diretores da empresa relatou à direção da Globo News, num encontro casual no elevador, que gostou muito do programa sobre cemitério.

Então de alguma forma a gente falar de morte, e que a vida no corpo um dia cessa, olha o alcance de um programa como esse para quem é muito materialista e só quer pensar no aqui e agora! E o programa lembra: olha, não importa se você acredita ou não em Deus, pra onde você vai ou deixa de ir, o corpo fica, inerte, e vai virar outra coisa, e outra coisa extremamente tóxica, necrochorume. E isso se você não der o devido tratamento vira encrenca. Portanto a gente está chamando a atenção das pessoas que não morreram para o fato de que um dia elas vão morrer e elas precisam estar atentas para impactos futuros, deixando orientação para alguém.

Cristiane Leite - É, isso muda toda a visão de mundo delas em outros aspectos também, né?

André Trigueiro – Eu não sei exatamente como esse programa bate em cada um, eu sei que bate forte! Porque a gente está falando de um assunto fundamental que permeia a existência, e encaixamos isso num programa, com liberdade editorial, e reconhecendo que também aí há uma educação, há uma informação que pode ser mais ou menos relevante dependendo da sua sensibilidade em relação a esses temas.

Cristiane Leite - Com relação a estímulo de ações individuais e coletivas, o programa busca mudar comportamentos e visões individuais ou também coletivas?

André Trigueiro – Não fazemos distinção. Nós somos democráticos, tolerantes, despretensiosos... Olha, eu já tive retorno de pessoa física, de pessoa jurídica, vou te dar alguns exemplos: um senador da República – posso dar todos os nomes que você quiser, por ora...ah, vou falar, não tem problema, não o conheço pessoalmente – Tião Vianna, do

PT, no início do programa, dois anos e meio atrás, fez questão de me mandar por SEDEX e por e-mail cópia de um projeto que ele apresentou no Parlamento, inspirado num programa que ele viu sobre compras públicas sustentáveis. Um edital de licitação e como é que você pode amarrar pra receber pontuação no edital não apenas do produto que é mais barato, pronta-entrega, o que seja; um produto certificado socioambientalmente, e o poder público já pode praticar isso. Então cumprimento em função disso. Carlos Minc, hoje Ministro do Meio Ambiente, soube enquanto Secretário do Meio Ambiente no Rio de Janeiro, depois pro Ministério, o seguinte: já existem grandes faixas de estrada feitas de asfalto de borracha, com pneu velho, ele soube disso pelo programa. Ele colocou obrigatoriedade no percentual de novas estradas construídas no Rio terem esse perfil, e levou isso para Brasília. Rodoviária Novo Rio criou um telhadão imenso a partir de um programa que a gente mostrou sobre coleta de água de chuva, onde isso estava acontecendo, que benefício que isso gerava. A gente mostrou aqui a Cidade do Samba no Rio de Janeiro, onde todas as escolas de samba do grupo especial ficam no mesmo lugar imenso, uma cidade, lá eles coletam água de chuva para banheiros, brigada de incêndio, rega de jardim, e mostramos o Engenhão, que é o Estádio do Botafogo, Estádio Olímpico João Avelange que também coleta água de chuva para múltiplos usos. O pessoal da Rodoviária viu o programa e encomendou um projeto para coletar água de chuva.

Estou te dando exemplos de empresas ou políticos que descobriram que “olha, dá para fazer. Eu tinha ouvido falar mas não sabia que estava com essa resolução, que já tem gente fazendo desse jeito”, e vai atrás. O programa fomenta. Uma vez, foi esse ano (a gente está em abril), um colega nosso do Recife, produtor, disse que estava numa reunião no Palácio do Governador, num dia que estava tendo uma recepção e os jornalistas estavam lá também, registrando, e ele ouviu de um secretário, quando soube que ele era da Globo e que fazia também trabalhos para a Globo News, ele (o secretário) falou assim: “no secretariado a gente pede para todo mundo, todos os quadros técnicos verem o programa, porque sempre tem alguma coisa ali que a gente aplica no dia-a-dia”. Eu estou dando para você um resuminho de como espontaneamente essas informações nos chegam e que elas alimentam uma convicção de que a gente não está muito preocupado com o público-alvo. Do jeito que a gente está fazendo, empresários, políticos, donas de casa (quando a gente fala de reuso de água ou de reciclagem de óleo de cozinha, a gente está falando da dona de casa). Há um misto e de alguma forma o programa responde expectativas.

Cristiane Leite - E ele permite, igual você falou, dependendo da forma como isso bate na pessoa ou no grupo, permite que as pessoas se mobilizem com essas informações?

André Trigueiro – Sim, você faz escolhas, toma decisão, você age! Você deixa de ser um elemento passivo, disperso.

Cristiane Leite - A dimensão política então está bem abarcada no programa? Você acha?

André Trigueiro – Sim, na medida em que a gente denuncia o que por omissão dos políticos torna a vida pior. Vamos dizer assim: a gente elege uma solução, solução a quê? A um problema. Por que esse problema existe? De onde apareceu o problema? Quer dizer, de forma mais ou menos direta a gente está sinalizando que sim, existe uma parcela de responsabilidade ou culpa da classe política sim, mas também existe uma parcela de solução que cabe à classe política dar. Mas o mundo não vai mudar por causa dos políticos. O programa não está escorado nas mudanças que os políticos precisam fazer. A gente eventualmente mostra políticas públicas eficientes, mas não é a linha editorial da gente; a gente mostra soluções, sejam elas originárias de uma política pública de um prefeito, de um governador, de um presidente, sejam elas de empresas privadas, sejam elas de pessoas físicas.

Eu falei da minhocasa: uma moça que foi morar na Austrália, e na Austrália todo mundo bota minhoca para comer o lixo orgânico. Ela trouxe, fez um cursinho, e bombou o curso dela quando foi ao ar na Globo News. Foi um dos programas que mais repercutiram, que muita gente estava angustiado em relação ao que fazer com o lixo orgânico, e descobriram a pólvora vendo “caramba, eu posso cuidar de minhoca sem ficar vendo a minhoca; posso cuidar de minhoca sem ter cheiro em casa, e posso ter adubo de graça, com boa qualidade e fazendo desaparecer meu lixo.

Cristiane Leite – Você acredita que essa questão existencial do homem, lá na sua casa e na sua comunidade, como um ser histórico, que traz sua história de casa, que esse homem tem uma relação intrínseca com a sociedade sustentável de que você trata? A história e a cultura das pessoas devem ser valorizadas no programa ou vocês buscam questões e soluções mais técnicas?

André Trigueiro – Sim, vamos lá: quando a gente mostra, por exemplo, o protagonismo de países como a Alemanha, que já foi apontado como o país que a gente

mais mostrou dentre os que a gente visitou, existe uma questão cultural da Alemanha, da precisão germânica de um país que causou e foi devastado em duas grandes guerras mundiais e aprendeu a valorizar os recursos. Em cenário de terra arrasada você não ter água, não ter alimento, não ter infraestrutura. Tem uma questão cultural por trás da opção pela sustentabilidade, tem uma questão cultural. Eles viveram dramaticamente escassez, então tem que saber cuidar para não faltar.

Aqui, quando a gente está falando e já falei do exemplo de ecovilas, que é uma questão cultural, você tem uma tradição de construir casas de adobe, ou de uma maneira menos impactante, isso não é uma questão apenas técnica. A sua pergunta traz outras questões do tipo: as comunidades tradicionais não trazem culturalmente suas técnicas? Em última instância a palavra técnica tem uma conotação negativa ou opositora à cultura local? Não! A cultura local tem suas técnicas pra tratar das coisas, do lixo, do esgoto, como é que você faz biodigestor, por exemplo, que é uma solução que a gente mostrou que veio da China – o que o chinês faz com o cocô dele, mais de um bilhão de pessoas estão transformando em energia. Quem trouxe isso para cá foi um ex-aluno Leonardo Boff, filósofo, que colocou isso numa favela de Petrópolis, na região serrana do Rio. Tem toda uma história aí de disposições pessoais para mudar o mundo, pra você introduzir uma técnica que é rudimentar, simples, de tratar esgoto num ambiente livre de oxigênio que se transforma em biogás. Uma técnica rudimentar que nasceu de uma experiência de comunidade de baixa renda, entendeu?

Então, a tua pergunta, eu não consigo separar técnica da cultura local. Eu tenho uma certa dificuldade de estratificar e dizer isso é da universidade isso é da cultura local. A universidade aprende com o saber local e vice-versa, tem uma interação aí que precisa ser considerada, porque ela é forte, ela tem seu lugar. Quando a gente fala, a gente fez um programa de redução de desperdício de alimentos, receitas de como aproveitar casca de ovo, fazer farofa de casca de banana, etc. Quem tem essas receitas? Não é o burocrata, e vira política pública. Então você tem política pública de redução de desperdício que se escora em receita de gente comum, como eu, você, a comunidade.

Cristiane Leite – Era isso mesmo que eu queria ver, essa relação, né? Uma outra relação que eu queria ver é que, como você falou que 85% das pessoas vivem em cidades.. Isso no mundo, você diz?

André Trigueiro – No Brasil, mais de 80%.

Cristiane Leite - Sim, e qual é a relação que o programa aborda, que vocês têm realmente percebido da relação do homem inserido na natureza? O homem realmente nessas cidades têm se colocado apartado da natureza? Como é essa relação homem-natureza?

André Trigueiro - Não, o fato de a gente viver num país em que o crescimento das cidades se dá de forma caótica, desordenada, onde a gente não resolve o problema da favelização, da violência, os transportes ineficientes quando são transportes públicos de massa indicam que a gente realmente não está sabendo planejar nossa ocupação. Então a gente está falando basicamente de gestão, o eixo básico assim, a partir do qual você começa a construir um diagnóstico nato da gestão. Cultura de gestão. Os gestores são analfabetos ambientais, e a população tem um déficit educacional grande porque acesso à escola não define uma boa educação. Muitas escolas não oferecem uma educação de qualidade. Estatisticamente o brasileiro está entre as nações em que há menos tempo de escolaridade, a gente não passa tanto tempo estudando. Tudo isso resulta numa - a professora Samyra Crespo, que hoje está no Ministério do Meio Ambiente e foi a coordenadora da mais ampla pesquisa sobre o que o brasileiro pensa em relação ao meio ambiente, ela revelou com muita precisão o seguinte: a maior parte, quanto maior a sua escolaridade, maior a sua sensibilidade para os assuntos ambientais. Existe uma relação, portanto, entre o nível de escolaridade e essa percepção desse senso de urgência pra uma nova atitude em favor do mundo e de você.

Então o Brasil paga um preço por não ter uma educação de qualidade disponível pra maioria das pessoas. Mas o problema matricial é gestão. Gestão, como é que eu faço planejamento urbano. Sustentabilidade precisa de planejamento, você precisa ordenar a ocupação, as intervenções urbanas – eu vou expandir aquela avenida, vou duplicar aquela faixa de pedestre, vou permitir a construção de supermercado ali, vou fazer aqui uma nova faculdade; tudo isso gera impacto. Como é que você ordena da forma mais, é... digamos, inteligente possível tudo isso? É o gestor.

Cristiane Leite – E questões como cidadania, por exemplo, lidar com uma visão diferente e questão de articulação (que nós até abordamos um pouco), são possíveis de ser trabalhadas pelos telespectadores a partir do programa?

André Trigueiro - Com certeza. A gente já falou por exemplo dos gargalos dos portadores de deficiência. Eu estava com uma moça de cadeira de rodas, conversando no

centro da cidade do Rio de Janeiro e de repente ela topou. Eu falei assim: “A legislação obriga os prédios a terem rampas, vamos entrar em um?”. A gente não fez nenhuma pré-produção, o cinegrafista foi atrás. O primeiro que a gente (inaudível) olhou e falou “aquele ali”. E aí chegamos lá, filmando, o porteiro “como é que a gente faz?” O porteiro se assustou, chamou um monte de gente – foi uma situação constrangedora – falamos do problema.

Fizemos um outro programa sobre atendimento psicológico em grupo para segmentos de baixa renda, algo que deu tão certo numa favela do Ceará a partir de um genial, louco, que largou doutorado na Alemanha, uma vida acadêmica maravilhosa na Europa para ficar numa favela nos arredores de Fortaleza, e instituir ali uma nova dinâmica de atendimento psicoterápico em grupo. Isso se espalhou pelo Brasil, e o Ministro Temporão transformou isso em política pública na área de saúde e a gente foi lá mostrar como é que você faz terapia em grupo com pobre, que não tem dinheiro para pagar psicólogo; como é que funciona. As pessoas choram, relatam “eu fiz aborto, contra a minha vontade, meu namorado não me queria”, e chora copiosamente; e o povo se abraça, canta música, e dá resultado. É cidadania, é inclusão social, é como você estar atento e usar a mídia como vitrine de experiências que vêm debaixo para cima muitas vezes, ou que denunciam ausência de política pública eficiente.

Cristiane Leite – Nesse aspecto que você falou, muitos conflitos que existem em cidades, conflitos de uma região com outra ou entre grupos de interesses diferentes... Como esses conflitos poderiam ser melhor articulados ou trabalhados? Vocês já abordaram isso no programa?

André Trigueiro - A gente não tem tempo para buscar arbitragem de conflito. A linha editorial da gente é buscar soluções. Eu vejo o nosso programa como vitrine de soluções. Eu não tenho tempo para ficar mostrando conflito. O conflito, ele pode ser entendido de passagem. Você pode mostrar que existe um problema; a gente já tocou em assuntos espinhosos: saco plástico é um deles; o que fazer com garrafa pet ou o que fazer com caixinha Tetra Pak. Três programas espinhosos, porque a gente ali não estava dizendo que havia uma solução. Não existe ainda solução para saco plástico, não existe ainda solução para garrafa pet, não existe ainda solução para caixinha Tetra Pak. Existem movimentos que tentam atenuar o impacto desses resíduos; aí tem um conflito. Só que a gente não está ali pra ficar... a gente ouve os dois lados e segue adiante.

Saco plástico, o que é que está sendo feito? Um monte de gente que está adotando sacola, supermercado que está estimulando, dando desconto para quem não usa saquinho e vamos em frente. Garrafa pet, qual a solução? Bom, a solução é fazer com que o catador de rua se interesse em levar aquilo que não tem peso, não dá retorno pra ele. O que os fabricantes estão fazendo para atrair o catador pra ele? Remunerando acima da média. A mesma coisa acontece com a caixinha Tetra Pak, mas não resolve. É um conflito.

Cristiane Leite – Agora o último bloco seria mais sobre o caráter da emissora mesmo. É possível identificar os patrocinadores do programa *Cidades e Soluções*?

André Trigueiro - Sim, eles se apresentam.

Cristiane Leite – Quais são?

André Trigueiro - Atualmente a Caixa Econômica Federal e a partir do mês que vem passa a ser também o Supermercado Pão de Açúcar.

Cristiane Leite – Nos comerciais, nas propagandas é possível realmente ver esses patrocinadores?

André Trigueiro - Antes de o programa entrar você tem uma vinheta dizendo “Cidades e Soluções, oferecimento”, aí você tem o nome dos patrocinadores.

Cristiane Leite – E qual é a expectativa dessas empresas, desses patrocinadores, quando financiam o programa?

André Trigueiro – Aí você tem que perguntar para elas.

Cristiane Leite – Você não saberia dizer, né?

André Trigueiro - Eu não vou deduzir ou chutar. Eu não tenho contato com patrocinador, não converso com eles. Eles não vêm oferecer para mim o patrocínio, eles procuram a direção, digamos, do departamento comercial da Globo News e dizem “eu quero patrocinar este ou aquele programa”. Agora, eu não tenho como te dar uma resposta definitiva, porque eu não tenho contato com eles, direto.

Cristiane Leite – Então esses patrocínios são fechados no setor comercial independente do programa?

André Trigueiro – Independentemente de qualquer outra coisa. É um negócio.

Cristiane Leite – Você sabe me dizer se no produto final do programa Cidades e Soluções é possível identificar uma influência dos patrocinadores?

André Trigueiro – Não, e considero isso um assente à minha pessoa se houver qualquer tipo de insinuação de que o produto final do Cidades e Soluções se resolveu desta ou daquela maneira porque um patrocinador quis ou porque alguém achou que devia ser. Eu pego meu boné e vou embora

Cristiane Leite – É que eu, como pesquisadora, tenho que fazer essas perguntas...

André Trigueiro – Eu entendo, mas eu tenho que ser claro o suficiente para não deixar a menor margem de dúvidas de que não, eu não tenho nenhuma ingerência nem dos patrocinadores, e posso dizer que seja um luxo, nem dos (inaudível).

Cristiane Leite – Já houve casos em que você fez essa questão de realmente dizer “não, isso é contra o que o programa prega, o que o programa defende”? Você já fez isso que você falou de pegar seu boné e dizer “não, isso a gente não faz, é contra nosso programa”? Já teve recusa em se cobrir uma coisa ou se fazer um programa?

André Trigueiro – A pauta quem define somos nós. Nós temos a liberdade de escolher as pautas que nós queremos. Dentro desse princípio, eu não tenho uma cobrança, não tenho alguém que diga “tem que fazer desse jeito ou não pode fazer daquele jeito”. Não aconteceu ainda. Eu atribuo isso a uma baita confiança que é depositada na equipe do programa, né? Agora, objetivamente, eu não tenho na Globo News o que eu tenho na CBN. Na CBN eu sou comentarista há seis anos e eu tenho poder de veto sobre patrocinador. Já aconteceu quatro vezes de eu recusar patrocinador na CBN. “Não pode”, “Por quê?” Não quero aparecer associado a essa marca, não acho interessante para mim. Meu site na Internet não tem patrocinador, eu não quero estar colado a ninguém. Não quero que ninguém tenha dúvidas de que eu estou ali exercendo meu ofício de jornalista sem pudores ou constrangimentos. Tem sido assim.

O último artigo que eu escrevi no Jornal *O Globo*, aqui no Rio de Janeiro, ano passado, na página sete do *Globo*, chamou-se “Os nomes dos bois”. Eu bati em três supermercados e quatro bancos. Três supermercados que segundo a pesquisa do IDEC (Instituto de Defesa do Consumidor), não conseguiam reconhecer a origem da carne bovina disponibilizada nos açougues das redes – portanto poderia ser carne da Amazônia, churrasquinho com cheiro de floresta queimada -, e quatro bancos que estavam financiando

a construção de frigoríficos na Amazônia sem querer saber onde, se era área de floresta pública ou era área de invasão. Toma o dinheiro e faz o que você quiser. Entre os bancos estavam: Itaú, Bradesco...são mais de quatro...Banco do Brasil, BASA e BNDES, cinco. Meses antes, o Bradesco me chamou em São Paulo e pagou o que eu cobrei pra ser o curador de uma mesa que discutia riscos ambientais. Eu chamei duas pessoas, o Sérgio e o Hélio Matta, a gente fez um painel, coisa e tal, maravilha. Meses depois eu escrevi o artigo no Globo falando do Bradesco e falei na CBN: “Bradesco, banco do planeta, financiando frigorífico?”

É essa maneira que eu me sinto à vontade para ser jornalista. Não é porque os caras me pagaram para fazer um trabalho, que se eles pisaram na bola, no meu entendimento, eu vou deixar de falar.

Cristiane Leite – No caso de um programa como o *Cidades e Soluções*, em que você não tem o poder de veto, você fica preocupado se uma instituição que financia o programa não age conforme o que é defendido por vocês?

André Trigueiro - Claro que eu fico preocupado, eu tenho meus escrúpulos. Não vou dizer minha lista negra, mas eu tenho minha listinha negra de empresas que eu não me sentiria confortável moralmente de ter como apoiadora.

Cristiane Leite – Então isso realmente são coisas com que você se preocupa?

André Trigueiro -. Me preocupo, e sei reconhecer o limite. Eu tenho meu limite também. Em tese existe o risco de um apoiador com que eu não me sinto confortável venha a querer fechar um patrocínio, e eu vou ter que sair. É duro. Não aconteceu.

Cristiane Leite – Obrigada, creio que deu para abordar todas as questões.

**APÊNDICE III: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LEONARDO
MENEZES (08 DE ABRIL DE 2009, ÀS 11H NA FUNDAÇÃO ROBERTO
MARINHO)**

Fonte: Funcionária do Canal Futura



Foto III: Entrevista com Leonardo Menezes

Cristiane Leite – No caso do Globo Ecologia, (inaudível) você disse que são 100 funcionários no Futura todo, né?

Leonardo Menezes – É, exatamente. No Globo Ecologia (a gente pode ir para a sala de reunião), deixa só eu pegar (inaudível) uns exemplos aqui de instituições da mobilização do canal. É, o Globo Ecologia, ele é produzido pela Savaget, que é uma produtora que já faz o programa há quase 21 - o programa já tem quase 20 anos – e a Savaget já o produz desde o primeiro; eles praticamente foram os criadores do formato, e é o programa de ecologia mais antigo da TV brasileira. E eles como eles foram também estão com a gente desde o primeiro, se tornaram a única produtora que ainda continua produzindo o programa

até hoje, e isso não é comum. Isso, na verdade, o canal ele faz uma licitação entre produtores, ou seja, ele vai fazer um programa como (inaudível) ou *Um Pé de Quê?*, daí ele vai fazer uma licitação com vários produtores e aí quem tiver o melhor preço custo-benefício que vai ser eleita pra produzir aquele programa.

Cristiane Leite – E aí é por programa ou por uma série de programas?

Leonardo Menezes – Por uma temporada. Então naquele ano vão produzir, por exemplo (mostrando material impresso) – está aqui pra te ajudar a enxergar um pouquinho o canal – isso aqui é o que a gente está produzindo nesse momento. Então você vê aqui tem o nome dos coordenadores, a Marta, a Rosi Escobar... A Rosi cuida do *Globo Ecologia* e do *Globo Ciência*, e aqui está a quantidade do que a gente está produzindo nesse ano. Então *Globo Educação*, *Globo Universidade* (inaudível), enfim, são várias coisas. Quando a gente diz aqui (mostrando o material impresso) programas dispersos são interprogramas, que são pequeninhos, e programas já são programas de pelo menos meia hora. E aí você já vê (inaudível) os fatos do ano para produção.

Cristiane Leite – (olhando o material impresso) Esse R 818 que tem aqui?

Leonardo Menezes – Esse é o ramal deles.

Cristiane Leite – (olhando o material impresso) Com André? Quem é André?

Leonardo Menezes – André é um assistente. Onde tem “com” são os assistentes. Antes, não necessariamente um assistente trabalhava com um coordenador; mudou esse ano (inaudível), mudou esse ano. Agora os assistentes trabalham com o mesmo coordenador sempre, porque antes era separado, assim, o mesmo coordenador trabalhava com assistentes diferentes.

Cristiane Leite – E aí o produto da Savaget é muito mais (inaudível), e os técnicos, o apoio técnico é do Futura (inaudível)?

Leonardo Menezes – Não, não, eles são a produtora contratada (andando e procurando sala) - ih, aqui está impossível, vamos ver se a gente vai para uma outra? Acho que aqui dá para ficar, e ninguém vai incomodar a gente.

Cristiane Leite – (Pausa: pede para tirar foto)

Leonardo Menezes – Mas aí a Savaget é paga para fazer o programa e entregá-lo pronto. Tem todo um processo de acompanhamento, né? Quando a gente contrata uma produtora não é que a gente simplesmente “ah, agora se vira aí”. Todos os programas são acompanhados pelo Canal de forma integral, ou seja, desde quais serão os temas abordados, leitura de roteiro, ficar verificando todas as versões de edição até a aprovada que vai para o ar. Tudo isso o Canal tem pessoas que ficam acompanhando essa produção de forma integral; então é uma produção assistida, ela é terceirizada mas é assistida de forma integral. Porque a gente acompanha o programa desde que ele é uma ideia até os programas que já existem e os que acabaram de ser criados.

O Núcleo de Conteúdo também é responsável pelas novas propostas, novos projetos, por exemplo: tem um parceiro do Canal que trata da questão de alfabetização, então vai querer a abordagem disso mas só que quer abordar isso para adultos. Como é que eles fazem? Então vamos criar aí um novo programa, um novo formato para tratar disso. A Microsoft agora quer fazer um programa sobre a informática na escola; aí bom, então a gente quer falar com os jovens, os alunos? Beleza, jovem normalmente gosta de assistir mais ficção, então vamos propor uma ficção, com personagens, vai ter os alunos, vai ter a professora que não deixa, que tranca a sala de informática; vai ter um professor que é o entusiasta e aí ele consegue e chama alguns alunos para ser monitores...enfim, o programa vai sendo criado e aí depois você contrata uma produtora; o formato é todo criado aqui dentro, enfim, toda a parte de criação artística e de conteúdo é o Futura que dá.

Cristiane Leite – E aí a produtora só colocaria isso em prática?

Leonardo Menezes – É, exatamente. Ela contrata os profissionais, diretor, roteirista (às vezes roteirista até a gente contrata), mas iluminador, diretor de arte, diretor de produção, figurinista, maquiador, isso tudo fica a cargo da produtora. A produção do programa fica a cargo da produtora, agora a parte criativa é o Futura que dá esse aporte.

Cristiane Leite – Tá, aí o programa fica pronto na produtora, volta para o Canal...

Leonardo Menezes – Volta pro canal para ser exibido.

Cristiane Leite – Aí exhibe e depois tem aquele *feedback* de que você falou? Como você faz esse retorno, no caso das instituições?

Leonardo Menezes – Aí das quatro gerências do canal, três são envolvidas na programação (a Gerência de Conteúdo, a Gerência de Programação e Engenharia e a Gerência de Produção), todas elas estão envolvidas e falando entre si o tempo todo para ver questões artísticas, enfim, questões de liberação do programa, de orçamento do programa para pagar a produtora e tal. Eles fazem toda essa ponte com a produtora, que está lá produzindo o programa.

Quando o programa fica pronto ele volta para cá para ser retransmitido. Ele é retransmitido a partir da nossa antena que vai para a Globo Sat e que a Globo Sat transmite pro Brasil todo. Aí começa o trabalho da Mobilização; a Mobilização sempre trabalha com o que está no ar. Então, toda essa parte, o programa foi ao ar, as outras gerências já estão pensando em outros programas, já vão seguindo a lista. Eles terminam aqui já vão pensando (batendo palmas) no ano que vem. Então programa no ar é programa já feito, entregou para a mobilização.

Depois que ele está no ar, ou seja, está disponível para os telespectadores em geral e para as instituições que trabalham com a área de mobilização, é aí que começa o trabalho dos mobilizadores, aqui dentro do Futura, que a gente tem contratados 30 mobilizadores. Na verdade esse número varia conforme alguns projetos, mas é em torno de 20 ou 30 mobilizadores, que moram em vários estados do Brasil. A gente tem alguns que moram aqui, só que eles pertencem ao Futura (inaudível) lá embaixo, que é uma equipe de no máximo dez pessoas, só que a gente tem os outros mobilizadores que moram no Sul, no Centro-Oeste, no Nordeste, no Norte, aqui no Sudeste – então a gente tem 2 em São Paulo, 1 em Minas; a gente tem, acho que ficam baseados em Brasília, na estrutura do Centro-Oeste, acho que tem 2 lá; a gente tem 5 no Nordeste; tem 2 no Norte; tem 4 no Sul; enfim, depende também da quantidade de instituições que cada região tem. Na verdade há regiões que têm muitas instituições, como Sul e Sudeste: tem muita escola, muito presídio, muita biblioteca, muita empresa, então aí tem um número de mobilizadores maior, né? Rio de Janeiro tem 2, São Paulo tem 2, então trabalha com essas instituições mostrando a programação: “olha, esse ano no Futura a gente faz tais e tais programas, e a instituição, dependendo do trabalho que ela faz, ela escolhe ou programas que estão no ar ou até programas antigos que já saíram do ar, que foram produzidos há 4 ou 5 anos, mas cujo tema ainda está em voga, né?”

Porque a gente faz, como esses programas reprisam bastante, a gente não trabalha muito com o factual, a gente trabalha de uma forma mais abrangente, pra que ele possa permanecer mais fresco no ar por mais tempo. Então mesmo programas feitos há 5, 6, 7 anos atrás podem continuar sendo trabalhados pela Mobilização tranquilamente. Eles pegam e continuam trabalhando de acordo com a demanda da instituição; não é o Futura que vai determinar quais programas a instituição vai usar, é a instituição que vai escolher quais programas ela quer e qual vai ser a metodologia. Por exemplo, tem muitas ONGs que trabalham a exploração infantil, e aí elas vão criar junto com o Canal workshops, oficinas, formas de falar com a população, forma de falar com as crianças... Como o programa vai ser apresentado, às vezes ele é apresentado inteiro, às vezes só uma parte específica dependendo lá da dinâmica que a instituição cria. Ou seja, é uma coisa que a própria instituição tem que tomar para si aquele conteúdo e fazer com que ele entre no próprio processo de funcionamento da instituição; a gente não determina isso.

Cristiane Leite – Então o programa é bem maior, né?

Leonardo Menezes – É, exatamente. Vou deixar aqui com você o anuário, são 2 anuários. Você, na programação do Globo Ecologia, você está tratando qual ano de edição? Do ano passado?

Cristiane Leite – Seria o ano passado, mas tive que mudar por uns problemas de verba, e aí não pude pegar, reunir a verba necessária para poder comprar os outros programas. Então minha orientadora me sugeriu para gravar os programas de abril e maio desse ano.

Leonardo Menezes – Tá, abril e maio desse ano? Você já vai pegar a nova temporada. Agora em abril estreia, acho que é sábado que estreia a nova temporada.

Cristiane Leite – Por isso que eu vi o Guilherme (Berenguer) ainda?

Leonardo Menezes – É, exatamente, agora que vai começar a nova temporada com o Max Fercondini. Bom, mas de qualquer forma eu trouxe para você aqui os anuários, o que são os anuários? A cada ano a gente coloca aqui os programas que estrearam no canal, ou seja, todas as novidades no ano de 2007, de 2006, e a gente está produzindo agora o de 2008, porque a gente espera acabar o ano, porque ele vai de janeiro a dezembro mesmo. Então a gente tem que ter um tempo para processar as coisas que acabaram de ocorrer agora em dezembro e tal, mas o anuário de 2008 sai esse mês, fica pronto esse mês.

Mas aqui (mostrando material impresso) você tem todos os programas prontos. Você vai por exemplo na página do Globo Ecologia - é até bom você me cobrar mais pra frente, daqui a um mês por exemplo, de eu te enviar um anuário de 2008, se bem que você vai trabalhar com a programação nova, nem vai te adiantar muito o de 2008, que vai estar tratando dos programas que foram ao ar no ano passado. Mas aí o ideal é você manter contato com a Isadora, vou até te apresentar de novo quando a gente descer, porque ela que está cuidando da série desse ano. Então ela que vai poder te dar mais informações especificamente sobre os resultados que estão sendo exibidos. Porque eu fui até 2008, eu fui de 2002 a 2008, então eu posso te falar de tudo o que aconteceu no programa nesses anos anteriores, mas é bom... Se bem que o processo é mais ou menos o mesmo, ela só vai te dar agora os novos *inputs* de quais agora os temas dos novos episódios, se mudou alguma coisa no formato, como é que está sendo o novo apresentador.

Mas o programa é realmente produzido pela Savaget, continua mais ou menos a mesma abordagem. Mas é bom você perceber também as temáticas do canal, né, as diferentes temáticas. Por exemplo, no ano de 2007, a gente focou, principalmente nos 26 episódios que a gente produziu (foram 26 mesmo? Depois eu vejo, basta você contar), 80% deles foram dedicados às mudanças climáticas. Então a gente ficou muito focado nesse tema no ano de 2007, e foi até uma grata surpresa, surpresa não, mas a gente ficou muito feliz quando na verdade surgiu, foi no ano de 2007 que esse tema ganhou de fato peso, por conta do IPCC que começou a divulgar e isso teve grande repercussão na mídia.

E aí quando isso teve repercussão já era fevereiro, que foi quando o IPCC lançou o relatório dele falando sobre os impactos das mudanças climáticas, e a gente já estava trabalhando esse tema desde o ano anterior, desde dezembro de 2006. E foi super bacana porque quando a programação nova estreou em abril, o Globo Ecologia estreou em abril de 2007 a gente já estava na crista da onda, com vários programas produzidos sobre o tema, então foi super bacana para a gente, porque a gente saiu bastante e teve uma boa repercussão por causa disso.

Já no ano de 2008, a gente resolveu aproveitar uma efeméride, que foi a primeira vez na história da humanidade que teriam mais pessoas morando em cidades do que em espaços rurais. Foi a primeira vez que aconteceu isso foi no ano passado. Então, quais são os impactos disso para o meio ambiente? Ou seja, os impactos disso para a questão ecológica, seja na área de transporte, alimentação, migrações, doenças... Aí a gente foi

tentando fazer um raio-x da questão em vários programas, e gerou a série do ano passado que foi *O Mundo em Movimento* (mostrando material impresso) – e aí aqui uma breve sinopse do que foi um pouco essa série. Esse documento foi atualizado até o episódio 16, que aí depois quando a gente já estava trabalhando o resto do programa a gente só ficou colocando as sinopses normais mas, enfim, você não vai trabalhar com essa época então não adianta muito te mandar o resto.

Mas é mais para você perceber que aqui a gente fez três movimentos diferentes. Pra tratar do mundo em movimento, dessa dinâmica da população humana pelo mundo, a gente resolveu separar a série em três momentos: o primeiro a gente trabalhou a história socioecológica, ou seja, o entendimento desse novo mundo, um mundo mais urbano, passando pelo conceito das populações naturais – aí a gente foi trazendo o que são as populações naturais, que são aquelas que não somos nós, temos os animais, as plantas e tal; como é que elas evoluíram no mundo, as próprias migrações que elas fizeram, muitas espécies por conta de ajuda humana ou não migraram para outros continentes, né; entender como isso foi impactando o próprio ecossistema -; o conceito de áreas protegidas, como é que isso surgiu, áreas que devem ser preservadas e conservadas (existe uma diferença: preservação é aquilo que você deixa intocado, os parques nacionais são exemplo disso, porque você não pode mexer, não pode ter nenhuma atividade a não ser a turística naquela área, e pesquisa. Existem outras áreas, que na verdade até seria conservação, porque ela é uma área em uso, protegida mas em uso; existe atividade humana rolando nela. Algumas áreas inclusive com mais, nas reservas extrativistas, por exemplo, são áreas também de proteção mas que existe atividade econômica inclusive extração e tal, nesse entendimento. E existem outras áreas, que são as reservas naturais, que aí elas são intocadas; aí só cientista mesmo pode entrar para realizar pesquisa, não pode ter nenhuma circulação humana que não científica dentro dessas áreas.

Então a gente foi entendendo esse conceito, e de onde ele surgiu, que são coisas de 100 anos, 150 anos para cá; é bem recente. E depois a gente foi entendendo as migrações naturais, das populações naturais; passamos pelas espécies endêmicas, ou seja, aquelas que só existem no Brasil – então qual a importância da preservação dessas espécies, muitas delas em extinção – aí depois passamos já pela influência humana, a domesticação das populações naturais, nossa dependência de várias populações, seja por questão de saúde, sejam elas por afeição humana, sejam para comida, como se dá a relação humana nisso; a gente questionou inclusive métodos como pecuária extensiva, enfim, coisas que às

vezes a gente até coloca (inaudível) animal... a gente foi abordando esses temas; as espécies ameaçadas de extinção. E depois a gente passou já para um outro momento, que seria mais a história socioecológica mesmo. Que seria o Brasil, como começou, a relação dos índios com o ambiente natural antes da chegada dos portugueses, aí a chegada dos portugueses com métodos de trabalho, epidemias que eles trouxeram, e que hoje continuam migrando (casos de dengue, febre asiática, o caramujo africano que está acabando com várias espécies de insetos principalmente aqui no Rio de Janeiro). Aí a gente foi tratando os ciclos econômicos, ou seja, o uso dos ecossistemas para a economia, então o primeiro ciclo da cana-de-açúcar – porque o segundo ciclo é agora – aí fazendo essa relação do que aconteceu no passado com o que está acontecendo hoje em dia. A relação do café, que foi uma das maiores economias do Brasil e também acabou com várias florestas, principalmente aqui na região do Rio de Janeiro, próximo de São Paulo e Minas Gerais hoje em dia.

Sempre apresentando um problema mas também uma solução. Aí mostrava um projeto que é o movimento do café com a floresta, plantar dentro da floresta em si; o império do gado, falar sobre o início dos primeiros rebanhos no Brasil, o impacto do gado no solo, enfim, tem vários tópicos aqui que você vai sabendo do que trata cada programa.

E depois população humana em si: desde travessias e retorno da população africana que veio morar no Brasil, e depois parte dessa população voltou para a África, levando costumes brasileiros para lá, então estudamos isso. O fluxo de imigrantes dentro do próprio Brasil, imigrantes que vieram da Europa e de outros países do mundo – como é que eles sedimentaram, métodos de plantação diferentes, de uso da terra diferentes. Os refugiados do desenvolvimento, pessoas que ou migraram para aqueles projetos estimulados pelo governo na década de 70 e 60 no norte do país, os sulistas para lá para criar gado ou na Amazônia, o arco do desmatamento até barragens, populações que têm que se mudar.

Questionamos também cidades médias, como elas estão fazendo para crescer com sustentabilidade; e depois tratamos da questão urbana questão do lixo.

Cristiane Leite – Então Leonardo, além dessas informações, posso (gravação interrompida) o problema é que comecei a gravar no meio, né? Mas aí depois você só me fala, por exemplo, a Rosi Escobar ela é editora-chefe do programa?

Leonardo Menezes - É, na verdade ela pode ser como coordenadora mesmo, ela é uma pessoa que cuida não só do Globo Ecologia como de vários outros programas. Ela faz a gestão desse programa. O que ela tem que fazer no papel de coordenadora? Ela tem que ser a ponte entre o Futura e as produtoras... e entre o Futura e a Globo. Por quê? Porque muitos desses programas, em maior ou menos grau, a gente compartilha essas ideias... eles esperam que a gente traga as propostas, que nós levemos para eles as sugestões de pauta que vamos tratar; eles vão meio que orientando um pouco, mas a produção em si é nossa.

Cristiane Leite – E você trabalha no Relações Internacionais?

Leonardo Menezes – É, eu trabalhava com o Globo Ecologia até o ano passado, pelo Núcleo de Conteúdo, eu era o analista responsável pelo conteúdo do programa. Ou seja, era responsável pelo os temas: trouxe a questão de alimentos, as plantações sustentáveis, a melhor distribuição de alimentos, menos desperdício, o impacto das superproduções, da agricultura extensiva, e por aí vai...

O papel do analista de conteúdo é passar a informação o mais correta possível. Às vezes a gente tem até que reeditar um programa antigo, porque às vezes a gente está passando uma informação que foi desmistificada. Fazer a ponte com a universidade, né, com os consultores, e faz esse balizamento da melhor apresentação antes dele ir para a gravação. Então o analista de conteúdo tem um papel muito importante nessa parte inicial: por exemplo, o entrevistado se enrolou, melhor tirar para não confundir e usar imagem de arquivo etc.

Tem também o coordenador artístico (que é o Márcio): se os entrevistados foram bem gravados. Cenas externas para dar uma respirada; se o ritmo da edição está num bom encadeamento, se está muito lento, a produção do radiografismo. Conversa muito com o diretor, mas não numa sala, vai caminhando no jardim do campus. Mais atraente, visualmente falando; vai dar opinião em trilha sonora; se está gravando numa floresta, deixa o som da floresta estar ali presente. E tem o assistente do coordenador, que no caso da Rosi é o André, que cuida para que a produtora seja paga no dia correto. Porque a gente vai desembolsando o dinheiro em levas, então ele é o que baliza as parcelas do programa, ele vai fazer com que a produtora entregue todos os documentos, todas as autorizações. Ele é vendido para o exterior, limpo para o programa entrar no ar que a fita chegue para uma avaliação técnica. O pessoal que vai medir áudio, medir vídeo. Você tem que garantir que ele tenha um padrão, e não vê um programa mais claro ou mais escuro, tem que ter todo um

padrão. Então ele que vai cuidar para que essa avaliação seja feita, ser avaliado de novo pra aí sim o programa entrar no ar, fazer o barco andar e mandar a fita para outros canais.

Cristiane Leite – Deixa eu te explicar as questões que eu trouxe: um primeiro bloco seria mais institucional, muitas coisas que você já falou - aqui o projeto (mostrando material impresso)?

Cristiane Leite – Vamos falar um pouco sobre a história do Globo Ecologia?

Leonardo Menezes – Então, a produção do Globo Ecologia começou em 1990. A Globo já produzia, na verdade, a Globo repassava para a Fundação Roberto Marinho (nem existia o Futura nessa época; o Futura começou em 1997). Mas desde 86 se não me engano, 85, a Fundação já produzia o Globo Ciência, que vinha numa demanda da Globo de também ter seu horário de educação. Então praticamente era o único programa no ar – eu não sei dessa informação com certeza, mas foi aí que começou a construção mesmo, com o Globo Ecologia que se firmou na Globo um horário de programas mais ligados para educação de alguma forma; seja ela educação para a ciência e agora educação ambiental.

E aí como já existia a produção do Globo Ciência pela Fundação, que simplesmente depois mandava o programa ser exibido pela Globo (mas era produzido pela Fundação) veio a nova proposta não só de a Fundação começar a tratar do tema meio ambiente como também da produção de um programa que tratasse dessa temática de forma integral. Foi aí também que foi criado o formato do programa, ou seja, de ter sempre um apresentador que fosse global, um formato que era diferente e que é diferente até hoje do Globo Ciência (que normalmente tem apresentadores mais anônimos... anônimos não, mas menos conhecidos. Hoje em dia quem está apresentando é o Alexandre Hederson, que já está apresentando o Globo Ciência há uns três anos; o Alexandre é ótimo; tem o (inaudível) que foi o primeiro apresentador negro da Globo).

Mas o Globo Ecologia sempre teve esse perfil de querer atrair um público muito mais geral do que o Globo Ciência, pelo próprio entendimento de que a ecologia não acontece simplesmente só no espaço da ciência, mas ela está presente na vida de todos nós. Então foi pensado um formato que atraísse o público em geral e até hoje o público do Globo Ecologia ainda é um público bem jovem, o que é bom de um certo ângulo, porque demonstra que de fato estamos falando com pessoas que são mais mobilizadas de alguma

forma porque tomam a causa mais para si e tomam uma atitude depois de assistir ao programa.

Então, é o programa no Futura ele é recorde de audiência, um dos mais assistidos, é o mais lembrado há anos quando se fala de programas do Futura, até por conta de ser na Globo mesmo, isso ajuda e muito - na verdade acho que o grande (inaudível) está aí. Mas em audiência física mesmo, de medição de audiência no Futura são os desenhos animados, eles são os mais vistos. Mas saindo desse papel para o público infantil, quando já cai no público adolescente para cima, o Globo Ecologia já aparece com destaque. E na Globo ele tem uma boa audiência, em torno de 7 pontos, vem mantendo; ele era uns 5 ou 6 pontos há uns três anos, e de uns 2 anos para cá ele vem mantendo esses 7 pontos.

Cristiane Leite – Tendo em vista o horário, né?

Leonardo Menezes – É, exatamente. E que está cada vez mais cedo: antes era 7h30, agora parece que já está às 7h da manhã. Está ficando cada vez mais cedo, né? Até porque também agora a Globo está aumentando bastante a programação deles no horário do Globo Educação. Tem já o Globo Universidade, que não tentando conflitar com o Globo Ciência, né, porque o Globo Ciência trabalha muito com universidades mas também com centros de pesquisa em geral – que às vezes são núcleos de pesquisa que nem são acadêmicos, são independentes. E o Globo Universidade fica só mesmo no espaço da universidade.

Cristiane Leite – Então é mais uma estratégia de atração no caso do apresentador global, e também pela presença de vídeo? Ou não, isso é uma coisa que vocês não consideram?

Leonardo Menezes – Sim, sim, sim. Na verdade o formato do programa sempre teve o apresentador assim, um pouco mais distante. Em algumas temporadas a gente conseguiu, mais com o Danton Mello e com o Cláudio Heirinch, que ficou o apresentador que mais tempo ficou no programa – ele ficou uns 5 anos, 5 temporadas com a gente. O Cláudio não tinha o menor problema de, tipo: “vamos fazer uma matéria, a gente tem um programa sobre a travessia do Parque de Teresópolis”, a gente tem um Parque Nacional que tem a travessia mais antiga que tem no Brasil, de excursionismo, utilizada ainda hoje. E o Cláudio fez, ele passou três dias fazendo a caminhada, dormindo, acampando, não sei o

quê. Então foi muito bacana pro formato, porque a gente mostrava um apresentador mais atuante, que é interessante em si.

Mas depois com o Guilherme e provavelmente com o Max a gente vai manter o apresentador mais pontuando o programa, ou seja, ele começa o programa, finaliza o bloco (o programa tem só um intervalo, são dois blocos), e finaliza e termina cada bloco. Ou seja, ele abre a questão para o telespectador, né, mostra o que o programa vai tratar naquele episódio; já cai às vezes numa entrevista com alguém ou alguma coisa assim, ou dá algum contexto mais histórico ou econômico daquele tema, e depois já cai no repórter. Aí tem dois repórteres que são o Pablo e a Fátima, que vão a campo, e de fato estão ali junto, e que são repórteres... O programa normalmente trabalhava antes com repórteres ocultos, ou seja, quem aparecia mesmo era o apresentador, e na reportagem ficava só aquele braço oculto fazendo as perguntas e tal. E depois de uns 3 ou 4 anos para cá a gente cada vez mais foi tornando o repórter mais presente, querendo que o telespectador o reconhecesse no local como alguém que estivesse fazendo intervenções que em si ajudassem e tivessem também uma opinião própria (não só o telespectador vendo só o apresentador, mas também o repórter ali falando “não, mas eu estou aqui vendo que essa plantação é por gotejamento, e as plantas ficam mais vivas” e não sei o quê. Ou seja, ele também tem uma opinião, não só com relação a quem ele está entrevistando, mas também ele emite...

Cristiane Leite – Uma coisa mais pessoal...

Leonardo Menezes – É, exatamente. Porque a gente entende também que a ecologia passa muito por essa percepção pessoal também. Se a gente quer que as pessoas tenham essa atitude mais ativa, essa coisa de terminar de assistir ao programa e levantar do sofá pra fazer alguma coisa (e não a coisa de “ah, terminou o programa, ah tá, vou fazer o almoço”), entendeu? A gente não quer que seja simplesmente um entretenimento, a gente quer que as pessoas tenham uma posição mais atuante com relação ao conteúdo que eles estão recebendo. Então a gente achava que isso tinha que estar o mais evidenciado possível; se não é o apresentador que está lá fazendo e atuando – ele está muito mais dando esse contexto – a gente achou que tinha que ter um personagem no programa que tomasse de fato essas atitudes.

Por exemplo: um dos repórteres (que se você quiser ter essa percepção mais antiga, mas o ideal seria falar com os repórteres mais atuais mesmo, já que você vai tratar da temporada 2009) do nosso jornalismo hoje em dia, que é o José Brito, ele foi repórter do

Globo Ecologia durante anos também – ele pegou acho que 4 ou 5 temporadas – e depois migrou aqui para o nosso jornalismo normal. O Zé, ele fez um programa, acho que foi a última temporada que ele fez, e num programa que eles estavam fazendo no Estado de São Paulo, na Bacia do Piracicaba, falou no programa sobre as bacias hidrográficas no Brasil, ele tratava de um prédio que tinha (até graças a Deus que o meu vai colocar isso agora), que teve uma atitude inovadora no Brasil que foi o primeiro prédio no Brasil que colocou hidrômetros individuais, por apartamento. Normalmente quem mora em apartamento paga uma conta de água que é dividida por todo mundo do prédio, ou seja, se você mora sozinho e no apartamento do lado mora uma família com quatro, vocês vão pagar a mesma conta de água. Então você fica quase se perguntando assim: “Pra que eu ficar no meu apartamento, sozinho, controlando meu consumo se aquela família lá consome pra caramba e a gente vai terminar rachando a mesma conta de água?”

Os hidrômetros individuais são igual à conta de luz, vai trazer ali só o consumo do seu apartamento, ou seja, vai fazer com que, se você pode medir, você pode controlar. Então se você quer desperdiçar menos água, se você quer ter uma conta um pouco menor, com os hidrômetros individuais dá para fazer isso. Aí depois que ele visitou esse prédio ele ficava questionando porque no prédio dele ainda não tinha acontecido isso, então ia lá e entrevistava o síndico dele, então tinha muito mais essa questão atuante de ficar questionando determinadas práticas, porque ele viu ali e depois trouxe para o universo dele.

E depois desse exemplo voltava o apresentador que questionava porque a gente não tinha tomado essa atitude no Brasil todo, falou que pequenas mudanças podem ser feitas e acordadas numa reunião de condomínio do seu prédio ou em seu condomínio, que poderiam gerar mudanças significativas que gerassem um impacto inclusive maior pra comunidade, enfim, tentando sempre fazer esse balanço de um caso específico mas que simboliza uma atitude que pode ser tomada por uma comunidade.

Cristiane Leite – Aí com relação a esses objetivos (você citou um pouco da história, de porque surgiu a ideia) quais são os objetivos iniciais do programa? Você disse que foi em 1990, né? De lá para cá, com as demandas de temas que vão surgindo na área ambiental, esses objetivos continuam os mesmos ou houve algumas mudanças?

Leonardo Menezes – Não, se o movimento ambiental mudou muito nesse processo, se ele já é recente no mundo, se ele começou na década de 70 efetivamente lá na Europa e depois foi se disseminando no mundo, a própria causa ambiental no Brasil também foi

mudando e continua mudando ao longo do tempo. Na década de 90 a gente estava presenciando ali não só o primeiro surgimento do partido de fato com uma proposta mais ecológica que era o partido verde, ou seja, o início de uma organização com uma visão mais política, como também o início das primeiras ONGs do Brasil dedicadas exclusivamente à causa ambiental. É dessa época também que surge a SOS Mata Atlântica, onde também surge o primeiro escritório do Greenpeace no Brasil, ou seja, começa a se sedimentar um movimento formal que começou mais forte na década de 80 mas que na década de 90 se solidificou também principalmente por conta da ECO 92 que foi um grande marco do movimento ambiental do Brasil – e que o Globo Ecologia teve cinco episódios nessa época só tratando da Eco 92 até hoje.

A gente fez por exemplo em 97, em 2006 na verdade, a gente teve um episódio sobre os 15 anos...foi uma série só sobre os 15 anos da ECO 92. Final de 2006, início de 2007. Em 2002 a gente também fez uma grande retrospectiva, dez anos depois, aproveitando que teve a Rio +10 lá na África do Sul; a gente teve uma equipe de entrevistados lá, realizamos entrevistas e tal pra fazer essa retrospectiva, ou seja, a gente pegou a criação do programa em 90 que culminou também com a sedimentação do movimento ambiental, dessa consciência ambiental forte no Brasil, e que só foi crescendo a largos passos a partir daí, não só por conta do papel central do Brasil pro movimento ambiental no mundo – por conta da Amazônia, principalmente, mas também da própria perspectiva de um papel brasileiro na contribuição pras emissões. Por exemplo, onde muito mais na Europa é uma questão mais urbana - ou seja, lá eles estão pensando muito mais em como as cidades podem se tornar mais sustentáveis, os meios de transporte, a forma como as casas e o consumo de energia pode se tornar mais sustentável; a geração de energia em si tornada bem mais limpa – o Brasil era visto tanto por suas benesses na questão energética (é um dos países mais limpos na produção de energia no mundo, apesar dos problemas que a gente enxerga por conta dos impactos das grandes hidrelétricas no Brasil, que está culminando agora num movimento muito mais das pequenas hidrelétricas que geram menor impacto ambientalmente, e também podem resolver problemas. Isso porque você construir uma grande hidrelétrica precisa ter uma grande demanda naquela região. A região Norte não tem grande demanda por energia, no entanto é pra lá que tem que crescer o movimento das hidrelétricas porque quase todos os grandes rios nas outras regiões do país já estão sendo utilizados.

Mas tem que ser esse modelo lá? Qual vai ser o impacto ambiental disso? Esse movimento está muito mais caminhando para um modelo de energia mais sustentável não só do ponto de vista das hidrelétricas, mas também por conta do novo ciclo da cana-de-açúcar, de etanol, dos biocombustíveis e tal, como também pelo lado maléfico no Brasil que é principalmente a questão do desmatamento, e da agricultura e pecuária extensiva. Se hoje nós somos o quarto país do mundo que mais polui no mundo, é por conta das práticas que são práticas que, apesar de elas serem devastadoras, elas são mais fáceis de serem resolvidas do que as questões dos países desenvolvidos. Porque já existem soluções. Já existem soluções pra questão de você poder manter e tornar uma região economicamente produtiva e viável mantendo a floresta em pé, o que falta é vontade política para isso.

Então o papel do programa está muito mais nessa conscientização desse papel político que não só os governantes têm que ter mas também indústrias, empresas, e a sociedade civil, que tem que se organizar também para isso. Então a própria atuação do Futura junto, através da área de mobilização, a movimentos, a entidades organizadas da sociedade civil completam esse ciclo, né. A gente quer que a programação de alguma forma esteja de fato influenciando quem tem uma atitude muito forte, quem pode gerar mudança. E conclamando para que as outras pessoas que não estão envolvidas nessas entidades, nessas instituições da sociedade civil, o façam. Escolham as entidades da sociedade civil com as quais tenham esse papel, e que dialoguem com essas sociedades.

Agora, a gente quer também que isso reflita e volte para a mobilização, e na programação, então a Mobilização traz esse *feedback* do movimento social. Então todo ano eles geram relatórios que voltam pra área de conteúdo, ou seja, faz com que a área de conteúdo já fique sabendo quais são as próximas demandas do movimento social, e aí no ano seguinte, os novos programas produzidos de alguma forma tragam esse *feedback* e possam gerar o que a gente chama de ciclo virtuoso – ou seja, a programação traz elementos pra mobilização, que vai pescar qual foi o feedback desses elementos e quais são as novas demandas que a programação não está tratando, pra que a programação no ano seguinte possa voltar a tratar, e aí vai pra mobilização...Ou seja, rola esse ciclo onde a programação ela reflete, não é simplesmente poucos fazendo para muitos, mas em si, de forma cada vez mais equilibrada, muitos falando para muitos. Nós tentando identificar as demandas da sociedade civil e tentando trazer isso para novos programas para que eles possam reaproveitar de uma forma mais eficaz.

Cristiane Leite – Além desse *feedback*, quais são os critérios de seleção dos assuntos tratados nas temporadas?

Leonardo Menezes – Esse movimento de trazer temporadas mais temáticas é um movimento recente também. Você vai perceber no Anuário de 2006 que eram vários episódios (interrupção para trocar de sala). Então o próprio formato do programa foi mudando ao longo dos anos, porque ele começou nesse programa estilo revista, onde a gente tinha cada bloco às vezes falando de um assunto, ou seja, quase um jornalismo tentando simplesmente abordar diferentes... podia começar, por exemplo, se você pegar programas do início da década de 1990 e na década de 90 em geral, você vai ver um primeiro bloco tratando de um tema, sei lá, reaproveitamento e reciclagem de embalagens em determinado local, e um segundo bloco falando sobre o Projeto Tamar. Ou seja, eram coisas completamente... eram todos problemas ambientais mas não eram da mesma categoria, né (um falando sobre reciclagem de produtos e outro falando sobre conservação de espécies em extinção). E ele manteve esse formato durante muito tempo.

Aí depois, nos anos 2000, a gente já começou a trabalhar um tema por episódio: o primeiro e segundo blocos eram uma historinha que era contada, ele começava apresentando um problema – que é o que a gente chama de bloco problemático, onde se apresentava uma questão que normalmente tinha um problema, ou seja, a poluição nas grandes cidades: meios de transporte que geram muita poluição, aí tratava dos ônibus, das doenças geradas pela poluição do trânsito, o stress do engarrafamento, o mal das cidades e tal. E o segundo bloco é o bloco da solução: em Curitiba tem um sistema de ônibus que não só polui menos como também tem uma lógica que faz com que sejam entendidos quase que como metrô na superfície, que gera mais (inaudível) no trânsito e as pessoas estão usando menos carros lá; o metrô que é um meio de transporte que não gera poluição, principalmente aqui no Brasil que a maior parte das (inaudível) é renovável, então é um transporte sustentável, não sei o quê; a expansão das ciclovias nas cidades. Ou seja, começava com um problema e solução no outro, e foi durante vários anos assim, e em 2007 é que a gente começou com a maior parte dos programas falando sobre mudanças climáticas – por que maior parte? Porque a gente sempre gostava de deixar, e a gente gosta até hoje, uns três ou quatro episódios no final, não vinculados necessariamente à temática, para que a gente possa tratar de coisas que aconteceram no ano e que a gente, enfim, tem que ter uma liberdade para poder simplesmente o programa não se ausentar disso.

Então em 2007 (pega o anuário aí para mim, por favor) a gente tratou das mudanças climáticas, mas a gente teve também a série de mudanças climáticas foi até esse aqui (mostrando no anuário o episódio em que se encerrou a série). E aí deve ter outros dois ou três episódios que foram exibidos só em 2008 - mas ainda fazem parte da temporada – e tratavam de outros temas, como esse aqui, o Projeto Sumaúma que era um projeto de uma escola-barco na Amazônia que ia tratando de Educação Ambiental para as populações ribeirinhas da Amazônia. Não tinha a ver com o tema mudanças climáticas, mas a gente resolveu tratar dessa ação que tinha começado esse ano e estava assim bombando e tendo ótimos resultados. Então a gente tratou disso e mais alguns outros projetos e tal que tinham tido destaque na mídia naquele ano.

Cristiane Leite – Mas o que mais pauta o programa não é aquela coisa factual, mas são questões mais estruturais?

Leonardo Menezes – Sim.

Cristiane Leite – E como vocês fazem pra escolher assim: vamos tratar desse e desse tema? Qual é o critério de seleção do tema a ser abordado?

Leonardo Menezes – Nesses dois anos, em 2007 e 2008, foi um pouco mais fácil porque a gente teve ali não só... em 2008 foi uma efeméride, né, que teve mais gente vivendo em cidades, então isso é um marco histórico e foi isso que definiu o tema. Em 2007 foi muito mais uma percepção de que a gente precisava tratar e que esse era um tema que tinha tudo a ver com o programa, e ia se tornar uma causa que de fato o IPCC confirmou isso. Então foi muito mais uma percepção do movimento ambientalista no Brasil; a gente via que esse tema estava em voga e a gente tinha que tratá-lo de uma forma mais ampla, em vários episódios, e foi mais ou menos essa decisão que balizou esse tema. E foi uma “feliz coincidência” porque depois a mídia tratou desse tema de forma mais presente.

As reuniões são todas feitas com a Savaget, produtora envolvida desde o início, porque como eles estão produzindo o programa eles têm que participar do debate, têm que ir lá e ver todas as questões, inclusive as questões em que todo mundo concorda e as questões em que às vezes não tem concordância, o que é bom porque faz com que a gente procure mais entrevistados; entrevistados dos dois lados da questão, porque a gente viu que ainda não houve um consenso com relação a ela. Então às vezes nas reuniões de pauta do programa, surgem questões em que o consultor está defendendo uma coisa, a produtora

está defendendo outra e o pessoal do Conteúdo está defendendo outra, um outro posicionamento. Isso acontece com muita frequência. O que é bom porque a gente fala: “então vamos achar pessoas, porque a gente viu que a gente não chegou a um consenso é porque muito provavelmente a sociedade civil, junto governos e empresas, também não chegou. Então devem existir pessoas lutando pelos dois ou três lados da questão.

Transgenia é uma questão que ainda divide muita gente no movimento ambiental. Energia nuclear: muita gente, já existem diversas entidades como o WWF que já entende que a energia nuclear pode ser uma energia sustentável, por mais que ainda não se saiba o que fazer necessariamente com os resíduos, mas hoje já consegue deixar tais resíduos bem armazenados com segurança por 200 anos. A gente acha que é uma questão de décadas até que alguém possa achar uma melhor forma de aproveitá-los e armazená-los por 500. Então não é por conta disso que a gente vai ser contra como é o Greenpeace que é claramente contra a energia nuclear. Eles acham que eles podem apoiar depois que de fato a cadeia de produção inteira seja entendida como um método sustentável.

Então existe uma dialética no movimento ambiental que precisa estar presente no programa. A gente quer que todos esses pontos de vista estejam presentes lá. Às vezes, em maior ou menos grau, dependendo também de como o entrevistado se porta, ele fica presente no programa. Mas aí é próprio do movimento da televisão, da produção de televisão: às vezes um ponto de vista fica um pouco mais evidente por conta de um entrevistado que se saiu melhor na entrevista, ou das imagens que você tem à disposição, ou da possibilidade de a equipe viajar pra determinado local.

Questão de orçamento influencia muito: a gente tem um orçamento no programa pra uma viagem especificamente, você pode viajar para um ponto do país por episódio, mas às vezes a gente consegue aproveitar aquela viagem e faz uma mesma gravação pra dois ou três episódios, pra poder ter uma diversidade maior. Ou seja, se você vai até Belém pra trazer uma questão, você vai ao Museu Emílio Goeldi, você tem que aproveitar que já está lá e faz alguma coisa sobre rios, ou sobre Amazônia. Ou então traz alguma coisa sobre frutas e alimentos no Mercado Ver o Peso. A gente sempre pensa: se vai pra Serra da Capivara falar de pintura rupestre no Brasil vamos tentar falar um pouco de histórias ecológicas dos índios naquela época, ou tentar falar um pouco também sobre caatinga, ou tentar falar sobre os impactos das mudanças climáticas nesse ecossistema que vai ser muito impactado. Então a gente sempre tenta otimizar a produção, né?

Cristiane Leite – E com relação aos entrevistados, como vocês escolhem as fontes? São mais acadêmicos, pessoas que tenham o *curriculum lattes* bem denso, ou vocês escutam a população local?

Leonardo Menezes – É um equilíbrio. A gente sempre tem que ter alguém da academia, porque é alguém que vai dar esse olhar um pouco mais técnico e profundo não só sobre o que está acontecendo mas sobre as perspectivas, ou seja, alguém que já está estudando como esse tema vai ser abordado e quais serão os caminhos para os próximos anos; como a gente também tem que ter alguém da população ou do movimento social. Porque é alguém que está sentindo os impactos daquilo hoje, e que de alguma forma está tendo a possibilidade de dar muito mais um caráter mais próximo do telespectador. Aquela vivência da pessoa que ou é anônima ou é ligada a alguma instituição ou movimento social, o que ela está vivenciando ali muito possivelmente é com ela que o telespectador vai ter uma sinergia e uma empatia maior.

Muito provavelmente o conteúdo e a dramaticidade que ela vive né, principalmente – teve um episódio dos refugiados ambientais, e o drama que aquela população vive em ter que se deslocar pra outras cidades em que eles não têm nenhuma raiz, aquilo ali emociona o telespectador a ponto de, de fato, poder gerar alguma mudança na vida dele com relação àquele tema. É um formato atuante.

Então o ideal é a gente ter no programa esse equilíbrio, tanto pelo ponto de vista acadêmico quanto pelo lado de vista popular. Quando a gente diz popular é não só com as pessoas na rua fazendo “povo-fala”, mas também pessoas que estão ligadas a entidades da sociedade civil que estão repensando aquele tema.

A gente teve, por exemplo, voltando um pouco àquela temática de como escolher esses temas, no ano passado a gente tratou tanto do Mundo em Movimento como a gente também teve quatro programas no final do ano que só falavam de movimento social. Ou seja, o grupo de marisqueiras de Santa Catarina, que não só tem a questão de como elas trabalharão, de elas acharem uma forma de cultivar o marisco ali no litoral mais sustentável, um marisco mais puro, elas não tentando acelerar o crescimento dele; elas colhem na época correta, elas têm toda uma metodologia pra diminuir a poluição da baía onde elas criam o marisco, como também tem a questão da mulher ter um papel protagonista no movimento social. A gente também traz toda essa tensão que é gerada porque isso faz parte do movimento, a gente entende que o movimento ambiental é feito de

pessoas que têm seus sonhos, suas metas e suas questões. Então isso também tem que estar presente no programa.

Cristiane Leite – Sobre a ideia que vocês têm de Educação Ambiental, e Desenvolvimento Sustentável, qual é a ideia de natureza e de sustentabilidade que o programa busca passar?

Leonardo Menezes - A gente tem um entendimento da natureza como um espaço que não é simplesmente pra ser assim: “Ah, parem as máquinas! Vamos parar todo e qualquer atividade humana para o meio ambiente se recuperar.. a gente entende que o ser humano, pela própria inteligência e tecnologia dele, a tendência é a gente ter uma visão otimista, tanto que a gente traz sempre no final do programa um *case* ou alguma coisa que já esteja acontecendo aqui, que aponte para uma alternativa/solução para aquela questão. Mas a gente entende que o meio ambiente é algo onde o ser humano está vivenciado, o meio ambiente não está lá na Amazônia, ou na Mata Atlântica ou no Pantanal. Ele está aqui, a cidade do Rio de Janeiro está no meio ambiente, no ecossistema da Mata Atlântica, com seu impacto sobre esse ecossistema, mas a gente está convivendo com ele: a gente olha pela janela e a gente vê a mata ali, está ali a Mata Atlântica presente. E junto com ela os prédios, os carros, os meios de produção e tudo isso. Então a gente acha que o ser humano tem que continuar seu trabalho de conservação ambiental, que é o quê? Você manter o que existe e utilizar cada vez de forma mais racional e sustentável os recursos da natureza.

Então no Brasil a gente tem recursos múltiplos que estão acabando num ritmo muito acelerado. A gente entende que tem que continuar os métodos de produção porém de uma forma mais sustentável, porque se a gente continuar nesse ritmo a gente vai desperdiçar (inaudível) aumento de áreas desertificadas, a savanização, principalmente da Região Centro-Oeste do Brasil que vai gerar um impacto econômico ruim para o Brasil (que aí vamos simplesmente ter desperdiçado esses recursos sem poder tê-los aproveitado da melhor forma).

Esse olhar que a medicina está tendo pra Amazônia principalmente, mas tanto Amazônia como a Mata Atlântica como possibilidade de novos remédios... Então se a mata for destruída vamos ter desperdiçado milhões ou bilhões em *royalties* que o Brasil poderia receber se tivesse desenvolvido pesquisas que mantenham a mata em pé.

A gente tem esse olhar de que o homem deve continuar atuando em parceria com a natureza, ou seja, cada vez de forma mais sustentável. E de que vão ser geradas novas tecnologias, por mais que já existam grandes – nós somos um país também não só grande em extensão mas também grande em população; vamos chegar aí em breve aos 200 milhões de habitantes. Então numa massa de população muito grande que vive em regiões concentradas no Brasil, ou seja, gerando um impacto muito forte em determinadas regiões, mas que ao mesmo tempo essa atividade econômica está gerando impactos em regiões com poucas pessoas. Esse Arco do Desmatamento é gerado por poucas pessoas que estão ali gerando uma degradação ambiental tão grande, um impacto realmente bem maior do que aquela densidade. Então tem que se achar um ponto de equilíbrio nessa equação.

Cristiane Leite – Qual a ideia de Educação Ambiental que o programa traz? Vocês consideram o programa como de Educação Ambiental?

Leonardo Menezes – O programa sim se entende como de Educação Ambiental, e felizmente não se entende como o único. A gente entende que quanto mais pontos de vista diferentes estiverem tratando dessa temática, melhor. É por isso que na própria grade do canal (mostrando o anuário de programas), a gente tem aqui não só os programas divididos pelo mês em que eles estrearam, mas também o índice temático deles. A gente tem aqui olha (apontando pro anuário) *em Ecologia e Ecossistemas* a quantidade de diferentes títulos que a gente teve, todos eles tratando, em maior ou menor grau, sobre a temática ecológica. A gente acredita que é na verdade esse conjunto de diversos pontos de vista e abordagens diferentes sobre o tema ecologia, que vai fazer com que o público tenha mais informação e mais capacidade de ter uma atitude mais ativa e atuante na sociedade (citando os vários programas da temática ambiental do Canal Futura, explicou que cada um dos programas vai ter um formato com público diferente): o *Continente Frágil* tratou de um acadêmico inglês que veio ao Brasil fazer duas palestras, uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo, sobre os impactos que as mudanças climáticas estão tendo na Antártica. Ele tem estudos sobre isso e realizou uma palestra que foi uma palestra-espetáculo, porque ele começava a palestra dele saindo de um *freezer!* Com todos os calçados que eles utilizam na Antártica pra mostrar o frio que ele pega lá e que o cientista tem que enfrentar. Ele tinha várias traquitandas que mostravam as pesquisas que ele realizava.

O *Bichos* foi uma animação feita para crianças sobre os animais e a cultura que vem dos animais, ou seja, toda a mitologia do Brasil e lendas que são baseadas em relações da

natureza, da convivência do homem com os animais, do homem com o ecossistema, com a flora, então ele trata disso. *Cenas Amazônicas*, um interprograma que mostrava diferentes ambientes na Amazônia, não só os ambientes mas também o meio ambiente na indústria da Amazônia, na economia, na cultura, passando esses pontos de vista sem palavras, sem diálogo. Eram só imagens tratando disso. O *Cidades e Soluções* que é quase o mesmo programa exibido na Globo News. O *Expedição Floriano* que foi um documentário que a gente comprou, mostrando a expedição de cientistas pela Amazônia e Região Centro-Oeste do Brasil, repetindo a expedição do Marechal Floriano no início do século XX, descobrindo cinco novas espécies de animais e duas de plantas. *Globo Ecologia*. O (inaudível) que eram cinco interprogramas com curiosidades sobre os oceanos. *Jovens Soluções* que era um interprograma sobre jovens dando soluções sobre questões ambientais. *Live Earth* que foi a reprise do Show *Live Earth* que teve aqui no Rio de Janeiro, que falava sobre questões de meio ambiente. *Mudanças de clima, mudanças de vida*, que foi um documentário produzido pelo Greenpeace sobre mudanças climáticas principalmente na região da Caatinga. *O que é o que é?*, um programa voltado para criança, sobre conceitos ambientais. *Tira e põe*, um outro programa que falava também sobre conceitos ambientais e *Um Pé de Quê?* Que era o programa da Regina Casé que falava sobre a história das árvores brasileiras.

Então a gente entende que todo esse conjunto de programas é que em si balizam a Educação Ambiental em que o Futura quer atuar. E não só isso: esses programas também são utilizados pela mobilização de outras formas. Por exemplo: desde simplesmente programas que estão disponíveis, você não precisa esperar o programa passar no ar para você ter acesso àquele programa. Existe um site chamado Futuratec. Nem todos os programas estão disponíveis porque nem todos estão liberados para a Internet ou para a Globo Internacional, porque muitos desses programas são produzidos com imagens de arquivo, com acervo pessoal e a maior parte desses programas, a melhor parte deles os caras resolveram autorizar só para o Globo Ecologia, no Futura e na Globo: “Não, não quero que vocês usem esse acervo, meu pelo menos, para usufruto de outros (inaudível) que não sejam na Globo e no Futura, e a gente não vai deixar de fazer o programa por causa disso, porque é a meta principal dele ir ao ar na TV. Mas os outros programas que estão liberados a gente quer dar uma vida um pouco mais longa pra ele para além da televisão.

Então no Futuratec não só pessoas físicas mas principalmente pessoas jurídicas, instituições, escolas e tal fazem o cadastro para poderem fazer o download dos programas na horas em que eles quiserem e onde elas estiverem. O Futuratec mostra inclusive outros

países, pessoas e instituições de outros países que fazem o *download* dos programas para as demandas de suas instituições em outros países.

Ou com o projeto maleta. Tem aqui um pouco sobre a maleta beleza, mas no anuário de 2008 vai falar sobre a maleta meio ambiente (deixa eu ver aqui na página pra você entender o que estou falando): é um projeto temático, cada maleta tem um tema. A gente começou com o Maleta Beleza, que era um projeto que a gente estava pretendendo trabalhar em 2006, que era a partir do Projeto Toda Beleza, que era a beleza das pequenas coisas; a beleza que é não só a beleza que a moda dita, como a beleza dos padrões de beleza que a mídia coloca, mas também a beleza do singelo, a beleza do artesanato, a beleza das coisas pequenas e que normalmente não são valoradas por causa disso. Então questionando a questão estética no Brasil. Depois a gente realizou a maleta do *Por que democracia?* questionando o modelo político no Brasil, o modelo democrático brasileiro. Nós temos a Maleta Meio Ambiente, que foi uma das maletas de maior sucesso até hoje, que mais instituições pediram, foi muito bem sucedida. E estamos lançando agora a Maleta Saúde.

E o que é a maleta? A maleta, além de ser um conjunto de DVDs com o melhor da programação do Futura sobre aquele tema, ou seja, o melhor da programação sobre meio ambiente, o melhor da programação sobre saúde, o melhor da programação sobre política, também vem junto com um livro especificamente feito para a maleta, com pelo menos dois consultores que realizam o trabalho de olhar todos os programas, de falar a melhor forma de se utilizá-los, a importância de tratar sobre aquele tema em diversas instituições, quais as perspectivas e desafios daquele tema no Brasil hoje... Ou seja, faz um panorama daquele tema, e como aqueles programas que estão disponíveis na maleta podem ajudar aquela instituição a tratar daquele tema, e como ele também tem livro, DVD de filmes e documentários que tratam sobre a temática. Traz folhetos de instituições, de ONGs que tratam dessa temática. E o que é feito com essa maleta? Porque é uma maleta mesmo (se quiser eu te mostro lá embaixo porque é uma maleta super bacana mesmo). Essa maleta é distribuída pra ONGs que a gente chama “cabeças de rede”, são ONGs como por exemplo um grupo de trabalho na Amazônia que é uma grande ONG que na verdade reúne umas seiscentas pequenas ONGs espalhadas pela Região Amazônica. Ou seja, essas ONGs, grandes ONGs cabeças de rede que em si têm várias ONGs ligadas a elas, elas conseguem fazer com que esse trabalho seja disseminado de forma muito mais permanente do que os nossos 20 a 30 mobilizadores, cada um na sua luta lá com suas instituições tentando fazer

isso, tentando fazer com que as instituições tenham essa mesma atuação, essas grandes ONGs conseguem ter esse trabalho mais permanente porque é do próprio DNA delas. Elas já fazem esse trabalho sempre. Então elas já tendo um bom material que elas possam disseminar, elas distribuem essas maletas pra todas as instituições poderem utilizar e fazem o acompanhamento e reportam esse relatório pra gente depois. Então elas são parceiras do Projeto Maleta, que não é só Maleta do Futura, é Maleta de todas essas instituições que utilizam essa maleta nos trabalhos das próprias instituições. Então é um projeto muito mais focado, que gera muito mais resultado permanente, porque aqui no Canal nós somos, apesar de serem 20 pessoas a 30, mas imagina 20 a 30 pessoas para o Brasil! Não é nada. A gente tem mais de 12 mil instituições cadastradas na Organização. É um trabalho muito de formiguinha que a gente está fazendo, mas essas parcerias com ONGs é um trabalho mais eficiente.

Cristiane Leite – Focando no Globo Ecologia, ele busca dar as informações para que as pessoas tomem atitudes. Mas o programa busca estimular mais ações individuais ou ações coletivas, de articulação? Ou um conjunto das duas?

Leonardo Menezes – Um conjunto das duas, porque existem atuações dependendo do tema que basta você decidir. Por exemplo: questão de transporte, dependendo da estrutura de sua cidade, muitas vezes você pode deixar de ir de ônibus e ir pro trabalho de bicicleta ou de metrô – essa é uma atitude individual. Você pode optar por comprar alimentos assim: “ah, vou comprar a maçã da Argentina, o morango do Chile etc” ou começar a valorizar mais os alimentos produzidos localmente, que tem um impacto ambiental bem menor. Isso é uma decisão pessoal. Então determinadas atitudes você está trabalhando ali no campo de atuação do indivíduo.

Outras você já precisa levar para um grupo um pouco maior: a questão dos hidrômetros você pode fazer isso na comunidade do seu prédio, do seu bairro. Outras já precisam de um impacto muito maior, precisa de governos envolvidos. A gente tem programas aqui que falam sobre governança ambiental, que é uma governança muito mais sustentável do ponto de vista do entendimento entre órgãos do governo e empresas, por exemplo, que entre si tomam atitudes de serem mais sustentáveis. Então a gente não pode se dar ao luxo de focar simplesmente um grupo de telespectadores. A gente tem que, de fato, tratar as diferentes temáticas nos diferentes recortes que elas podem ter: reciclagem é uma temática que pode ter tanto você separando o lixo no seu apartamento quanto de

grandes empresas reaproveitando o material que iria sobrar, iria pro lixo, e elas conseguem reaproveitar isso no seu modelo de produção. Dependendo do tema, o ideal é você possa falar de “oito a oitenta”, que você possa tê-lo ali tratado na amplitude que ele pede, né.

Cristiane Leite – Você mencionou o homem inserido na natureza. Esse homem leva sua cultura nessa relação com a natureza? Qual é a relação do ser humano histórico (com sua cultura e tradição) inserido na natureza?

Leonardo Menezes – Ele sempre leva sua cultura. A gente vê isso não só na relação que os índios têm com a própria terra, como por exemplo quando a gente realizou no ano passado o episódio sobre os imigrantes no Brasil – as pessoas que vieram de outras culturas, da Europa, da África, da própria América Latina e tal, todas elas trazem um entendimento de uso do recurso natural. A maior parte dos imigrantes no Brasil, principalmente no século XX, veio para plantar ou para trabalhar em plantações – século XIX, XX. Todos eles tinham um entendimento de uso da terra. A forma como eles plantavam, o quanto se plantava, quais alimentos iam ser plantados, tudo isso passa por um viés cultural.

Cristiane Leite – E é colocado no programa?

Leonardo Menezes – Exatamente, é evidenciado. Porque, por exemplo, no Paraná a gente abordou os faxinais, que são métodos de uso da terra de forma coletiva. Não existe “ah, a gente mora na mesma comunidade, e eu tenho minha plantação e você tem a sua”. A forma de distribuição é que aquela plantação não é só minha ou sua, é da comunidade. Não só os dividendos gerados pela venda dos produtos da comunidade são repartidos, como também vai ter uma fase do ano em que uma comunidade inteira vai cuidar (quando for a fase da época da banana, a comunidade inteira vai se envolver na plantação da banana, e quando for a época do tomate, não importa se é a sua plantação de tomate, eu vou me envolver e ajudar a plantar e a colher). Tudo é entendido dessa forma coletiva, e isso é cultural.

Acredito inclusive que o grande erro do governo brasileiro de ter estimulado a migração de migrantes do sul pra região amazônica para não só tornar aquela região mais populosa, mas também economicamente mais viável foi terem feito isso levando para lá uma cultura que era muito mais uma cultura da região do Sul, dos pampas, aqueles campos mais abertos, ou seja, naturalmente a cultura que era feita lá era em espaços abertos, do

que tentar estimular isso na própria população da Região Norte, que em si já tinha uma relação bem mais secular com a floresta. Se eles tivessem feito isso tentando estimular a economia com a própria população local, provavelmente o impacto teria sido menor. Porque a população do Norte já tem uma convivência mais longa com a floresta.

Se você leva pra lá uma população que não tem essa convivência, eles pensam em outra dinâmica: “ah, derruba isso aí”. Isso tem a ver com posição cultural também.

Cristiane Leite – Passando para a última parte: é possível identificar os patrocinadores, os apoiadores dos programas assim que é transmitido?

Leonardo Menezes – Como assim? Defina patrocinador...

Cristiane Leite – Patrocinador, ou apoiador, ou parceiro.

Leonardo Menezes – Entendi. O único parceiro institucional do programa no caso é a Globo, porque é a Globo que banca esse programa. Então eles repassam à Fundação Roberto Marinho a verba para a produção dos programas Globo que a gente faz, como Globo Ciência e Globo Ecologia.

Cristiane Leite – E os outros seriam parceiros só da emissora, e não do programa?

Leonardo Menezes – As empresas que são parceiras do Futura?

Cristiane Leite – Isso.

Leonardo Menezes – Elas são parceiras do Futura especificamente, mas não tem nenhuma verba, nenhum aporte de dinheiro deles para o Globo Ecologia, o Globo Ciência. Isso é pago integralmente pela Globo, tanto que leva o nome da própria Globo por isso.

Cristiane Leite – Qual é a influência (se existe) dos patrocinadores – neste caso a Globo – e dos parceiros no produto final do Globo Ecologia que é exibido no ar?

Leonardo Menezes – Acho que já havia explicado anteriormente que eles são muito mais presentes nesse momento inicial de aprovarem a temática que a gente quer propor, ou seja: “não, a gente vai fazer sobre...”. Isso na verdade começou mais no ano passado como um movimento em que eles queriam saber mais o que a gente estava fazendo, mas eles nem sugeriram muita coisa pra gente mudar no programa não.

No máximo que eles sugeriram foi no *Travessias*, que eles queriam ver o documentário, a gente passou o documentário, eles viram e bom. Mas não foi uma coisa de veto. Como a gente tem uma parceria de muitos anos – a própria Fundação é parte das Organizações Globo, então a gente tem muito mais um olhar de querer o que for melhor para o programa do que eles quererem fazer valer: “ah, o programa está sendo exibido na Globo, é a gente que paga e vai ter que fazer isso”. A gente nunca teve isso, essa relação de cima pra baixo. É mais uma relação igualitária onde a gente entende que eles, por opção, se mantiveram ausentes do processo de produção do programa durante anos e que agora quer ter uma atitude mais presente na produção do programa, e a gente vê isso com bons olhos, porque quanto mais pessoas estiverem envolvidas no processo entendendo que o que está sendo discutido é o melhor para o programa. Então isso não tem problema.

Cristiane Leite – Já teve alguma recusa, algum problema como do tipo: “não, isso realmente vai contra nosso programa”, conflito de interesse?

Leonardo Menezes – Eu soube que esse ano o primeiro episódio teve que ser refeito...

Cristiane Leite – Por questão de conflito entre o que o programa defende e a Globo?

Leonardo Menezes – Não, não, não, foi conflito interno mesmo, entre a Produtora e o Futura: a Produtora propôs um primeiro episódio, que na verdade quem vai te explicar isso melhor é a Dora, porque ela que me contou isso e ela é quem está cuidando do programa agora. Mas a produtora apresentou um programa que o Futura achou que estava aquém da produção que já tinha sido combinada em reuniões e tal, então a gente pediu que o programa fosse refeito, trazendo os elementos que de fato tinham sido discutidos e que a produtora não colocou. Mas nunca um conflito com alguém de fora.

Quando acontece, ou alguma instituição ou grupo da sociedade civil se coloca contra um programa, mas isso nunca aconteceu no Globo Ecologia. Já aconteceu em outros programas, de outras temáticas do Futura. Normalmente a gente procura mostrar o quanto o processo de produção do programa envolveu outras entidades: daí a importância do consultor, o trabalho da Mobilização que depois traz o *feedback* de determinadas instituições para a produção do programa. Tentamos mostrar um processo mais plural na

construção do programa, tendo consultas a outras entidades e não simplesmente o Futura decidir.

Cristiane Leite – Qual a expectativa da Globo em apoiar um programa da natureza do Globo Ecologia?

Leonardo Menezes – Certamente a Globo faz isso porque não só enxerga a importância da temática para a sociedade brasileira mas também de querer ter presente na grade de programação deles um programa que aborde essa temática explicitamente, ou seja, fazer com que o horário que eles identificam como horário Globo Educação seja um horário de atuação, numa presença um pouco mais do telespectador de forma atuante. Por mais que a programação da Globo de fato seja mais entretenimento e jornalismo, existe um lugar na grade em que se quer que o público não seja só entretido ou informado, mas sim que ele possa construir junto com a programação um entendimento de mundo um pouco maior. E que ele possa fazer algo com essa informação, e que ele possa questionar, ou lutar. Por mais que ele possa optar por se resignar, ele não pode dizer que não sabe qual o papel dele ali. Ele não pode dizer que não sabe quais os instrumentos que ele pode ter se ele quiser ter essa atitude mais atuante. Os elementos estão ali, há mais de 20 anos.

A própria permanência do programa no ar, e também de certa afinidade que o Zé Roberto, que é o presidente da Fundação, tem com o tema ecologia – foi ele que defendeu desde o início o Globo Ecologia e até hoje continua fazendo isso -, a gente entende que a Fundação tem um papel atuante, existe uma área de meio ambiente na Fundação. Essa temática está mais presente, inclusive na produção do programa ao longo dos anos, então eles estão mais próximos justamente por entender essa temática.

Cristiane Leite – Para encerrar: existe alguma dificuldade do programa Globo Ecologia ao ser inserido na Fundação Roberto Marinho que é parte das Organizações Globo? Alguma dificuldade com o escopo do Globo Ecologia nas Organizações Globo?

Leonardo Menezes – Não, não, porque inclusive o Globo Ecologia já era produzido bem antes de o Futura existir. Então ele de alguma forma já fazia sentido para a Fundação antes de a Fundação ter um canal. Então eles entendiam que a própria produção do programa; eles já produziam o Telecurso como o primeiro projeto da Fundação, ou seja, a Fundação já se entendia como produtora de programas de TV educativos, mas numa

natureza muito mais escolar (o Telecurso tem esse link formal com a escola, com a educação formal).

Os programas Globo Ciência e Globo Ecologia vieram um pouco mais nesse “raio de cometa” entendendo que eles tinham uma abrangência de público um pouco maior, e o Futura veio explodir um pouco com isso, entendendo que qualquer telespectador pode interagir com conteúdos educativos na televisão. Então isso foi muito mais um conforto e um caminho da Fundação, entendendo que o audiovisual não precisa ser entendido só como uma ferramenta da escola, mas ele em si pode estar presente na vida de milhões de telespectadores que declaram assistir ao Futura com frequência (que atualmente está na casa dos 40 milhões de telespectadores que nas pesquisas revelam que assistem ao Futura no mínimo três vezes por semana. Isso é um conforto para gente e mostra que é um caminho que deve seguir para outras mídias, na Internet e inclusive no celular).

Cristiane Leite – Para mim está excelente. Obrigada.

Leonardo Menezes - De nada, Cris.

APÊNDICE IV: TRECHOS DAS ENTREVISTAS REFERENTES A CADA CATEGORIA DE ANÁLISE

Categorias	Entrevistados		
	André Trigueiro	Washington Novaes	Leonardo Menezes
Relação natureza e sociedade (aqui incluem-se C&T)	<p>- Quando eu preciso ter redundância, eu preciso de conhecimento, gente que conhece, e aí eu não vou economizar esforços pra ter alguém que seja um bom balizador do assunto que eu estou pensando em construir o programa.</p> <p>-Majoritariamente, o meu fiel da balança tem um perfil acadêmico e técnico porque mesmo na academia você vai encontrar pessoas muito sensíveis ao conhecimento não-formal, não-acadêmico e não-técnico.</p> <p>-Preciso, portanto, ter boas fontes, e majoritariamente minhas fontes se enquadram no perfil que você descreveu (acadêmico).</p>	<p>- Essa separação do meio ambiente da política, da economia, do social e do cultural é um dos motivos que levam a sociedade a crer que isso é uma questão apartada.</p> <p>- Dois terços das pessoas se consideram fora do meio ambiente, elas se consideram como cultura, não como parte da natureza, né. E quem tem essa postura não percebe ou vai demorar muito a perceber que o que acontecer no meio físico vai acontecer no corpo dela pra começar, né? No caso da água, dos alimentos, de tudo.</p> <p>- Acho que precisaria muita ênfase nessa questão de você ver que consequências tem a degradação, a devastação, o consumo excessivo para as próprias pessoas, para o corpo das próprias pessoas.</p>	<p>- O entendimento desse novo mundo, um mundo mais urbano, passando pelo conceito das populações naturais – que são aquelas que não somos nós, temos os animais, as plantas e tal; como é que elas evoluíram no mundo, as próprias migrações que elas fizeram, muitas espécies por conta de ajuda humana ou não migraram para outros continentes, né; entender como isso foi impactando o próprio ecossistema.</p> <p>-Trabalhou o conceito de áreas preservadas e conservadas: “o conceito de áreas protegidas, como é que isso surgiu, áreas que devem ser preservadas e conservadas”</p> <p>- O ser humano, pela própria inteligência e tecnologia dele, o meio ambiente é vivenciado, e não está lá na Amazônia ou na Mata Atlântica ou Pantanal; estamos na cidade com impactos sobre o meio mas convivendo com ele [...] o ser humano tem que continuar seu trabalho de conservação ambiental, que é manter o que existe e usar de forma cada vez mais racional e sustentável os recursos da natureza.</p>

Conceito e natureza e DS	<p>-Eu estou mais preocupado em disseminar valores de uma sociedade sustentável. Portanto uma cultura sustentável [...] modelo de desenvolvimento que não seja ecologicamente predatório, socialmente perverso, politicamente justo, quer dizer, um modelo na direção que interessa do que se convencionou chamar de <i>triple bottom line</i>: ele não tem medo do lucro, ele preconiza o lucro como princípio, mas ele está atento aos aspectos sociais e ambientais inerentes ao modelo.</p>	<p>-[citando o conceito de Brundtland] É um bom conceito mas que é muito difícil você encontrar na prática. Quer dizer, a situação do mundo está muito complicada, né. Eu costumo lembrar que o Kofi Annan, o ex Secretário-Geral da ONU, o problema central do mundo hoje não está no terrorismo, como parece, mas sim em mudanças climáticas e em padrões insustentáveis de produção e consumo de recursos naturais, que já estão além da capacidade de reprodução do planeta, né? E aí ele acrescenta a frase que esses dois problemas é que ameaçam a sobrevivência da espécie humana.</p> <p>-Acho que na questão do desenvolvimento sustentável acho que nós estamos num momento muito crítico. Não há como seguir no caminho onde nós estamos até agora, mas ainda você não tem novos caminhos delineados com clareza e com disposição política de serem seguidos.</p>	<p>-Entendimento de que a ecologia não acontece simplesmente só no espaço da ciência, mas ela está presente na vida de todos nós.</p> <p>- A gente entende também que a ecologia passa muito por essa percepção pessoal também.</p>
Economia e sustentabilidade	<p>-A mensagem subliminar do programa é a seguinte: tem um jeito melhor de fazer isso, tem um jeito mais inteligente. E esse jeito melhor e mais inteligente, invariavelmente, não significa prejuízo no bolso, pelo contrário, e significa mais qualidade de vida com menos demanda de matéria-prima e energia.</p>	<p>-Mesmo sem discutir os problemas de cada umas dessas opções da termelétrica, hidrelétrica e da nuclear, você não pode esquecer que tem um estudo aí da Unicamp e WWF que diz o seguinte: o Brasil pode perfeitamente consumir, não, não diz consumir, ganhar 50% da energia que consome hoje. Pode ganhar 30% reduzindo o consumo através de medidas de eficiência e conservação energética, tal como fez em 2001 no apagão e economizou na faixa de 30% sem prejuízo para ninguém a não se para as produtoras e distribuidoras de energia. Pode ganhar mais 10% com repotenciação de usinas antigas que estão com baixo rendimento porque os equipamentos estão velhos e tal. E você pode trocar esses equipamentos e geradores a um custo muitas vezes menor do que você construir</p>	<p>-Aí a gente foi tratando os ciclos econômicos, ou seja, o uso dos ecossistemas para a economia.</p> <p>-[falando do edifício que colocou hidrômetros individuais] “Pra que eu ficar no meu apartamento, sozinho, controlando meu consumo se aquela família lá consome pra caramba e a gente vai terminar rachando a mesma conta de água?”</p> <p>-Modelo de energia mais sustentável não só do ponto de vista das hidrelétricas, mas também por conta do novo ciclo da cana-de-açúcar, de etanol, dos biocombustíveis e tal, como também pelo lado maléfico no Brasil que é principalmente a questão do desmatamento, e da agricultura e pecuária extensiva.</p>

		<p>uma usina nova. Então são 40%, e pode ganhar mais 10% com programa de eficiência na linha de transmissão de energia (o Brasil perde 17% de energia na transmissão, o Japão perde 1). Então se você somar 30+10+10 são 50, 50%. Agora, isso não significa que você não vai ter desenvolver por causa disso. Muito ao contrário, você em vez de ficar investindo em coisas que são desnecessárias, você poderia fazer esse investimento em educação, saúde, Ciência e Tecnologia e outras áreas.</p> <p>-10 milhões de horas vezes 15 reais são 150 milhões de reais por dia que são desperdiçados nessa questão de transporte [...] É o custo de uma rede de metrô para a cidade inteira!</p>	
Cultura e natureza	<p>-A Alemanha [que já foi apontado como o país que a gente mais mostrou dentre os que a gente visitou]: existe uma questão cultural da Alemanha, da precisão germânica de um país que causou e foi devastado em duas grandes guerras mundiais e aprendeu a valorizar os recursos. Em cenário de terra arrasada você não ter água, não ter alimento, não ter infraestrutura. Tem uma questão cultural por trás da opção pela sustentabilidade.</p> <p>- não consigo separar técnica da cultura local. Tenho uma certa dificuldade de estratificar e dizer isso é da universidade, isso é da cultura local. A universidade aprende com o saber local e vice-versa, tem uma interação que precisa ser considerada.</p>	<p>-(produção histórico-cultural) Eu acho que ela está se aproximando mais, mas ainda não é muito forte isso aí não. Eu acho que a produção cultural também vive um pouco no gueto.</p> <p>-Eu acho que faz parte seja como consumo ou como visão de mundo. Agora não digo e acho q não dá pra dizer de modo genérico que toda produção de comunidade tradicional tem uma visão boa ou correta. Eu acho que é cada caso, você pode ter coisas boas e pode ter coisas que não digam nada.</p>	<p>-Já pela influência humana, a domesticação das populações naturais, nossa dependência de várias populações, seja por questão de saúde, sejam elas por afeição humana, sejam para comida, como se dá a relação humana nisso.</p>

<p>Rural e urbano</p>	<p>-Está inserido num mundo que é predominantemente urbano (segundo a ONU, a maior parte das pessoas que vivem hoje no planeta vivem em cidades, e isso é recente, do ano passado para cá), e num país que tem aproximadamente 83% da população vivendo em cidades. Portanto quando a gente fala em sustentabilidade, a gente faz o recorte do urbano, a gente tá tocando fundo no coração da maioria das pessoas.</p> <p>- Urbano prevalece sobre o rural, que não é contemplado na construção da sustentabilidade difundida pelo programa. Daí o interesse da empresa em atingir o público urbano, numericamente maior;</p> <p>- Ao falar de ecovilas e pegada ecológica, destaca que o urbano onera o meio ambiente.</p>	<p>-A chamada questão ambiental hoje está muito mais perto da vivência e do interesse direto do telespectador, principalmente o telespectador urbano, do que estava há quinze anos – os problemas foram se agravando, principalmente os problemas urbanos relacionados ao meio ambiente, questões de poluição do ar, questão da água, questão do lixo, questão do transporte e outras coisas. Então ele ampliou os seus objetivos atendendo à própria necessidade do público.</p> <p>- A Convenção do Clima, desde 92 ela recomenda essas coisas, por exemplo: não desmatar encostas, não ocupar morros, todas essas coisas. Mas nós sabemos que isso não está acontecendo. Você tem até lutas ideológicas, eu já vi lutas ideológicas para não deixar tirar uma comunidade de um determinado lugar porque isso seria uma coisa terrível, contrapólo. Uma vez eu tive uma discussão com uma pessoa e eu disse “agora, quero ver você se responsabilizar na hora em que eles morrerem lá, que deslizar aquilo tudo, você vir com essa luta ideológica errada em torno de uma coisa”.</p> <p>- Mudar os padrões de construção de rodovias, de construção de pontes, da mesma forma que dentro das cidades vai ter que mudar</p> <p>-Se você juntar o sistema viário com o sistema de estacionamento mais as garagens, você tem mais de 50 % do espaço urbano para o automóvel, para o transporte. Ou seja, aquilo que deveria ser um meio passa a ser um fim, a coisa principal em si mesmo na cidade.</p>	<p>-Uma temporada sobre O Mundo em movimento, para tratar da efeméride de, pela primeira vez na história, mais pessoas viverem em cidades no mundo</p> <p>- Questionamos também cidades médias, como elas estão fazendo para crescer com sustentabilidade; e depois tratamos da questão urbana questão do lixo.</p> <p>-Onde muito mais na Europa é uma questão mais urbana - ou seja, lá eles estão pensando muito mais em como as cidades podem se tornar mais sustentáveis, os meios de transporte, a forma como as casas e o consumo de energia pode se tornar mais sustentável; a geração de energia em si tornada bem mais limpa.</p> <p>- Em 2008 foi uma efeméride, né, que teve mais gente vivendo em cidades, então isso é um marco histórico e foi isso que definiu o tema.</p>
------------------------------	---	--	--

<p>Produção e Consumo</p>	<p>-O uso sustentável dos recursos contemplando o consumo sustentável – não ressalta a produção, assim como o urbano esconde o rural.</p>	<p>-Os relatórios do PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, já na década de 90 eu trabalhei como consultor em alguns deles, já na década de 90 eles falavam sobre essa insustentabilidade dos padrões de produção e consumo e renda também.</p> <p>- Agora, o consumo supérfluo ou insustentável é brutal, né? Qualquer casa que você entrar, inclusive na minha, vai encontrar um porção de coisas em relação a isso. Você vê, nós deixamos de consumir quase 30% da energia em 2001, agora voltou, o consumo voltou. Quer dizer, passado o momento de crise as pessoas reincorporaram os velhos hábitos, de manter tudo ligado, tudo aceso, e ter consumo.</p>	
<p>Conflitos e soluções; problemas X soluções</p>	<p>-A gente não tem tempo para buscar arbitragem de conflito. A linha editorial da gente é buscar soluções. Eu vejo o nosso programa como vitrine de soluções. Eu não tenho tempo para ficar mostrando conflito. O conflito, ele pode ser entendido de passagem. Você pode mostrar que existe um problema.</p>		<p>-Sempre apresentando um problema mas também uma solução.</p> <p>-Práticas que, apesar de elas serem devastadoras, elas são mais fáceis de serem resolvidas do que as questões dos países desenvolvidos. Porque já existem soluções. Já existem soluções pra questão de você poder manter e tornar uma região economicamente produtiva e viável mantendo a floresta em pé, o que falta é vontade política para isso.</p> <p>- (o programa) Começava apresentando um problema – que é o que a gente chama de bloco problemático, onde se apresentava uma questão que normalmente tinha um problema [...] E o segundo bloco é o bloco da solução</p> <p>-Existe uma dialética no movimento ambiental que a gente precisa trazer isso no programa (uns são a favor da energia nuclear por entenderem que mesmo que</p>

			<p>ainda não se saiba o que fazer com os resíduos, já há alternativas de armazená-los de forma segura; outros são radicalmente contra e afirmam só poder apoiar quando já tiver a cadeia produtiva inteira entendida como um método sustentável).</p> <p>- A gente sempre traz no programa um case que mostra uma alternativa/solução para aquela questão.</p>
Ética	<p>-Novos valores civilizatórios. O mundo mudou, e nós precisamos mudar hábitos, comportamentos, padrões de consumo, estilos de vida.</p> <p>-(sobre o programa acerca de cemitério sustentável) A gente falar de morte, e que a vida no corpo um dia cessa, olha o alcance de um programa como esse para quem é muito materialista e só quer pensar no aqui e agora</p> <p>-Valores civilizatórios: princípio do lucro como valor na idéia de Desenvolvimento Sustentável; novos valores para a sustentabilidade.</p>	<p>-Mudança de prática de vida. Tem que mudar de vida, tem que mudar não é só a questão de como enxergar o mundo e o que propor, mas também mudar a sua própria vida. Quer dizer, nós não podemos continuar com o padrão de consumo que temos no mundo.</p>	<p>-Conteúdo e pela dramaticidade do que está vivendo, que emociona o telespectador e pode influenciar mais uma mudança na vida dele em relação a esse tema.</p>
Educação e EA	<p>-Pretensamente, ele é um programa didático. Ele tem essa função, então melhor se professores ou facilitadores na escola, na universidade, no sindicato, na igreja, na pastoral onde você estiver, descubram uma maneira de usar o programa como ferramenta pedagógica, ele tem esse perfil.</p> <p>-É muito evidente para mim que certos conteúdos disponibilizados através da mídia, por nosso intermédio, podem mudar ou ajudar a mudar hábitos, comportamentos, estilos de vida e</p>	<p>-A questão da Educação Ambiental o que eu acho fundamental é aquilo que eu disse: eu acho que é preciso um esforço para tirar a questão do meio ambiente desse gueto em que ele vive, na Comunicação e no mundo de modo geral, com essa postura de entender que meio ambiente é uma coisa à margem das outras atividades. Acho que enquanto não se conseguir vencer isso, quer dizer, não se conseguir mostrar que o ambiente físico esta na base de tudo, que você não pode fazer nada no abstrato só, isso tudo tem repercussões muito concretas e que é preciso exatamente colocar – essa seria a questão</p>	<p>-Com o Globo Ecologia que se firmou na Globo um horário de programas mais ligados para educação de alguma forma; seja ela educação para a ciência e agora educação ambiental.</p> <p>-O programa sim se entende como de EA, e felizmente não se entende como o único. A gente na verdade, na própria grade do canal, tem diferentes títulos sobre a questão ambiental. A gente entende que é esse conjunto de diversos pontos de vista e abordagens sobre o tema ecologia, vai fazer com que o público tenha mais</p>

<p>padrões de consumo. É a função de uma boa educação. Uma pessoa bem educada tem discernimento para realizar escolhas em conformidade com uma visão de mundo.</p> <p>-Feita a distinção entre educação formal e educação informal, não há menor dúvida de que hoje o Jornalismo, a veiculação de notícias, certas informações veiculadas pela mídia sim influenciam as pessoas, educam para o bem ou para o mal. A mídia é apenas um instrumento amplificador.</p> <p>-Ser útil para que a escolha das pessoas se dê com uma melhor base de dados: eu estou melhor informado sobre esse assunto, portanto me sinto mais à vontade de assumir uma posição.</p> <p>-Existe uma relação, portanto, entre o nível de escolaridade e essa percepção desse senso de urgência pra uma nova atitude em favor do mundo e de você.</p>	<p>central de uma Educação Ambiental: ensinar a população e os governantes que o meio ambiente precisa ser o centro e o início de qualquer político ou projeto, seja publico ou seja privado. Primeiro precisa avaliar que conseqüências tem; se tiver conseqüências, se vale a pena ou não fazer.</p> <p>-Uma educação pra vida toda, porque tem que acompanhar a evolução das coisas e ir transformando seu posicionamento e suas ações na vida.</p>	<p>informação e mais capacidade de ter uma atitude mais ativa e atuante na sociedade.</p> <p>-Existe um lugar na grade onde o que se quer é que o público não seja só entretido ou informado, mas sim que ele possa construir junto com a programação um entendimento de mundo um pouco maior, e que faça alguma coisa com essa informação.</p>
---	--	---

<p>Dimensão Política</p>	<p>-A gente não está muito preocupado com o público-alvo. Do jeito que a gente está fazendo, empresários, políticos, donas de casa (quando a gente fala de reuso de água ou de reciclagem de óleo de cozinha, a gente está falando da dona de casa). Há um misto e de alguma forma o programa responde expectativas.</p> <p>- Você faz escolhas, toma decisão, você age! Você deixa de ser um elemento passivo, disperso.</p> <p>-A gente denuncia o que por omissão dos políticos torna a vida pior.</p> <p>-Existe uma parcela de responsabilidade ou culpa da classe política sim, mas também existe uma parcela de solução que cabe à classe política dar. Mas o mundo não vai mudar por causa dos políticos. O programa não está escorado nas mudanças que os políticos precisam fazer. A gente eventualmente mostra políticas públicas eficientes, mas não é a linha editorial da gente; a gente mostra soluções, sejam elas originárias de uma política pública de um prefeito, de um governador, de um presidente, sejam elas de empresas privadas, sejam elas de pessoas físicas.</p> <p>- Quando a gente fala, a gente fez um programa de redução de desperdício de alimentos, receitas de como aproveitar casca de ovo, fazer farofa de casca de banana, o diabo. Quem tem essas receitas? Não é o burocrata, e vira política pública. Então você tem política pública de redução de desperdício que se</p>	<p>-Agora também acho que é preciso que a sociedade aprenda a se organizar e discutir essas informações e formular projetos políticos de políticas em relação a isso para ser levados para candidatos a postos eletivos aí, né, e cobrar deles. Porque hoje o que a sociedade faz em relação a essas coisas? As pessoas se queixam do lixo, mas qual é a ação que elas têm em relação a isso? Se queixam da falta de drenagem etc, mas o que elas fazem? O que elas fazem em relação ao saneamento? Quer dizer, hoje nós estamos reduzindo a política na verdade apenas à micropolítica, onde os governantes e parlamentares se relacionam com pequenos núcleos da população para atender a micronecessidades daquele lugar específico. Você não tem macropolíticas (inaudível), que estão aí num sufoco gigantesco. Agora, qual a macropolítica que você tem pra São Paulo, ou pra Brasília, ou pra Goiânia ou pra qualquer outra cidade brasileira? Não tem, não tem nada!</p> <p>-A sociedade tem que fazer, o que as pessoas têm que fazer pra caminhar em direção a soluções. Sair dessa posição passiva, que eu chamo a retórica da indignação, que é só o que você tem: todo mundo indignado com isso, indignado com aquilo, indignado com aquilo outro, mas absolutamente passivos diante de todas essas coisas.</p> <p>- Você não tem também na parte da política ações que favoreçam. Por exemplo, pega a área de transportes, neste momento o governo federal está reduzindo os impostos para que as pessoas comprem mais automóveis. Agora sem nenhuma exigência para as empresas, elas não têm que mudar nada nos carros, nem nada – os mesmos</p>	<p>-Mobilização: “tem muitas ONGs que trabalham a exploração infantil, e aí elas vão criar junto com o Canal workshops, oficinas, formas de falar com a população, forma de falar com as crianças... Como o programa vai ser apresentado, às vezes ele é apresentado inteiro, às vezes só uma parte específica dependendo lá da dinâmica que a instituição cria. Ou seja, é uma coisa que a própria instituição tem que tomar para si aquele conteúdo e fazer com que ele entre no próprio processo de funcionamento da instituição; a gente não determina isso”.</p> <p>-Demonstra que de fato estamos falando com pessoas que são mais mobilizadas de alguma forma porque tomam a causa mais para si e tomam uma atitude depois de assistir ao programa</p> <p>-A gente não quer que seja simplesmente um entretenimento, a gente quer que as pessoas tenham uma posição mais atuante com relação ao conteúdo que eles estão recebendo.</p> <p>-O apresentador que questionava por que a gente não tinha tomado essa atitude no Brasil todo, falou que pequenas mudanças podem ser feitas e acordadas numa reunião de condomínio do seu prédio ou em seu condomínio, que poderiam gerar mudanças significativas que gerassem um impacto inclusive maior pra comunidade, enfim, tentando sempre fazer esse balanço de um caso específico mas que simboliza uma atitude eu pode ser tomada por uma comunidade.</p> <p>-O papel do programa está muito mais</p>
---------------------------------	--	---	--

	<p>escora em receita de gente comum, como eu, você, a comunidade.</p> <p>-Mas o problema matricial é gestão. Gestão, como é que eu faço planejamento urbano. Sustentabilidade precisa de planejamento, você precisa ordenar a ocupação, as intervenções urbanas.</p> <p>-É cidadania, é inclusão social, é como você estar atento e usar a mídia como vitrine de experiências que vêm debaixo para cima muitas vezes, ou que denunciam ausência de política pública eficiente.</p>	<p>carros que elas estão fabricando. Agora, você pega a cidade de São Paulo, a cidade de São Paulo tem mais de 6 milhões de veículos para 10 milhões e poucos de habitantes, e continuam licenciando mil carros novos por dia sem nenhuma exigência [...]. Pelo contrário, você tem uma política de abrir cada vez mais espaço para o automóvel: tem construção de viadutos, de galerias, cortando praças ao meio, dividindo praças pra abrir espaço para automóvel. Não há eu, por exemplo, gostaria muito de não ter que usar carro, mas se eu não usar carro estou perdido, porque não tem transporte.</p> <p>-Tudo isso devia ser discutido e tudo isso devia ser levado pro campo da política – é lá que as coisas se resolvem.</p>	<p>nessa conscientização desse papel político que não só os governantes têm que ter mas também indústrias, empresas, e a sociedade civil, que tem que se organizar também para isso.</p> <p>- A gente quer que a programação de alguma forma esteja de fato influenciando quem tem uma atitude muito forte, quem pode gerar mudança.</p> <p>-(quanto a estimular ações individuais e coletivas): O conjunto das duas, porque existem questões que basta você decidir com atitude individual, como andar de metrô ou ir a pé para o trabalho, ou valorizar alimentos produzidos localmente. Outras você precisa elevar isso a um nível um pouco maior, e outras ainda mais, com governos envolvidos.</p>
<p>Caráter mercantil da emissora e Jornalismo Ambiental (conteúdo veiculado)</p>	<p>-Eu posso dizer para você que tenho o privilégio de ter liberdade editorial. Não existe censura. Eu sou responsável pelo conteúdos que vão ao ar, e eu trabalho com uma emissora que me dá essa liberdade. Essa liberdade não foi oferecida, ela foi conquistada, e eu procuro fazer bom uso dela.</p> <p>-Considero um assinte à minha pessoa se houver qualquer tipo de insinuação de que o produto final do Cidades e Soluções se resolveu desta ou daquela maneira porque um patrocinador quis ou porque alguém achou que devia ser. Pego meu boné e vou embora.</p> <p>-Eu não tenho contato com patrocinador, não converso com eles. Eles não vêm oferecer para mim o patrocínio, eles</p>	<p>-Eu creio que a visão que o programa tem é de ser realmente eu não digo de educação, eu diria de informação ambiental. Mas ambiental num sentido mais amplo.</p> <p>-O programa tenta levar informação sobre questões relevantes à sociedade, nas quais é preciso considerar muito esse lado dos impactos sobre o meio físico, de propostas e soluções, de bons exemplos e por aí adiante.</p> <p>-Ultimamente ele tem tido algumas dificuldades, porque a TV Cultura está numa fase de adaptações financeiras, então algumas pessoas saíram do Repórter Eco e não foram substituídas ainda, diminuíram o quadro, e também terminou o acordo com a Natura, que patrocinava o quadro da Biodiversidade que permitia, com o pagamento das despesas, que se fizessem matérias em muitos lugares do país. Hoje está um pouco mais</p>	<p>-Como esses programas reprisam bastante, a gente não trabalha muito com o factual, a gente trabalha de uma forma mais abrangente, pra que ele possa permanecer mais fresco no ar por mais tempo.</p> <p>- Há assunto que não pode ser abordado na televisão <i>ipsi litteris</i>.. ou uma computação gráfica, ou interromper aquela explicação sobe som só com imagem.. com música pra dar uma respirada.. momentos em que ele dispersa, momentos em que você tem que dar uma relaxada.. na televisão um programa se a gente coloca muito conteúdo, muita informação, se a gente não consegue contextualizar ele esqueceu metade. Temos pesquisas de compreensão também, de apresentação daquela informação.</p>

	<p>procuram a direção, digamos, do departamento comercial da Globo News e dizem “eu quero patrocinar este ou aquele programa”.</p>	<p>restrito isso por causa dos custos de viagem. Temos feito muito poucos programas temáticos em que num programa se cuide de um assunto só para tratá-lo de forma mais abrangente, e isso se deve a essa insuficiência de meios. Você leva muito tempo para fazer programa de televisão, né? Então esse é um objetivo que nós temos lá que é de ter programas temáticos mas com uma dificuldade muito grande de realização por causa disso, de insuficiência de pessoas e de recursos financeiros.</p> <p>-Não tenho sentido esse problema lá na TV Cultura. Não me lembro de nenhum momento que dissessem “ah, não pode fazer isso porque isso atinge o governo do Estado, ou não devia ter feito isso porque atinge o governo do Estado”. O programa é sempre bastante livre para escolher os seus temas e tratá-los da forma que considerar mais adequada para o tratamento. Não há nenhuma limitação [...]. O programa realmente tem uma possibilidade de isenção que não é fácil de ver isso com frequência.</p> <p>-(EA) É uma responsabilidade também muito grande da comunicação, porque hoje prevalece na comunicação o modelo hollywoodiano, quer dizer, da comunicação como espetáculo. Ela se interessa muito pelos eventos nos momentos de grandes crises, dramas e grandes desastres, que mobilizam o telespectador, o leitor e tal. Passado aquele momento, aquele assunto é esquecido.</p> <p>-A EA deveria ser isso também; isso é uma parte da Comunicação, ou seja, de responsabilidade da Comunicação. A Comunicação é que pode ensinar a informar a população.</p> <p>-os cursos de comunicação nas universidades precisam mudar, quer dizer, pra que digamos</p>	<p>-Trabalho do coordenador artístico: “se os entrevistados foram bem gravados. Cenas externas para dar uma respirada; se o ritmo da edição está num bom encadeamento, se está muito lento... a produção do radiografismo”.</p> <p>-Foi criado o formato do programa, ou seja, de ter sempre um apresentador que fosse global. [...] Mas o Globo Ecologia sempre teve esse perfil de querer atrair um público muito mais geral do que o Globo Ciência.</p> <p>-Foi pensado um formato que atraísse o público em geral e até hoje o público do Globo Ecologia ainda é um público bem jovem.</p> <p>-O formato do programa sempre teve o apresentador assim, um pouco mais distante.</p> <p>- Questão de orçamento influencia muito: a gente tem um orçamento no programa pra uma viagem especificamente, você pode viajar para um lugar do país por episódio, mas às vezes a gente consegue aproveitar aquela viagem e faz uma mesma gravação pra dois ou três episódios.</p> <p>-O único parceiro é a Globo, porque é ela que banca o programa [...]. Como é parceira do Futura, a Globo pensa mais no que é melhor para o programa, e não tem a postura de “ah, sou eu que mando porque eu pago”.</p>
--	--	---	--

		<p>essa - usar a palavra da Marina Silva, que tenho certa implicância – pra que essa transversalidade aconteça na comunicação.</p> <p>-No caso do <i>Repórter Eco</i> certamente não há marketing embutido em nada.</p> <p>-É ganhar um pouco com o eventual prestígio com a audiência que ele tem. Primeiro atingir um público específico que é de interesse da empresa e eventualmente se beneficiar do eventual prestígio que o programa tem.</p> <p>-A Natura participava dessas discussões de pauta mas não tinha direito a veto, a preponderância ou nenhuma dessas coisas.</p> <p>-(O presidente da Natura) Então ele tinha tido uma participação decisiva nessa questão da negociação desse acordo, e nessa sugestão para que eu fosse o consultor.</p> <p>- Eu não sei o quanto a Bunge paga ou não paga, quer dizer, é uma renda desse patrocínio que é da TV Cultura. Mas acho que ninguém do Repórter Eco sabe quanto é ou quanto não é. Isso aí é uma coisa lá da área comercial.</p>	
<p>Seleção dos assuntos abordados</p>	<p>-Essa linha editorial: soluções urbanas, sustentáveis, de preferência de baixo custo, replicáveis, e que a gente pudesse apresentar como exemplares, modelares assim, uma nova concepção de projetos com essas características.</p> <p>-O crescimento desordenado das cidades, que se replica como metástase, a falta de opções inteligentes e criativas pro lixo, pra água, pro saneamento, pra transporte, pra moradia, pra produção de energia, o uso sustentável dos recursos tornam a pauta do programa praticamente inesgotável.</p>	<p>-O programa tem em geral três matérias, tem o meu comentário e tem uma súmula de notícias importantes da semana; basicamente é isso aí. Então você, na verdade, tem pra cada matéria não mais do que cinco, seis minutos, e é muito difícil você tratar de uma forma mais abrangente ou muito abrangente apenas com esse tempo no ar...Então você precisa tratar especificamente a partir de um fato concreto, alguém que fez alguma coisa, uma pesquisa que foi desenvolvida ou um problema que esteja acontecendo em uma determinada área e tratar mais restritamente isso aí. Por exemplo, você tem ali um problema de estar sendo poluído aí um manancial de</p>	<p>-Trabalha com temporadas anuais, mas ao final abre espaço para factuais: uns três ou quatro episódios no final, não vinculados necessariamente à temática, para que a gente possa tratar de coisas que aconteceram no ano e que a gente, enfim, tem que ter uma liberdade para poder simplesmente o programa não se ausentar disso.</p> <p>-Em 2008 foi uma efeméride, né, que teve mais gente vivendo em cidades, então isso é um marco histórico e foi isso que definiu o tema.</p> <p>-(sobre tema mudanças climáticas) A gente</p>

	<p>-O que tenho à mão sempre são sugestões que vêm do contato com as pessoas: pessoas conhecidas que de viva voz sugerem; que mandam e-mails e sugerem; que ligam e sugerem e telespectadores que sugerem no blog do programa, e da garimpagem que a gente faz em notícias do cotidiano.</p> <p>- Nós temos a liberdade de escolher as pautas que nós queremos.</p>	<p>abastecimento. O ideal seria quando você for fazer uma coisa dessa você fazer um tratamento mais amplo do que seria o problema dos recursos hídricos hoje no país, a situação no país, a situação no estado, a situação naquele lugar. Mas isso exigiria muito tempo, muita gente, e isso não dá para fazer. Então na maior parte dos casos o ponto de partida é o fato concreto e a partir daí a documentação desse fato concreto e algumas opiniões, conclusões a respeito disso.</p>	<p>via que esse tema estava em voga e a gente tinha que tratá-lo de uma forma mais ampla.</p>
Seleção das fontes	<p>-Quando a fonte não é conhecida, a gente procura ter uma redundância – checar a informação com pessoas que a gente considera que são fiéis da balança.</p> <p>-A comunidade local pode ser um indicador de credibilidade.</p> <p>-O meu fiel da balança tem um perfil acadêmico e técnico porque mesmo na academia você vai encontrar pessoas muito sensíveis ao conhecimento não-formal, não-acadêmico e não-técnico, mas que são pessoas que eu conheço.</p> <p>-O jornalista precisa de fontes, pessoas que você atribua valor, credibilidade pra dizer “me explica melhor isso? O que você acha de eu falar desse assunto ou daquele?”. Normalmente essas pessoas têm um conhecimento técnico, mas não é pré-requisito.</p> <p>-Quando eu preciso ter redundância, eu preciso de conhecimento, gente que conhece, e aí eu não vou economizar esforços pra ter alguém que seja um bom balizador do assunto que eu estou pensando em construir o programa.</p>	<p>-É um caráter mais abrangente, não tem nenhuma preferência específica por certo tipo de fonte, Vai depender muito do assunto, né? Você pode ouvir o especialista, pode ouvir as pessoas, pode ouvir as duas, isso depende, varia dependendo do interesse. O que o programa tem é um bom serviço de pesquisa permanente, a gente tem uma pessoa, a Mareci, que cuida só disso.</p> <p>-Mulheres que estavam plantando algas para restabelecer a alimentação de peixes e outros produtos ali que estavam ficando escassos. E o programa todo foi feito praticamente só para elas mesmo. Só entrou no programa uma acho que ela era bióloga, mas porque ela mora lá – ela se aposentou, mora lá e participa diretamente do programa.</p>	<p>-(falando do feedback para a área de Mobilização do Canal) Não são poucos fazendo para muitos, mas em si, de forma cada vez mais equilibrada, muitos falando para muitos.</p> <p>-Nas reuniões de pauta do programa, há questões em que não tem concordância entre a produtora e o Canal, o que é bom porque faz com que a gente procure mais entrevistados.</p> <p>-A gente sempre tem que ter uma alguém da academia, que vai dar um olhar mais técnico e profundo não só sobre o que está acontecendo mas sobre as perspectivas [...] a gente também tem que ter alguém da população ou do movimento social. Porque é alguém que está ali sentindo os impactos daquilo hoje e que de certa forma está dando a possibilidade de dar um caráter muito mais próximo do telespectador.</p>

Quadro 2 – Trechos das entrevistas referentes a cada categoria de análise

APÊNDICE V: TRANSCRIÇÃO CIDADES E SOLUÇÕES – GESTÃO SUSTENTÁVEL

Fontes de informação primárias e secundárias	<p>Primárias (não-nomeadas): Ministro do Meio Ambiente; empresário, funcionário público; Secretário Municipal de Saúde; Presidente da Associação dos Produtores Rurais; Gerente do Projeto Município Verde; pecuarista; aposentada; bióloga; dona de casa; ex-prefeito.</p> <p>Secundárias (identificadas): Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.</p>
Assuntos tratados	ICMS Ecológico, impostos, conservação ambiental, compensação financeira, saúde, educação, tratamento de esgotos, tratamento do lixo, agricultura familiar, sustentabilidade social.
Comentários-chave	Conservação atendendo aos interesses do desenvolvimento econômico; Valorização da compatibilização entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico; gestão compartilhada; sustentabilidade social e ambiental.

Quadro 3- Quadro-resumo das fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre Gestão Sustentável

Escalada: Gestão Pública comprometida com sustentabilidade tem nome: ICMS Ecológico. No programa de hoje você vai saber como vários estados brasileiros decidiram repassar mais recursos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços justamente para os municípios que melhor cuidam do meio ambiente.

Locução in: Educação, saúde, geração de empregos, preservação do meio ambiente. São esses os benefícios que o ICMS Ecológico trouxe para a vida dessas pessoas.

No Estado de São Paulo, que também já adotou o ICMS Ecológico, uma outra iniciativa estimula as cidades a serem ainda mais eficientes nos investimentos ambientais é o projeto Município Verde.

Locução off: Santa Cruz do Sul recebeu nota 94,96, a maior do Estado. O título de município verde foi conquistado porque a cidade conseguiu se expandir respeitando as leis ambientais. **Vinheta de abertura**

Locução off: O atual Ministro do Meio Ambiente é um dos maiores incentivadores do ICMS Ecológico. Segundo Carlos Minc, o princípio é simples: o município que melhor cuida do meio ambiente recebe mais recursos do principal imposto estadual.

Sonora com Carlos Minc, Ministro do Meio Ambiente: O ICMS Ecológico, ele tem uma nova repartição da receita entre os municípios segundo o critério ambiental. Então, por

exemplo, o município que cria e implanta mais unidades de conservação vai receber um pouco mais. Isso faz com que o prefeito se interesse por isso, veja vantagem nisso; ele vira um sócio da conservação. Assim, acaba havendo uma gincana entre os prefeitos pra ver quem avança mais na ecologia, porque isso significa uma linguagem universal – dindim, dinheiro entrando nos caixas dos municípios. Ou seja, os prefeitos, ou por convicção ou por conveniência se convertem em ecologistas desde a mais tenra idade.

Locução off: O ICMS Ecológico já está funcionando em 12 estados, e está sendo implantado em outros 3. Em 9 unidades da Federação, a nova lei está em fase de discussão. A previsão é de que o ICMS Ecológico movimentará este ano aproximadamente 600 milhões de reais.

Sonora de Minc: O ICMS Verde começa no Paraná em 1992. O Paraná fez uma lei enxuta e já está no terceiro decreto regulamentador, ela tem sido aperfeiçoada. De lá para cá multiplicou para 14 a área protegida nesses municípios. Foi um ganho muito importante, pra reconstituir Mata Atlântica, corredores florestais, com benefício pro ecoturismo, pra agricultura, pra água.

Locução off: A cidade campeã no repasse de recursos do ICMS Ecológico no Estado do Paraná tem pouco mais de 6 mil habitantes. São Jorge do Patrocínio tem ruas limpas, muitas árvores e jardins floridos nas praças. A vida é tranquila nessa cidade, que fica quase na divisa do Mato Grosso do Sul, a cerca de 700 km de Curitiba. Mas a realidade de hoje é bem diferente da década de 1980, quando a cidade foi arrasada pela decadência do café. As plantações deram lugar ao gado, e centenas de trabalhadores perderam o emprego. A miséria fez muita gente deixar São Jorge do Patrocínio e tentar a sorte em outros lugares. Quem ficou viu a cidade mudar a partir de 1990. E a transformação começou com uma ideia simples: aliar preservação ambiental com desenvolvimento econômico. Mais da metade do território de São Jorge do Patrocínio faz parte do Parque Nacional de Ilha Grande, que fica ao longo do Rio Paraná, e é formado por mais de 180 ilhas que são habitats de várias espécies de fauna e flora hoje ameaçadas de extinção.

Sonora de Cláudio Alves Palozzi (cargo): Nós temos uma riqueza natural que é composta hoje pelo Parque Nacional de Ilha Grande e a partir de 1991 foram criadas as APAs municipais, e depois transformado em Parque Nacional. Então isso deu condições de adequar essa riqueza natural com a Lei do ICMS Ecológico, criada no Estado do Paraná, pra poder fazer preservação ambiental e ter retorno econômico pra desenvolver o município.

Locução off: Os recursos do ICMS Ecológico foram usados para ajudar as famílias dedicadas à agricultura e pequenos produtores que moravam nessas áreas. Aos poucos os projetos foram aumentando e os recursos também.

Locução in: Educação, saúde, geração de empregos, preservação do meio ambiente. São esses os benefícios que o ICMS Ecológico trouxe para a vida dessas pessoas, e que você confere agora.

Locução off: 30% da arrecadação tributária do município vem do ICMS Ecológico, dinheiro que permite o investimento em todas as áreas. Os moradores de São Jorge do Patrocínio foram conscientizados da importância de proteger o meio ambiente. A cidade é uma das poucas do Estado a ter a coleta seletiva em 100% das casas.

Sonora com (ilegível): A coleta seletiva eu sempre digo que ele é munido de educação. E não só na implantação; ele é diário, ele é constante – tem que estar sempre orientando, sempre informando. E isso não se faz sozinho, então a gente tem muito apoio da educação, da Secretaria de Educação, através dos alunos, dos professores que ajudam a gente a desenvolver esse projeto. E nós fomos crescendo gradativamente com a coleta seletiva no município, e hoje nós temos implantado no município todo. Então a gente considera realmente um sucesso a gente ter a coleta seletiva implantada.

Locução off: Educação ambiental também está entre as disciplinas ensinadas nas escolas do município. A cidade atingiu a maior nota do IDEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, de toda a região, ficando à frente inclusive da capital Curitiba. As escolas contam com psicólogos, nutricionistas e fonoaudiólogos. Todos os professores são pós-graduados e têm computadores e DVDs para ajudar nas aulas. Nas salas de informática, o acesso à Internet facilita a pesquisa e o desenvolvimento dos trabalhos. A geração de empregos é outro benefício que o ICMS Ecológico trouxe para a cidade. Esse é o Parque Industrial, onde estão instaladas 15 empresas. Todas que vieram para cá receberam incentivo do município. César é um exemplo: há 10 anos instalou aqui uma fábrica de doces de leite; hoje seu produto é encontrado em mercados de todo o país e já tem projeto para exportar para o Chile, Venezuela e Estados Unidos.

Sonora de César Augusto Maia, empresário: O município de São Jorge do Patrocínio é um município que investe bastante no Parque Industrial, onde visa trazer novas empresas, e eu fui uma delas em 99 que vim fazer parte da equipe desse município aqui.

Locução off: Na área da saúde, o dinheiro do ICMS Ecológico foi usado para construir um hospital, capacitado para cirurgias de grande complexidade, e um laboratório onde são feitos mais de 2000 exames por mês. Na farmácia são 350 itens de medicamentos.

Locução in: Hoje, por exemplo, uma pessoa não precisa se deslocar para uma outra cidade para fazer uma cirurgia ou uma consulta especializada?

Sonora com Leandro Moreira da Cruz, Secretário da Saúde: Não, nós temos hoje aqui a ortopedia, né, nossa especialidade, e a oftalmologia, dentre outras especialidades que nós podemos arrumar à nossa população sem estar encaminhando a grande maioria para os municípios de fora.

Locução in: O trabalho no campo é uma prioridade de investimentos da cidade. Os trabalhadores rurais, organizados em associações, fizeram uma parceria com a prefeitura. Eles recebem o subsídio de 50% para compra de equipamentos.

Sonora com Clério dos Reis de Moraes, pres. da Associação dos Produtores Rurais: Vamos supor: nós compramos essa carreta de calcariamento aqui. Essa carreta ficou um preço pra nós, vamos supor, de 13 mil reais; a prefeitura custeou R\$ 6500,00 para nós, nós pagamos 6500.

Locução in: Tudo isso?

Sonora com Clério: Tudo em parceria com a gente.

Sonora com Gisele Petinelli, Secretária do Meio Ambiente: A agricultura nossa aqui o foco maior é a agricultura familiar, né. Então os produtores a gente procura sempre estar ajudando e atendendo, porque a gente precisa realmente que esse homem permaneça no campo. Então o nosso foco é dar toda a condição pra que ele consiga permanecer lá na sua propriedade.

Locução off: No viveiro municipal centenas de mudas de espécies nativas e exóticas são distribuídas de graça para os produtores rurais constituírem a reserva legal nas propriedades. A reserva é uma exigência federal: pelo menos 20% da área deve ser preservada para proteger a biodiversidade local. Só no ano passado foram distribuídas 350 mil mudas, entre elas espécies como o ipê branco, o angico, a sangra d'água e o guaritá, além é claro dos eucaliptos, que garantem uma renda a mais para os produtores.

Sonora com Cláudio Alves Palozzi: É importante a gente investir no setor produtivo pra que haja o desenvolvimento econômico e crescimento também social e intelectual da população que vive aqui.

Locução off: O Estado de São Paulo, que já tem o ICMS Ecológico, instituiu a partir de 2008 um *ranking* dos municípios com melhor gestão ambiental. Ubirajara Guimarães é o gerente do Projeto Município Verde. A iniciativa assegura todo o apoio técnico aos prefeitos que se comprometerem a resolver seus problemas ambientais.

Sonora com Ubirajara Guimarães, gerente do Projeto Município Verde: O Município Verde é um processo de descentralização das ações ambientais, através de uma agenda compartilhada entre Estado e município, onde o município adere a um protocolo de ação ambiental baseado em 10 diretivas e a Secretaria entra com apoio técnico dando cursos, seminários, e liberando eventualmente recursos para que os municípios resolvam seus problemas ambientais. Nós tínhamos no Estado de São Paulo 143 lixões, ou seja, são aterros inadequados onde tem famílias de urubus, onde tem catadores de lixo vivendo em condição desumana. Então nós priorizamos a questão do lixo. Desde o lançamento do projeto até hoje houve uma redução de 70% dos lixões no Estado de São Paulo. Hoje são 42.

Locução off: O destaque do primeiro ranking divulgado pelo Projeto foi o município de Santa Fé do Sul. A cidade que lidera o ranking de município verde do Estado de São Paulo fica a 625 km da capital. Santa Fé do Sul é banhada pela lagoa artificial da Hidrelétrica de Ilha Solteira, que atrai milhares de visitantes nos finais de semana. Há oito anos a prefeitura elegeu o desenvolvimento sustentável como meta.

Passagem: Ações que fizeram com que Santa Fé do Sul recebesse a nota 94,96, a maior do Estado em uma avaliação feita pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente. O título de município verde foi conquistado porque a cidade conseguiu se expandir respeitando as leis ambientais.

Locução off: A paisagem mudou. Nessa área, por exemplo, onde funcionava o lixão da cidade, hoje o cenário é outro: o depósito de lixo domiciliar deu lugar a quadras esportivas, piscina e campos de futebol. No Centro Olímpico a população tem oportunidade de ter aulas de ginástica, pintura e praticar esportes. Tudo de graça e para todas as idades. É aqui que seu Euclides se reúne com os amigos em momentos de descontração.

Sonora com Euclides Cenedezze, pecuarista: Era uma área isolada, e nosso prefeito resgatou essa área e a gente frequenta, agora todo sábado e domingo a gente está aqui.

Locução in: O que que você acha da estruturação que foi feita?

Sonora com Magdalena de Aguiar, aposentada: Muito boa, porque isso aqui antigamente era um lixão a céu aberto, e hoje se transformou nisso – uma das maravilhas de Santa Fé.

Locução off: Hoje todo o lixo da cidade é coletado. O que não é separado para a reciclagem vai para o novo aterro sanitário.

Sonora com Mirela Lourenço, bióloga: Todo o local onde a gente está agora é o local em que o lixo foi disposto, tá. Então foi coberto, o que é a própria operação do aterro: não tem pessoas mexendo no lixo, que é a questão social e é importante a gente prestar atenção nisso. É feito o controle e monitoramento da qualidade de águas subterrâneas pra gente ver se há contaminação do lençol, então isso é feito em análises periódicas; tem a drenagem do gás, controle desse gás que é emitido quando tem a decomposição da parte orgânica do lixo, né. Então todo esse trabalho que diferencia uma área onde o lixo é disposto de uma forma ambientalmente correta numa área em que não há esses cuidados em relação à proteção ambiental.

Locução off: Investimentos também no descarte de resíduos perigosos. Aqui foram criados os chamados ecopontos: pilhas, baterias e lâmpadas fluorescentes, que levariam séculos para se decompor na natureza, são coletados e recebem o destino correto. Num país onde a maioria absoluta dos municípios não trata os esgotos, Santa Fé do Sul recebeu nota máxima. Aqui o esgoto de todos os 30 mil habitantes é tratado. O estímulo à preservação do meio ambiente faz parte das disciplinas nas escolas municipais. Apostilas sobre o tema foram criadas para fazer parte da rotina das crianças de primeira à quarta séries. Os moradores que preservam o meio ambiente pagam menos pelo imposto, graças ao IPTU Verde.

Sonora com Mirela Lourenço: O IPTU Verde, ele dá desconto para o proprietário de imóvel ou responsável pelo imóvel que adotar algumas medidas estabelecidas na lei. Então são ações do tipo: uso de energia solar, quem tem aquecedor solar em uso tem desconto no IPTU. Quem mantém uma área permeável, ou seja, com gramado, que a gente sabe, a gente vê que foi feita uma melhoria no clima da casa tem desconto no IPTU, com percentual acima do mínimo que nosso Plano Diretor estabelece.

Locução off: Dona Maria de Lurdes, que há 31 anos mora na cidade, é uma das beneficiadas pelo IPTU Verde. No quintal da casa dela, árvores nativas frutíferas e palmeiras imperiais já eram preservadas antes mesmo do desconto no imposto ser criado pela prefeitura.

Sonora com Maria de Lourdes Ferraz, aposentada: Aqui tem muita árvore que é nativa. Não nativa, que foram plantadas e têm a idade da cidade, como as mangueiras. E algumas árvores, devido à construção da casa, tiveram que ser tiradas, porque não tinha onde construir porque era uma chácara. Aí nós começamos a fazer o reflorestamento outra vez, então o que ficou do terreno que eu comprei foram as mangueiras. O resto tudo fomos nós que fizemos.

Locução off: Já na casa da dona Elza o desconto no IPTU vem do reaproveitamento da água da chuva. O sistema é simples, e a dona de casa reduziu o consumo de água de 20 para 4 mil litros mensais.

Sonora com Elza Shimamura, dona de casa: É muito simples: a água vem pela calha, desce por esse PVC aqui, e aqui nós fizemos um buraco, né. Então essa água desce aqui e muitas vezes essa água ainda não está muito limpa, então pra ela ficar limpa lá dentro a gente coloca 2 coadores, certo. E a água tá jorrando aqui, e isso aqui é onde essa água vai entrar, e a gente vai fazer isso aqui assim, ó (colocando o cano dentro dos coadores no buraco), vai empurrá-lo aqui dentro e encaixá-lo aqui dentro, e a água vai escorrer aqui dentro. E aí aqui também tem uma torneira, e enquanto essa água vai caindo aqui dentro a gente vai enchendo esses tambores aqui.

Locução in: Como a senhora aproveita essa água?

Sonora Elza: Olha, assim igual a gente pega, a gente lava o chão, lava a roupa, né; até carro se quiser lavar carro, a gente pega a mangueira e joga a água pra lá (apontando para fora da área de serviço). É um reaproveitamento muito grande.

Locução off: Pelas ruas de Santa Fé do Sul mais um item que contribuiu para a conquista do título de município verde: a arborização urbana é tratada como prioridade pela administração municipal. Atualmente 60 mil árvores compõem o cenário da cidade.

Sonora com Itamar Borges, ex-prefeito: A população já percebia a importância e o ganho da qualidade de vida com essas ações da qual ela participa, e agora com o resultado do

primeiro lugar do ranking no Estado, ela não só percebeu como sente orgulho de ter contribuído com essa conquista e com essa ação importante.

Locução off: Um projeto que serve de exemplo: Santa Fé do Sul foi o primeiro município do Estado de São Paulo a elaborar um Plano Diretor ambiental. Com ele o território é todo mapeado e as principais necessidades ambientais do município são identificadas.

Sonora com: Com base nessas informações a gente consegue direcionar, fazer todo o planejamento do território e direcionar sempre no sentido de minimizar os impactos ambientais causados pelas atividades socioeconômicas e potencializar esse desenvolvimento com qualidade ambiental e qualidade de vida.

Locução off: Para o coordenador do projeto, a ideia principal é incentivar outros municípios a elaborar e seguir um plano de ações na área ambiental.

Sonora com José Figueiredo, Coordenador do Projeto Município Verde: O objetivo é uma agenda comum entre todos os municípios paulistas; todos fazendo a mesma coisa, esse é o grande objetivo do projeto. O segundo é a descentralização, o Estado abrir pro município e que o município abra dentro dele uma discussão com a sociedade local: Câmara de Vereadores, ONG's, enfim, pra fazer com que o meio ambiente reaja rapidamente.

Encerramento: O Projeto Município Verde e o ICMS Ecológico são exemplos de como é possível abrir espaço na administração pública para ações inteligentes e efetivas em favor do meio ambiente e da qualidade de vida. Mais informações sobre os assuntos mostrados aqui hoje, acesse o link do *Cidades e Soluções* no site da *Globo News* ou o nosso blog na internet. Até a próxima.

APÊNDICE VI - GLOBO ECOLOGIA: AGRICULTURA ORGÂNICA

Fontes de informação e (primárias secundárias)	Primárias (não-nomeadas): Aposentada e consumidora da feira; gerente de negócios; agrônomo e engenheiro agrícola. Secundárias: Ministério da Agricultura, Lei dos Orgânicos, www.planetaorganico.com.br
Assuntos tratados	Agricultura orgânica
Comentários-chave	Uso de tecnologias limpas e conhecimento técnico para soluções ambientais; Valorização do equilíbrio natural das relações ecológicas; Dissociação produção rural-consumo urbano; C&T produz soluções técnicas para problemas ambientais.

Quadro 4- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre agricultura orgânica

Locução in: Tem coisas que só olhando a gente consegue ver a diferença. Com relação aos alimentos, por exemplo, a gente consegue ver se uma fruta tá verde, se ela tá madura ou se ela já tá passando do ponto. Mas nem tudo é tão simples. Quer ver uma comparação? Esses morangos, por exemplo, além da embalagem, você consegue dizer em poucos segundos o que eles têm de diferente? Fica difícil, né? Mas o da esquerda foi produzido de forma convencional com o uso de agrotóxico; já o da direita é orgânico, cultivado e produzido sem o uso de produtos químicos. A diferença que não pode ser vista a olho nu é que a fruta convencional pra ser produzida gera sérios impactos ambientais, e além disso elas podem prejudicar nossa saúde por causa dos produtos dos agrotóxicos.

Locução off: É muito importante que a gente tenha uma informação confiável da origem dos produtos. Mais de 80% dos brasileiros vivem em cidades, o que torna complicado o acesso à produção. Por isso foi criada uma exigência: todo alimento produzido dentro dos padrões orgânicos devem ter um selo de identificação, garantido por uma certificadora (inaudível). No programa de hoje nós vamos ver o caminho dos orgânicos, do campo até os pontos de venda, e as soluções criadas pelos técnicos para produzir alimentos sem o mínimo de impacto.

Locução off: A preocupação com os impactos da agricultura é antiga. Nos anos 60, quando as monoculturas se espalharam campo afora, os cientistas já alertavam sobre os riscos desse modelo de cultivo. O conceito de agricultura orgânica surgiu na década de 30. A partir de pesquisas feitas na Índia, o botânico inglês (inaudível) descobriu a importância da utilização de folhas e restos de vegetação para a manutenção da vida biológica no solo, mas as práticas sustentáveis só ganharam força mesmo no final dos anos 70.

Locução off: De lá pra cá a expansão tem sido rápida, com um crescimento anual de até 30%. No Brasil existem pelo menos 15 mil produtores de orgânicos, segundo o Ministério da Agricultura. Os produtos podem ser encontrados até mesmo na gôndola dos supermercados. O principal entrave para o aumento do consumo interno é o preço que ainda é mais caro do que os produtos convencionais, resultados de alguns custos extras da produção, mas principalmente da oferta ser muito menor do que a demanda.

Locução in: Os primeiros produtos orgânicos foram vendidos assim, direto do campo para o cliente. Essa ainda é uma opção para o consumidor. Nas principais cidades do país é possível encontrar feiras como esta no Vale da Glória, no Rio de Janeiro.

Passagem repórter: É exatamente isso, Max. As feiras, como esta em que você está aí no Rio e essa outra aqui em São Paulo são uma oportunidade para o consumidor comprar diretamente dos produtores da sua região, e com isso conseguir preços melhores e alimentos mais frescos e saudáveis.

Sonora com Mirtes Marques, aposentada e consumidora da feira: A gente procura não comprar outra verdura porque tem muito veneno, muito agrotóxico, tudo que faz mal pra saúde. Isso aqui é mais nutritivo, mais saboroso, e se a gente comprar aqui o preço não é tão diferente. Eu acho que vale a pena (Cenas em close dos produtos orgânicos).

Locução off: A maioria dos produtos da feira vem da região ao redor da Grande São Paulo. A ideia é: quanto menor o caminho entre a produção e o consumo, maior é a qualidade nutricional do alimento, e menor é o custo com transporte e armazenamento. Isso reduz o gasto com energia e também a poluição gerada nesse processo.

Locução in: Como é que está a distribuição da produção de orgânicos pelo país?

Sonora com Araci Kamyama, gerente da Associação de agricultura orgânica de SP: Então, as verduras e legumes, a produção está distribuída basicamente em todos os estados, né, muito próximo dos grandes centros consumidores. Agora tem alguns produtos de características regionais, por exemplo no Sul tem se destacado muito a produção de grãos, no Amazonas, na região Norte tem se destacado bastante a produção de produtos da floresta, como óleos essenciais, as castanhas; em São Paulo, Minas, tem muito essa questão do café, o açúcar orgânico se destaca bastante... Então tem alguns produtos com características regionais e outros que são distribuídos como os legumes, verduras.

Locução off: Uma exigência da lei dos orgânicos é a rastreabilidade: os rótulos devem conter as informações necessárias para que seja possível localizar a origem exata do produto e como ele foi preparado.

Passagem: Partindo dessa informação, a gente vai refazer o caminho do frango no sentido contrário, ou seja, dos pontos de venda aqui na cidade para o local de produção. E quem vai conferir de pertinho a criação dessas aves é a Fátima Medeiros.

Locução off: Nosso destino fica a 194 km da capital paulista. Daqui saem, todos os meses, 360 toneladas de frango natural e orgânico distribuídas para mais de 700 pontos de venda no país. É uma oportunidade da gente descobrir o que uma produção como esta tem de diferente em relação a uma convencional.

Locução in: Nesta fazenda em Ipeúna, no interior de São Paulo, são criados frangos naturais, livres de antibiótico, frangos caipiras orgânicos e também são produzidos ovos dentro do mesmo sistema. Qual a diferença de um galpão como esse pra um local onde há criação convencional?

Sonora com Luís Carlos Dematté, gerente industrial: É, a grande diferença desse galpão é o fato das aves permanecerem soltas no ambiente do galpão. Com isso elas têm a condição de expressar uma série de comportamentos naturais à espécie, como por exemplo, botarem ovos em ninhos, conviverem socialmente, disputarem alimentos, se movimentarem, dispersarem calor através do bater de asas...

Locução in: O fato das galinhas aqui poderem caminhar nos corredores muda o quê na saúde desses animais?

Sonora com Luís Carlos: Olha, o fato de se movimentarem faz com que todo o sistema ósseo-muscular das aves trabalhe, funcione; o seu sistema circulatório, seu coração, pulmões, conseqüentemente isso traz vigor a esses animais, e a gente pode perceber claramente pelo próprio comportamento delas e pela condição de produtividade dessas aves que é muito boa.

Locução off: Nessa produção é proibido utilizar antibióticos ou melhoradores de desempenho, usualmente aplicado para que os frangos ganhem peso em menor tempo. Um frango convencional é abatido com 41 dias, o natural com 46 e o caipira orgânico leva de 76 a 90 dias para estar pronto para o abate.

Locução in: Esse é o setor de pesquisas. Que tipo de estudo é feito aqui?

Sonora com Luís Carlos: O fato de desenvolvermos esse modelo diferenciado na produção nos levou a necessidade de pesquisar as alternativas aos produtos convencionalmente utilizados. Por exemplo, sabemos que a canela tem assim efeitos muito interessantes no controle de alguns parasitas, que é uma doença importante no caso dos frangos, né, a chamada de coccidiose, por exemplo, óleo de eucalipto, óleo de limão, orégano, são substâncias que apresentam substâncias em pequeníssimas quantidades mas capazes de contribuir com o equilíbrio do sistema digestivo dos animais. E isso faz com que nós tenhamos animais saudáveis, o ambiente, e o lote de animais saudáveis, isso que é o importante, né?

Locução off: O frango caipira orgânico é criado em piquetes, áreas abertas onde pode se movimentar e ciscar à vontade.

Locução in: Essa aqui é a área de criação de frangos caipiras orgânicos. É bem diferente de um galpão convencional, né?

Sonora com Luís Carlos: É, sem dúvida. É uma área ampla, né, onde as aves podem explorar esses piquetes (piquete desse lado do galpão, do outro lado do galpão). As portas se abrem todos os dias, pela manhã e à tarde, então elas têm liberdade de entrar e sair na hora que querem...

Locução in: Nesse momento agora a gente está sem nenhum frango porque vocês acabaram de encerrar um ciclo, né? Como é que é isso?

Sonora com Luís Carlos: O lote foi recentemente retirado, né, e agora estamos preparando o terreno e em questão de alguns dias entra outro lote de produção orgânica.

Locução off: Essa é outra diferença da produção orgânica em sistema semi-intensivo: entre um lote e outro é feita uma limpeza no abrigo, e é respeitado o chamado vazio sanitário – 20 dias sem aves no local. Isso evita, por exemplo, o acúmulo de esterco, que pode favorecer contaminações. Nessas imagens a gente pode ver os filhotinhos que estão sendo preparados para tomar conta desse espaço. Antes de 15 dias de vida, nada de piquete. Aqui, além da ração com milho orgânico, eles vão receber uma variedade maior de alimentos.

Sonora com Luís Carlos: Justamente por terem acesso a esse piquete – esse piquete obviamente depois ele é trabalhado, ele é roçado – de forma que elas possam explorar esses piquetes como alimentação também. Algumas verduras que vêm das produções

orgânicas podem ser adicionadas, então tudo aquilo que não teve conformação para ir pro consumidor final elas vêm pra cá e são oferecidas aos animais.

Locução off: A variedade na alimentação é outra característica do frango orgânico, que busca reproduzir as condições naturais de desenvolvimento da ave, em oposição ao sistema convencional, onde na maior parte dos casos existe sim a oferta abundante de ração, mas ela é o resultado da mistura de poucos ingredientes. Mas as diferenças não param por aí.

Locução in: Fazendo aquele paralelo com o frango convencional, quais são as diferenças?

Sonora de Luís Carlos: A proteína, por exemplo, de uma ração de um frango convencional, parte dela normalmente vem de produtos de origem animal, como farinha de carne, de vísceras, de sangue, de penas, né. No caso do frango orgânico, a proteína que é oferecida é exclusivamente de origem vegetal, ela vem de produtos de origem vegetal, como a soja, por exemplo.

Passagem: Daqui a pouco você vai conhecer as diferenças de produção de verduras, frutas e verduras, e os cuidados ambientais exigidos por lei. Isso tudo daqui a pouco no Globo Ecologia. Eu espero você. Até já.

Comercial do documentário exibido no Futura, Dossiê Universo Jovem.

Passagem: O Globo Ecologia está de volta, e na nossa série, Do Prato à Terra, hoje estamos falando dos alimentos orgânicos.

Locução off: Os alimentos orgânicos são produzidos sem o uso dos agrotóxicos. Mas essa não é a única diferença. Pra que os produtos químicos fiquem longe dos campos, é preciso muita técnica e cuidados que garantem o equilíbrio da produção.

Locução in: A diferença de um alimento convencional de um orgânico começa aqui, no momento do preparo do solo. Sempre tem que deixar uma cobertura vegetal como essa?

Sonora com Isamu Yokoyama: Sim, na agricultura orgânica a gente procura manter o solo coberto mesmo se está sendo plantado, porque evita a incidência direta do sol, que vai queimando e há problema de energia do solo. E deixando coberta vai infiltrar mais água. E no preparo do solo é muito importante essa cobertura verde porque ela, na técnica da agricultura natural, em conjunto com esses farelos, que é farelo de arroz, mamona, microorganismos, aqui um conjunto de microorganismos, mais essa matéria orgânica verde, ela vai fermentar o solo, proporcionando ao solo aumentar a microbiologia dele, deixar o

solo mais fofo, onde a raiz vai penetrar mais profundamente, e a própria nutrição da planta se dá de forma mais assim, ela vai absorver a sua necessidade, e não como é feito no convencional onde ela coloca uma carga grande de adubos químicos solúveis e a planta acaba absorvendo às vezes o que não é necessário, prejudicando a sua sanidade.

Locução off: Depois que o farelo é jogado no campo, a vegetação que protege a terra no intervalo do cultivo também é incorporado ao solo com a ajuda do trator. Com o passar do tempo, a terra ganha uma nova característica.

Sonora com Jarbas Cordeiro, gerente de negócios agrícolas: Com a incorporação dessa matéria orgânica, você vê se manifestar a vida no solo, inclusive com insetos, seres, minhocas que são aliados nossos na produção. E se a gente for mexer aqui (mexendo no solo e mostrando minhocas e outros microorganismos) você vai ver, não precisa cavar muito fundo você vai encontrar minhocas, né, larvas de besouros...

Locução in: Esse branquinho aqui é uma larva de besouro?

Sonora com Jarbas Cordeiro: Esse branquinho é uma larva de besouro, que são aliados nossos na produção orgânica.

Locução off: Esses pequenos bichinhos fazem um trabalho gigantesco: permitem não só a entrada de água, como também de oxigênio, e trazem substâncias de baixo para cima – é o que se chama de ciclagem de nutrientes. Depois de 15 dias da aplicação do farelo e do adubo verde, o processo de fermentação atinge o ponto ideal para o início da próxima safra.

Passagem: Essa área aqui já recebeu o preparo de solo. Os canteiros estão prontos para receber o cultivo de morangos. Agora, antes mesmo de o cultivo começar, a estratégia de combate às pragas já entrou em ação: essa barreira verde aqui em volta. Esses pés de flor-de-mel funcionam como alimento e abrigo para os insetos.

Locução off: Essa aliada natural da produção ainda funciona como uma barreira física, evitando que ventos fortes atinjam diretamente os canteiros.

Locução in: Essa aqui é uma parceira e tanto da produção, né?

Sonora com Yokoyama: Sim.

Locução in: Deixa eu ver aqui: humm, o nome não é à toa. Ela tem um cheirinho mesmo doce, de mel, né?

Sonora com Yokoyama: Sim.

Locução in: E esse cheiro que é responsável por essa estratégia toda pra evitar as pragas?

Sonora com Yokoyama: Sim, elas preferem vir na flor de mel a atacar o morango. Então elas convivem em muita harmonia aqui, né: joaninhas que combatem pulgões, tem percevejos, tem ácaros, todos convivem nessa flor-de-mel fazendo com que a cultura do morango fique isenta dessas pragas. E também essa parte dela tem um potencial muito grande de atração de abelhas que proporcionam uma polinização muito uniforme na nossa cultura, gerando ou criando uma qualidade melhor do nosso fruto, de formato, principalmente de formato desse fruto.

Locução off: No cultivo convencional, a aplicação de herbicidas acaba eliminando junto com as pragas também os aliados da terra. Começa então um círculo vicioso, de dependência de produtos químicos, que a longo prazo reduz drasticamente a fertilidade do solo.

Locução off: Outra consequência do sistema convencional é a contaminação do solo e da água. Fertilizantes, adubos químicos e herbicidas acabam atingindo os lençóis freáticos (música de suspense).

Passagem: Na agricultura orgânica os cuidados vão além da plantação. Todo o ambiente precisa estar em equilíbrio: o solo, a vegetação, os cursos de água e os animais desse sistema.

Locução off: A Lei dos Orgânicos também estabelece os critérios para preservação ambiental. Nas áreas ao redor dos rios, por exemplo, deve ser respeitada uma faixa de 50m sem nenhum cultivo para que seja preservada a mata ciliar.

Locução in: A gente pode ver aqui que toda a fazenda é cercada de árvores como se fosse um cinturão verde mesmo. Isso faz parte do sistema de produção orgânico?

Sonora com Jarbas Cordeiro, gerente de negócios: Sim, faz parte né. O sistema de produção orgânico – é uma exigência até da legislação das certificadoras – que você crie ao redor de toda a propriedade uma barreira vegetal, uma barreira com árvores altas e com árvores intermediárias, pra que se você tiver um vizinho numa propriedade vizinha que utilize agroquímicos, no momento da aplicação o vento não traga esse produto para a sua propriedade.

Locução off: O princípio básico desse sistema de produção é a integração com a natureza e a harmonia. Mas se por algum motivo esse equilíbrio é quebrado a agricultura orgânica tem instrumentos para reestabelecer as condições ideais. Um deles é o controle biológico. Insetos ou fungos da própria natureza são lançados no meio da plantação. Eles conseguem baixar a população dos invasores levando ao controle, sem causar danos à cultura.

Locução in: Pode-se plantar qualquer fruta, verdura, legume dentro do sistema orgânico?

Sonora com Yokoyama: Sim, hoje sim. No orgânico, hoje não existem mais barreiras, a gente consegue produzir qualquer tipo de produto.

Locução in: Inclusive alguns tabus já foram quebrados, né? O caso de produtos que normalmente utilizam muito agrotóxico, vocês conseguiram adaptar perfeitamente para o orgânico, como o morango, o tomate...

Sonora com Yokoyama: Sim, isso é uma verdade. Hoje a gente consegue produzir produtos que antes, até pouco tempo atrás era muito difícil de se produzir.

Passagem: Como a gente viu, os produtos orgânicos não têm mais diferença de tamanho e aspecto em relação aos convencionais, mas tem de qualidade. Eles são bons, bonitos e só falta ficarem um pouquinho mais baratos para caber no bolso de toda a população. Coletivamente, é preciso incentivar medidas que aumentem o acesso do produtor a técnicas agrícolas. Só assim ele terá assistência e segurança pra adotar novos padrões e reduzir os impactos do cultivo.

Locução off: E se você quer saber mais informações sobre onde encontrar produtos orgânicos, visite o site www.planetaorganico.com.br. Lá você clica em quem produz e encontra a lista completa de produtores do seu Estado. O Globo Ecologia de hoje fica por aqui, mas você sabe: a gente tem um encontro marcado no próximo programa. Eu espero você. Até lá.

APÊNDICE VII - REPÓRTER ECO – 01/04/09

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): Moradores do Barão de Mauá; diretora de documentário; assistente de mecânico; algicultores; socióloga; biólogo; gerente de conservação do Jardim Botânico</p> <p>Secundárias: Companhia de Tecnologia em Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo; UFRGS; Relatório da Organização para Alimentação e Agricultura da ONU; Ministério do Meio Ambiente; Jardim Botânico de Brasília; IBAMA</p>
Assuntos tratados	Documentário; passivo ambiental; algicultura; animais em extinção; pesca comercial; destruição da Amazônia Legal
Comentários-chave	Ênfase nos resultados de C&T; Apresentação do problema – sensibilização do telespectador pela dramaticidade; Demora na resolução do problema; Passivo ambiental: conflito tratado unilateralmente, de forma apenas informativa e superficial; Fatalismo na relação da pesca com as mudanças climáticas; Mobilização coletiva; Sabedoria popular; Uso de recursos naturais pela C&T para o crescimento econômico; Mobilização social atendendo a grupos específicos; Ideia de natureza intocada: conservacionismo; Retorno à harmonia com a natureza; Ênfase no resultado do conhecimento tecnológico; C&T detêm soluções para os problemas ambientais; Atuação do indivíduo para o bem coletivo: cidadania; Abandono da visão antropocêntrica

Quadro 5- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 01/04/09

Escalada: Olá, no Repórter Eco de hoje, pesquisadores tentam devolver à natureza exemplares de um primata típico do cerrado. No Ceará um grupo de mulheres cultiva algas para (gravação interrompida – falha no DVD) Um dos maiores crimes ambientais no Brasil (se referindo a um documentário que conta a história da explosão de um condomínio construído em cima de um lixão). Veja os detalhes:

Locução off: Esse vídeo que conta a história da explosão de um condomínio construído em cima de um lixão denuncia o drama vivido há mais de nove anos pelos moradores. Em uma pequena cidade do litoral nordestino, mulheres plantam em cordas o alimento essencial para a vida marinha. E ainda: no Jardim Botânico de Brasília, primatas apreendidos pelo IBAMA são preparados para voltar a viver em liberdade.

Passagem apresentadora: Um dos maiores crimes ambientais do Brasil é tema do documentário *Barão de Mauá – Chernobyl é aqui*. O filme revela o drama dos moradores de um condomínio em Mauá, na grande São Paulo, que explodiu. Os prédios foram construídos em cima de um lixão.

Locução off: 21 de abril de 2000. Mauá, grande São Paulo. O que era pra ser um serviço corriqueiro de manutenção de caixas d'água no subsolo do condomínio terminou de forma trágica, com uma morte e muitas cicatrizes.

Sonora do assistente de mecânico Marcos Vinícius: Eu tava lá embaixo já. Falei pra ele que a lâmpada não acendeu. Ele desceu pra dar uma olhada, e como ele viu que não tinha nada apertou o gatilho do desvio e nisso começou a pegar fogo no ar.

Locução off: A explosão foi resultado do acúmulo do gás metano, produzido por matéria orgânica depositada na área ao longo de anos.

BG de cenas do filme: “É estopa, Luís?” “Tá com cheiro de lixo doméstico”.

Locução in de Márcia Bongiovanni: 52 prédios do condomínio Barão de Mauá foram construídos numa área de 152 mil metros quadrados, que fica bem na divisa entre Mauá e Santo André. Aqui funcionou por muito tempo um aterro, um lixão a céu aberto que pertencia à COFAP, empresa de autopeças. Depois da explosão, a CETESP, que é a Companhia de Tecnologia em Saneamento Ambiental do Estado, analisou o solo e encontrou mais de quarenta produtos químicos e tóxicos. Há sete anos, o destino de mais de seis mil pessoas está nas mãos da Justiça brasileira.

Locução off: As obras que estavam em andamento foram embargadas. Um sistema de captação e tratamento de gases foi construído. Mas os moradores sempre sofreram com a falta de informações. Embora alguns laudos não indicassem risco à saúde e a necessidade de remoção das pessoas, a primeira decisão judicial pedia, por precaução, a desocupação dos apartamentos.

Sonora de Renata Saviolli, moradora: A juíza decretou que tem que ser feita a desocupação, mas como teve a primeira instância, segunda instância, terceira instância – então são vinte instâncias, dona Maria? – e aí o tempo vai passando, você vai ficando, vai ficando, vai ficando, vai ficando e eles não resolvem absolutamente nada.

Locução off: A saga dos moradores de Barão de Mauá é contada agora num documentário. A diretora Tatiana Viana conviveu com eles durante seis meses para a produção do vídeo.

Sonora de Tatiana Viana, diretora do vídeo: Esse caso é bem emblemático nesse sentido, que mostra o total descaso e desrespeito que as pessoas têm com o planeta em que vivem, e até o Barão de Mauá demonstra que na verdade a poluição não ficou somente restrita a

essa área, que é uma área enorme, gigantesca. Ela invadiu o lençol freático, então assim, ela poluiu o rio.

Locução off: Aparecida Bolsarin vive aqui há nove anos. Ela conta que há oito ela desenvolveu uma alergia importante, mas a preocupação maior é com o filho, de sete anos.

Sonora de Aparecida Bolsarin, síndica do condomínio: Eu tenho medo porque nós não sabemos as consequências dessas substâncias aqui.

Locução in: Você tem medo do quê?

Sonora de Aparecida: Tenho medo que ele venha a ter uma contaminação.

Sonora de Lindomar Alvins, morador: E não houve nenhum médico, nenhum laudo dizendo que ninguém corre risco.

Sonora de Maria da Graça Silva, moradora: Isso mexe muito com o emocional da gente. A minha filha mais velha, na época, ela estudava numa escola aqui próxima, e chegou uma época que ela já não queria mais ir pra escola, porque quando era na hora do intervalo das aulas, ela sofreu muito preconceito. As outras crianças, talvez por más informações dos pais, elas falavam pra minha filha porque a minha filha era contaminada, ela morava num Chernobyl. Então assim, pra gente foi, é e ainda vai ser muito difícil, né?

Sonora de Lindomar Alvins: Nada causa mais depressão e angústia numa pessoa do que injustiça.

Locução off: A diretora Tatiana Viana quer levar o vídeo para a Itália, onde fica a sede do grupo dono da COFAP, antiga proprietária do depósito de lixo onde os prédios foram construídos.

Sonora de Maria da Graça Silva: O que a gente espera com esse documentário é alertar as autoridades para que eles vejam que foi um dos maiores passivos ambientais que houve até então no país, né. E com isso a gente espera que grandes empresas que temos de fora do Brasil, aqui no nosso país, eles cumpram com as leis do meio ambiente.

Sonora de Lindomar Alvins: E que isso não se repita, e que resolva o nosso problema, porque o ser humano não é motivo desprezível pra ser jogado no lixo.

Passagem da apresentadora: A exploração da pesca comercial no Brasil e no mundo coloca em risco várias espécies de peixes. O comentário é do jornalista Washington Novaes.

Comentário Washington Novaes: Brasil aderiu a um acordo internacional de gestão de recursos pesqueiros no mundo que será muito importante para vários setores inclusive para a aquicultura, porque muitos relatórios dizem que a situação da pesca é muito grave e todas as partes e em todas as áreas.

Locução off: Estudo recente da geógrafa Daniela Calikotsky, da UFRGS, mostra que nenhum dos 53 países responsáveis por 96% da pesca no mundo ganharia nota melhor que 6, e a do Brasil seria 3.2. Porque 19% das espécies pescadas no mundo estão sobrexploradas e 8% já estão esgotadas; 52% estão sendo totalmente exploradas, e só em 20% acontece uma pesca moderada. O Brasil é responsável por apenas 0,6% da pesca total, mas 80% das espécies mais pescadas em nossas águas estão sobrexploradas.

Locução in: Também nas aquiculturas, a situação é muito preocupante em toda parte, porque vários relatórios mostram que para produzir um quilo de peixe nas aquiculturas são necessários pelo menos 2 quilos de rações, mas isso é absolutamente insustentável.

Locução off: Um novo relatório da Organização para Alimentação e Agricultura da ONU adverte que também o setor pesqueiro precisa adaptar-se às mudanças do clima, que já estão afetando a pesca e deslocando a distribuição geográfica das espécies. É preciso reduzir a emissão de gases no transporte, processamento e armazenamento do pescado, pois hoje são pescadas no mundo mais de 143 milhões de toneladas por ano, das quais 51,6 milhões nas aquiculturas. 43,5 milhões de pessoas trabalham diretamente no setor, e 2,9 bilhões de pessoas dependem em pelo menos 15% das proteínas proporcionadas pelo pescado.

Locução in: Vamos esperar que a adesão do Brasil ao novo acordo nos leve a práticas mais sustentáveis nessa área da pesca, e inclusive afaste os planos mirabolantes da Secretaria da Pesca de aumentar em até 10 vezes a nossa produção, o que é insustentável.

Locução in apresentadora: Você vai ver daqui a pouco: um grupo de mulheres no Ceará cultiva algas para trazer os peixes de volta ao litoral. O Repórter Eco volta já.

Comercial do programa *Ao ponto*; das Casas Bahia, do *Jornal da Cultura* e do *Cultura Mundo*, e do *Tudo sobre animais*.

Locução in apresentadora: Uma notícia preocupante: Subiu de 36 para 46 o número de municípios que destroem a Amazônia Legal. Os dados foram divulgados pelo Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc. Os campeões do desmatamento são Marabá, Pacajá e Itupiranga, no Estado do Pará, mas a lista também inclui cidades do MT e do MA. Houve uma queda em 52% em média das áreas desmatadas, mas o ministro reconhece que é preciso fazer muito mais para conter a destruição da floresta.

Corte para o quadro Biodiversidade

Locução in: No espaço dedicado à biodiversidade você acompanha uma viagem a uma pequena cidade no litoral do Ceará. Um grupo de mulheres cultiva algas marinhas que atraem os peixes de volta à região.

Locução off: Vento forte. Canoa veloz. Assim se traduz Icapuí, nome deste município de belas praias no litoral do Ceará. Icapuí tem sessenta e quatro quilômetros de praias. Cerca de dezessete mil e quinhentos habitantes. Eles vivem em pequenas comunidades, principalmente da pesca. E ganham com o turismo também.

Locução in de Cláudia Tavares: Questões como equilíbrio ambiental, sustentabilidade nem passavam pela cabeça dos pescadores daqui de Icapuí. Durante muitos anos eles foram pro mar extrair algas, que vendiam a um preço muito baixo, sem se preocupar se elas iam continua existindo ou não.

Sonora de Aldeneide Silva, algicultora: Como acabou o manto natural, os peixes também se acabaram, foram embora, né.

Sonora de Maria Marli da Costa, algicultora: A gente se reuniu pra plantar, pra reunir um grupo e plantar alga, pra não deixar se acabar assim.

Locução off: Essas mulheres da comunidade de Barrinha, muitas casadas com pescadores, se dedicam a uma tarefa incomum no Brasil: o cultivo de algas marinhas. O grupo fez uma simulação do trabalho para o Repórter Eco. O manejo só é feito duas vezes por mês, nas marés que fazem baixar bem o nível do mar durante um período do dia.

Sonora de Lidimaura Ferreira de Souza, algicultora: A forma como a gente trabalha é mais no seco, dá pra vir com o pé no chão, então fica mais fácil o manuseio com as algas, a limpeza também fica mais fácil. Não precisa tanto sacrifício para ficar pulando muito em cima da jangada.

Locução in: Vocês conseguem chegar a pé até o local do cultivo?

Sonora de Lidimaura: É, dá pra chegar a pé.

Locução off: Pequenas mudas da gracilaria, conhecida como "macarrão fino", são retiradas dos bancos naturais, que ficam no fundo do mar, e, como dizem elas, "plantadas" nas cordas. Durante dois meses crescem dentro d'água. Depois são cortadas. É preciso fazer limpezas periódicas das plantas pra tirar o lodo que se acumula ali e preservar a biodiversidade. Pequenos peixes, mini lagostas, ostras. Durante a limpeza, todos são devolvidos pro mar. O cultivo das algas, que é base da cadeia alimentar marinha, está trazendo a vida de volta. Os pescadores reclamavam que o pescado tinha diminuído muito.

Locução in: Que tipo de peixe que tinha sumido e voltou?

Sonora de Lidimaura: O peixe, algumas espécies de peixe que as meninas podem me ajudar também que eu não sou boa de peixe – só sei muito comer. Lagosta, o peixe-boi também tá aparecendo, tartaruga também voltou.

Locução off: A alga retirada do mar é lavada pra remover o sal. Depois de secarem ao sol as algas vão pra panela. É pra extrair o aga, esta espécie de gelatina que a indústria de alimentos usa como espessante, os laboratórios utilizam pra cultivar tecido e a indústria de cosméticos também aproveita.

BG de um curso

Locução off: Um subprojeto do cultivo, chamado *Mulheres de corpo e algas*, capacitou o grupo para produzir sabonetes e xampus, que de acordo com análises de universidades da região são remineralizantes e hidratantes. Esse trabalho é coordenado pela ONG Fundação Brasil Cidadão, sediada em Fortaleza. Quem lidera é a socióloga Leinad Carbogim, articuladora que conseguiu vários parceiros e patrocinadores. Sertaneja de passado simples, ela se aposentou e decidiu trabalhar pelo meio ambiente. Está orgulhosa de fazer isso junto com as mulheres.

Sonora com socióloga Leinad Carbogim: Eu acho que as mulheres elas têm uma qualidade enorme, que somente as nordestinas sertanejas têm: elas conjugam os verbos mais difíceis da língua portuguesa – elas sabem amar sobretudo, elas sabem amar; elas sabem resistir e não desistir da luta e elas acreditam. Sempre a mulher acredita que o amanhã será melhor.

Locução in da apresentadora: Aguarde, daqui a pouco tem mais informação. Pesquisadores do Jardim Botânico de Brasília recuperam exemplares de bugio preto que foram resgatados pelo IBAMA. O Repórter Eco volta já.

Comercial de: O Ensaio, Casas Bahia, Metrópolis, Ecoprático, Cartão Verde.

Locução in: Pesquisadores do Jardim Botânico de Brasília recuperam exemplares de bugio preto que foram resgatados pelo IBAMA. Os animais são monitorados até que estejam prontos para voltar a viver em liberdade.

Locução off: É uma raridade ver um pedaço de Cerrado assim, bem conservado, com diversidade de árvores, arbustos, frutas, flores. O Jardim Botânico de Brasília, no Distrito Federal, é formado por este grande fragmento do bioma rico e ameaçado, de cerca de 5 mil hectares. Ele resistiu às ocupações urbana e agrícola e serve de refúgio para vários tipos de animais. O Repórter Eco, mostrou, por exemplo, o trabalho com o Sagui do Cerrado ou Mico Estrela. A partir da observação de grupos que vivem aqui, pesquisadores estão revelando comportamentos até então desconhecidos pela ciência dos parentes menos famosos do Sagui da Mata Atlântica ou Sagui do Nordeste. Fisicamente eles se parecem bastante. Outro primata está sendo estudado aqui no Jardim Botânico de Brasília. É o Guariba ou Bugio Preto. Mas aqui o estudo é bem diferente. O objetivo é preparar esses animais que foram aprendidos pelo Ibama para que eles possam voltar a viver no ambiente natural. Digão e Marilyn foram os nomes dados para o macho e a fêmea que ao que tudo indica vão virar um casal. O namoro anda forte por aqui desde que ela chegou. Esta é a característica básica da espécie: ele é preto. Ela, bebe palha. O casal está vivendo neste grande recinto de 5 metros quadrados construído no meio desta Mata de Galeria, à margem do Córrego Cabeça de Veado. É um dos ambientes naturais do Cerrado, habitat da espécie, característica do Brasil Central. Durante quatro ou cinco meses eles são mantidos aqui para, por exemplo, preparar a mudança de alimentação.

Sonora de Fernando Noll, biólogo: Esses animais chegam aqui comendo uma grande variedade de frutas, o que não é a alimentação original desta espécie. Esta espécie é basicamente folívora, se alimenta basicamente de folhas, que não é o que acontece quando eles chegam aqui. Eles comem Manga, Goiaba, Maçã, Mamão, então a nossa preocupação maior é retomar a alimentação natural.

Locução off: A equipe do Herbáreo do Jardim Botânico listou as espécies nativas mais indicadas para o consumo da folhagem. O comportamento dos Bugios também é monitorado. Muitos animais que vivem em cativeiro mostram que nunca mais conseguirão

se defender dos predadores naturais se voltarem a viver na natureza, o que pode comprometer a soltura. Para que sobrevivam, é preciso que o grupo de primatas esteja unido. A reintrodução deste casal será a segunda realizada pela equipe do Jardim Botânico de Brasília. Um grupo de três Bugios, dois machos e uma fêmea - que não aceitaram uma outra fêmea como integrante do grupo - voltou a viver na Estação Ecológica do Jardim Botânico. Os bugios foram marcados e a observação posterior indica que a soltura foi um sucesso.

Sonora com Alex Amorin, gerente de preservação do Jardim Botânico: Nós ficamos muito contentes com o resultado, porque esse primeiro grupo nós avistamos essa fêmea, um mês depois da soltura, nós a avistamos com filhote. Ela está com filhote que é proveniente de um cruzamento dentro do recinto.

Locução in: Isso é raro, Alex?

Sonora Alex: É raro, e pra gente é motivo de muita alegria e sucesso da reintrodução.

Locução off: O Repórter Eco deu sorte de acompanhar a soltura de outras espécies, feita em parceria com o IBAMA, durante a realização da reportagem. Os animais, recém apreendidos, não passaram por um processo de adaptação como os bugios. Entre eles, esse tipo de gambá, o saruê, típico do cerrado. Essa fêmea está furiosa, por um bom motivo: estava defendendo os pequenos filhotes. A cascavel também voltou a viver em liberdade. Mas a soltura mais emocionante foi a deste animal ameaçado de extinção, que de tão assustado, no primeiro momento não conseguiu entender que estava voltando para casa. O lobo guará, cada vez mais raro de ser avistado, finalmente saiu da caixa e se incorporou à paisagem.

Locução in: Fernando, qual a próxima etapa desse projeto?

Sonora Fernando: A gente gostaria que esse projeto não parasse aqui com os bugios, e a nossa meta é construir novos recintos para que a gente possa trazer outras espécies aqui. A gente quer trazer aqui ema, que é um animal q a gente tinha e não tem mais, veado campeiro e catingueiro, que a gente sabe que tem aqui mas a população é pequena e a área é grande, comporta mais animais, e outros animais que pode ser feita principalmente a soltura, como o lobo guará, jaguatirica, gato do mato, cachorro do mato, animais que estão ameaçados de extinção na lista do IBAMA, e que a nossa área é uma área grande e comportaria facilmente esses animais aqui.

Locução in: E está na hora da palavra do espectador, um novo espaço criado no Reporter Eco. Os e-mails que interessam a um número maior de pessoas são respondidos aqui no programa, A dúvida de hoje é do Bruno Duprat, que mora em Itapeverica da Serra na grande SP. Ele pergunta: “Gostaria de saber se tenho o direito de denunciar o começo de uma favela numa região escondida da cidade, que está custando o desmatamento de uma vasta área verde, que tenho certeza ser manancial da prefeitura”. A resposta: Bruno, com certeza a invasão de uma área de manancial, ou seja, uma fonte de água para toda a população, deve ser denunciada tanto à prefeitura da sua cidade quanto ao Ministério Público. É uma denúncia que precisa ser feita com urgência para proteger um bem vital para a sociedade.

Locução off: E se você também quiser participar c perguntas e sugestões, escreva para nosso email: eco@tvcultura.com.br. E para avistar as reportagens é só acessar o nosso site: www.tvcultura.com.br/reportereco.

Encerramento: E antes de encerrar o repórter eco, fique com a frase do grande pensador sueco Claude Lévi-Strauss, um dos fundadores da Universidade de São Paulo. A frase foi pronunciada em 95 quando ele tinha 97 anos de idade, durante a entrega de um premio na Espanha: “Meu único desejo é um pouco mais de respeito com o mundo, que começou sem o ser humano e vai terminar sem ele. Isso é algo que sempre deveríamos ter presente”. Até o próximo Repórter Eco. Tchau.

APÊNDICE VIII - CIDADES E SOLUÇÕES - CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Fontes de informação (primárias e secundárias)	Primárias (não-nomeadas): Consultor ambiental; analista de mercado; Presidente do Grupo Synthesis; dono da Ecovadis; Gerente de Vendas da Rhodia Secundárias: EcoVadis, Wall Mart
Assuntos tratados	Desenvolvimento Sustentável (questões conceituais)
Comentários-chave	Discurso ambiental adaptado ao crescimento econômico, não questionando o sistema societário; Sustentabilidade para atender às demandas de mercado; Visão funcionalista e pontual de soluções ambientais; marketing verde

Quadro 6- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções - Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável

Passagem: Quem gosta de estudar meio ambiente, as questões de sustentabilidade, com certeza já se deparou com a expressão em inglês *Triple Bottom Line*. Ela serve para lembrar os três pilares do Desenvolvimento Sustentável: econômico, social e ambiental. O criador dessa expressão é o britânico John Elkington, um dos maiores pensadores da atualidade. Em entrevista exclusiva ao *Cidades e Soluções*, ele nos ajudou a entender quais são os caminhos desse modelo de desenvolvimento.

Sonora John Elkington: Há crises boas e ruins. Eu acho que, em alguns aspectos, a crise financeira desse momento é uma boa crise porque vai forçar o sistema financeiro a repensar... Eu não quero que as pessoas parem de perseguir o lucro. Eu quero que elas façam isso de maneira a respeitar as formas de valores sociais e ambientais amplamente éticas.

Locução off: Joana Calmon mostra o bom exemplo que vem de Paris.

Locução in: Numa cadeia de produção a responsabilidade social e ambiental de cada um dos atores envolvidos no processo é importante. Um passo em falso de um único fornecedor pode manchar de vez a reputação de uma empresa.

Locução off: No Rio de Janeiro, exemplo de bancos que investem em tratamento de lixo, água e esgoto.

Vinheta de abertura

Locução off: John Elkington é referência nos estudos da sustentabilidade aplicada ao mundo dos negócios. Em visita ao Brasil, ele conversou com o repórter Ricardo Lessa.

Locução in: O senhor escreveu o livro “The Power of Unreasonable people”. O senhor poderia nos dar algum exemplo sobre essas pessoas irracionais e como elas influenciam o mundo?

Sonora de John Elkington, consultor ambiental: Bem, a ideia do poder dessas pessoas irracionais veio de algo que um dramaturgo irlandês, George Bernard Shaw, disse uma vez: “Se confiarmos nas pessoas racionais para mudar, elas não fazem isso. Esse é o mundo que elas encontraram”. São as pessoas irracionais que realmente forçam os limites e tentam quebrar a ordem para criar algo novo. Há vários exemplos no mundo de empreendedorismo social e ambiental, mas eu geralmente acho difícil quando as pessoas, principalmente nos grandes negócios, falam: “Então, do que você está falando? Quem são essas pessoas com quem você está tão empolgado? E agora, recentemente, algumas delas começaram a ganhar grandes prêmios, inclusive o Nobel. O prêmio de 2004 foi para Wangari Maathai por causa do trabalho no movimento Cinturão Verde, na África, com um enorme plantio de árvores e regeneração ambiental e o aumento do poder das comunidades locais, particularmente das mulheres envolvidas. Muhammad Yunus ganhou o Nobel da Paz em 2006 com o Banco Grameen. As pessoas achavam que ele era louco! Eu fui a uma conferência em 2001 com a coescritora do meu livro, Pamela Hartigan, que foi diretora da Fundação Schwab para o Empreendedorismo Social e o professor Yunus estava no palco. Ele olhou para nós e disse: “Os empreendedores sociais são 70% loucos”. E isso ficou para sempre comigo. Eles têm que ser insanos, mas também precisam ser sãos o bastante em termos de negócios, e fazer com que coisas novas e sérias aconteçam. Estamos muito mais conscientes do que éramos sobre o aumento da população. Outro 1,5 bilhão de pessoas vai se juntar à população global em 20, 25 anos. É um grande desafio. E agora temos questões como as mudanças climáticas, que vão estar na agenda da Conferência de Copenhague em dezembro deste ano. Questões como a água surgiram muito rapidamente. Então eu acho que as pré-condições de uma grande mudança, não apenas no entendimento, mas na ação sobre a sustentabilidade, já estão aí, mas vai ser preciso um estado de choque maior do que temos hoje para fazer acontecer. Há crises boas e ruins. Então eu acho que, em alguns aspectos, a crise financeira desse momento é uma boa crise porque vai forçar o sistema financeiro a repensar... Mas de volta ao ponto que você levantou da lucratividade, eu acho que a lucratividade é fundamental.

Eu não quero que as pessoas parem de perseguir o lucro. Eu quero que elas façam isso de maneira a respeitar as formas de valor social e ambiental que seja amplamente éticas, que construam formas apropriadas de governo, de política e por aí vai.

Locução in: Você viu algum progresso na sustentabilidade desde a criação do conceito até agora?

Sonora Elkington: Eu acho que houve um enorme progresso, em termos de entendimento da sustentabilidade. Embora, às vezes, eu fique quase enjoado quando vou a conferências de banqueiros e pessoas assim. Eu não posso... Eu estava na Suíça um dia desses e houve uma série de banqueiros falando e eu contei com que frequência eles usavam a palavra sustentabilidade. Um deles, em certa parte de seu discurso, a utilizou uma vez em cada cinco palavras. Isso foi um extremo. Então as pessoas estão usando a linguagem, mas ainda não, necessariamente, estão se movendo na direção apropriada com seus modelos de negócios.

Locução off: Aos 29 anos, Daniel já realizou duas amplas pesquisas sobre o que os bancos estão fazendo quando o assunto é sustentabilidade. Ele rastreou as ações dos 45 maiores bancos do país e identificou os quatro que mais se destacaram.

Sonora com Daniel Wajnberg, analista de mercado: Em primeiro lugar o Banco Real, e em segundo lugar o Banco do Brasil; em terceiro lugar vem empatado o Itaú e o próprio Bradesco. Então como é que eles chegaram lá? Eles chegaram lá mostrando a adoção de uma série de práticas de sustentabilidade que você vê sendo adotadas em várias esferas da organização. Por exemplo: a avaliação de riscos socioambientais, né? Você vê que os bancos estão começando a se preocupar um pouco mais com isso. Claro que ainda existe muito a ser feito nesse aspecto, a avaliação de risco socioambiental ela precisa mais rigorosa, ter mais critérios, mas você já vê um movimento nesse sentido.

Locução in: Risco socioambiental é: não vou emprestar dinheiro para quem eventualmente faça mau uso dele, no aspecto social, ambiental...

Sonora de Daniel Wajnberg: Isso seria o pior caso possível, mas antes disso você poderia ter um incentivo dizendo: você tem esse, esse e esse risco socioambiental, eu posso emprestar dinheiro para você, mas você vai ter que me apresentar um plano pra mitigar esses riscos socioambientais, sabe? Financiamentos socialmente responsáveis: isso aí seriam financiamentos com propósitos específicos ambientais ou sociais – um reflorestamento, um deficiente adquirir um veículo, esse tipo de coisa. Você tem além disso atividades relacionadas a mercado de carbono, né, a comercialização de títulos, e acho que por último seria o próprio impacto das instituições financeiras que seriam as atividades relacionadas à ecoeficiência, ou seja, o consumo responsável de papel, né – as instituições financeiras usam muito papel – o consumo de água, o consumo de energia mais eficiente.

Locução off: Daniel se surpreendeu com a distância que ainda separa o marketing das ações efetivas em favor da sustentabilidade.

Sonora de Wajnberg: Ainda é um movimento que está no seu início, né, então você vê muitas práticas de sustentabilidade que não estão sendo adotadas por muitos bancos.

Locução off: Dois dos quatro bancos que mais se destacaram nas pesquisas de Daniel estão juntos num mega empreendimento sustentável: Real e Bradesco dividem o controle acionário de uma empresa especializada em soluções ambientais. A Haztec cuida de lixo, esgoto, água, solos contaminados e vários outros serviços ambientais em todo o Brasil.

Locução in: Por que dois bancos resolveram entrar nesse negócio com vocês?

Sonora com Paulo Mancuso Tupinambá, presidente do Grupo Synthesis: A Haztec vinha já apresentando um crescimento bastante forte, 50% ao ano, e nós em 2007 formulamos um plano de negócio muito atrativo, uma ideia inovadora de vender esse conceito de sustentabilidade. Então acho que é um binômio aí: é o crescimento forte que a empresa já vinha mostrando; já vinha se apresentando como um bom negócio, e mais a questão de ser uma empresa na área de sustentabilidade que é um conceito afinadíssimo com a política, a filosofia dessas instituições financeiras.

Locução in: Em tempos de crise econômica como essa, global, a perspectiva pra esse ano é de lucro?

Sonora de Tupinambá: É de lucro. Nós estamos com um crescimento entre 2008 e 2009 na ordem de 60%.

Locução in: Como é possível?

Sonora de Tupinambá: É possível porque no Brasil – isso não é válido para o meio ambiente no mundo inteiro, muito particularmente no Brasil – a demanda de serviços ambientais está muito ligada à solução de problemas emergenciais dos clientes. É muito mais isso do que associada a novos investimentos ou expansões que podem estar comprometidas pela crise, né?

Locução off: Em menos de 6 anos a empresa cresceu e se multiplicou. Sem a participação direta dos bancos, esse salto não seria possível.

Sonora de Tupinambá: Eles entraram em novembro do ano passado, num momento em que seria quase impossível você conseguir recursos de outra forma através de

financiamentos, por exemplo. Então eu te diria que foi absolutamente fundamental pra que um projeto como esse pudesse ser levado à frente.

Sonora com Elkington, consultor ambiental: Se eu escolher um exemplo que realmente me anima, em relação ao potencial de aplicação do que estão fazendo, é uma empresa francesa, de Paris, a EcoVadis. É uma empresa que desenvolve tecnologia para gestão de cadeia de suprimentos. O que eles fazem é pegar o que os cientistas ambientais estão fazendo, o que os ativistas de direitos humanos estão fazendo, o que as ONGs de transparência contra a corrupção estão fazendo, e construir um banco de dados no computador, on line, onde os gestores de cadeias de suprimentos, não importa onde trabalhem ou em que setor atuem, ou o ponto da cadeia em que trabalhem, eles podem acessar as informações mais significativas ou sensíveis, em um processo confidencial, mas de maneira que eles possam usá-las para desafiar os fornecedores.

Locução off: Rue de Varenne, no sétimo distrito de Paris. A poucos metros da residência do primeiro ministro da França, fica a sede da EcoVadis. Pierre Thales é o dono e fundador da empresa. Há 5 anos ele criou um sistema informatizado que ajuda as grandes multinacionais a escolher melhor seus fornecedores.

Sonora com Pierre F. Thales, dono da EcoVadis: Hoje os compradores não se preocupam apenas com a qualidade e o custo. Cada vez mais eles têm que levar em conta a performance social e ambiental dos seus fornecedores em todos os países do mundo.

Locução off: O programa desenvolvido por Pierre analisa uma empresa com base em mais de 20 critérios diferentes. Entre eles, as condições de trabalho e remuneração dos empregados, a utilização ou não de produtos tóxicos ou poluentes e as emissões de gases de efeito estufa. Por fim cada fornecedor avaliado recebe uma nota de 0 a 10.

Sonora com Pierre F. Thales: Nossos clientes, os diretores de compras das empresas, em geral são muito ocupados, estão sempre com pressa e querem informação rápida. E o que nós oferecemos é uma ficha bem simples. O processo por trás é complicado: recolher os dados, analisá-los e fazer uma avaliação final. Mas, no final das contas, o que eles vêem é muito simples, uma ficha como esta aqui. Por exemplo, aqui temos uma empresa que se chama Centromotor, uma firma de transporte rodoviário da Letônia, no Leste europeu. E aqui damos a nota global deste fornecedor. Porque o que os clientes querem é uma nota.

Locução in: Uma certificação...

Sonora de Pierre: Eles não querem ler tudo isso. Por um lado, este fornecedor teve uma nota não muito boa, mas por outro ele está se desenvolvendo. Ele está bem no quesito meio ambiente. No entanto, nas práticas sociais, deixa a desejar. A forma como a empresa trata seus funcionários e administra as relações sociais é muito ruim.

Locução off: Para fazer esse tipo de avaliação, a EcoVadis cruza os dados fornecidos pelas próprias empresas com levantamentos feitos por órgãos oficiais, institutos de pesquisas e ONGs locais. Informações preciosas para os clientes.

Sonora com Pierre: Isso é importante, porque novas leis surgiram, principalmente na Europa, onde a legislação ambiental evoluiu muito. Além disso, o consumidor mudou. Agora, consumidores como eu e você se interessam cada vez mais pela fabricação dos produtos. Querem saber em que condições sociais, em que condições eles foram produzidos. E as grandes multinacionais enfrentam novos riscos. Foi o que pudemos constatar com o escândalo do leite contaminado com melanina. Esse leite chinês tinha uma cadeia de abastecimento nada transparente. E isso fez com que os grandes grupos europeus acabassem se abastecendo com leite contaminado com melanina.

Locução in: Numa cadeia de produção a responsabilidade social e ambiental de cada um dos atores envolvidos no processo é importante. Quem não se lembra dos brinquedos com excesso de chumbo na tinta, um perigo para as crianças, ou dos calçados e roupas fabricados com trabalho infantil? Todos esses escândalos mostram que não adianta seguir sozinho o caminho do desenvolvimento sustentável. Um passo em falso de um único fornecedor pode manchar de vez a reputação de uma empresa.

Locução off: Além de preservar a imagem, selecionar o fornecedor certo pode trazer vantagens econômicas. Que o diga a Wall Mart. A maior rede de varejo do mundo resolveu reduzir em 5% a quantidade de embalagem dos produtos à venda em suas prateleiras: menos papel nas embalagens de eletrodomésticos, menos vidro nas garrafas de suco. Ao todo, um milhão de toneladas de gás carbônico deixarão de ser despejadas na atmosfera. Bom para o meio ambiente, e melhor ainda para as finanças do grupo americano.

Sonora com Pierre: Eles pediram que os fornecedores dividam as economias com eles. Menos plástico num pacote de fraldas significa menos peso para transportar e fabricar. Ao todo, o Wal Mart vai economizar mais de três milhões.

Locução off: Hoje algumas das maiores multinacionais da França fazem parte do catálogo de clientes de Pierre François. É o caso da Rhodia, que atua na área química e vende

material para a fabricação de cosméticos, automóveis e produtos agrícolas. Quem dirige o setor de compras do grupo é o brasileiro José Matias. Ele lida com milhares de fornecedores em todos os continentes. Esse sistema de avaliação desenvolvido pela EcoVadis foi uma mão na roda.

Locução in: José Matias, já aconteceu de vocês trocarem o fornecedor ou romperem o contrato porque ele não respeitou as regras básicas, os princípios do desenvolvimento sustentável?

Sonora com José Borges Matias, gerente de vendas da Rhodia: Sim, já aconteceu. Nós temos alguns casos tipicamente na área de transporte. A área de transporte algumas vezes, em alguns países, sofrem com uma falta de qualificação para os transportadores de produtos químicos, e nós não permitimos fazer. Nesse caso, nós não temos um tipo de desenvolvimento. Nesse caso específico que nós temos transações e operações no dia-a-dia, então nós precisamos ter também um padrão mínimo de qualidade que possa ser garantido nos aspectos exatamente de acidentes de trabalho, higiene, segurança e meio ambiente.

Locução off: Mas ele deixa claro que uma nota ruim na avaliação da EcoVadis nem sempre é motivo para descartar um fornecedor.

Sonora com José Matias: Em princípio nós estamos interessados em fazer as avaliações e em corrigir e ajudar o fornecedor a estar com seu nível de atendimento adequado à nossa exigência. Então nossa tentativa sempre é de fazer um trabalho em conjunto de desenvolvimento dos pontos, aonde acho inclusive que a maturidade da própria empresa – a Rhodia já tem desenvolvido seu sistema de desenvolvimento sustentável há muitos anos, então a gente acredita poder dar apoio a essas empresas para chegar a um nível em que possamos manter um relacionamento por longo tempo. A menos que a gente identifique que não há na equipe gerencial ou administrativa um empenho em termos de evolução, aí não adianta também a gente gastar recursos que não serão produtivos no final. Mas em geral a orientação é sempre de desenvolvimento conjunto com o fornecedor.

Locução in: Qual é a imagem dos fornecedores brasileiros hoje em dia aqui?

Sonora com José Matias: As empresas brasileiras, os brasileiros têm uma excelente imagem na Europa, em especial na França, um povo absolutamente próximo ao brasileiro. É verdade que ao longo do desenvolvimento do Brasil ficaram algumas sequelas de imagem que se trata, e que nós não chegamos a constatá-las na prática quando fazemos nossos

acessos. Mas fala-se no Brasil como locais onde possam ainda existir trabalhos escravos, ou emissão de CO2 através de queimadas, falta de controle ambiental, coisas dessa natureza. Mas o que nós vemos é que isso pode existir também em vários outros países. Presentes no dia-a-dia em nossas operações industriais são raríssimos casos, é muito raro se constatar isso. Mas em termos de imagem tem sempre um cuidado adicional que a gente tem que fazer para explicarmos as nossas ações no Brasil e em outras regiões também.

Sonora com Elkington: Estes são tempos em que os negócios estão começando a abraçar a agenda da sustentabilidade, mas de uma forma bem mais limitada. Por exemplo, eles falam sobre ecoeficiência, e querem dizer que, se você economizar dinheiro, vai ter lucro. Então, que tal fazer isso de maneira mais verde, energeticamente eficiente? Nós dizemos que isso é ótimo, que gostamos de ter isso, e a 3M foi uma das empresas que fizeram isso por um tempo. Mas não é apenas uma questão financeira, há um contexto econômico maior em torno disso. E não é apenas uma questão financeira e ambiental, há um grande aspecto social também. O que descobrimos, nos primeiros anos de atividade, foi que as empresas norte-americanas, particularmente, não gostaram mesmo dessa parte social da agenda. Eles viam isso como uma forma de socialismo, ou até mesmo comunismo, entrando pelos fundos como um Cavalo de Tróia. Mas é engraçado, algumas hoje sentem-se mais confortáveis. A ideia por trás dos 3 P's, ou da Base de Três Linhas é dizer: "Pelo amor de Deus, não foquem apenas no dinheiro ou no meio ambiente". Eles esquecem que existe um quadro muito mais complexo, e as empresas têm que lidar com isso também. Nada a história da Economia sugere que esses grandes baixos no ciclo econômico asseguram um futuro melhor. Eu acho que temos que lutar por isso. Pessoalmente, eu acho que a fase ruim vai durar provavelmente 7 ou 8 anos, talvez mais. E isso vai trazer novos problemas: protecionismo, sentimento anti-imigração, racismo... Nós já começamos a vê-los em algumas partes no mundo. Então, eu não acho que a economia fênix vai decolar imediatamente. Eu acho que é um processo de embasamento, e há um papel muito importante para políticos, líderes empresariais, investidores, e cidadãos desempenharem, criando as condições que possibilitem que a mudança aconteça. Mais do que isso, que aconteça rápido.

Encerramento: No programa de hoje juntamos a teoria com a prática: o pensamento de John Elkington e bons exemplos no setor produtivo e também no setor financeiro de como é possível promover o desenvolvimento sustentável. Mais informações sobre os assuntos mostrados aqui hoje, acesse o link do *Cidades e Soluções* no site da Globo News ou nosso blog na internet. Até a próxima.

APÊNDICE IX - CIDADES E SOLUÇÕES –SLOW FOOD

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): Fundador do movimento; Coordenadora do <i>Slow Food</i> no Brasil; integrante do Conselho Internacional Slow Food; pecuarista; escritor e jornalista; chef de cozinha; professora de Gastronomia; professor de História da Gastronomia; 2 pesquisadores da Universidade de São Paulo; produtor de pamonhas</p> <p>Secundárias: Documentário Terra Madre; Documentário <i>Food, Inc</i></p>
Assuntos tratados	Slow Food
Comentários-chave	Valorização do sistema produtivo e sua ligação com o consumo, além da qualidade de vida pela religação com o meio natural; Crítica à separação do homem e o meio natural; relação entre o conhecimento científico e o popular; volta à harmonia com a natureza

Quadro 7- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre Slow Food

Locução in: Você já reparou o quanto a vida moderna é corrida, especialmente nas cidades? No meio dessa correria toda muitas vezes nos damos conta do quanto essa pressa impacta negativamente a nossa qualidade de vida. No programa de hoje você vai conhecer um movimento que segue na contramão dessa pressa toda, especialmente na hora de comer, na hora de se alimentar, uma hora tão importante na nossa existência. É o movimento internacional *Slow Food*.

O programa começou com cenas da vida corrida e agitada das grandes metrópoles; cenas rápidas e dinâmicas: pessoas comendo em pé, geralmente frituras e comidas rápidas que matam a fome em meio à multidão e correria da vida moderna. *Fast Motion*.

Passa então a um ambiente tranquilo, com música calma ao fundo, com Trigueiro e Roberta Sá (coordenadora do Slow Food Brasil) sentados conversando.

Locução off: Quando não há tempo sobrando, o jeito é comer rápido – de preferência em pé. Se a comida é barata, melhor ainda. Na correria da vida moderna, um número cada vez maior de pessoas considera perda de tempo parar e comer. É a geração *fast food*, que aprendeu a comer rápido.

Locução off: Roberta Sá coordena no Brasil um movimento internacional que surgiu em resposta ao *Fast Food*: o Slow Food defende uma nova relação com o alimento.

Locução in: O que significa comer para os adeptos do Slow Food?

Sonora com Roberta Sá, Coordenadora do Slow Food no Brasil: Significa prazer, muito prazer na alimentação. Comer não é simplesmente matar a fome. Comer é algo mais; comer é conviver; comer é saber de onde veio esse alimento, como esse alimento foi produzido. Ter curiosidade, querer conhecer quem produz; experimentar sabores novos e prazeres novos à mesa.

Locução in: Como o *Slow Food* está estruturado no mundo e no Brasil?

Sonora com Roberta Sá, Coordenadora do Slow Food no Brasil: O *Slow Food* começou como um movimento na Itália em 1986 e se transformou num movimento internacional em 1989, quando pessoas representantes de 15 países assinaram um manifesto do *Slow Food*. Os associados do movimento são pessoas que se associam (é uma associação) e estão organizados em núcleos que nós chamamos de *convivium*, que vem do conviver. Então existem hoje 100 mil associados no mundo, e são cerca de mil *convivia*. No Brasil nós estamos comemorando a criação do vigésimo *convivium*, que é o de Campinas, e temos cerca de 500 mil associados.

Corte de cena para Berlim

Locução off: O movimento *Slow Food* é uma ideia deste jornalista italiano. Carlos Petrini é um homem de opiniões apaixonadas, principalmente quando o assunto é comida. Presidente do *Slow Food* internacional, Petrini esteve na capital da Alemanha como convidado da (inaudível), um festival internacional de cinema que dedica uma mostra inteira somente para a cultura culinária. O evento abre espaço para quem gosta de combinar boa comida com cinema de qualidade.

(cenas do festival, das comidas, espaço requintado e cenas das salas de cinema e trechos dos filmes). Voz aveludada e calma da repórter...

Locução off: Esse ano o documentário Terra Madre foi um dos destaques da mostra. O documentário apresenta o encontro internacional Terra Madre promovido pelo *Slow Food* na Itália, que reuniu ativistas e pequenos produtores de mais de 150 países.

Sonora Petrini: Esse encontro, o Terra Madre, é muito importante porque reforça uma rede mundial de pequenos produtores, pescadores, nômades, e também de universitários, jovens que querem defender o ecossistema do planeta, a qualidade de vida e a soberania alimentar.

Locução off: Petrini teve a ideia de criar o Slow Food ao saber que uma cadeia mundial de *fast food* iria se instalar numa praça no coração de Roma. O movimento é sua forma de combater a homogeneização do paladar e das espécies. (Cenas de saladas bonitas e coloridas).

Sonora Petrini: É um grande movimento que trabalha pela diversidade. A diversidade cultural, a diversidade de alimentação, a biodiversidade das sementes e das raças. A grande força do mundo é haver muita diversidade.

Corte de cena com BG de música e cenas do filme

Locução Off: O filme Terra Madre apresenta Sam Levin, um jovem estudante que organizou uma horta orgânica em sua escola nos Estados Unidos.

Sobe som da cena da declaração de Sam Levin, estudante: Nós somos a geração que vai reconciliar o homem com a Terra.

Sonora Petrini: Como ele, há muitos jovens no mundo que querem voltar a se sentir em harmonia com a terra. E nós devemos encontrar uma forma de não desiludir estes jovens, dar uma mão, apoiar estes jovens. Porque o futuro é desses jovens que, em várias partes do planeta, querem defender a boa agricultura, o meio ambiente, a justiça social.

BG com cenas do filme de sementes e pessoas plantando...

Passagem de Cristiane Ramalho em Berlim: O *Slow Food* ganha cada vez mais adeptos na Alemanha, onde já existem mais de 8 mil integrantes do movimento.

Locução off: Durante a mostra culinária no (inaudível) (cenas em close dos pratos sendo servidos pelos garçons no evento), no Friedrichstadt Palast, o representante alemão do Conselho Internacional contou que a Alemanha está entre os países onde o *Slow Food* se expande mais rapidamente.

Sonora do Lars Jager – do Conselho Internacional Slow Food: Acho que a pressão vai vir. Hoje, na Alemanha, temos apenas 4% do mercado representado pelos alimentos orgânicos. É bem pouco. Mas quando vamos ao supermercado, qualquer um deles, até os mais baratos, têm comida orgânica. É uma situação diferente de quatro ou cinco anos atrás. Então é uma mudança, claro. Mas, para o *Slow Food*, o mais importante é ser um movimento de pequenos produtores, e não de alimentos industrializados. Isso é muito importante para nós.

Locução off: Esse pecuarista considera o *Slow Food* importante para todos os pequenos produtores como ele.

Sonora de Helmut Querhammer, pecuarista: Com o *Slow Food*, eles têm a chance de produzir em harmonia com a natureza e respeitando os animais. E também podem, através do *Slow Food*, vender a carne, os legumes e as verduras diretamente para o consumidor final.

(cenas de verduras frescas e de plantação)

Passagem: Não coma nada que a sua avó não reconhecesse como comida, e fuja de alimentos cujo nome dos ingredientes você é incapaz de pronunciar. Essas são algumas das recomendações de Michael Pollan. O escritor e jornalista americano esteve aqui na Berlinale para falar de *Food, Inc*, um documentário que mostra como é produzido tudo aquilo que comemos.

Locução off: Pollan é hoje uma das vozes mais respeitadas nos Estados Unidos quando o assunto é comida. Ele está convencido de que a base para uma alimentação saudável está no consumo de alimentos frescos, preparados em casa e comidos com prazer. Uma receita bem parecida com a do *Slow Food*. Não por acaso se diz um simpatizante do movimento.

Sonora com Pollan: Eu acho que a filosofia é uma crítica interessante à vida moderna. É muito mais do que apenas comida. É sobre o fato de estarmos distantes da natureza, distantes um do outro, de vivermos em um ritmo tão acelerado, e nossas vidas tornaram-se tão fragmentadas, que nos reconectarmos com os desejos humanos mais básicos é um jeito de começar a ganhar nossas vidas de volta, sair dessa distração.

Locução off: Autor de dois *best sellers* sobre o assunto (cenas dos livros), Pollan diz que é importante saber diferenciar entre comida de verdade e as modernas criações da ciência alimentar. Uma dica é verificar a composição da comida.

Sonora Pollan: Quantos ingredientes este alimento contém? E quantos deles você conhece? Quantos deles você não sabe pronunciar o nome? Se houver mais de 5, eu diria que, provavelmente, não é comida de verdade. É comida altamente processada. Outro teste é: onde, no supermercado, você encontrou o alimento? Em geral, na maioria dos supermercados do mundo, a comida de verdade é comida simples, que existe há muito tempo, e está nos cantos, nos contornos da loja. É onde estão os produtos frescos, onde

está a carne, o peixe, os laticínios. E é no centro da loja que você encontra todos os alimentos processados, complicados, que duram para sempre. Comida que nunca morre.

Locução off: O escritor, que participou da elaboração do documentário *Food, Inc*, diz que a maioria de nós não tem a menor ideia de como a comida é produzida hoje em dia. O filme, que revela os bastidores da produção de alimentos nos Estados Unidos, foi aclamado pela plateia da Berlinale que assistiu ainda a um debate com convidados como Pollan e Carlos Petrini. Pollan lembra que hoje a obesidade virou um problema mundial, provocado por uma dieta altamente industrializada. Uma dieta que é sustentada nos Estados Unidos por subsídios do próprio governo, que estimulam a produção de alimentos que formam a base do *fast food*.

Sonora Pollan: Sempre que as pessoas abandonam suas dietas tradicionais e adotam a dieta ocidental, altamente processada, muita carne, muito carboidrato, açúcar, muito provavelmente elas vão engordar. Mas nós tendemos a gostar de açúcar, de gordura e de sal. Na natureza, antigamente, eram coisas difíceis de encontrar. Eram caros, era raro encontrar boa carne, encontrar doces. Mas agora, com a comida industrializada, ficaram muito comuns.

Corte de cena. Agora exemplos no Brasil

Sonora de Roberta Sá: Um adepto do *Slow Food* é uma pessoa muito curiosa, não só na alimentação, mas principalmente na alimentação. Então quando chega num lugar quer saber o que é típico daqui, o que as pessoas comem nas casas – não só nos restaurantes, mas a comida do dia-a-dia. Quais as frutas que tem aqui? O que é importante e o que move essa comunidade? Às vezes, por exemplo, tem a Festa do Licuri, então por que tem a festa do licuri naquele lugar? Porque o licuri é muito importante naquele lugar, tanto ambientalmente como socioculturalmente. Então eu quero experimentar o licuri.

Locução off: No Brasil o *Slow Food* já protege dezesseis tipos diferentes de alimentos que corriam risco de desaparecer, e promove a degustação e comercialização desses alimentos.

Sonora de Roberta Sá: O *Slow Food* é um movimento sem fins lucrativos. Não existe um estabelecimento comercial ou um produto comercial *Slow Food*. Isso é muito importante porque as pessoas perguntam “Ah, quais são os restaurantes *Slow Food*?” Então não existem; são indivíduos, os donos dos restaurantes, os chefs de cozinha são adeptos à filosofia. Mas não existe um estabelecimento comercial *Slow Food*.

Corte de cena. Passando para Piracicaba.

Locução off de Hellen Sacconi: Ao redor da mesa cientistas, produtores rurais, chefs de cozinha, unidos num único objetivo.

Locução in: O motivo dessa reunião entre pessoas tão diferentes é o *Slow Food*. Os encontros em Piracicaba, interior de São Paulo, começaram há dois anos. Uma vez ao mês, eles discutem ações para divulgar a filosofia. Isso é conhecido dentro do movimento como *convivium*.

Locução off: No latim a palavra *convivium* significa entretenimento, banquete. E na prática não é diferente.

Sonora de Mariana Marona, professora de Gastronomia: Em cada reunião a gente tem várias pautas, né, mas as pautas giram em torno de trazer o produtor para próximo de quem elabora a comida. Então, eventualmente alguém teve um contato com algum produtor de cogumelo, como é o caso da reunião de hoje, e traz. Outro ponto de pauta que está sempre presente é a organização de alguns eventos. Então pra gente promover esses alimentos dos produtores locais, a gente organiza alguns jantares, almoços, coquetéis, pra valorizar esses produtos, né?

Locução off: Para os adeptos do *Slow Food*, o *convivium* é a oportunidade também de degustar as iguarias regionais, quando fica ainda mais clara a diferença com a correria do dia-a-dia. O professor de História da Gastronomia explica que o movimento faz uma volta no tempo e caminha na contramão da crise econômica mundial.

Sonora de Sandro Dias: professor de História: À medida em que você consome produtos que são regionais, típicos daquele lugar, o custo pode diminuir e ao mesmo tempo as pessoas têm um acréscimo na qualidade de vida.

Locução in: Pesquisadores da USP de Piracicaba desenvolvem trabalhos que dão embasamento científico ao movimento *Slow Food*. No laboratório, alunos do curso de pós-graduação estudam as características de dois frutos, e à medida em que conhecem as plantas, proporcionam melhores condições de sabor e de manejo. Esses itens fazem parte do movimento.

Locução off: Um dos produtos é o jaracatiá. O fruto nativo da Mata Atlântica é conhecido também como mamão selvagem. Usado para fazer compotas, chamou a atenção da pesquisadora Evanilda Próspero.

Sonora com Evanilda Próspero, pesquisadora: Ao trabalhar com o jaracatiá, preservar esta fruta, eu estou preservando a biodiversidade - que é uma das missões do *Slow Food* – e eu estou preservando o sabor, que é o sabor da compota, pra que as futuras gerações não percam essa tradição de sabor que nós temos da região. E estamos oferecendo um produto que seria, dentro do conceito do *Slow Food*, bom, limpo e justo: bom porque ele é de qualidade; limpo porque ele não onera o meio ambiente e justo porque é pago por ele um valor justo para o produtor.

Locução off: É assim também com os estudos desta pequena fruta. Leandro estuda o potencial nutritivo dos coquinhos da palmeira Jussara. A planta, também da Mata Atlântica, corre risco de extinção. Na natureza, é predada pelo palmito. Agora o cientista tem como provar que vale a pena investir nos frutos.

Sonora de Leandro Francisco do Carmo, pesquisador ESALQ USP: A gente chegou à conclusão de que esse alimento tem uma quantidade maior de gorduras que o açaí, gorduras que são de fácil digestão, e que possuem três vezes mais antioxidantes do que o açaí.

Sonora de Leandro, com cenas do trabalho no laboratório: Aqui o que a gente está fazendo é a caracterização da polpa do fruto da jussara e desenvolvendo um sistema de garantia de qualidade, para que essa polpa saia das comunidades pronta para ir para o mercado, sem precisar passar por um atravessador, sem precisar passar por uma grande indústria. Então essas comunidades gerando um alimento seguro e de boa qualidade.

Locução off: O movimento de regionalização uniu essa chef de cozinha ao produtor de pamonhas de Piracicaba. Numa das discussões do *convivium*, Sany teve a sugestão de valorizar um dos doces mais populares da cidade. A pamonha ganhou um formato em miniatura, e a chef deu um toque gastronômico (cenas da elaboração e do prato final decorado pela chef).

Sonora de Sany, chef de cozinha: Então nós temos a pamonha com mel silvestre e raspinhas de laranja. A outra pamonha que a gente faz com melaço; tem uma outra pamonha que a gente monta com farofa de canela que eu faço e o sorvete de coco – fica muito bom também.

Locução off: Direto da roça o produtor veio provar a pamonha que faz há mais de uma década.

Avanço da câmera focalizando no produtor provando o prato

Sonora produtor: Hum, mas essa aqui ficou boa demais...

Encerramento: Um pouco mais de tempo para comer; um pouco mais de atenção em relação à origem e à qualidade dos alimentos. Tudo isso significa maior apreço pela vida e pela saúde. Mais informações sobre os assuntos mostrados aqui hoje, acesse o link do *Cidades e Soluções* no site da Globo News ou nosso blog na internet. Até a próxima.

APÊNDICE X - GLOBO ECOLOGIA – RIO SÃO FRANCISCO: UM RIO DE LEMBRANÇAS

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): 10 pescadores, biólogo e ambientalista; engenheiro de pesca; professor da Universidade Estadual da Bahia</p> <p>Secundárias (identificadas): Cartografia dos Povos Tradicionais do Brasil</p>
Assuntos tratados	Devastação do Rio São Francisco
Comentários-chave	<p>Visão fatalista: preservar para sobreviver; abordagem unilateral e superficial de um conflito; valorização da cultura local; espetacularização da natureza; problema ambiental tratado de forma próxima ao cotidiano da população local: o cotidiano dos pescadores e a consequência da devastação do rio para a vida deles; destaque ao conhecimento popular; a fala do cientista é enfatizada, como detentora da verdade e credibilidade em relação aos depoimentos dos pescadores: ênfase na ciência; influência negativa da atuação humana sobre o equilíbrio das relações ecológicas; valorização da cultura como algo já exótico, raro; fragmentação da natureza e da cultura local: a contradição entre a resistência do tradicional e o mercado ingressando na região; defesa do manejo sustentável da região, e não de um ambiente preservado e isolado da presença humana; ideia de rotulagem ou cercamento da área preservada da presença humana; pescador pede atuação do poder público (dimensão política); ênfase nos resultados de pesquisa científica; crítica à devastação da área pela atividade econômica; valorização da história e cultura locais; ideia de teimosia ou resistência dos moradores locais em permanecer numa região já fadada à destruição total; valorização da cultura local sobre a lógica financeira a se instalar na região</p>

Quadro 8- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre Rio São Francisco

Escalada: No Globo Ecologia de hoje vamos viajar pelo rio São Francisco em quatro estados brasileiros:

Locução off: Pernambuco, Bahia, Alagoas e Sergipe. Dos canyons até a foz do velho Chico nossa equipe percorreu mais de 1500 km entre estradas de terra e água. Conhecemos comunidades tradicionais de pescadores artesanais numa triste realidade: os peixes nativos do rio estão diminuindo.

Escalada: Os impactos no rio, a resistência de um povo ameaçado de perder suas terras e águas. Lembranças de um rio no canto e na voz de seus moradores.

Sonora do pescador Antonio Gomes dos Santos, cantando: Paturi, que andas fazendo ao redor dessas lagoa? Quem tem paturi tem pato, quem tem asa cai no laço – quanto mais quem não avoa... Paturi.

Corte para o tema do programa: Rio São Francisco: um rio de lembranças

Sonora do biólogo e ambientalista, Maurício Aroucha: O rio São Francisco hoje é extremamente marcado pela dor e pelo sofrimento, pela degradação, destruição. Ele já não é mais um rio na prática. É uma corrida d'água, não é mais um rio.

Sonora de Antonio G. dos Santos: Depois da barragem de Sobradinho, que foi em 1979 que fecharam, o rio começou a perder a sua capacidade de produção.

Passagem de Pablo de Moura: O Baixo São Francisco é represado por duas grandes hidrelétricas: Xingó, entre Sergipe e Alagoas, e o Complexo Paulo Afonso, na Bahia, formado por quatro usinas.

Locução off: Estamos em Cruz, no município de Delmiro Golveia, Alagoas. Neste povoado, vive uma comunidade quilombola e muitos pescadores artesanais. Nosso passeio pelos canyons do São Francisco começa aqui. O rio tem essa coloração por causa da grande comunidade de cobalto em suas águas. Os paredões de pedra formam um contraste e tornam o cenário ainda mais bonito. Ao todo, são 60 quilômetros de canyons navegáveis. Nesta paisagem, conhecemos esta turma.

Locução in: Esse grupo de pescadores artesanais está colocando a rede de espera agora. Qual a expectativa para amanhã?

Sonora Edvan Reginaldo Lima: Sei não, pelo jeito não é boa coisa não. Pode até dar alguma coisa, mas tem vez que a gente pesca a semana toda para pegar um, dois peixe.

Locução in: O resultado da pescaria a gente confere amanhã de manhã.

Locução off: A maioria dos pescadores vive distante dos canyons. Por esse motivo, eles passam a semana inteira nos ranchos, construídos na beira do velho Chico. E na hora de tirar a rede, alegria ou decepção?

Sobe som dos pescadores puxando a rede

Locução in: E aí, seu José, como é que foi o resultado da pescaria?

Sonora do pescador José dos Santos: Ah, o resultado da pescaria foi esse que vocês viram: nada, né?

Sonora Pablo: Seu Edvan, bem que o senhor tava certo então, né?

Sonora Edvan: Eu falei que era um dia difícil, um dia difícil que só pro cara pescar. Porque só é bom mesmo quando a água ta barrenta, aí o negócio vai. Mas assim...

Sonora de Orlando Lima, pescador: O peixe não enxerga bem, aí a gente vai fácil em cima dele. Mas agora a água ta ficando desse jeito aí, gelada pra caramba...

Locução off: Afonso Oliveira também não encontra mais no rio as espécies nativas como o pintado, o surubim, o dourado e a turbina do São Francisco. Outros peixes e crustáceos também estão desaparecendo.

Sonora do pescador Afonso de Oliveira: Nós tínhamos muito aqui o rubalo, que diz que é da água do mar que entra no rio. Nós tínhamos o pirá, que aqui se pega mas é a coisa mais rara agora, mas antes tinha. E nós tínhamos o crustáceo que se chama pitu, que se pega em barragem (inaudível) aqui quando se pega é o maior sucesso. Tira até foto quando se pega um.

Locução in: Por que você acha que diminuiu o peixe nativo aqui do São Francisco?

Sonora Afonso: Diminuiu o peixe nativo porque quando foi feita a barragem de Xingó, era pra ter feito uma escada pra esse peixe de piracema subir, como a tubarana e o rubalo sobem, subiam todo ano, principalmente nessa época de setembro a outubro. Esses peixes não sobem mais de jeito nenhum. Não tem por onde, só se for voando.

Locução off: O biólogo e ambientalista Maurício Aroucha acha que a biodiversidade do São Francisco está comprometida. Para ele, diversas espécies já foram perdidas, por causa das barragens.

Sonora do biólogo e ambientalista, Maurício Aroucha: A piracema é uma condição especial para a reprodução das espécies. Tirando a piracema com certeza você tira aquelas espécies que só com a piracema se reproduzem. Ah, vai ter um peixinho aqui um acolá. É verdade, vai ter; a natureza tem uma capacidade de resiliência fantástica, né, ela se amolda, ela retorna, ela retoma com muita competência mas não na dimensão como ela evoluiu por milênios. Então você vai ter uma redução de quantidade – nenhuma espécie jamais vai ter

novamente a mesma quantidade que houve no passado, e a diversidade está perdida em escala significativa.

Locução in: Qual foi o maior peixe que você já pegou?

Sonora do pescador Laércio Lima: Eu, o maior que peguei foi de 22 quilos. Surubim de 22 quilos, o maior que peguei.

Sonora Antônio Gomes, pescador: O último surubim que eu pesquei tinha 37 quilos e meio. O último que eu peguei. Quer dizer, ta com uma base de 14 anos, o último surubim. Foi uma grande enchente que nós tivemos que fez uma renovação no rio.

Sonora Mauricio Aroucha: Toda história de pescador tem uma verdade muito especial, é que nessa situação do São Francisco se pegava realmente peixes muito grandes. A gente já viu fotos impressionantes, de peixe maior do que uma pessoa, os surubins (cenas em close da foto do surubim, mostrada por sei Antônio Gomes). Em nosso estudo, a gente via aqui na feira de Paulo Afonso, e nós conseguimos encontrar dois surubins: um tinha 300 gramas e outro tinha 900 gramas. E os pescadores citavam surubins de 80 a 120 quilos de peso. As barragens no São Francisco fizeram isso com os surubins.

Locução off: No mercado de peixes em (inaudível), cidade que é considerada capital do Baixo São Francisco, as espécies nativas são minoria.

Sonora de Antônio Gomes: Hoje nós não sabemos dizer a quantidade de peixe que chega aqui nesse mercado. Primeiro por causa da degradação do rio. Antes a gente tinha o equilíbrio, e hoje a pesca é indeterminada – momentos que aparece peixe e momentos que desaparecem...

Locução off: A introdução de espécies exóticas de origem amazônica e a criação de tilápias de origem africana no rio São Francisco são outro motivo da diminuição das espécies nativas.

Sonora de Ticiano de Silveira Almeida, engenheiro de pesca: As espécies exóticas, elas chegam e destroem toda a cadeia alimentar que existe nesse ambiente. No caso do São Francisco, essa cadeia já tinha sido quebrada por conta dos barramentos e com a introdução do tucunaré, que é um carnívoro e hoje é o grande carnívoro da cadeia alimentar do São Francisco, várias espécies têm sido depredadas, destruídas por conta da introdução desse carnívoro. A tilápia, por sua vez, ela tem uma grande capacidade de adaptação às condições do rio. Então, por mais que se controle a produção nas gaiolas, sempre existem

fugas, e essas fugas causam uma grande população de tilápia, de mais um peixe exótico no rio São Francisco.

Sonora de Afonso de Oliveira: Também por conta das gaiolas, desses tanques-rede de (inaudível) peixe, que é de criatório, tá poluindo nosso rio. Além da ração que sobra muito pra poluir, ainda sobra o dejetos da tilápia, as fezes da tilápia, e tem lugar que a gente não pode beber água mais. Eu, como pescador velho, não acho viável a criação de peixe no São Francisco.

(Geralmente a fala dos pescadores é seguida da fala do biólogo, como que para confirmar ou dar credibilidade aos pescadores).

Lead apresentador: No próximo bloco, a identidade e a memória do pescador artesanal do São Francisco e a cartografia das populações tradicionais. E mais, cidades e povoados com muita história pra contar. A foz do rio, o avanço do mar, e as comunidades de pescadores que lutam por suas terras. O Globo Ecologia volta num instante. Eu espero você. Até já.

Comercial do programa Um pé de quê?

Locução in do apresentador: O Globo Ecologia está de volta, e no programa de hoje estamos falando dos pescadores artesanais do rio São Francisco. (expressão séria, com uma música de suspense ao fundo, remetendo à idéia de ameaça) Depois das barragens e da introdução de espécies exóticas no São Francisco, os pescadores artesanais que vivem na região dos canyons estão ameaçados de perder suas terras e águas. Mais um conflito que esses povos tradicionais estão enfrentando.

Sonora de Juracy Marques, professor da universidade estadual da Bahia: Qual é o território do pescador (cenas do rio ao fundo)? É a terra, onde ele cultiva o feijão, o arroz? É a água onde ele pesca o peixe? Mas quando essa terra é cercada, quando esse rio vai para unidades de proteção, pra onde é que vai esse pescador?

Locução off do repórter: Esse é mais um dilema na vida desses povos tradicionais, que vivem nos canyons do São Francisco. A possibilidade de que essa parte do rio se torne uma unidade de conservação integral, que limita e proíbe a atividade humana na área, representaria o fim dos pescadores artesanais.

Sonora Juracy: Num primeiro momento se falou na criação do Parque do Canyon do São Francisco. Nós sabemos que o parque é uma unidade extremamente restritiva. Depois de muito debate se avançou para a proposta de um monumento natural, e aí foi colocada como

condição para os pescadores definir os pontos de pesca. E aí a gente consultou os pescadores e eles foram muito claros: “como é que eu digo onde é que os peixes estão? O nosso território é o rio, não é um ponto do rio”. Então essa condição dos pescadores traz uma grande questão para a conservação dessa unidade. Porque se for um monumento natural esses pescadores não vão poder pescar nesse rio, então o que seria uma alternativa seria pensar uma reserva extrativista nesse lugar e que se pense um outro espaço, sem a ocorrência de povos tradicionais para se criar uma unidade de proteção integral.

Locução in repórter: O que o pescador artesanal deseja?

Sonora de Afonso: O pescador artesanal deseja que nossos órgãos competentes deixem a gente aqui, não tirem a gente daqui, e acabe com essa história de Parque Nacional, e repovoe nosso rio de peixe! Principalmente o peixe nativo que a gente tinha e não tem mais.

Locução off: Com o objetivo de identificar e dar voz e vez aos povos tradicionais do Brasil está sendo divulgada a nova cartografia tradicional dessas comunidades. A dos pescadores tradicionais dos pescadores do submédio e do baixo São Francisco é uma das mais completas.

Sonora Antônio Gomes: Era isso que estava faltando: estava faltando alguém que tivesse esse interesse de que a gente retratasse a história do rio São Francisco, a história de seu povo. Esse povo que nasce aqui na margem do rio e só se sabe por boca dos outros, né. Mas agora não: a cartografia vai dizer a história dos negros quilombolas, a história dos pescadores, dos varzeteiros, a história da comunidade, uma comunidade que tem cultura; uma comunidade sábia, mas que estavam enterrados seus talentos.

Sonora Juracy: É uma cartografia que fala de um povo pouco conhecido ainda no Brasil, que é o pescador artesanal do rio São Francisco, que é um rio muito ativo em termos de identidade e de conflitos territoriais. A implantação dos grandes projetos desrespeitam a cultura tradicional desses grupos mas há uma resistência natural desses grupos, e acho que isso vai fazer a diferença nesse novo momento do novo rio São Francisco, e não mais o velho, né, mas o novo rio. Acho que o novo rio é um rio que clama pelo respeito ao modo tradicional desses grupos, que infelizmente no Brasil está sendo violentado, está sendo desrespeitado.

Sonora de Antonio Gomes (cantando): “Paturi, que andas fazendo ao redor dessas lagoa? Quem tem paturi tem pato, quem tem asa cai no laço – quanto mais quem não avoa... Paturi”. A mulher cantava alegre, porque ela tava pisando em cima do peixe que tava

à toa dentro da lagoa, e aos passarinhos, aos marrecos ela dizia: “Tome cuidado”... ela comia o arroz dela, mas ela terminava no prato, fritinha. Que beleza num era uma marreca gorda no prato! Então ela tinha razão de cantar alegre, ela tinha razão de cantar alegre.

Locução off: Tombada como patrimônio paisagístico nacional, a cidade de Piranhas também está ameaçada. A construção de uma nova usina hidrelétrica na região deixa embaixo d’água parte do município.

Passagem: A cidade de Piranhas, em Alagoas, é também sinônimo de cangaço. Estiveram nessa região Lampião e seus homens, mais uma prova da importância do rio São Francisco para a história do Brasil.

Sonora de Juracy: Acho que Piranhas é um caso emblemático dessa nova etapa do novo São Francisco, né. O que aconteceu com Remanso, Casa Nova (inaudível), essas cidades hoje estão embaixo d’água: as histórias, a vida das pessoas foram alagadas. Não é possível que vamos repetir isso, uma coisa tão violenta com uma cidade como Piranhas, com as pessoas de Piranhas. Então o Brasil já não merece mais inundar sua história.

Locução off: Na foz do São Francisco, visitamos duas comunidades: Cabeço e Resina. Nos dois povoados, os pescadores também estão ameaçados de perder suas terras.

Passagem: Estamos no povoado de Cabeço, na margem sergipana do São Francisco. Daqui, é possível ver o avanço do mar. É só ter como referência o farol, que ainda resiste em pé. E por causa desse avanço, muitos moradores já deixaram a vila. Apenas doze famílias ainda vivem aqui.

Locução in: Seu Antônio, o senhor mora aqui no Cabeço há quanto tempo?

Sonora de Antônio: Há 15 anos.

Locução in: Sua casa era onde?

Sonora de Antônio Francisco de Castro: Ah, minha casa era depois do farol, muito pra lá. Depois antes do farol pra cá já foi ota, antes daqui já foi ota, antes daqui já foi ota, daqui já foi ota e agora já to em ota.

Locução in: Mudou seis vezes?

Sonora Antônio: Seis vezes.

Locução in: O senhor não pretende sair daqui...

Sonora Antônio: Não, só pretendo sair quando não tiver mais nada. Aí vou ficar dentro da água? Não posso né?

Locução off: Em Resina a luta é por posse de terras. A comunidade que vive aqui há mais de cem anos pode perder seu território. Um complexo hoteleiro pode ser construído no lugar do povoado. Iraneide chegou aqui quando tinha sete anos. Ela aprendeu a pescar ainda menina. Hoje puxa a rede de espera e vai pro mangue também, em busca dos caranguejos.

Locução in: Esse lugar aqui representa o que na sua vida?

Sonora de Iraneide Machado Santos, pescadora: Aqui representa uma cultura, muito da forte.

Locução in: Tem que ser preservada...

Sonora de Iraneide: Tem que ser preservada, com muito carinho, e respeitada também a nossa cultura. Nós não vamos sair daqui porque estamos lutando pra isso. A nossa luta é muito forte e nós não vamos desistir da nossa luta. Porque nós temos que ficar aqui. É aqui que a gente sempre vivemos, criamos nossos filhos e queremos criar os nossos netos, nossos bisnetos, é aqui, com muito amor mesmo a esse lugar.

Locução off: Manoel Santana é um dos moradores mais antigos de Resina. Chegou aqui recém-nascido. Aos 65 anos, ele conta que o pescado no São Francisco também diminuiu na foz.

Sonora de Manoel Santana, pescador: A pescaria está devagar; o caranguejo também quase que já acabou. Olha, o que nós precisamos mais é terra pra se trabalhar aqui.

Sonora Ivaneide: A gente aqui, pegava rapidinho, era cada caranguejão grande...

Locução in: E agora?

Sonora Ivaneide: Agora Olha aí, o tamanho dos caranguejos... Pra achar um caranguejo grande aqui vai dar muito trabalho.

Locução in: Dá pra viver bem do São Francisco?

Sonora de Manoel dos Santos, pescador: Dá não, do rio São Francisco dá só pra comprar farinha como diz o matuto, mas pra viver num dá não.

Locução off: Os bons e velhos tempos do rio cheio de vida sobrevivem apenas na memória do povo.

Sonora Juracy: Os pescadores, eles tiveram coragem de contar essa história que é tão bonita, uma história que mistura a simbologia das águas do rio, mistura a história desse grupos pela sobrevivência.

Sonora de Antônio Gomes: O São Francisco era um rio bastante rico, porque era cercado de matas nas suas margens, tinha solo de grande várzea que é considerado pantanal.

Sonora de Maurício Aroucha: Ali plantava arroz, e enquanto colhia o arroz também pegavam alguns peixes e cozinhavam tudo ali. Comiam peixe com arroz. Hoje nem peixe nem arroz; não tem mais vida, não tem essa capacidade de produção. Então esse rio é uma lembrança muito mais do que uma realidade.

Locução off do apresentador: E se você quiser saber mais sobre a Cartografia dos Povos Tradicionais do Brasil, acesse o site: www.uneb.br. O Globo Ecologia de hoje termina por aqui, mas o nosso encontro já está marcado no próximo programa. Eu espero você. Até lá.

APÊNDICE XI - REPÓRTER ECO 10/05/09

Fontes de informação primárias e secundárias	<p>Primárias (não-nomeadas): Engenheiro agrônomo; funcionário da Prefeitura; Coordenadora de cultura e uso público do Parque Lage; Turista; biólogos</p> <p>Secundárias: Não foi possível identificar se os dados nas matérias foram fornecidos pelos entrevistados ou consultados em outras fontes</p>
Assuntos tratados	Reaproveitamento de madeira; preservação do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha; Parque Lage
Comentários-chave	Dicotomia problema X solução; Sensibilização para a questão ambiental a partir do apelo econômico; Espetacularização da natureza; Defesa de ambientes preservados da presença humana; dissociação homem-natureza

Quadro 9- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 10/05/09

Escalada: Olá, no Repórter Eco de hoje conheça um dos cartões postais de uma das mais belas cidades brasileiras, candidata ao título de patrimônio da Humanidade. Mergulhe na riqueza da vida marinha de Fernando de Noronha. E ainda: o município da Grande São Paulo reaproveita árvores que caíram com a chuva. Veja os detalhes.

Locução off: Pedacos de troncos e galhos deixam de ir para o lixo e viram bancos e brinquedos para praças e parques. Praia de água azul e o mundo submarino de cores e formas diferentes. São as atrações do arquipélago distante 500 quilômetros do litoral de Recife. E ainda: um prédio centenário preservado em área de Mata Atlântica protegida: este é o Parque Lage, na zona Sul do Rio de Janeiro. Começa agora o Repórter Eco.

Cabeça da matéria: Um projeto para recuperar galhos pedaços de árvores caídas ajuda a gerar dinheiro e reduzir a ocupação nos aterros em Guarulhos, na Grande São Paulo. Restos de madeira viram matéria-prima para obras do município.

Locução off: Um sem fim de troncos. Árvores mortas nos quatro cantos da cidade. Araucárias condenadas por cupins; sibipirunas, flamboyants caíram por causa das chuvas fortes. Em média, quatro árvores urbanas são derrubadas ou cortadas todos os dias em Guarulhos, na grande São Paulo.

Sonora com Julio Sá, engenheiro agrônomo e Secretário de Meio Ambiente de Guarulhos: A gente via muito potencial nessas madeiras, e via um desperdício muito grande.

Locução off: O engenheiro agrônomo Julio nunca se conformou com a matéria-prima de qualidade que ia direto para o lixo.

Sonora com Julio Sá-engenheiro agrônomo-Sec. Meio Ambiente de Guarulhos/SP: A ideia era montar uma serraria mesmo, mas só que era muito caro, o preço muito inacessível e a gente não conseguia verba.

Passagem repórter (na serraria): No começo, ninguém conseguiu entender como uma serraria poderia ser útil para a prefeitura. Mas se a proteção ambiental não era argumento suficiente, Julio apelou para os números: O preço da serra, 50 mil reais, era equivalente ao gasto anual da secretaria do meio ambiente com madeira para as obras da cidade. Mas a economia do município não parou por aí.

Entrevista com Julio Sá- eng agrônomo da Sec. Meio Ambiente de Guarulhos/SP:

Essa madeira é praticamente certificada, porque toda árvore que é derrubada no município tem laudo do engenheiro agrônomo. A gente está resolvendo um problema do meio urbano e está transformando essa madeira para o uso. (cenas do entrevistado e ao lado, dividindo a mesma tela, outra tomada de cenas de toras de madeira) Se você for pensar que essa madeira ia para o aterro sanitário, e hoje o aterro é pago em toneladas, você tem economia também. Se pensar que essa madeira ocupava um volume no aterro sanitário e hoje ela não está ocupando, você tem mais esse valor. Se você for pensar a questão do transporte dessa madeira até o aterro, teria mais. Eu não sei calcular tudo isso, só sei que vai dar um dinheirinho bom, né?

Locução off: Em um ano, a prefeitura economizou cerca de 150 mil reais. Mas a principal meta é ambiental, e a madeira que saiu da cidade, aos poucos é recuperada. Um funcionário analisa todas as toras com um detector de metais à procura de pregos.

Sonora com funcionário da prefeitura: Até aqui não foi constado nenhum metal, mas provavelmente é bem capaz de encontrar um aqui nessa árvore (ruído do detector acusando metal na madeira).

Locução off: Prego localizado, é hora de partir a madeira. Saem da serra tábuas, ripas de todos os tamanhos. Galhos com folhas, resultado da poda de praças e parques, também são reutilizados, passam por um triturador. O composto surge da mistura das toras moídas com as folhas. Vira adubo para nutrir o solo dos canteiros. A madeira reaproveitada está no parque, na ponte construída pela comunidade, no mezanino montado com capricho pelos servidores da secretaria de obras. Galhos de árvores velhas servem para apoiar o crescimento das mudas, renovar, aos poucos, o verde da cidade.

Entrevista com Julio Sá: Não tem como hoje você não ter o progresso, mas você pode ter o progresso aliado à questão ambiental e à questão social.

(Bg com cenas da cidade, movimento dos carros na pista dupla, mostrando o canteiro ao meio com sinal do corte de árvore, e por fim cenas das toras de madeira, bancos delas feitos e o triturador dos galhos com folhas, mencionado pela repórter).

Cabeça: A polêmica em torno do cultivo e do comércio no Brasil e no mundo dos grãos geneticamente modificados, mais conhecidos como transgênicos. O comentário é do jornalista Washington Novaes.

Comentário Washington Novaes: Voltou a ficar complicado o panorama no Brasil sobre a questão dos alimentos transgênicos. (cenas de uma lavoura de milho na Alemanha, com placas indicando a transgenia em alemão) Primeiro porque a Alemanha proibiu o plantio lá de uma variedade de milho transgênico com o argumento de que ele prejudica polinizadores e outras espécies. Por isso seria preciso respeitar o princípio da precaução. (volta plano americano no comentarista) Mas o Brasil, que também assina a Convenção da Biodiversidade que contém o princípio da precaução já liberou várias espécies de milho transgênico mesmo com a oposição do IBAMA e da Ministério da Saúde e pediu estudos epidemiológicos para verificar a possibilidade de contaminação ou prejuízo à saúde. Só que esse argumento foi considerado ideológico e não científico.

Agora entrou em discussão no Conselho Nacional do Meio Ambiente, o CONAMA, a possibilidade de usar o glifosato, um agrotóxico ao qual resistem espécies transgênicas, para matar em reservatórios, lagos e rios, algas e outras plantas que ali proliferam por causa da deposição de esgotos. Só que se os esgotos continuarem a ser depositados ali, essas plantas voltarão a proliferar, e a qualidade das águas será prejudicada pelo agrotóxico. No Rio Grande do Sul, plantadores de soja estão na Justiça para não ter de pagar *royalties* à empresa produtora de sementes transgênicas. A Ciência precisa tomar posição nessa matéria no Brasil (cenas de plantação de soja).

Chamada apresentadora: Você vai ver daqui a pouco: o Parque Lage, um dos cartões postais da cidade brasileira candidata ao título de Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade. E uma visita ao parque que é refúgio da vida marinha. O Repórter Eco volta já.

Cabeça apresentadora: Agora você acompanha alguns dos fatos no Brasil e no mundo que merecem destaque no noticiário. Confira:

Locução off: O parlamento europeu decide banir a importação de produtos derivados de foca, como casacos de pele. O objetivo é forçar o Canadá a parar a temporada anual de caça ao animal. O governo brasileiro lança programa para eliminar aos poucos o HCFC, o

gás usado em geladeiras e aparelhos de ar condicionado que contribui para o aquecimento global. O programa segue uma das metas da Organização das Nações Unidas, que pretende banir de vez o gás HCFC até 2040.

Representantes de 150 etnias reunidos em acampamentos em Brasília apresentam proposta de um novo Estatuto dos povos indígenas. O documento encaminhado para aprovação pelo Congresso defende o respeito à diversidade cultural dos povos. Uma lei de proteção ao Cerrado é aprovada na Assembléia Legislativa de São Paulo. É a primeira vez que um estado brasileiro cria uma legislação específica para proteger um dos biomas mais ricos em plantas medicinais e também um dos mais ameaçados do mundo. Atualmente o estado paulista tem menos de 1% de área total de Cerrado, contra 14% da ocupação original.

Cabeça apresentadora: No espaço dedicado à biodiversidade, acompanhe uma viagem a um santuário marinho da costa brasileira: é o Parque Nacional de Fernando de Noronha, um oásis para a reprodução de várias espécies só encontradas no arquipélago.

(BG de música clássica, remetendo à ideia de arte e beleza) **Locução off:** Um mundo submarino de formas curiosas e intenso colorido. Céu de fim de tarde com jeito de pintura. Em Fernando de Noronha, beleza e diversidade de vida se encontram. Vinte e uma ilhas formam o arquipélago, que tem apenas 26 quilômetros quadrados. Trata-se de uma cadeia de montanhas submersas, originadas de uma erupção vulcânica, há milhões de anos, distante mais de 300 km de Natal e mais de 500 de Recife.

Locução off: Fernando de Noronha abriga animais que só existem aqui: o pássaro terrestre Sebito é um deles. O lagarto Mabuia, que nesta cena aparece acasalando, é outro. Já o lagarto Teju é exótico. Foi trazido pelo ser humano, para caçar ratos. Acabou causando desequilíbrio porque prefere ovos e filhotes de aves e tartarugas. O mergulho nestas águas, em que a visibilidade chega a quarenta metros de profundidade, permite observar cardumes coloridos, como os de Mariquita, conhecer o urticante Coral de Fogo, uma das onze espécies encontradas aqui.

Sonora com Lara Fritzsche, mergulhadora: O mais interessante é o fato de justamente você ver como que esse lado submarino, o que você vê lá, o equilíbrio, desperta nas pessoas a vontade de preservar, não somente embaixo da água mas fora também. E isso é

uma coisa muito marcante aqui em Fernando de Noronha, por ser um parque nacional marinho.

Locução off: Fernando de Noronha virou Parque Nacional Marinho em 1988. 80% da área dele está no mar, onde vivem espécies protegidas por programas de conservação, como as tartarugas marinhas (cenas delas) e o golfinho rotador (cenas dos golfinhos em bando, com BG da água e do ruído que eles produzem).

Locução in: Por que existe uma biodiversidade tão rica aqui neste lugar?

Sonora com Lisandro de Almeida, biólogo: É por conta do isolamento. Funciona mais ou menos como se fosse um restaurante de beira de estrada; é uma ilha oceânica. O Brasil só tem 4 conjuntos de ilhas oceânicas, a maior delas é aqui em Fernando de Noronha. E aqui até o continente tem o Atol das Rocas, alguns outros bancos oceânicos que vão servindo como trampolim para as espécies poderem vir povoar aqui. E como aqui sempre encontra uma condição de água sempre limpa, uma visibilidade boa, uma intensidade luminosa boa, tem uma cadeia alimentar bem complexa. (cenas de peixes e corais).

(cenas em plano aberto mostrando a área de longe, para mostrar o número de construções civis, e cenas de carros nas ruas e pousadas) **Locução off:** O número de carros vem aumentando, o de pousadas também. Essas mudanças podem ameaçar a conservação da biodiversidade.

Sonora com Margareth Grillo, bióloga: As regras de uso do mar de Noronha estão muito claras, muito bem estabelecidas (cenas de um jipe com turistas, e surfistas na praia), a capacidade de suporte é muito bem controlada pelo número de embarcações; então há uma preocupação e houve um controle em relação a isso. (câmera passa a focar na entrevistada, numa idéia de alerta) Só que a ilha tem uma erosão muito intensa, e a ocupação, as obras, as estradas, toda ação que retira a cobertura vegetal – mesmo o pisoteio dos turistas nas trilhas – produz uma erosão que forma partículas que a chuva leva para o mar (cena de peixe nadando em frente a um montinho de areia). E essas partículas chegando no mar abafam os microanimais e plantas microscópicas, que são alimento da cadeia alimentar. Ela começa a cadeia alimentar daí. (volta o foco na entrevistada) Então este processo que começa na terra é o principal fator da preocupação com a preservação do mar de Fernando de Noronha.

Chamada apresentadora: Aguarde porque daqui a pouco tem mais informação. Conheça o Parque Lage, cartão postal da cidade brasileira candidata ao título de Patrimônio da Humanidade. O Repórter Eco volta já.

Comerciais

Cabeça apresentadora: A cidade do Rio de Janeiro é candidata ao título inédito da UNESCO de Patrimônio da Humanidade pela combinação da paisagem com a cultura. Um dos cartões do Rio é o Parque Lage, que abriga um casarão centenário em área de Mata Atlântica protegida.

Locução off: Um belo casarão do início do século 20 cercado de Mata Atlântica, aos pés do Morro do Corcovado, cenário de importantes filmes brasileiros como Macunaíma e Terra em Transe. Ao redor dele, bosques e jardins abertos à visitação pública. Este é o Parque Lage, na zona sul do Rio de Janeiro, bem ao lado do Jardim Botânico. A área é parte do Parque Nacional da Tijuca, uma das maiores florestas urbanas do mundo, considerada Reserva da Biosfera pela Unesco. Ela foi toda replantada por ordem de Dom Pedro II no século 19. A mata original foi devastada pelas culturas da cana-de-açúcar e do café. Onde hoje é o Parque Lage existia a Fazenda Conceição da Lagoa. Das construções dela só restou esta relíquia: a chamada Lavanderia dos Escravos, no fundo do casarão.

Locução in: Qual é a importância desse lugar para o Rio de Janeiro?

Sonora com Ana Cristina Vieira, Coordenadora Cultural do Parque Lage: Ele ajuda com as condições climáticas da cidade.

Locução in: Dá uma regulada na temperatura?

Sonora com Ana Cristina Vieira: Temperatura, grau de umidade, de pluviosidade. Isso tudo ele ajuda muito, sem contar que é uma grande oportunidade da pessoa que tem acesso de ônibus chegando na porta, de desfrutar de um ou vários dias em um lugar tão bonito e agradável.

Locução off: Na casa construída especialmente para uma cantora de ópera italiana que movimentava a cena cultural carioca, funciona a Escola de Artes Visuais, mantida pelo governo do Rio de Janeiro há mais de trinta anos. Ela oferece inclusive cursos gratuitos. E um Café, à beira da piscina central. Na frente da fachada, um jardim inglês, assinado pelo paisagista John Tyndale. Ao redor da casa existem várias plantas exóticas. São as que vieram de outros biomas que não a Mata Atlântica, como as Palmeiras Imperiais, símbolo de poder no século XIX.

Sonora com Ana Cristina Vieira: Além dessa aleia de palmeiras existem diversas outras árvores que não são nativas do ecossistema, que vieram do Jardim Botânico porque fazia parte da moda da época enfeitar os jardins com plantas exóticas. Mas isso só no entorno da

casa; a parte do fundo em diante já é Mata Atlântica que inclusive faz a borda e emenda com o Parque Nacional da Tijuca. É a mesma vegetação e mesmo fauna.

Locução off: Além dos macacos-prego, que fazem a festa pulando de árvore em árvore, vimos também os cachorros-do-mato. Tranquilos, eles já se acostumaram à presença humana.

Passagem repórter: Esse aqui é o cenário ideal para quem quer fazer um passeio bem relax e fugir do calor do Rio de Janeiro. Mas quem vem ao Parque Lage também deveria aproveitar pra fazer pelo menos uma das três trilhas de Mata Atlântica abertas ao público. A mais longa requer um certo preparo físico, leva umas 2 horas, sobe pelo Morro do Corcovado e vai até o Cristo Redentor. Mas existem outras alternativas: tem uma trilha bem próxima aqui da entrada do Parque que promete uma vista incrível e não requer muito esforço.

Locução off: É praticamente um passeio, tanto que dá pra ir bem à vontade, de chinelos. O único pré-requisito é ter disposição para subir. No caminho essa pequena queda d'água, que contribui para tornar o local ainda mais agradável. As placas informativas estão velhinhas, mas trazem dicas sobre a importância de conservar o recurso natural. O administrador de empresas Rodrigo Martins veio trazer os amigos ingleses: Tunita, descendente de indianos que vive em Londres, encarou um programa diferente do que fazem os gringos que chegam loucos pelas praias. Ficou encantada com o Parque Lage.

Sonora com Tunita Tohal, turista: A praia é muito legal, diz ela, mas aqui se pode dar uma bela caminhada, relaxar, tomar um café. É um lugar cheio de paz.

Locução off: O grupo também seguiu até o finalzinho da trilha. Para quem subiu aqui está o prêmio: uma bela vista da Lagoa Rodrigo de Freitas, com os prédios do Leblon ao fundo. Quem insistiu em não se revelar foi o Cristo Redentor. Ficou a manhã toda escondidinho no Morro do Corcovado, coberto por uma grande nuvem. Não tem problema, a possibilidade de contemplar esse cartão postal de novo é um bom motivo para voltar a esse lugar especial.

Cenas da vista no topo da trilha, com BG de música de piano.

Encerramento: E para encerrar o programa de hoje, fique com uma frase do grande maestro e compositor Antônio Carlos Jobim, que buscava inspiração exatamente na paisagem do Rio de Janeiro: “Já está na hora da gente plantar mato, reconstruir um pouco

de nossa floresta Atlântica, que é a coisa mais linda do mundo”. Até o próximo Repórter Eco. Tchau.

Sobe som de canção de Tom Jobim sobre o Rio de Janeiro, com cenas da cidade.

APÊNDICE XII - REPÓRTER ECO 05/04/09

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): Diretora da Fundação SOS Mata Atlântica; Coordenador do Projeto Manuelzão; violeiro; pescador</p> <p>Bióloga e professora da UNB</p> <p>Secundárias: Novo Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica; Ministérios do Meio Ambiente e das Cidades; estudos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; estudo do ex-Secretário de Transportes do Estado de São Paulo; Compresp</p>
Assuntos tratados	Devastação da Mata Atlântica; situação do trânsito nas metrópoles brasileiras; Destruição do Cerrado e suas conseqüências para o clima no Brasil; história de um médico ambientalista e seu projeto para recuperar o Rio das Velhas; tombamento do bairro Citilapa
Comentários-chave	Ênfase nos resultados de pesquisa; religação homem-ambiente; crítica à lógica econômica que se sobrepõe à preocupação ambiental; disjunção homem-ambiente para o crescimento econômico; estímulo à participação cidadã, mobilização e decisão política; perspectiva fatalista ou alarmista; uso de tecnologias mais limpas, e mudança de comportamento individual; preservação da riqueza cultural; religação cultura humana e meio natural; dicotomia problema-solução: apresenta o problema de forma fatalista e depois vem a solução; volta à harmonia com a natureza para a saúde e a qualidade de vida; cultura como manifestação artística; valorização do conhecimento popular; ênfase nos resultados do conhecimento tecnológico; mobilização para recuperar os recursos naturais; retorno à harmonia com a natureza; valorização das riquezas naturais acima da lógica econômica; destaque ao conhecimento técnico; defesa de ambientes preservados da presença humana; C&T trazendo soluções para os problemas ambientais

Quadro 10- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 05/04/09

Escalada: Olá! No Repórter Eco de hoje saiba como a destruição do Cerrado altera o clima no Brasil. Conheça a história do médico ambientalista que dedicou a vida à proteção dos rios. E ainda: a Mata Atlântica perde mais espaço nas grandes cidades. Veja os detalhes.

Locução off: Um novo atlas a ser lançado no Brasil mostra que a destruição da floresta vai afetar a qualidade de vida das regiões urbanas do país. Este cidadão de Minas Gerais criou um projeto para recuperar o Rio das Velhas, que alimenta o Velho Chico. E ainda: uma bióloga de Brasília afirma que os desmatamentos no Cerrado devem entrar na discussão sobre o aquecimento global. Começa agora o Repórter Eco.

Vinheta de abertura

Locução off: A perda de vegetação de um dos biomas mais ricos em espécies e mais ameaçados da Terra. Um novo atlas a ser lançado pela Fundação SOS Mata Atlântica vai

mostrar um fato preocupante: nos últimos 3 anos, aumentaram os desmatamentos na floresta nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória.

Cenas de queimadas... Locução off (cenas de um mapa da Fundação SOS Mata Atlântica, sinalizando as capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória): São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória desmataram juntas, em três anos, 793 hectares de Mata Atlântica. A área equivale a quase mil campos de futebol como o Maracanã (desenhos de estádios no mapa). O resultado do monitoramento dos satélites feito pela Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – assustou os ambientalistas. Tanto que eles decidiram antecipar a divulgação dos dados, que vão constar do Novo Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica.

Sonora de Márcia Hirota - Diretora da Fundação SOS Mata Atlântica: Essa mensagem foi justamente pra alertar o cidadão, as pessoas que vivem nessas áreas, do quanto essa floresta é importante pra vida delas, pra vida dessas pessoas que moram nessas áreas que são urbanizadas mas que dependem da floresta pro bem-estar, pra qualidade de vida.

(cenas aéreas que destacam o grande número de edifícios e construções nas grandes metrópoles) **Locução off:** O desmatamento nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória, de 2005 a 2008, foi provocado principalmente pela especulação imobiliária, segundo a diretora da fundação SOS Mata Atlântica.

Sonora de Hirota: Foi um período de grande estabilidade econômica; foi um período em que as pessoas estavam comprando áreas, construindo. Então isso também teve uma relação intrínseca com o aumento.

Locução off: A região metropolitana de Vitória foi a que menos desmatou. Perdeu de 2005 a 2008 150 hectares de Mata Atlântica. O Rio de Janeiro perdeu 206 hectares, mais que o dobro do que foi desmatado no último levantamento feito entre 2000 e 2005.

Sonora de Márcia Hirota - Diretora da Fundação SOS Mata Atlântica: O Rio de Janeiro tem um efeito formiga, que é aquela expansão (cenas do Rio de Janeiro), o desmatamento pra expansão, pra ocupação urbana, pra moradias. E essa expansão vem acontecendo justamente nas áreas que ainda estão bem preservadas, e foi o que caracterizou o desmatamento no período também.

Locução off (cenas de áreas desmatadas em SP): Mas foi em São Paulo o caso mais grave de desmatamento: 437 hectares de Mata Atlântica derrubados. Nove vezes mais que o último levantamento. A retirada da Mata Atlântica, conta Márcia Hirota, foi mais importante na região da Cantareira, norte da área metropolitana, e no sul, onde está sendo construído o rodoanel.

Sonora com Hirota: É um desmatamento que foi autorizado mas ainda assim é um alerta pra que novos desmatamentos não aconteçam nessa região, porque o rodoanel é um meio pra expansão, e um meio pra que novos desmatamentos aconteçam. Na região da Cantareira, e aí eu não falo só do sistema Cantareira, mas em todo o trecho norte da região metropolitana de São Paulo, onde nós ficamos realmente assustados com o total de desmatamentos verificado nesses últimos anos. O sistema Cantareira é extremamente importante para o abastecimento de parte da região metropolitana de São Paulo, e a floresta tem uma função: de proteger esse fluxo hídrico, de proteger esses trechos.

Locução off: O alerta, diz a Diretora da Fundação SOS Mata Atlântica, é principalmente para as autoridades.

Sonora de Márcia Hirota: Precisa ter um trabalho eficiente do poder público. O poder público precisa estar atento no controle, na fiscalização e no monitoramento. E o cidadão também pode participar, quando ele denuncia, quando ele presencia o desmatamento, um incêndio ou uma queimada, ele pode exercer a cidadania alertando o poder público, encaminhando essas denúncias para os órgãos fiscalizadores.

Passagem da apresentadora: O Governo Federal promete tornar obrigatória, ainda este ano, a inspeção veicular para todos os carros. Eles são as principais fontes de emissão de poluentes nas cidades. O comentário é do jornalista Washington Novaes.

Comentário Washington Novaes: São muito preocupantes os últimos levantamentos sobre a situação do transporte urbano, principalmente nas grandes regiões metropolitanas brasileiras – inclusive em São Paulo. As informações sobre custos, desperdícios, mortes, poluição etc são muito graves. Na cidade de São Paulo (cenas das avenidas e o trânsito agitado de SP), a frota em 2008 aproximou-se de 6 milhões e 500 mil veículos, dos quais 74% são automóveis, e 11,8% motocicletas e semelhantes. Ônibus e micro-ônibus chegam a quase 10%. Com isso, há 1 veículo para 2 habitantes. Embora mais de 50% do espaço urbano na capital paulista estejam destinados a veículos – incluindo ruas, estacionamentos e garagens-, os congestionamentos só aumentam. E há outras consequências trágicas. (volta cena em plano americano em Novaes) Segundo estudos da Faculdade de Medicina

da Universidade de São Paulo, a poluição do ar em 2008 matou cerca de 20 pessoas por dia, com seus efeitos diretos e indiretos na região metropolitana. Cerca do dobro do que acontecia 5 anos antes. Outro estudo do professor Adriano Murgel Branco, ex-Secretário de Transportes do Estado, mostra que cada deslocamento por automóvel na cidade consome 26 vezes mais energia do que se fosse feito por metrô (cenas de metrô lotado). E em meio século esse desperdício significa 1 trilhão de reais, que equivalem a novas linhas de metro que poderiam ter sido construídas, mas se destinaram a veículos que ficaram ociosos durante 90% do tempo, em média. O número atual de mortes no trânsito é crescente e assustador em todo o país. Só em São Paulo foram 7.187 mortes no ano passado. Mas nem o controle da poluição consegue ser feito com mais eficiência (cenas em close de escapamentos liberando gases). Só os veículos mais novos, e que poluem menos, é que têm de passar pela inspeção anual obrigatória. Agora os Ministérios do Meio Ambiente e das Cidades dizem que este ano ela passará a ser obrigatória para todos os veículos. Há 20 anos essa obrigatoriedade da inspeção anual vem sendo adiada, vamos ver se agora ela vai ser cumprida. E vamos ver se, afinal, se começa a impor restrições ao transporte individual. Sem isso, não haverá solução.

Passagem apresentadora: Você vai ver daqui a pouco: conheça a história do médico ambientalista que protege o maior afluente do Rio São Francisco. E ainda: uma cientista de Brasília alerta que a destruição do Cerrado interfere no clima do Brasil. O Repórter Eco volta já.

Comercial de LACTEC (Instituto de Tecnologia para o Desenvolvimento); Concurso de Poesia da Escola de Governo do Paraná.

Lead: Uma vitória da sociedade contra a verticalização na maior cidade brasileira. Depois de anos de batalha, a Associação dos moradores da CitiLapa, na zona oeste de São Paulo, comemoram o tombamento do bairro.

Locução off: A decisão foi anunciada pelo Compresp, que é o órgão municipal responsável pela preservação do patrimônio. Os bairros do Alto da Lapa e Nova Aliança também foram tombados. O tombamento significa que as ruas vão permanecer como eram desde o seu traçado original; ficam impedidas alterações no tamanho dos imóveis. O City Lapa é um dos poucos bairros-jardins planejados da capital paulista. Contribui para a drenagem da água de chuva e para a qualidade de vida na cidade de São Paulo.

Passagem da apresentadora: No espaço dedicado à biodiversidade, você acompanha hoje a história do médico que dedicou a vida à conservação dos rios brasileiros. Ele é Apolo

Heringer Lisboa, criador de um projeto que recupera o Rio das Velhas, o maior afluente do Rio São Francisco.

Locução off: Rio das Velhas. Nome curioso pra esse curso d'água que atravessa Belo Horizonte e conta parte da história de Minas Gerais. Dizem que foi batizado assim porque quando os bandeirantes chegaram à procura do ouro, encontraram só velhas índias nas margens. Outros integrantes da Aldeia tinham fugido da possível escravidão. O Rio das Velhas, que nasce na região de Ouro Preto e deságua no São Francisco, foi limpo por muitos séculos. Agressões sucessivas envelheceram o Rio das Velhas. Mineração, desmatamento da Mata Atlântica e do Cerrado no entorno dele, despejo de esgoto associado ao crescimento populacional desordenado. A degradação continuaria veloz não fosse a intervenção de um intelectual nascido carioca por acaso mas mineiro até a raiz da alma. O médico e professor universitário Apolo Heringer Lisboa decidiu unir esforços pra despoluir o rio.

Sonora com Apolo Heringer, Coordenador do Projeto Manuelzão: Eu descobri que se eu lutar pela melhoria da qualidade do meio ambiente, pra melhorar a qualidade da água do rio, pra tratar lixo, esgoto e fazer o povo ter mais acesso à cultura, à arte, à educação, às escolas, eu estaria fazendo mais pela saúde do povo do que como médico.

Locução off: Ele coordena o Projeto Manuelzão, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais. O nome é uma homenagem ao sábio vaqueiro sertanejo imortalizado por Guimarães Rosa (cenários de fotografias do vaqueiro). Tradições artísticas são valorizadas. O mestre de folias Nelson Jacob compôs pra louvar a iniciativa.

BG do mestre cantando (ele com violão ao lado de uma jovem, ambos vestidos a caráter à beira do rio): Esse rio já foi limpo mas chegou a poluir, mas os homens de coragem já chegaram por aqui.

Sonora de Nelson Jacob, violeiro: A gente não pode dizer que demorou porque dizem que Deus tarda mas não falha, né. Ele deve ter vindo na hora certa, que já estava carregado mas...Isso aqui era tudo imundo.

Locução off: Monitoramentos ambientais atestam que a poluição diminuiu. Nas comunidades à beira do rio, muita gente participa das ações pró educação, limpeza e fiscalização.

Sonora com Roberto Ribeiro, pescador: Tinha desaparecido do leito do rio o surubim, o piau, a matrinhã, o dourado, e hoje, graças a Deus e ao projeto Manuelzão, comandado

pelo Doutor Apolo, nós temos encontrado isso nas águas do rio.

Sonora com Apolo Heringer: Nós conseguimos tirar esse pessimismo de que o rio tava morto, tava no CTI. Nós estamos levando também a mensagem de que a riqueza não é dinheiro. Riqueza é biodiversidade. Sem biodiversidade, arrasando a fauna e a flora do país, o Brasil está cavando sua própria sepultura.

Locução off: Visionário e batalhador, Apolo acredita que será possível cumprir a ambiciosa meta de nadar, pescar e navegar no Rio das Velhas, na região metropolitana de Belo Horizonte. E espera que o Projeto Manuelzão termine aí, imitando o ciclo natural de nascer, crescer e morrer.

Sonora com Apolo Heringer: Eu quero que ele desapareça de cena nesse mergulho no Rio das Velhas e que aí as pessoas reproduzam nos seus afluentes, e surjam outras ONG's. O importante são suas ideias, sua metodologia, ele ser estudado e servir como exemplo, como inspiração de outros movimentos.

Cenas do rio com BG de música de violão.

Passagem da apresentadora: Aguarde porque daqui a pouco tem mais informação. Uma cientista de Brasília alerta que a destruição do Cerrado contribui para as mudanças climáticas no Brasil. O Repórter Eco volta já.

Comercial de Seminário *Crise – Rumos e Verdades*, promovido pelo Governo do Paraná; e de uma campanha contra a dengue também do mesmo governo estadual.

Lead: As alterações na paisagem do Cerrado. Uma bióloga da Universidade de Brasília estuda como os desmatamentos nesse bioma, rico em biodiversidade, afetam o clima no Brasil. A cientista alerta que é tão importante proteger o Cerrado quanto a Floresta Amazônica.

Locução off: Quando se fala em mudanças climáticas no Brasil a Amazônia é sempre lembrada por conta das queimadas, responsáveis pela maior emissão nacional dos gases que intensificam o efeito estufa. O principal deles é o CO₂, o dióxido de carbono. É a concentração aumentada desses gases na atmosfera que vem tornando o Planeta mais quente. Outro bioma brasileiro tem ficado de fora dessa discussão: O Cerrado, que ocupa um quarto do território nacional e se espalha por onze estados. Mas se depender da bióloga Mercedes Bustamante, professora da Universidade de Brasília e integrante de um grupo de ecólogos que estuda as interações que ocorrem neste tipo de ambiente, ele vai entrar em

pauta. O Repórter Eco conversou com ela numa área natural de Cerrado bem conservada, no Jardim Botânico de Brasília.

Sonora com Mercedes Bustamante, bióloga e professora da UNB: Durante muito tempo se colocou que a questão da ocupação do Cerrado e sobretudo a incidência de queimadas não representaria uma contribuição líquida em termos de emissões de gases de efeito estufa por causa de rebrota rápida da vegetação após a queimada. No entanto nós temos observado através de experimentos com queimadas controladas que quando você aumenta a frequência de queimadas o retorno da vegetação é mais lento e a gente perde aquela camada lenhosa, de árvores e arbustos - elas começam a morrer mais e são elas as grandes armazenadoras de carbono.

Locução off: Para entrar na discussão é bom entender o conceito de sequestro de carbono. Para fazer a fotossíntese as plantas absorvem o carbono da atmosfera. É ele o alimento necessário para formar o próprio corpo da planta, o que a gente chama de biomassa. Para crescer, uma floresta precisa absorver o gás da atmosfera. É isso que se chama de sequestrar. O Cerrado tem uma particularidade: a vegetação é submetida a uma época chuvosa, armazenadora de carbono, e a uma seca, com queimadas que lançam os gases indesejáveis na atmosfera.

Sonora com Mercedes Bustamante: Essa dualidade, essa sazonalidade, eu acho isso extremamente importante porque se a gente pensar em termos de previsões de mudanças climáticas em que a gente vai ter períodos de seca mais prolongados, ou de secas mais intensas, a gente começa a mudar esse balanço. Então ele começa a funcionar como uma fonte durante os períodos secos e se a gente começa a aumentar a intensidade e a duração das secas a gente começa a aumentar a emissão de carbono para atmosfera e começa a perder a função de sorvedouro de carbono.

Passagem da repórter: É muito difícil saber o quanto ainda resta do Cerrado no Brasil. Os pesquisadores dizem que 40% das áreas naturais já desapareceram por causa da ocupação das cidades ou da expansão da agropecuária. Sobrariam, então, 60%. Só que 10% desse total já sofreram algum tipo de impacto. São, por exemplo, campos do Cerrado ocupados com a criação de gado. A gente poderia dizer que tem ainda então metade do bioma. Mas não é bem assim, porque o que sobrou do Cerrado está extremamente fragmentado, e muitas vezes não há conexão entre essas áreas naturais – o que preocupa bastante.

Sonora de Mercedes Bustamante, bióloga e professora da UNB: O que é extremamente importante também é a gente pensar em estabelecer corredores ecológicos entre áreas

ainda preservadas de Cerrado. E essas áreas fragmentadas elas acabam tendo problemas para sustentar, por exemplo, animais maiores no caso da fauna, que necessitam de extensão territorial maior...

Locução in: O lobo guará, por exemplo?

Sonora de Mercedes: Exatamente. Você tem a diversidade genética dentro das populações que estão preservadas, então você começa a ter um processo de erosão, de degradação genética, porque essas populações não trocam, não têm interação com populações em outras áreas. E aí a mudança climática traz um novo impacto sobre essa questão, porque quando você associa fragmentação e mudança climática, você potencializa esses impactos. Porque uma resposta à mudança climática da vegetação, ou da flora, é migrar lentamente pras áreas onde as condições climáticas lhe sejam mais favoráveis. Mas se essa matriz hoje está interrompida, esse caminho está interrompido porque entre as manchas de vegetação nativa você tem grandes áreas agrícolas, você começa a reduzir a possibilidade de que haja essa migração de fauna e de flora, porque você não tem por onde passar; basicamente seria esse o aspecto.

Locução off: É por isso que os pesquisadores vêm com cautela a entrada de cana-de-açúcar nas áreas de Cerrado. Embora seja importante produzir biocombustíveis para substituir fontes poluentes e não renováveis de energia, o impacto pode ser demasiado. Mercedes Bustamante acha que deve haver um esforço público para a criação de novas unidades de conservação como parques para proteger o bioma. Acha também que a agricultura deve se valer da tecnologia pra ser menos impactante, porque ao contrário da Amazônia, cheia de terras públicas, o Cerrado está nas mãos de particulares.

Sonora com Bustamante (close no rosto dela, passando uma idéia de alerta): Eu acho que hoje a gente não pode continuar adotando um modelo de desenvolvimento que foi bom no século XIX, nós estamos no século 21, né? Nós temos aí 200 anos de ciência e tecnologia a nosso favor pra mostrar que nós podemos atuar de uma forma diferente.

Cenas de áreas do Cerrado; em plano aberto de vegetação com a ponte JK em Brasília ao fundo; cenas em close de flores típicas do bioma.

Passagem da apresentadora: Está na hora da *Palavra do Telespectador*, um novo espaço criado aqui no programa. A dúvida de hoje, mandada por e-mail, é do Lincoln.

Locução off: Ele diz que é formado em Ciências Biológicas e quer montar uma ONG. Quer saber quais são os procedimentos burocráticos e jurídicos (ao longo do off, foi mostrada a seguinte pergunta: É preciso buscar um técnico para redigir os estatutos, termo de criação e assinatura da ONG?).

Passagem: A resposta do Repórter Eco: Lincoln, o melhor caminho mesmo é você procurar um técnico para redigir os estatutos da ONG e o termo de criação, com a assinatura da ONG. E se você também quer participar com dúvidas ou sugestões, escreva para nosso email: eco@tvcultura.com.br.

Locução off: E para rever as reportagens, acesse o nosso site: www.tvcultura.com.br/reportereco. E antes de encerrar o Repórter Eco de hoje fique com um trecho do livro *Os Sertões*, o clássico da Literatura brasileira de autoria do escritor e jornalista Euclides da Cunha: “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral”. Até o próximo Repórter Eco. Tchau.

APÊNDICE XIII - CIDADES E SOLUÇÕES –ECOGERMA

Fontes de informação primárias e secundárias	<p>Primárias (não-nomeadas): Representante da Câmara Brasil-Alemanha; diretor do Brazildesk Bremen; pesquisador; Ministro de Economia e Tecnologia da Alemanha; especialista em eficiência da Siemens; coordenador de negócios BASF; gerente de produtos Audi; ger Desenv de Sistemas da Bosch; Ministra da Educação e Pesquisa</p> <p>Secundárias: Relatório produzido para a Ecogerma</p>
Assuntos tratados	Feira de Tecnologia Ecogerma
Comentários-chave	Mitificação da capacidade tecnológica dos alemães; ênfase nos resultados do conhecimento tecnológico; C&T capazes de resolver problemas ambientais; sustentabilidade atendendo à demanda de mercado, e não questionando o sistema; regulação do uso de recursos naturais; sustentabilidade como um discurso, não questionando o sistema produtivo ou a concepção de mundo vigente; apenas a questão do descarte ou destino dos resíduos do consumo é considerada, não se questionando o uso de sacolas plásticas; supervalorização dos resultados da tecnologia, voltada para os interesses do mercado; repensar o processo produtivo e a questão ambiental por causa da crise econômica; uso de tecnologias limpas; priorização do aspecto econômico

Quadro 11- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre Ecogerma

Começou com cenas de carros e motores ecológicos, passando a ideia de tecnologias.

Locução Off Apresentador: “Eles podem produzir carros e motores ecológicos. Plásticos biodegradáveis de última geração (cenas do plástico) podem transformar o vento e a luz do sol em fontes de energia confiáveis (cenas de moinho de vento e de placa de energia solar – todas as cenas de exposições da feira.. o ambiente da feira ao fundo)..Estão trocando até as placas fotovoltaicas do estádio do Maracanã (cenas do Maracanã aéreas, num dia ensolarado, valorizando a grande dimensão do estádio) para a Copa do Mundo de 2014. Eles são alemães... (cenas de pessoas observando os inventos na feira).

Escalada: A Alemanha é aqui: em tempos de crise, 150 expositores alemães desembarcaram em São Paulo para mostrar que a solução passa por tecnologia sustentável. No programa de hoje, você vai ver como é possível promover o desenvolvimento com inovação tecnológica – um assunto em que os alemães têm muito o que dizer...

Vinheta de abertura

Cenas da feira e os visitantes circulando... muitos estudantes e o nome São Paulo

Locução off: Durante quatro dias São Paulo abrigou a mais importante feira de tecnologia sustentável já realizada pela Alemanha no Brasil. E eles se prepararam para conquistar novos clientes interessados em soluções ambientais (sempre com cenas das tecnologias expostas).

Sonora com Ricardo Ernesto Rose, a Câmara Brasil-Alemanha (sentado na frente de André, com a placa escrita Alemanha atrás): Em números globais o mercado ambiental brasileiro a nossa estimativa tem aproximadamente 5,2 bilhões (valor destacado pelos números aparecendo como crédito), movimentou 5,2 bilhões de dólares em 2007. O mercado de energias renováveis movimentou em termos de investimentos - aí incluindo também as hidrelétricas, cerca de 6,7 bilhões de dólares (novamente os números em créditos). Se a gente subdividir isso, o mercado ambiental (dividimos em água, solo e ar), então temos em água, onde temos o saneamento e o tratamento de efluentes industriais, são cerca de 2,3 bilhões em 2007.

Locução off apresentador: Esses e outros números aparecem neste relatório produzido especialmente para a EcoGerma (cenas em close do documento.. da capa). Tecnologias verdes no Brasil é na verdade um roteiro de investimentos. Um mapa, que identifica boas oportunidades de negócio, como por exemplo, energia renovável.

Cenas de jogo de futebol e do estádio.

Locução off: Eles deram show na Copa do Mundo de 2002 e equiparam estádios com placas fotovoltaicas. De olho na Copa de 2014 no Brasil, os alemães não perderam tempo: este empresário já tem pronto um projeto para o Maracanã.

Sonora de Wilfried Buss, diretor do Brazildesk Bremen: Nos construímos um teto solar para dar energia elétrica para a demanda do estádio do Maracanã. Tem o tamanho para o teto todo e vai dar bastante energia para este estádio, para a demanda.

Locução in André: É o suficiente para abastecer de energia o estádio?

Sonora Buss: Sim, sim. Energia entra na rede e depois eles usam essa energia que eles distribuíram.

Locução in: Qual o custo disso?

Sonora Buss: São quase 3 milhões de euros.

Locução in: É caro...

Sonora Buss: Parece caro mas, no fim, tem retorno em menos de 5 anos (cenas que começam em close e vai ampliando ate mostrar a dimensão do estádio).

Locução in: Em até 5 anos se paga esse investimento...

Sonora Buss: Sim, já está pago, e no casos que tem empresas que fazem uma (inaudível).

Locução in: Na Alemanha existem quantos estádios com placas fotovoltaicas?

Sonora Buss: Nesse momento já existem 5 estádios.

Locução in: É uma tecnologia que vale a pena? Depois de 5 anos se paga; e o benefício que se tem?

Sonora Buss: Sim, lá temos uma vantagem maior porque tem essa lei que deixa dinheiro para empresas privadas que usam fotovoltaica. Para eles o retorno vem mais rápido do que aqui.

Locução in: Uma das razões para o alto custo da energia solar são as placas de silício. Mas já tem alemão usando material alternativo, bem mais barato.

Locução in: Se compararmos com a tecnologia convencional, eu gostaria de saber o que é diferente.

Sonora de Wilfhard Bever, pesquisador: A diferença é que está é uma tecnologia de filme fino. A tecnologia padrão para células solares, hoje, utiliza fatias de silício. E elas têm uma certa espessura, e esta espessura não pode ser muito reduzida, e então você tem um limite e não consegue baixar o preço. Enquanto aqui, com esta tecnologia de filme fino, você pode ter espessuras centenas ou milhares de vezes mais finas, e isso nos dá a perspectiva de reduzir muito o preço.

Locução in: Considerando o preço final...

Sonora de Bever: Considerando o preço.

Locução in: Qual o resultado?

Sonora Bever: O resultado... é claro que o maior resultado virá no futuro. Ou seja, com uma grande produção, com um grande mercado, nós esperamos reduzir o preço, num futuro próximo, em provavelmente... claro, queremos competir com qualquer outro tipo de energia, e será mais barato do que qualquer outro tipo de energia.

Locução off (Cenas do sol): Se o sol ainda é caro, o preço da energia do vento cai a cada ano (cenas de aerogeradores). Com mais de 20 mil aerogeradores instalados em terra firme e no mar, a Alemanha se orgulha de ter 8% de sua matriz energética baseados no vento.

Sonora de Dietmar Schmitz, Ministro de Economia e Tecnologia: A energia renovável na Alemanha tem um papel importante na economia e na questão da sustentabilidade. E esta é a razão pela qual a tecnologia alemã despertou há 10 ou 15 anos e, especialmente no caso da energia eólica, eles desenvolveram máquinas muito modernas e, claro, eles produziram para a Alemanha, mas também para exportação. Então, empresas alemãs estão procurando, em todo o mundo, por diferentes mercados, e também aqui no Brasil, há muitas oportunidades. É um interesse do governo investir mais dinheiro nas energias renováveis, porque todos sabemos que só vai haver petróleo e gás pelos próximos 50 ou 60 anos. Então nós temos que mudar para outras tecnologias.

Locução in: A Alemanha tem menos vento que o Brasil, mas produz mais energia eólica que o Brasil. Como podemos explicar isso?

Sonora com Schmitz: Na Alemanha, o sentimento da população é fazer muito para proteger o meio ambiente. Então, na Alemanha, você encontra muitos parques eólicos, em cada montanha, cada colina e, especialmente, no mar. Eles estão pensando em instalar novos parques eólicos em alto-mar, para usar todas as possibilidades que a natureza nos dá. E não são apenas os parques eólicos, mas também a técnica da energia solar, sabe? A Alemanha, várias construções privadas já utilizam esta tecnologia para aquecer a água, pelo menos, e para obter eletricidade. E o governo federal também dá dinheiro a quem quer investir nessas novas tecnologias. É um tipo de entendimento.

Locução Off: Tão importante quanto investir em novas fontes de energia, é saber conservar a energia que se tem. Bruno se tornou um especialista em eficiência numa multinacional alemã.

Locução in: Tecnologia aplicada à eficiência energética. Qual é o exemplo que vem da Alemanha?

Sonora Bruno Abreu, especialista em eficiência da Siemens: Por exemplo, controle de velocidade em motores. Motores você vai encontrar em sistemas de ventilação, ar condicionado, bombeamento de água de piscina, bombeamento de efluente, esgoto, você tem uma série de aplicações. Mais da metade da energia do Brasil é com esse tipo de equipamento. E você tem tecnologias que te ajudam e economizar energia com aplicação

de motores, como por exemplo, os inversores de frequência: uma tecnologia que a Siemens possui e a gente está mostrando aqui na feira hoje como você consegue ganhar em até 50% de energia com a aplicação correta desse tipo de equipamento.

Locução in: Qual o potencial de expansão desse mercado num país com a configuração do Brasil?

Sonora Abreu: Olha só, o Procel estimou que o potencial de economia de energia no país é equivalente a 2 usinas de Itaipu.

Locução in: Que a gente gasta sem necessidade...

Sonora Abreu: Exatamente, em desperdício. Então a gente atacar esse desperdício significa a gente... são opções às vezes dentro de cada, dentro da indústria, no ambiente de trabalho. Então a gente consegue sim, tem um potencial grande, e é por isso que a Siemens está investindo em soluções ecologicamente eficientes. A gente sabe que isso contribui acima de tudo pra reduzir gastos com energia e tornar o meio ambiente mais sustentável.

Locução in: Pra eu ser eficiente com a ajuda de equipamentos, vou gastar mais? Quanto?

Sonora Abreu: A gente procura buscar soluções que elas se paguem, sozinhas. A gente calcula quanto é possível cada solução economizar; a gente especifica que solução, que equipamento é necessário, e uma vez que a gente faz isso a gente demonstra pra ele também quanto ele precisaria investir em cada solução. Então comparando um com outro você sabe: "eu vou retomar o dinheiro que eu investi em seis meses, em sete, em oito, em um ano no máximo". Ou seja, em um ano eu recuperei meu investimento, dali pra frente é só economia pura.

Locução off: Eficiência também no mundo dos plásticos. Vem da Alemanha uma tecnologia que simplifica o uso de plásticos para projetos de reflorestamento.

Locução in: Esse saquinho plástico é feito de quê?

Sonora de Eliandro Barbosa Felipe, coordenador de negócios BASF: Esse saquinho plástico é feito de ecobrás, que é um polímero totalmente biodegradável e compostável, e atende às normas internacionais relativas à biodegradação e compostagem.

Locução in: Isso aqui se degrada. É biodegradável e é feito de quê?

Sonora Felipe: Ele tem parte da composição fósforo, de um poliéster, que é totalmente biodegradável e compostável, mais de 50% da composição dele é baseado em amido de milho, que é o conteúdo renovável do material.

Locução in: Qual a vantagem disso aqui? É usado pra quê?

Sonora Felipe: Principalmente o mercado agrícola, pra sacos de mudas e tubetes pra reflorestamento.

Locução in: Como este que a gente está vendo aqui?

Sonora Felipe: Exatamente.

Locução in: Qual é a vantagem? O que que acontece?

Sonora Felipe: Aqui num tempo máximo de 6 meses ocorreu toda a biodegradação e compostagem dessa embalagem, desse saco pra essa muda.

Locução in: Em projetos de reflorestamento qual a vantagem desse sistema?

Sonora Felipe: Basicamente 2 vantagens: primeiro redução do ciclo relacionado ao crescimento da muda, porque o saco precisa estar lá como invólucro pra protegê-la, e adicionalmente não necessidade de retirada e descarte do plástico, porque ele vai ser naturalmente biodegradado sob essas condições. Qual o grande foco? Atingir mercado de eucalipto, ou seja, indústrias de papel. Esse é o principal foco. Em paralelo, cultura de café, seringueiras e outras culturas relacionadas com esse objetivo de manter biodegradação e compostagem.

Locução in: Em substituição a quê? Qual o material convencional geralmente utilizado?

Sonora Felipe: Basicamente polietileno de baixa densidade, é o material mais utilizado pra esse tipo de aplicação.

Locução in: Ele não se degrada?

Sonora Felipe: Ele não se degrada... Vai se degradar em 500 anos; 300, 500 anos como sendo um plástico convencional.

Locução off: As principais montadoras alemãs marcaram presença na Ecogerma. Mas as aparências enganam: por trás do show de tecnologia, protótipos de carros a hidrogênio ou

híbridos que ainda vão levar muito tempo para serem fabricados em série. O motivo: os custos altos.

Sonora com Rafael Clemente, gerente de produtos Audi: Nós temos que atender aos interesses dos consumidores, aos desejos dos consumidores, e no caso das montadoras *premium*, os consumidores são muito exigentes em termos de performance, de muita tecnologia. E a tecnologia híbrida, por enquanto, oferece um motor complementar ao motor de combustão que não oferece o mesmo nível de performance. E o consumidor exige performance, por enquanto.

Locução in: Performance é o quê? Potência, velocidade?

Sonora com Clemente: Potência, velocidade, aceleração. Então o desafio é criar um veículo híbrido que, evidentemente, atenda às questões da sustentabilidade, proteja o meio ambiente mas que não deixe de entregar o que o consumidor quer comprar.

Locução in: Ou seja, o consumidor que quer força, potência e velocidade não está ajudando a linha de montagem de carros sustentáveis...

Sonora com Clemente: É... Esse tipo de consumidor é bem informado do mercado *premium*. Ele tem consciência ecológica, sabe da questão da sustentabilidade. Mas tem a questão do desejo: ele paga um preço relativamente maior por um produto *premium*; ele quer ter o prazer de usufruir do que esse produto é capaz de entregar. E é como eu comentei, a questão do híbrido tem um custo enorme em cima disso. Além disso, pra massificar, pra que chegue a um preço mais adequado também nesse momento, entregando a performance que esse consumidor do mercado Premium, de luxo, eis aí essa fórmula pra encontrar esse momento.

Locução off: Ponto para os japoneses que começaram a fabricar carros híbridos há 15 anos, e atropelaram os concorrentes nos Estados Unidos e no resto do mundo. Se carro híbrido ainda não é o forte dos alemães, motores de caminhões mais eficientes tiveram lugar de destaque na Ecogerma.

Locução in: Num país com um milhão e 300 mil de caminhoneiros essa tecnologia pode fazer a diferença. Tudo por causa desse kit que substitui óleo diesel pelo gás, na hora do caminhoneiro rodar pelas estradas desse país. Qual a vantagem?

Sonora com Fábio Ferreira, gerente de Desenvolvimento de Sistemas da Bosch: A principal vantagem desse sistema é que, sem perder toque ou potência, ou seja, o caminhão

vai rodar com a mesma performance que ele tinha com o diesel, você pode substituir até 90% no máximo do uso do diesel no motor. Em média a gente calcula que 70% do óleo diesel será substituído pelo gás se a pessoa desejar trabalhar assim.

Locução in: Vantagem ambiental?

Sonora com Fábio Ferreira, ger. Desenv. de Sistemas da Bosch: A grande vantagem são as matérias particulares, essa matéria que fica em suspensão na atmosfera quando se usa muito diesel, essa matéria particular pode ser reduzida em até 70% quando se trabalha com esse sistema.

Locução in: Agora pergunta fundamental: Pesa no bolso? Exemplo: São Paulo a Santarém rodando com gás ou rodando com diesel. Qual sai mais caro?

Sonora com Fábio Ferreira, ger Desenv de Sistemas da Bosch: Esse número muda muito de acordo com o uso da pessoa e o preço dos dois combustíveis. A relação. Hoje o gás tem um preço mais elevado no mercado, recentemente ele subiu, né? Então diminuiu essa vantagem, mas a gente tinha vantagem de até 30% na verdade de redução de custo. A gente nota que não tem uma penalização, mas é claro que isso vai depender da manutenção dos níveis de preços que tem hoje. Mas as pessoas não terão um impacto negativo no seu custo por quilômetro. Ele deve melhorar significativamente mesmo assim.

Locução in: Pra comprar o kit, preço médio, está saindo quanto?

Sonora com Fábio Ferreira, ger Desenv de Sistemas da Bosch: Esse preço está mudando também porque o kit ele é adaptado a determinados motores no mercado, né? Você tem muitos motores no mercado, a gente tem trabalhos feitos com alguns fornecedores de motores no Brasil... (cenas detalhadas do motor em funcionamento) Eles levam o kit (inaudível) os fornecedores do motor, pra que a gente coloque também. A gente não tem um preço fixo pra divulgar. Mas as pessoas podem procurar nas concessionárias de motor que está acostumado a ter, e lá terá informação exata de como colocar isso no seu caminhão, no seu veículo. O gás ele entra como segundo combustível, junto com o diesel, e ali o motor não muda muito. Então tem uma tendência sim, uma vantagem. As pessoas podem calcular a vantagem de acordo com seu uso, cada um vai ter uma conta específica por fazer.

Locução off: A Ministra da Educação e Pesquisa da Alemanha veio ao Brasil especialmente para a Ecogerma. Em entrevista ao repórter Ricardo Lesser, Annete Schavan explicou a decisão de realizar a feira apesar da crise econômica mundial.

Locução in do repórter: A senhora acha que a crise econômica pode trazer alguns obstáculos para o desenvolvimento das tecnologias ligadas à sustentabilidade?

Sonora com Annete Schavan, Ministra da Educação e Pesquisa: Sim, é claro. Porque agora é a hora certa para indicarmos as áreas de trabalho do futuro. Há algumas novas oportunidades e novos caminhos para chegar ao bem-estar e todas essas questões estão sob uma única palavra-chave: inovação.

Locução in do repórter: A senhora concorda com o presidente Barack Obama, quando ele diz que a busca pela energia limpa e outras fontes de energia pode ser uma saída para a crise?

Sonora com Schavan: Sim, eu concordo e acho que isso será a prioridade de pesquisa internacional. Porque o que estamos fazendo agora e o que estamos promovendo na área de tecnologia precisa vir junto com o que é necessário para a natureza e o que é necessário para os seres humanos. Isso é a real...a real...A responsabilidade e o desafio para o futuro.

Sonora com Ricardo Ernesto Rose, Câmara Brasil-Alemanha: Acho que o importante da Ecogerma é o seguinte: nós lançamos, tivemos a idéia dessa feira antes que essa crise econômica estourasse. Nós não pensamos 2 vezes e nós analisamos a coisa da seguinte maneira: a primeira coisa é mostrar que sim, a questão da sustentabilidade é importante, e não é por causa de uma crise que pode afetar alguns, ou muitos, que nós vamos retroceder. Então até por uma questão de princípios nós decidimos manter essa feira. Segundo: eu acho que é uma grande chance principalmente para o Brasil, pra que muitas empresas reavaliem seu processo produtivo, o seu processo de tratar a questão ambiental e até aproveitar essa chance de crise pra reduzir despesas com, por exemplo, matéria-prima, com destinação de resíduos, quer dizer, a gente sabe que qualquer resíduo que se gere, é na verdade perda de produção, é produto mal utilizado. Então é uma oportunidade para que as empresas repensem seu processo produtivo, repensem como elas estão tratando a questão ambiental.

Cenas das inovações com música dinâmica ao fundo...

Encerramento: No programa de hoje você viu algumas tecnologias que começam a fazer a diferença em favor de um mundo sustentável. Mas a tecnologia em si não é a resposta para todos os nossos problemas: bom senso, inteligência, honestidade e transparência ajudam bastante. Mais informações sobre os assuntos mostrados aqui hoje, acesse o link do *Cidades e Soluções* no site da Globo News ou nosso blog na internet. Até a próxima.

APÊNDICE XIV- GLOBO ECOLOGIA – O AVANÇO DA SOJA

Fontes de informação primárias e secundárias	Primárias (não-nomeadas): 3 pesquisadores da Embrapa Soja; pesquisadora do ITAL; diretor do Programa Cerrado da ONG Conservação Internacional Secundárias: Embrapa Soja; Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL); IBGE
Assuntos tratados	Expansão do cultivo da soja
Comentários-chave	Ênfase nos resultados de C&T; C&T subordinadas à produção e ao consumo; C&T resolvendo problemas ambientais como a degradação de mais áreas agricultáveis; biodiversidade a serviço do mercado; defesa da redução de áreas preservadas da presença humana a partir de modelos de manejo sustentável da biodiversidade; defesa da necessidade de reavaliação do modelo do agronegócio, embora a maior parte do programa tenha destacado os benefícios da soja e seu avanço no ramo do agronegócio.

Quadro 12- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre o avanço da soja

Escalada: Olá. No Globo Ecologia de hoje nós vamos falar de um alimento que está muito presente nas nossas vidas, mas muita gente não se dá conta disso. Você sabe de que alimento eu estou falando? Acertou quem pensou na soja (cenas do apresentador com carrinho de supermercado percorrendo as prateleiras do mesmo, à procura de alimentos com soja). É isso mesmo: Se a gente pegar o rótulo de diversos alimentos, como essa torrada, por exemplo, a gente vai ver que ela também tem soja, ou pelo menos um componente da soja, a lecitina, que também é usada pra fazer chocolate. Esse suco de frutas também tem soja; na salsicha que a gente come no cachorro quente também tem soja; e o óleo mais usado para cozinhar os alimentos é o de soja, claro. Nos supermercados, os produtos à base de soja ganharam espaço e conquistaram os consumidores. Mas até isso acontecer muito trabalho foi feito.

Locução off: Pesquisas e tecnologia elevaram a qualidade da soja e fizeram com que elas conquistassem as prateleiras de todos os mercados do mundo. Hoje em dia a soja e seus derivados vão muito além da indústria alimentícia. Olha só: a soja tem sido usada na indústria de adesivos e nutrientes, de adubos, de revestimentos, de fibra, de tintas e principalmente na indústria de ração animal. A soja é uma planta nativa do continente asiático, provavelmente chinesa. Ela já é utilizada como alimento há pelo menos 5 mil anos. Originariamente de clima temperado, a soja é uma leguminosa que se desenvolve bem em altas latitudes.

(cenas do mapa mundi fazendo a trajetória da expansão da soja pelo mundo)

Locução off: Depois da Ásia, foi para a Europa e mais tarde para os Estados Unidos. Foi aí que começaram a adaptar a soja para lugares mais quentes, como a Flórida. Depois veio para o Brasil. Em nosso país, a soja norteamericana foi plantada nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, parte de São Paulo e sul do Mato Grosso do Sul.

Passagem: Hoje a soja está presente em quase todo o território brasileiro. Mas como que isso aconteceu?

Sonora de José Francisco Ferraz de Toledo, pesquisador da Embrapa Soja: Foi um trabalho de pesquisa, um trabalho de melhoramento genético do pesquisador brasileiro que transformou a soja nessa cultura que nós conhecemos hoje: pode plantar no Brasil todo, baixas latitudes, isso foi feito pela inteligência brasileira. Como ela se adaptou bem e houve demanda econômica, o uso da soja se diversificou pra alimentação animal, pra alimentação humana. Então essa adaptação dela ao Brasil, às condições brasileiras principalmente no Brasil Central, aliada à descoberta de novos usos, tornou a soja o que ela é hoje. Ela faz parte de um sistema econômico, a cadeia produtiva da soja ela é extremamente importante para o país: dá muitos empregos, dá muito retorno econômico.

Passagem: Pra gente conhecer um pouco mais sobre esse avanço das pesquisas brasileiras sobre a soja, a gente foi até a Embrapa Soja no Paraná. Quem vai contar essa história é o repórter Pablo de Moura.

Locução in: A casa de vegetação é o local onde é realizado o melhoramento genético da soja para alimentação aqui na Embrapa. Mercedes, o que significa esse melhoramento genético?

Sonora com Mercedes Carrão Panizzi, pesquisadora da Embrapa Soja: Bom, nós iniciamos o trabalho fazendo os cruzamentos artificiais, onde nós temos os parentais feminino e masculino e a começar então os cruzamentos das características que a gente quer melhorar. Por exemplo, nós temos uma soja adaptada, que rende, mas ela não tem uma certa característica que eu acho que é interessante para a alimentação humana, como por exemplo melhorar o sabor.

Locução off: A enzima lipoxigenase é a responsável pelo gosto ruim da soja. Num primeiro momento os ocidentais rejeitaram este alimento. O melhoramento genético fez com que

essa enzima fosse retirada de algumas variedades de soja, principalmente daquelas usadas para alimentação humana. Um trabalho minucioso e que exige muita atenção dos cientistas.

Sonora com Mercedes: Nós escolhemos um parental que rende, que é adaptado ao Brasil, e escolhemos uma outra soja pra cruzar com essa soja adaptada que tem as características que eu desejo, que é melhorar o sabor. Então a única maneira de produzir o gosto melhor na soja é através desse cruzamento genético.

Locução off: E assim foi feito. Mas até surgir uma nova variedade de soja leva tempo, e muito trabalho.

Passagem do apresentador: E põe trabalho nisso: são treze anos! Esse é o tempo que leva pra que uma nova variedade de soja seja criada. A metade desse tempo é gasto fazendo seleções com os mesmos materiais; a outra metade fazendo ensaios pra ver como ela se adapta, o quanto ela rende e se ela é competitiva. Só então é lançada no mercado.

Passagem repórter: A Embrapa Soja fica em Londrina, no norte do Paraná. Nos 350 hectares desta fazenda experimental, são cultivadas mais de 20 variedades de soja. 4 são pra alimentação humana e estão disponíveis no mercado.

Locução off: As variedades produzidas pela Embrapa são classificadas por números. As sojas BRS 213 e BRS 257 não possuem a enzima responsável pelo gosto ruim da soja. Já a 232 é muito utilizada pela indústria na fabricação de qualquer alimento; a 267 tem sementes bem grandes e um sabor mais suave. É muito usada para fazer o tofu, o queijo de soja, e farinhas. Ela pode ser ingerida como hortaliça, na salada, no lugar da ervilha, por exemplo; e até mesmo como tira-gosto.

Locução in: A Embrapa mantém uma cozinha experimental onde são testados vários alimentos à base de soja, e o resultado de toda essa pesquisa está nesses livros aqui. Marcos, que publicações são essas?

Sonora com Marcos Gontijo, pesquisador da Embrapa Soja: Bom, esses livros são resultados do nosso trabalho há vários anos, onde estão publicadas todas as receitas de pratos doces e salgados desenvolvidos aqui em nossa cozinha experimental da Embrapa Soja. Nós preparamos uma torta salgada, à base de proteína texturizada de soja, que é a popular carne de soja; nós fizemos também umas bolachinhas preparadas à base de farinha de soja e de polvilho; e então esse prato aqui é o recheio que foi usado na torta.

Locução in: Então Marcos, a soja é um alimento que realmente faz bem à saúde?

Sonora de Marcos Gontijo: Sim, a soja hoje é considerada um alimento funcional. É um alimento cujos componentes têm propriedades funcionais; não de cura de doenças nem de prevenção – a gente nunca deve falar sobre isso. A gente já fala na redução de doenças crônicas e degenerativas: o câncer de mama nas mulheres; o câncer de próstatas nos homens; o câncer de colo no intestino e de reto, esses já são comprovados.

Passagem do apresentador: E olha só: você sabia que a proteína de soja pode reduzir o colesterol sanguíneo, o LDL, que é o mau colesterol, e aumentar o HDL, que é o bom colesterol? É, são muitos os benefícios que a soja traz para a saúde do homem. Mas no início foi complicado: quando a soja chegou ao Brasil como fonte de alimento, muitos torceram o nariz. Os produtos derivados da soja não eram de boa qualidade. A pesquisa se intensificou e o sabor ficou mais agradável ao paladar do brasileiro.

Sonora com Mercedes Carrão, pesquisadora: Nós iniciamos um programa de promoção, ou seja, nós tínhamos que educar as pessoas leigas de que a soja era um alimento nutricional, nutritivo e que havia maneiras de preparar a soja que ela ficasse mais gostosa. O processamento tecnológico melhorou a indústria também. A indústria hoje tem produtos que processam a soja de maneira fantástica (cenas de vários alimentos à base de soja). Nós temos produtos no mercado de excelente qualidade e saborosos. Então é uma questão tecnológica inteira: de processamento industrial, de tecnologia de processamento e a gente espera também facilitar esse processamento com uma terapia, uma melhoria, né.

Locução off: O Instituto de Tecnologia de Alimentos fica em Campinas, São Paulo. Análises de diversos alimentos, como a soja por exemplo, são feitas nos laboratórios. Os pesquisadores testam as propriedades químicas dos grãos e de produtos derivados de soja. Nessa máquina, o óleo é processado; apenas 20% da soja tem óleo. A parte mais usada é essa espécie de massa que os cientistas chamam de fração protéica.

Sonora com Ana Maria Rauen, pesquisadora do ITAL – Instituto de Tecnologia de Alimentos: É um produto assim, extremamente versátil. A carne você pode transformar numa salsicha, ou na mortadela, num produto que tem valor agregado. Então, processo tecnológico é tudo isso, que transforma uma matéria prima em um ingrediente ou em outro determinado tipo de alimento que tenha um valor agregado maior, né, e que traga benefício à saúde das pessoas. Porque através da tecnologia, das pesquisas, dos resultados dessas pesquisas é que você chega em novos produtos. Então por exemplo, antigamente a gente não tinha tanta variedade como a gente tem hoje. Então a tecnologia é extremamente importante; e ela nunca pára. E a idéia é realmente essa.

Passagem: É verdade, a soja trouxe muitos benefícios para os seres humanos, mas o preço que estamos pagando pode ser caro demais para o meio ambiente. É isso que nós vamos ver no próximo bloco. Até já.

Oferecimento de CEMIG; comercial do Programa Peixe Vivo da CEMIG; TV Xuxa; produto agropecuário Solution; programa Estrelas, Caldeirão do Huck e Sessão de Sábado.

Passagem do apresentador: O Globo Ecologia está de volta, e hoje estamos falando do crescimento da soja como fonte de alimento para o homem. Mas você sabia que esses grãos de soja, aparentemente inofensivos, causam um estrago danado ao meio ambiente? São esses impactos que a gente vai conhecer agora na reportagem do Pablo.

Locução off (cenas do mapa do Brasil sendo preenchido para marcar as regiões em que são plantadas as várias culturas citadas pelo off): Hoje a soja é a cultivo que mais ocupa espaço em nosso território. De acordo com números do IBGE, são mais de 21 milhões de hectares plantados com essa leguminosa. Os Estados que mais produzem soja no Brasil são Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Sonora de Ricardo Machado, diretor do Programa Cerrado da ONG Conservação Internacional: Nos últimos 10 anos houve um aumento no tamanho da área dedicada à plantação de cerca de 180%, ou seja, há um aumento bastante expressivo na área que está sendo incorporada ao sistema produtivo para a plantação de soja. A nossa sorte, ou pelo menos a nossa grande vitória em termos de ciência e tecnologia, é que o Brasil tem conseguido também aumentar a produtividade, ou seja, a quantidade de soja que você consegue gerar por hectare. Então com investimentos em tecnologia, liderados especialmente pela Embrapa, a gente está conseguindo produzir mais em menos área. Significa que a necessidade de incorporar mais áreas para a produção de soja tem diminuído por causa do avanço tecnológico.

(cenas de um gráfico ilustrando a relação entre área plantada e volume da produção)

Locução off: Este gráfico mostra a evolução da produção de soja no Brasil. A safra 1976/77, por exemplo, totalizou 12,1 milhões de toneladas, e a área utilizada para plantio era de apenas 6,9 milhões de hectares (cenas do aumento da produção ao passar das décadas). Em 2008 a produção foi recorde, cresceu quase 4 vezes em 30 anos (destaque para o valor de 58,7 milhões de ton.). A área cultivada aumentou 3 vezes nesse mesmo período. Para 2009 a previsão é um pouco menor em relação ao ano passado: a produção

total deve ficar em torno de 58, 1 milhões de toneladas, e a área plantada deve recuar para 21 milhões e meio de hectares.

Locução in: Em que lugares do Brasil a soja tem avançado?

Sonora de Ricardo Machado, diretor do Prog. Cerrado da ONG Conserv. Internacional: Especialmente no nosso Cerrado na fronteira agrícola formada pelos Estados do Piauí, Tocantins e Maranhão e também em algumas regiões na fronteira com a Amazônia.

Locução in: A soja, ela diretamente influencia o desmatamento da vegetação nativa?

Sonora de Ricardo Machado, diretor do Prog. Cerrado da ONG Conserv. Internacional: Na maior parte das vezes não, porque o que normalmente se observa é a transformação de pastagens ou de áreas já degradadas em plantio de soja. Mas em algumas regiões a gente tem observado, por exemplo o norte do Cerrado, sul do Piauí, Maranhão, a gente tem observado alguma conversão direta do Cerrado para a produção de soja. Há dez anos quase não se plantava soja no Piauí, hoje é uma atividade bastante importante no Cerrado do Piauí.

Locução in: Neste local a gente percebe exatamente como a soja vem exercendo pressão sobre as áreas de Cerrado. Aqui, por exemplo, vegetação nativa e lavoura praticamente ocupam o mesmo espaço.

Locução off: E não é um espaço qualquer. Estamos dentro da Estação Ecológica de Águas Emendadas em Brasília, no Distrito Federal. Uma das características mais interessantes desse lugar é que essa região é uma grande vereda, e ela compartilha água de 2 rios que correm para bacias diferentes: de um lado a do Tocantins, e do outro a do Paraná. A estação tem uma área de 10 mil hectares, e se encontra espremida, fragmentada entre rodovias, plantações e cidades.

Sonora de Ricardo Machado, diretor do Prog. Cerrado da ONG Conserv. Internacional: Bom, aqui é uma área bastante didática e bem característica, e pode-se representar o que acontece na maioria das unidades, que é o isolamento da área. Uma vez que a área é constituída, pouco se faz para manejar o entorno da área, então a expansão urbana, o aumento da área de cultivo, de pastagem, acaba isolando a área de outros fragmentos nativos.

Locução in: E no Cerrado toda a situação pode ser considerada semelhante aqui?

Sonora com Ricardo Machado: É, em algumas regiões o que a gente observa é que em os poucos locais que sobram de áreas nativas representam reservas ou parques, e o que domina as paisagens do cerrado na maioria das vezes são pastagens ou áreas de cultivo permanentes ou cultivos perenes.

Locução off: O Cerrado é muito importante porque ele é o berço das águas do Brasil. Nesse ecossistema é que estão as nascentes de alguns dos principais rios brasileiros, como o São Francisco, o Araguaia, o Tocantins, e muitos outros que abastecem o pantanal matogrossense. Apesar disso, é um dos ecossistemas mais ameaçados pelo agronegócio. Os solos planos, profundos e bem drenados facilitam a mecanização de cultivos, principalmente de monoculturas como a soja e a cana-de-açúcar.

Sonora de José Francisco Ferraz de Toledo, pesquisador da Embrapa Soja: Os solos são muito pobres, mas são muito planos e têm muita água. Muito planos implica que nós podemos fazer uma mecanização eficiente; muita água toda cultura precisa, seja soja ou qualquer outra cultura. Mas a pesquisa conseguiu fazer com que os solos pobres se transformassem em solos ricos em 5 anos de cultura de soja.

Locução off: A expansão da soja pelo território brasileiro ameaça em menor quantidade outro ecossistema: o da Amazônia. Em Alter do Chão, no Estado do Pará, que é uma região de Cerrado dentro da Amazônia, a soja começa a ganhar força.

Sonora de Ricardo Machado: Há uma corrente no Brasil realmente querendo que o percentual de reserva legal na Amazônia legal seja reduzido, de áreas florestais de 80 para 50%, e das áreas de cerrado dentro da Amazônia Legal de 30 para 20% como é no resto do país, no caso do Cerrado. Então a argumentação é que essas áreas podem ser importantes para a incorporação nos sistemas econômicos e para a produção de alimentos. O que a gente não tem no Brasil é um bom modelo econômico pra explorar as espécies nativas (cenas de vários frutos e produtos regionais) que tem nessas regiões, de maneira a respeitar o ciclo natural dessas áreas, as restrições ecológicas. Mas o que falta é a gente investir. Afinal, o Brasil não é o país da megadiversidade à toa, a gente tem uma boa porcentagem de espécies que ocorrem em nosso território que deveriam ser avaliadas sobre o potencial econômico delas.

Passagem do apresentador: O que o Brasil precisa fazer é reavaliar esse modelo de produção. O agronegócio é importante? Claro que é. Ele gera empregos, renda, traz divisas para nosso país, mas ele também traz problemas, problemas muito graves para nosso meio ambiente: impacta, polui, contribui para a extinção de espécies nativas, intensifica os efeitos

do aquecimento global. Por isso nós temos que buscar uma alternativa para esse modelo de produção, e isso envolve o governo, o setor produtivo e nós, consumidores. Ainda dá tempo de salvar nosso planeta.

Locução off (coluna de serviço): Se você quiser mais informações sobre o Cerrado brasileiro, visite o site da ONG Conservação Internacional. O endereço é: www.conservacaointernacional.org.br.

Encerramento: O Globo Ecologia de hoje fica por aqui, mas: a gente tem um encontro marcado no próximo programa. Até lá.

APÊNDICE XV - GLOBO ECOLOGIA – AGRICULTURA FAMILIAR

Fontes de informação (primárias e secundárias)	Primárias (não-nomeadas): Secretário Adjunto da Agricultura Familiar; agricultor familiar; agricultor; pesquisador da Embrapa; pesquisador da EMBRAPA mandioca e fruticultura; empresário Secundárias: EMBRAPA
Assuntos tratados	Agricultura familiar
Comentários-chave	Relação entre cultura humana e o meio natural; valorização do conhecimento e cultura popular; ênfase nas pesquisas em C&T como solução para os problemas ambientais; crítica ao esgotamento do recurso natural madeireiro pela exploração econômica; destaque para os resultados de C&T; defesa do equilíbrio orgânico das relações ecológicas – volta à harmonia com a natureza; religação homem-natureza; ênfase na C&T voltada para o crescimento econômico; importância econômica da agricultura familiar; defesa da biodiversidade

Quadro 13- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre agricultura familiar

Escalada: Você sabia que a maior parte dos alimentos que a gente consome em casa vem da agricultura familiar? Quer ver só um exemplo? A nossa dupla preferida das nossas manhãs: o café com leite. Mais da metade do leite que a gente bebe vem das pequenas propriedades, e boa parte do café também tem origem nos campos das famílias brasileiras. No programa de hoje vamos ver por que a agricultura familiar ajuda a proteger o meio ambiente e a manter viva a cultura brasileira. Isso e muito mais a gente vai descobrir agora, no Globo Ecologia.

Vinheta de abertura

Passagem apresentador: E já que boa parte dos alimentos consumidos nos supermercados vem das famílias brasileiras, a nossa equipe foi conferir essa história de perto.

Locução off: Nosso destino é Braslândia, cidade-satélite de Brasília. Aqui conhecemos a Chácara Guarujá. Trabalham na propriedade do senhor Divino Soares Alves os filhos Fernando e Luciano. Para a safra do morango, eles contam com um reforço de dois amigos que vivem na comunidade.

Locução in: Aos 56 anos, seu Divino é um exemplo de agricultor familiar que nasceu no campo, tentou a vida na cidade e depois retornou. Como é que foi essa experiência lá, seu Divino?

Sonora com Divino Alves, agricultor familiar: Olha, essa volta pra mim pro campo foi muito gratificante, porque eu vivi em São Paulo 17 anos e convivi com um ambiente que não era muito bom: poluição, violência, meus filhos crescendo. Então resolvi voltar às origens, né, sou de origem rural (sempre fui, desde criança).

Locução off: No sítio de pouco mais de 6 hectares, a família Alves planta morango, mamão, milho, abóbora, batata inglesa e tomate. A variedade ajuda no controle biológico das pragas, porque mantém insetos e seus predadores naturais em equilíbrio.

Sonora com Argileu Martins da Silva, Secretário Adjunto da Agricultura Familiar: Não é possível produzir alimento sem gerar algum tipo de impacto. Agora é evidente que o impacto da agricultura familiar é menor, pelas características dela, né? Pela interferência ou pela sua diversificação. Então eu preservo um conjunto de espécies da fauna e da flora se eu diversifico.

Locução off: Existem no Brasil mais de 4 milhões de propriedades de agricultores familiares.

Sonora com Argileu Martins da Silva, Secretário Adjunto da Agricultura Familiar: São aproximadamente 20 milhões de pessoas ocupadas no campo com a agricultura familiar. Ela produz aproximadamente 70%, 67% daquilo que nós consumimos dos produtos da cesta básica, dos produtos alimentares da cesta básica.

Passagem apresentador (no supermercado, nas prateleiras de hortifrutigranjeiros): A cesta básica, como o próprio nome diz, é o conjunto mínimo dos produtos que são considerados essenciais pra manutenção de uma família de 4 pessoas durante o período de um mês.

Locução off (cenas de ilustrações dos alimentos citados, com a quantidade ideal a compor a cesta básica): Os alimentos que compõem uma cesta básica ideal são carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão francês, café, açúcar, óleo, manteiga e frutas – lembrando que esta é uma cesta básica ideal.

Passagem apresentador: Produzindo tantos alimentos essenciais do nosso dia-a-dia, não é à toa que a agricultura familiar é responsável por 10% de toda a riqueza gerada no Brasil. Uma parte importante e estratégica do agronegócio.

Sonora com Argileu Martins da Silva, Secretário Adjunto da Agricultura Familiar: Nós não podemos dizer, separar agronegócio da agricultura familiar. Porque se a agricultura familiar responde pela quantidade de soja, pela quantidade de café, e esses produtos são

de exportação também, e se eu dissocio disso – que ela não está no agronegócio – eu estou levando a agricultura familiar pra uma espécie de limbo, e levando pra uma importância apenas social, e a agricultura familiar tem uma importância econômica, social e ambiental muito estratégica pro país.

Locução off: Na propriedade do seu Divino, o grosso da produção vem mesmo do morango. 80% da renda da família vem dessa pequena fruta vermelha.

Sonora com Divino Alves, agricultor familiar: A gente entrega em residência, entrega em alguns ministérios; tem vários pontos que a gente entrega, mais ou menos uns 25 pontos comerciais e residências (a gente entrega dentro de Brasília, né).

Locução off (cenas de licor, doces em compota e outros produtos): A família garante uma renda extra preparando produtos com as frutas que saem do campo. Neste galpão são produzidas geleias, licores e polpas congeladas.

Passagem apresentador: E quem disse que a tecnologia não faz parte da produção familiar? Os produtos do pequeno sítio do Seu Divino estão aqui, no mundo virtual. Vem cá.

Locução off: Pois é, através da Internet eles divulgam a produção. Quem criou o site foi o Fernando, o filho do seu Divino.

Locução in: Onde é que você aprendeu a fazer site?

Sonora com Fernando Alves, agricultor: Com o próprio computador: eu, ele, e aprendendo; pesquisando aqui, pesquisando ali, fuçando mesmo. O que eu tento passar é assim: um pouco da nossa vida aqui, divulgar um pouco dos nossos produtos, como que a gente ta produzindo, a qualidade que eles têm.

Locução off: No site e no rótulo dos produtos a palavra *orgânico* ganha destaque. Toda a produção é feita nesse sistema.

Sonora com Argileu Martins da Silva, Secretário Adjunto da Agricultura Familiar: As plantas, quando estão num sistema de produção equilibrada, elas resistem mais aos sistemas de intempéries, principalmente a falta de água. A resistência delas num sistema de produção orgânica é muito maior.

Locução off: O seu Divino eliminou todos os produtos químicos da plantação desde 2004.

Sonora com Divino Alves, agricultor: No começo foi um pouco difícil porque a gente não tinha muito conhecimento. Mas com a ajuda da EMATER a gente foi adquirindo conhecimento, e convivendo com aquele sistema, onde você tem que observar bastante, né. Esse é o principal: você tem que ficar observando sempre a ação da natureza, como que a natureza tá agindo, né.

Sonora com Argileu Martins da Silva: A agroecologia ela estabelece esse princípio da relação homem-ecossistema, homem-ambiente, homem-natureza. É uma ciência que trabalha os fundamentos científicos dessas relações. Quando tem numa propriedade banana, laranja, moranga, milho, leite, galinhas, isto é, a diversidade desse conjunto de atividades, elas fortalecem aquele ecossistema onde essa propriedade está inserida.

Locução off: Otimizar espaços é uma prática da agroecologia. Em pequenas propriedades então, isso é fundamental. Seu Divino, por exemplo, construiu barreiras naturais entre as plantações de batata e tomate. O resultado é esse corredor de plantas, que tem funções ecológicas importantes, como afugentar pragas, diminuir o vento, fixar nitrogênio no solo e atrair inimigos naturais.

Locução in: Uma das formas de proteger a plantação de tomate de certas pragas é o uso de armadilhas como esta aqui: os insetos são atraídos pela cor azul dos vasilhames e acabam morrendo na água.

Sonora com Roberto Guimarães, engenheiro agrônomo da EMATER-DF: Em algumas culturas, como o tomate, são necessários alguns complementos. Então aqui, no caso do trípice, que é um inseto que transmite viroses ao tomate, essa bandeja de cor azul realmente é um atrativo muito grande para o trípice, e algumas pesquisas mostraram que a eficiência dele está acima de 90%.

Passagem do apresentador: E daqui a pouco no Globo Ecologia...

Locução de Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: Se você pensa que mandioca é apenas para fazer farinha, está redondamente enganado.

Locução off: Nossa equipe vai até Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano para mostrar a versatilidade do alimento mais produzido pela agricultura familiar brasileira, a mandioca.

Passagem do apresentador: O Globo Ecologia volta num instante, eu espero você. Até já!

Comercial do documentário *Terra 40°*; propaganda institucional do Futura.

Passagem do apresentador (inicia andando com carrinho entre as prateleiras de hortifrutigranjeiros): Olá, o Globo Ecologia está de volta, e no programa de hoje nós vamos falar da importância da agricultura familiar pra economia, pra sociedade, pro meio ambiente, e acredite, pra cultura brasileira. (De frente à banca de mandiocas no supermercado) A equipe do Globo Ecologia desvendou alguns dos segredos e curiosidades da mandioca, também conhecida como aipim ou macaxeira. Ela é a raiz do Brasil, e também o alimento mais produzido pela agricultura familiar brasileira. O repórter Pablo de Moura foi até a Bahia e vai contar os detalhes pra gente.

Locução off (cenas de um mapa do Brasil com destaque para o Estado da Bahia, indicando depois a distância entre Cruz das Almas e Salvador): Cruz das Almas fica a 140 km da capital Salvador. A mandioca é o principal produto da agricultura local; quase todas as roças daqui têm essa cultura. No resto do país, a mandioca também é amplamente produzida.

Sonora de Carlos Estêvão, pesquisador da EMBRAPA: Pra agricultura familiar, ela tem uma importância muito grande. Os números oficiais mostram que a mandioca entra com uma produção na agricultura familiar com um percentual aí que varia entre 80 e 90%, a depender da região.

Locução off: Com a mandioca não tem tempo ruim: ela suporta a seca e produz até em solos de baixa fertilidade. Tanto que a maior parte dos agricultores acaba destinando as piores áreas do terreno para o cultivo da raiz.

Locução de Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: Ela é tratada como a gata borralheira da agricultura, mas seus usos, sua forma de produzir mesmo em condições adversas, a qualificam como um produto extremamente importante para o país. Daí os agricultores têm na mandioca essa sustentação como base alimentar, mas também uma perspectiva para agricultura familiar muito grande, em relação a seus múltiplos usos que ela apresenta.

Locução off apresentador: Na zona rural de Cruz das Almas, a família e os amigos de José Carlos plantam apenas mandioca. Ela é usada para a fabricação do beiju, iguaria típica da região, que no Sudeste do país é conhecida como tapioca.

Locução off repórter: Se no plantio da mandioca o aproveitamento das secas e a própria rusticidade da planta faz com que o cultivo seja de baixo impacto ambiental, a história muda na etapa de processamento da raiz. A transformação da mandioca em outros produtos é

feita em casas de farinha como a da família Mendonça. O problema aqui é o combustível usado na produção.

Passagem: A vegetação nativa desta região era a Mata Atlântica. Era, porque hoje ela não existe mais por aqui. A exploração foi tanta que a lenha usada na fabricação da farinha e de outros produtos da mandioca (cenas dos funcionários trabalhando) precisa ser comprada de lugares cada vez mais distantes. Essa madeira vem do sertão baiano – é a vez da caatinga sofrer com o desmatamento (o repórter em frente a um feixe de lenhas retorcidas).

Sonora com José Carlos de Mendonça Pereira, agricultor: Aqui quando a gente era mais novo, a gente tirava aqui da nossa pastagem. Agora a produção de beiju tá sendo muita, que não tem condições da gente tá comprando. E a gente não encontra essa lenha próxima; tá vindo no sertão baiano, que é longe.

Locução in: Muito longe daqui?

Sonora com José Carlos: Muito longe, aproximadamente uns 300 km.

Locução off: Para minimizar os impactos da retirada das árvores da caatinga, os fornos estão passando por uma transformação.

Locução in: E a introdução do forno a gás, foi uma coisa boa pra vocês?

Sonora com José Carlos: Olha, estamos ainda no teste. Eu creio que será melhor, porque além da higiene que ele traz, que a gente não precisar mexer com carvão, ele também é mais econômico que a lenha, e também não atinge o meio ambiente, né.

Vinheta do programa

Passagem apresentador: Outro impacto que o processamento da mandioca causa no meio ambiente é a manipueira, que é a água que escorre durante a prensagem da raiz, pra fabricação da farinha.

Sonora com Mauro Diniz, pesquisador da EMBRAPA mandioca e fruticultura: A manipueira é prejudicial ao meio ambiente, porque ela tem o ácido cianídico, que é tóxico, e também muita matéria orgânica. Então esses produtos quando são jogados no meio ambiente podem causar desequilíbrio, né?

Locução off: Mas a manipueira também pode ser utilizada a favor da natureza: devidamente processada, ela pode servir de alimento para o gado e outros animais.

Locução off repórter: E as utilidades desse caldo não param por aí. Usado de maneira correta ele pode ser empregado também para fertilizar a terra. Uma pesquisa realizada pela EMBRAPA (cenas da fachada da EMBRAPA) mostra a eficiência da manipueira como fonte de adubação para as lavouras dos pequenos agricultores.

Passagem (a câmera passa da primeira à terceira plantação, que estão identificadas por placas brancas com, respectivamente, os inscritos testemunha, NPK e manipueira): Essa é uma mandioca plantada sem nenhum tipo de adubo. Ao lado, mandioca plantada com adubo químico, e por fim, plantada com manipueira. A diferença entre elas é grande: a planta é mais alta, as folhas são mais verdes e o caule mais grosso. A expectativa é de que a produtividade das raízes também seja maior.

Sonora com Mauto Diniz, pesquisador da EMBRAPA mandioca e fruticultura: Se ela tiver a mesma produtividade do tratamento com adubação química já é vantagem para o agricultor, para o pequeno agricultor que não pode comprar o adubo, e esse aqui ele pode preparar a compostagem com manipueira na própria roça dele.

Locução off: A planta da mandioca alcança em média quase 2 metros de altura, e dela se aproveita praticamente tudo: as folhas são ricas em vitaminas, proteínas e minerais, e podem ser usadas na alimentação animal em forma de feno. Nós também aproveitamos as folhas na nossa culinária. Já nas hastes da planta são encontrados os açúcares. Mas é mesmo a raiz que guarda a maior riqueza da mandioca.

Locução de Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: É aqui onde está o amido, que é a alma da farinha de mandioca, e é também a base para vários produtos da agricultura familiar, a exemplo dos biscoitos, dos beijus, todo um conjunto de alternativas que possibilita ao agricultor ter, além da farinha, uma renda extra com outros produtos.

Locução off (cenas de José Carlos cortando a massa do beiju): Renda que a família e amigos de José Carlos conseguem com a fabricação artesanal do beiju. As tarefas são bem distribuídas por aqui: enquanto Antônio extrai a raiz, uma outra turma descasca a mandioca. Na casa de farinha, um outro pessoal coloca a massa no forno. O resultado final ganha sabores variados: tem beiju de cebola, de coco, de queijo e o tradicional, da mandioca pura.

Locução off apresentador: A mandioca é tão presente em Cruz das Almas que ela está presente em quase todos os lugares, e chega a galope.

Locução off: É na feira que Jose Carlos vende a produção de beijus. Ele fornece inclusive para outros comerciantes. Nas outras bancas predomina a farinha de mandioca, esse é o produto principal da comunidade. E não só daqui – é também o produto mais produzido e vendido nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Sonora com Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: No prato, ela aumenta o que está pouco, esfria o que está quente, engrossa o que está ralo, e na pança que dá sustância. Então essa farinha de mandioca é a ponta de um *iceberg* dentro de uma visão mais ampla das formas de aproveitamento da mandioca. Ela é produzida no país inteiro, de norte a sul, leste a oeste, e é base. Ela representa segurança alimentar nas regiões mais secas, no semi-árido, né.

Passagem apresentador: A tapioca vem ganhando espaço na Gastronomia. E não é só em forma de tapioca não, novos usos vem sendo descobertos. Agora é a vez da fécula, a goma da mandioca. E olha só o que o Pablo experimentou lá na Bahia.

Locução in: Essa é a pizzaioca, a pizza feita com a fécula úmida da mandioca. Mais uma novidade da gastronomia baiana.

Locução off: Na pizzaria do senhor Layr, no lugar do tradicional disco de trigo o destaque é a pizza de mandioca.

Sonora de Layr Martins, empresário: Aos poucos o pessoal está aderindo, está gostando, a pizza fica mais torradinha. Passamos ela no rodízio de pizza e o pessoal come muito mais que a pizza tradicional.

Locução in: Tá certo, então vamos experimentar. (brindando)

Sonora com Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: E viva a mandioca.

Locução in: É isso aí.

Locução off: Ao substituir o trigo pela mandioca, o agricultor que planta a raiz e produz a fécula em sua casa de farinha também sai ganhando.

Passagem apresentador: Quando a gente tem uma variedade de cultivos dentro de uma mesma propriedade, quem agradece é o meio ambiente. Se o produtor diversifica, se ele mistura as culturas, o uso de produtos químicos também pode ser reduzido. Esse é o caminho que muitas famílias de agricultores têm percorrido, e é também uma iniciativa que ajuda a reduzir os impactos ambientais. Sem a agricultura familiar, a agroindústria brasileira

não seria tão dinâmica quanto é. E além de garantir boa parte dos produtos que consumimos, os agricultores ajudam a preservar a nossa cultura e as tradições rurais. Olha que legal!

Sonora com Joselito Motta, pesquisador da EMBRAPA: A agricultura familiar preserva o raizado, preserva as festas do Menino Jesus, preserva um conjunto de manifestações culturais próprias desse ambiente. Nós poderíamos dizer que sem a agricultura familiar, o Brasil seria menos rico culturalmente, naturalmente, economicamente e socialmente. Porque a agricultura familiar contribui, com certeza, de forma decisiva pra que os recursos naturais do Brasil sejam melhor preservados, melhor utilizados, pra que se produza água no Brasil, pra que se produzam alimentos saudáveis e diversificados; pra que se mantenham pessoas no campo. Essa é a importância eu diria vital da agricultura familiar nesse contexto socioeconômico, cultural e socioambiental brasileiro.

Locução off: E se você quer mais informações sobre formas sustentáveis de cultivo, e o trabalho desenvolvido em pequenas produções, acesse o portal Agricultura familiar, agroecologia e mercado, no endereço www.agroecologia.inf.br .

Encerramento: O Globo Ecologia fica por aqui, mas a gente se encontra no próximo programa. Eu espero você Até lá!

APÊNDICE XVI - REPÓRTER ECO-12/04/09

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): Arquiteta e especialista em trânsito; corretora de imóveis; sociólogo; aposentada; bióloga; bióloga e taxonomista; operário; bióloga; estudante de Biologia; estudante</p> <p>Secundárias: Dissertação de mestrado de Maria Ermelina Malatesta Companhia de Engenharia de Tráfego; Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais; resultados da reunião da Convenção do Clima; Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário</p>
Assuntos tratados	Andar a pé como solução ao caos do trânsito; Convenção do Clima; pacto de ONG's ambientalistas, empresas e governos para restaurar parte da Mata Atlântica; Cineclube socioambiental Crisantempo; prêmio ABECIP de Jornalismo recebido pelo Repórter Eco; taxonomia; pesquisas sobre as borboletas.
Comentários-chave	Mudança de comportamento individual; ênfase nos resultados de C&T; defesa do uso de tecnologias limpas; dissociação homem-natureza; incentivo não somente à ação individual, mas à importância da ação e decisão do poder público; crítica ao sistema societário que privilegia a posse e uso de automóveis; valorização da qualidade de vida e do ambiente; alarmismo ou visão fatalista; divulgação de notícias pontuais relacionadas a questões ambientais; mobilização coletiva de movimentos sociais; ciência ajuda a conservação ambiental; C&T voltada para os interesses econômicos; priorização do conhecimento científico sobre o popular; ambientes preservados da presença humana (apenas visitas e não convivência e manejo sustentável do ambiente); defesa do equilíbrio e harmonia nas relações ecológicas; ênfase nos resultados da Ciência como solução para os problemas ambientais; natureza concebida como atração cultural, com o exotismo semelhante a exposição de museu; reaproveitamento e regulação do uso de recursos naturais; EA como aprendizagem de aspectos pontuais, e com ênfase em Biologia e outras ciências da natureza

Quadro 14- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 12/04/09

Escalada: Olá, no Repórter Eco de hoje conheça as pesquisas sobre um inseto que só vive em ambientes saudáveis. Acompanhe uma profissão essencial para o estudo da biodiversidade. E ainda: uma especialista em trânsito propõe que andar a pé é a melhor alternativa para o caos urbano. Veja os detalhes.

Locução off: Deixar o carro em casa e caminhar. É a alternativa defendida por essa arquiteta que pesquisou formas de locomoção nas grandes cidades. A taxonomia, ciência antiga e necessária para identificar os seres vivos, perde espaço no Brasil e no mundo. E ainda: um novo centro de lazer e educação mostra que esses insetos que encantam pela beleza das asas são exigentes: só vivem em lugares saudáveis. Começa agora o Repórter Eco.

Passagem: Uma especialista em trânsito propõe uma forma alternativa e saudável aos congestionamentos em São Paulo. Ela defende que andar a pé é a maneira mais rápida e sustentável para a população enfrentar o caos urbano. Eu fui conferir essa ideia de perto.

Locução off: Frota de automóveis cada vez maior. Trânsito parado, a qualquer hora do dia, motores funcionam mais do que deveriam e emitem mais poluentes. A metrópole projetada para carros se esgota a cada dia. São Paulo, dizem especialistas, precisa encontrar uma alternativa mais ágil e limpa de locomoção.

Sonora com Maria Ermelina Malatesta, arquiteta e especialista em trânsito: O modo não motorizado é o modo de transporte do futuro. A gente está vendo os níveis atuais de mobilidade cada vez mais baixos na cidade.

Locução off: Andar é o que defende esta arquiteta especialista em trânsito. Na tese de mestrado que defendeu, Maria Ermelina Malatesta insiste na forma mais elementar de locomoção do homem. Coisa que muita gente já faz.

Entrevista com Maria Ermelina Malatesta: O paulistano, ele já tem por hábito andar a pé, às vezes por falta de opção, de transporte, às vezes por economia ou às vezes porque a velocidade do trânsito anda tão baixa que ele chega mais rápido andando a pé. Pelo menos um terço das viagens elas são feitas exclusivamente a pé, ou seja, ela começa e termina sendo percorrida a pé. Só aqui na região do centro que é o Distrito da República, pelo menos 2 milhões de viagens todo dia a gente tem – que é o tamanho de uma cidade.

Locução in: Não há menor dúvida de que andar a pé faz bem para a saúde do planeta mas principalmente para a nossa saúde. Pra começar um calçado confortável e um destino não muito distante. Mas será que esta atitude consciente depende só de disposição? Definitivamente não.

Sonora com Zilma Lúcia Lacerda - corretora de imóveis: É terrível, a gente anda caindo, tropicando o tempo todo. Tem buraco...

Locução in: A senhora já caiu?

Sonora com Eluis Mendonça, aposentada: Já, porque tem a parte mais alta, o sapato enrosca e bumba.

Locução off: Calçadas esburacadas, estreitas, espremidas por mesinhas de bares, restaurantes e por bancas de jornais.

Sonora com Aice Basso: Querem demais que a gente ande a pé, que deixe o carro em casa, que use ônibus. Mas que jeito? Eu não posso andar nas calçadas; eu ando segurando nela, ela segurando em mim.

Locução off: O semáforo também comprova o prestígio dado ao cidadão motorizado. O tempo para o pedestre é bem mais curto.

Locução in: Você sempre atravessa no sinal vermelho pra você?

Sonora com Roberto Mendonça, sociólogo: É, sinal vermelho? Conforme eu tô atrasado, sim.

Locução in: Não tem medo de ser atropelado?

Sonora com Roberto Mendonça, sociólogo: Medo eu tenho, mas o problema é que o farol às vezes demora muito.

Passagem: Duas pessoas morrem atropeladas todo dia na cidade de São Paulo. Essa média representa quase metade das mortes no trânsito. Os números são da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego). As estatísticas revelam ainda que a maioria das vítimas fatais não estava na faixa de segurança.

Locução off: Investir em educação é um dos passos para tornar o caminho do pedestre mais seguro, diz a arquiteta. Mas quem planeja a cidade, precisa pensar como pedestre. Ela alfineta: "Tem que descer do carro".

Sonora com a arquiteta: Eu acho que quem desenha a cidade, quem planeja a cidade, tem que andar mais a pé, porque qualquer intervenção urbana feita por transporte a pé, ela melhora a qualidade de vida da cidade. Você investe em áreas de circulação mais saudáveis, você reduz a emissão de poluentes que o transporte motorizado causa. Então tudo isso torna a cidade mais bonita. (cenas de pedestres caminhando).

Passagem: O jornalista Washington analisa o Encontro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas realizado em Gohn, na Alemanha.

Comentário Washington Novaes: A reunião da Convenção do Clima, no início deste mês na Alemanha, não produziu grandes resultados concretos. E isso é muito inquietante,

porque só temos até o fim do ano para chegar a um acordo que substitua o Protocolo de Kioto e possa conduzir a redução de fortes poluentes que contribuem para as mudanças climáticas. Os cálculos de cientistas dizem que será preciso reduzir as emissões em pelo menos 80% até 2050 para evitar que a temperatura da Terra suba mais do que 2 graus e provoque desastres ainda mais intensos. No ano passado esses desastres, enchentes, deslizamentos de morros e encostas, furacões e outros, provocaram 200 mil mortes no mundo e perdas de 200 bilhões de dólares, mais do que o dobro do ano anterior. O estudo do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais mostra, por exemplo, que são cada vez mais frequentes as chuvas com mais de 10mm, ou seja, 10 litros por metro quadrado de solo, em grandes cidades como São Paulo. E isso pode ser causa de muitos problemas, principalmente enchentes urbanas, deslizamentos de morros e topos de morros, mortes e outros resultados indesejáveis. Mas há também boas notícias nessa área: uma universidade irlandesa, por exemplo, descobriu que adicionando 2% de óleo de peixe nas rações de bois, cabras e ovelhas, pode-se reduzir em até 25% a emissão de metano por esses animais com seus gases e arrotos, e o metano é mais de 20 vezes pior que o dióxido de carbono. O Brasil mesmo, com 205 milhões de bois, cada um deles emitindo 58 kg de metano por esse caminho, gera mais de 10 milhões de toneladas de metano a cada ano – e isso equivale a mais de 200 milhões de toneladas de carbono, tanto quanto a nossa indústria e o nosso setor de transporte emitem juntos. Na Alemanha, o parlamento autorizou em três lugares os testes para sepultar emissões capturadas em sua origem, principalmente em usinas movidas a carvão. Se esse caminho se viabilizar, uns 20% das emissões totais poderão ser sepultados. Como dizem os especialistas, tecnologias existem, como por exemplo a das energias alternativas capazes de evitar emissões. O que falta é vencer a lógica financeira que continua comandando tudo.

Passagem: Você vai ver daqui a pouco: a Taxonomia, uma profissão importante para o estudo dos seres vivos, é cada vez mais rara no Brasil. E ainda: um novo espaço de lazer da grande São Paulo mostra que as borboletas são indicadoras naturais da saúde de um ambiente. O Repórter Eco volta já.

Apoio de Bunge; Comercial do programa EcoPrático; da Bunge; UniNove; Univesp TV.

Passagem: Agora você acompanha alguns fatos no Brasil e no mundo que merecem destaque no noticiário.

Locução off: (cenas de plataformas de gelo) Uma ponte natural que prendia uma plataforma de gelo oito vezes maior que a cidade de São Paulo se rompe na Antártica. A

Wilkins deve ser mais uma das 5 plataformas extintas no continente gelado nos últimos 50 anos. Consequência da elevação da temperatura do continente.

(Cenas de matas) ONG's ambientalistas, empresas e governos lançam um pacto que pretende restaurar 150 mil quilômetros quadrados da Mata Atlântica até 2050. A área equivale ao Estado do Ceará. A meta é preservar 30% da área original do bioma.

Em São Paulo o Cineclube socioambiental Crisantempo apresentam até o dia 20 de junho um ciclo de palestras e filmes sobre temas ligados ao meio ambiente, como o vídeo *O fazedor de montanhas*. O Cineclube fica na Rua Fidalga 521, Vila Madalena, bairro da capital Paulista.

O Repórter Eco recebe mais um prêmio. A reportagem Ecotijolo, exibida em agosto de 2008, ganhou o primeiro Prêmio ABECIP de jornalismo na categoria TV e Mídia Digital. A matéria mostrou o trabalho de mulheres sem-teto do interior paulista. Elas erguem casas ecológicas com tijolos artesanais. A Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário premia todo ano programas de rádio e TV que enfocam habitação do ponto de vista socioambiental (cenas da matéria).

Passagem: No espaço dedicado à biodiversidade brasileira, você acompanha hoje uma profissão importante mas que está desaparecendo do país. Trata-se da taxonomia, que tem como missão descrever e identificar os seres vivos.

Locução off: Heliconia, é o nome genérico pra cerca de 200 espécies dessa planta de flores exuberantes que ocorre do México a Santa Catarina. No popular se diz bananeirinha de jardim. Os cientistas batizaram a espécie mais comum no Brasil de Heliconia Velloziana. Também vem do latim o nome desse desconhecido primata da Amazônia, o Cacaiao Melanocephalus, ou uacari branco, que só habita as áreas inundadas da floresta. Já Inunngui, na língua original do povo romano, significa sem unhas. *Trichechus Inunguis* é o nome do peixe-boi da Amazônia, mamífero aquático ameaçado de extinção. Nomear cada organismo da nossa biodiversidade exige muito conhecimento. A bióloga Inês Cordeiro, curadora do herbário do Instituto Botânico de São Paulo, o terceiro maior do país, ajuda a entender o trabalho dos taxonomistas, profissionais como ela responsáveis por identificar e descrever os organismos vivos. Eles precisam gostar de literatura científica e ter um toque de erudição.

Locução in: Tem que conhecer latim?

Sonora com Inês Cordeiro, bióloga: Olha, é bom, porque senão vai depender de algum padre nas proximidades pra ajudar você a ler os artigos, porque em Botânica há uma regra que ainda é utilizada até hoje, que pra você descrever uma determinada planta nova, pelo menos uma frase, que a gente chama de diagnose, pode ser muito curtinha (e em geral hoje em dia é curtinha mesmo), dizendo porque que aquela planta é diferente das outras já descritas pela ciência, ela tem que ser escrita em latim.

Locução off: A taxonomista Lucia Lohmann, da Universidade de São Paulo reforça que num país rico em biodiversidade como o nosso, é preciso gostar de ir a campo, coletar as plantas para descrevê-las e estudá-las.

Sonora com Lucia Lohmann, bióloga – taxonomista: Em primeiro lugar a gente coleta algumas amostras, então de flores ou de botões, do material que tiver disponível, pra futuros estudos pra anatomia. Outra coisa que a gente faz é coletar pedaços da folha em sílica gel.

Locução in: Pra que que serve?

Sonora com Lucia Lohmann: A sílica gel ela tem algumas propriedades que ela retira a água da folha muito rapidamente e com isso impede a ação da DNase, que é a enzima que degrada o DNA, e como nosso objetivo é extrair o DNA no laboratório, a gente quer que as propriedades estejam mais bem preservadas possível.

Locução in: Onde é que o trabalho de taxonomia se encontra com o trabalho de conservação do meio ambiente?

Sonora com Lucia: Bom, a taxonomia, tem até uma frase que diz que a taxonomia precede a conservação da mesma maneira como a língua precede a educação, então sem a taxonomia não tem como a gente conservar – porque a gente só consegue conservar o que a gente conhece.

Locução off: Mais do que nomear os organismos, os taxonomistas que trabalham com plantas reconstroem a chamada árvore da vida. Estudam (cenas dos taxonomistas trabalhando no laboratório) a morfologia delas em nível celular e os mecanismos de diversificação dos grupos, a partir da teoria de que toda vida se originou de um ancestral comum. Eles definem parentescos a partir de sofisticados estudos de DNA.

Sonora com Lucia Lohmann, bióloga – taxonomista: (gravada no laboratório): O estudo da árvore da vida tem um interesse intelectual, de realmente entender o mecanismo de diversificação. Fora isso tem um interesse econômico muito grande. Então por exemplo,

imagine, hoje em dia todo mundo toma café, né... Então vamos dizer que com as mudanças climáticas globais a gente não consiga mais crescer o café e a gente precisa encontrar um substituto ao café. Como buscar isso? A gente vai à árvore da vida e busca as espécies que são mais aparentadas ao café, e essas espécies provavelmente vão ter as mesmas propriedades.

Sonora com Inês Cordeiro, bióloga: Se você não tem bons taxonomistas você não consegue determinar a quantidade de biodiversidade. Pra você determinar se uma determinada área merece ser conservada, o que a gente pode fazer com ela, você tem que ter o auxílio de todos os taxonomistas possíveis.

Passagem da apresentadora: Aguarde, porque daqui a pouco tem mais informação: na Grande São Paulo, um novo espaço de lazer e pesquisa mostram a importância das borboletas como indicadores naturais da saúde do meio ambiente. O Repórter Eco volta já.

Comercial do programa Estratégia Xavante; Ultrafarma; II Fórum Internacional de Comunicação e Sustentabilidade; Governo de São Paulo; Resgate Vôo 29.

Passagem: A borboleta é um indicador natural. Ela vive em ambientes mais saudáveis, não suporta lugares poluídos. A rotina desse inseto polinizador das flores é estudada num borboletário da Grande São Paulo.

Locução off: Beleza e capacidade de transformação. Dois encantos das borboletas, as estrelas deste espaço montado no Parque Ecológico Jardim Piratininga, na periferia de Osasco, na Grande São Paulo. O antigo viveiro de mudas da prefeitura, ao lado deste córrego, foi transformado numa área de lazer e educação ambiental. Mantida pela Secretaria do Meio Ambiente, é pequena e bem cuidada. O Borboletário é novidade. As visitas monitoradas e gratuitas estão atraindo muita gente.

Sonora com a bióloga Paulina Arce: A gente tem aqui bastante flores porque as borboletas se alimentam do néctar das flores. E também as frutas, você pode ver aqui, tem uma cáligo, que a gente chama de Olho de Coruja, ela tá se alimentando ali, olha (apontando em direção à borboleta).

Locução off: A Borboleta Coruja ou Corujão é uma das cinco espécies do Borboletário. A única típica do Cerrado, o segundo maior bioma brasileiro, característico do Brasil Central. Para mostrar a maravilhosa cor das asas que ela esconde quando está fechada – uma

imagem difícil de captar durante o vôleo normalmente frenético – o cinegrafista deu, digamos, um jeitinho brasileiro.

BG da criança pedindo: Uma bem grande.

BG do pai falando à criança: Você quer uma grande?

Locução off: Deives Silveira, que trabalha como operador de máquinas numa indústria de alimentos, estava ansioso para trazer a filhinha Camille, de três anos.

Sonora com o operário Deives Silveira: Pela falta de verde mesmo na cidade, e é necessário isso: desde criança, a criança precisa aprender a respeitar a natureza já, isso aí vai garantir o futuro delas.

Locução off: Maria sem Vergonha e Lantana foram plantadas para atrair as borboletas, que têm uma importante função no ambiente natural.

Sonora com Paulina Arce/bióloga, coordenadora técnica do Borboletário de Osasco, Grande São Paulo: A principal é ajudar na polinização, ou seja, quando elas sugam o néctar das plantas elas aproveitam, pegam o pólenzinho, levam para outras plantas. Elas ajudam na reprodução das plantas, para que haja mais plantas, mais vegetais.

Locução off: Ao lado do borboletário, da parte aberta à visitação, existe este outro espaço que o pessoal chama de Casa da Criação ou de Laboratório, onde é possível entender a vida das borboletas fase a fase. Primeiro um pequeno ovo. Depois uma larva minúscula ou maiorzinha, que vai se enrolar e virar pupa. Ela vai crescendo dentro de um casulo de um fino tecido vegetal. E é dessa estrutura feia e sem graça que vai surgir uma bela borboleta. Aqui no Borboletário, a equipe do laboratório está tentando descobrir porque várias espécies estão com as asas machucadas. Parece que já encontraram a resposta: elas vieram de um borboletário muito maior do Sesc Pantanal, e estão tendo dificuldades de adaptação ao novo espaço. Mas a nova geração de (cenas em close de cada espécie citada) áceas, ou borboleta amarela – que é branca mesmo – a mádreas ou estaladinha; drias julia ou flambo, e caixão de defunto, todas da Mata Atlântica, não deverão enfrentar esse problema. Os cuidados com os ovos recém depositados nas folhas das Bananeiras ou dos maracujás vão garantir o futuro das borboletas.

Sonora com Adriana Aguiar, estudante de Biologia: A gente tem o cuidado de estar

recolhendo, porque o que acontece? As formigas, as lesmas, e aquele caracoizinhos, eles adoram muito comer esses ovinhos, esse tipo de ovos.

Sonora com Ivan Willian, estudante: Eu acho muito interessante, porque traz um pouco mais de cultura pra região.

Locução off: O Borboletário foi montado e se mantém respeitando as regras determinadas pelo Ibama para criação de animais silvestres. A reciclagem de material foi usada na montagem do espaço: dormentes doados pela CPTM, a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, formam a base da estrutura.

Locução in: Com que objetivo foi criado esse borboletário?

Sonora com Paulina Arce, bióloga: O principal objetivo foi a educação ambiental. As borboletas servem como indicadores de qualidade. Elas são muito sensíveis à degradação ambiental. Então quando você tem um número reduzido de borboletas é sinal que o lugar não está adequado para se viver.

Encerramento: E anote aí na sua agenda: O Repórter Eco viajou para a Antártica e vai apresentar pela TV Cultura de São Paulo 2 programas especiais sobre o continente asiático. O primeiro será exibido no domingo, dia 26 de abril, e o segundo programa inédito vai ao ar no domingo seguinte, dia 03 de maio. E justamente hoje, antes de encerrar o Repórter Eco, fique com uma frase de Rubens Junqueira Vilela, o primeiro cientista brasileiro a pesquisar a Antártica: “A Antártica é o maior laboratório aberto da ciência no planeta. O conhecimento científico é a maior riqueza que pode ser extraída de lá”. Até o Repórter Eco. Tchau.

APÊNDICE XVII - REPÓRTER ECO 17/05/09

Fontes de informação primárias e secundárias	<p>Primárias (não-nomeadas): moradores e idealizadores da Morada da Floresta; moradora flutuante da Morada da Floresta; turista; analista ambiental do CMA; artesão</p> <p>Secundárias: Estudo de uma revista científica cujo nome não foi citado; Instituto de Defesa do Consumidor; Conferência Mundial dos Oceanos; Convenção do Clima; estudos do Projeto Golfinho Rotador</p>
Assuntos tratados	Projeto Morada da Floresta (moradia ecológica); mudança no regime de chuvas no Brasil; conservação de ilhas oceânicas; mudança climática ameaça vida marinha; reparo no Telescópio Hubble; fiscalização de grãos transgênicos; estudos sobre o golfinho rotador; arte de reciclagem do vidro
Comentários-chave	Retorno à harmonia com a natureza; regulação do uso de recursos naturais e uso de tecnologias limpas; estímulo à convivência, parceria e valorização do aspecto emocional; defesa de que ações individuais e mudança de comportamento fazem um mundo melhor; mobilização coletiva mas de grupos específicos, para uma questão pontual; relação ambiental e ligação homem-natureza se sobrepõe à lógica econômica; visão fatalista e ênfase em C&T; fatalismo para estimular a regulação do uso dos recursos naturais (água); mobilização coletiva e cidadania (cidadão no patamar de consumidor); espetacularização da natureza; consequências da pressão da atividade econômica no equilíbrio ambiental; espetacularização da natureza e sensibilização ambiental para atender à lógica econômica; reaproveitamento (regulação do uso) de recursos naturais; ligação entre cultura humana e meio natural; reaproveitamento (regulação do uso) de recursos naturais; abordagem da questão da vazão dos resíduos, sem questionar o sistema de produção e consumo.

Quadro 15- Fontes e assuntos do Repórter Eco de 17/05/09

Escalada: Olá. No Repórter Eco de hoje você vai conhecer uma técnica antiga para reciclar pedaços de vidro. Acompanhe as pesquisas sobre um golfinho bailarino que dá piruetas no ar. E mais, acompanhe uma casa onde nada se perde, tudo é reaproveitado. Veja os detalhes.

Locução off: Um exemplo de casa ecológica é a Morada da Floresta, um projeto que serve de exemplo de convivência em harmonia com a natureza. Em Fernando de Noronha cientistas tentam decifrar o comportamento do golfinho rotador: ele salta da água para girar em torno do eixo do próprio corpo. E ainda: artista traz da Itália a fórmula para transformar sobras de vidro em objetos de decoração.

Passagem: Começa agora o Repórter Eco.

Passagem: Um modelo de casa ecológica e vida em comunidade na maior cidade da América do Sul. É o Projeto Morada da Floresta, um espaço de convivência saudável na região central de São Paulo. Lá se pratica o respeito à natureza.

Locução off: O Sol ilumina a cozinha e diminui o consumo de energia elétrica. As claraboias também permitem a entrada de luz nos quartos. A Morada da Floresta nasceu há oito anos na região oeste de São Paulo. Dentro não é desperdício, tudo é funcional e reaproveitável. O casal Paula e Cláudio e a filha, de 11 meses, Violeta Luz, estão sempre juntos. Trabalham para construir um novo espaço de viver.

Sonora de Ana Paula Silva - moradora: Nós temos uma missão mesmo, que é o que a gente tá realizando aqui, que é fazer uma casa ecológica, que sirva como se fosse um projeto piloto que sirva de exemplo para outras casas.

Locução off: Uma caixa d'água e um tonel armazenam a chuva, que lava a roupa e limpa a casa. O Sol aquece a água do chuveiro, desidrata e cozinha os alimentos no fogão solar.

Sonora de Cláudio Spinola - morador: É um conceito de aproveitamento da energia solar também, não só pra aquecer e cozinhar mas sim nutrir o alimento.

Locução off: Os alimentos são orgânicos para evitar a contaminação do meio ambiente por agrotóxicos e proteger a saúde dos moradores. Com a ajuda das minhocas é feita a compostagem do lixo orgânico.

Sonora com Cláudio: Hoje a gente composta aproximadamente 600 litros de resíduo orgânico. Por mês são aproximadamente 300 litros que a gente não joga na rua.

Locução in: Quando se trata de preservar o meio ambiente, é muito comum se ouvir o discurso de que não adianta ser correto se a maioria das pessoas não está nem aí para a natureza. Pois é, aqui na Morada da Floresta, além de tentar viver de forma sustentável, o Cláudio e a Paula deixam a porta aberta para as pessoas que estejam interessadas em viver em harmonia com o planeta. Ana Ramos e a filha Stela Luna fazem parte da população flutuante da Morada da Floresta. Ana é brasileira mas vive há 17 anos no Canadá. Está de passagem por São Paulo para fazer doutorado em Comunicação. Ana descobriu a morada da Floresta por meio de uma amiga, e se identificou com a proposta de criar um mundo melhor.

Sonora com Ana Ramos: A gente começa a ter realmente mais força juntos, nessa questão ecológica.

Locução off: Para sustentar a Morada da Floresta sem sair de casa, o casal oferece visitas monitoradas, cursos de práticas ecológicas, venda de cestas de produtos orgânicos e pães integrais. Uma parte é produzida na horta doméstica, que fica no quintal. As embalagens representam um problema e são evitadas sempre que possível. Cláudio abandonou a profissão de artista plástico e Paula abriu mão de um emprego promissor num banco estrangeiro.

Sonora com Paula: Não me interessa um benefício monetário simplesmente, sem uma ligação com o custo ambiental, sem reconhecer a nossa relação, a nossa dependência da natureza, a nossa integridade com tudo que há no planeta.

Locução off: A principal semente que Paula e Cláudio querem deixar para a filha Violeta Luz é a certeza de que é possível construir uma forma de vida saudável em plena área urbana.

Sonora com Cláudio: O que a gente não quer é impor nada pra ninguém. A gente vive assim. As pessoas vêm e se inspiram.

Créditos da Morada da Floresta e telefone

Passagem: As chuvas dessa semana já castigam quase um milhão de brasileiros principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Alguns climatologistas afirmam que a mudança no padrão das chuvas pode ser consequência do aquecimento global. É o assunto de hoje do jornalista Washington Novaes.

Comentário Washington Novaes: Afinal os institutos meteorológicos no Brasil estão admitindo que houve uma mudança no formato das chuvas no país. Quase não se tem mais aquelas chuvas miúdas que se prolongavam durante dias. Agora o mais frequente, principalmente nas cidades, são grandes volumes de água que caem num pequeno espaço de tempo e que costumam provocar grandes problemas e até desastres.

Locução off (com cenas de arquivo): Ficando apenas nos últimos tempos, podem-se lembrar os recentes desastres em Santa Catarina, onde em alguns lugares choveu em poucas horas mais do que o previsto para todo o mês (gravação interrompida)... seja em obras, seja em construções privadas. É preciso tornar obrigatória a retenção das águas de chuvas em cada imóvel, sua utilização onde possível ou sua liberação só depois de passadas as chuvas mais pesadas, não desmatar nem permitir a ocupação de encostas e topos de morros. São coisas como essas que a Convenção do Clima chama de processo de

adaptação, e que precisa ser feito com urgência em todos os lugares (cenas de grandes enchentes e pessoas tentando sobreviver à força da água).

Passagem: Você vai ver daqui a pouco: Um artista divulga técnica antiga que transforma pedaços de vidro em novos objetos (cenas dos objetos coloridos e bem diversificados). E a seguir: cientistas estudam o comportamento do golfinho que dá piruetas no ar. O *Repórter Eco* volta já.

Comercial de Lactec; programa DocTV

Passagem: Agora você acompanha os principais fatos no Brasil e no mundo que merecem destaque no noticiário. Confira.

Locução off: Ilhas oceânicas. Um novo estudo publicado numa revista científica comprova que as ilhas oceânicas devem ter prioridade de conservação porque possuem uma rica diversidade de plantas e animais. Comparadas aos continentes, as ilhas abrigam 9 vezes mais espécies endêmicas, ou seja, espécies só encontradas nessa região do planeta. O Brasil tem 4 arquipélagos: Atol das Rocas, Fernando de Noronha, Trindade Martim Vaz e o arquipélago de São Pedro e São Paulo.

Locução off: A mudança climática é a maior ameaça à vida marinha. O alerta foi divulgado durante a Conferência Mundial dos Oceanos, realizada na Indonésia. Ao final do encontro, cientistas devem pedir num documento a inclusão dos mares na Reunião das Nações Unidas sobre o clima, marcada para novembro na Dinamarca. Astronautas do ônibus espacial Atlantis fazem reparo no Hubble, que está em órbita terrestre há 19 anos e deve funcionar por mais 5 anos. Novos equipamentos vão tornar a observação do telescópio mais precisa, como procurar água e gelo em corpos no Sistema Solar. O Hubble ampliou o conhecimento da humanidade sobre o universo.

Locução off: No Brasil o IDEC, Instituto de Defesa do Consumidor, cobra do governo federal maior fiscalização dos grãos transgênicos. O documento enviado ao Ministério da Agricultura pede providências num momento em que os próprios produtores de milho reconhecem que não tem como separar o grão geneticamente modificado do milho convencional. O pedido de fiscalização é o primeiro passo para exigir a rotulagem, com a letra T de produtos que tenham mais de 1% de ingredientes transgênicos na sua composição.

Passagem: O espaço dedicado à biodiversidade brasileira destaca hoje um estudo sobre um dos mamíferos mais inteligentes dos mares e oceanos, é o golfinho rotador. A espécie conhecida por dar piruetas no ar é encontrada no arquipélago de Fernando de Noronha. Vamos até lá?

Locução off: A Lua se despede e anuncia a chegada de um novo dia no arquipélago de Fernando de Noronha, uma das paisagens mais bonitas do Nordeste do Brasil. Turistas de várias regiões do país e do exterior já estão à espera do animal símbolo do arquipélago, o golfinho rotador.

Locução in: É a espécie de golfinhos mais abundante do mundo, presente nas águas tropicais e subtropicais, nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. E esse lugar aqui é muito especial: a Baía dos Golfinhos, em Fernando de Noronha, é considerado o melhor ponto de observação do planeta desses animais. Isso porque em cerca de 95% dos dias do ano eles aparecem por aqui.

Locução off: Os golfinhos chegam em grupos, depois de passar a noite se alimentando em alto mar. A baía é o lugar de descanso, acasalamento e amamentação dos filhotes. A aparição deles foi rápida, durou apenas meia hora.

Locução in: O que que o senhor achou aqui dos golfinhos?

Sonora com José Ferreira, turista: Interessante, pena que apareceram poucos, né? Eu vi uma dezena deles e esperava que eles pulassem mais pra ficar mais divertido.

(Cenas de arquivo) **Locução off:** A expectativa era de ver cenas como as que o Repórter Eco apresentou em 97. Aqui os golfinhos justificam o próprio nome: saltam da água para girar em torno do eixo do próprio corpo.

Sonora com José Martins, analista ambiental do CMA: Já se sabia que os saltos eram uma forma de comunicação; há várias referências bibliográficas sobre isso. E a gente conseguiu definir como isso funciona: as atividades horizontais, quando o golfinho cai horizontalmente em relação ao nível do mar está associado ao deslocamento; quando ele cai verticalmente, ao agrupamento.

Locução off: O Projeto Golfinho Rotador, criado em 1990 para proteger o mamífero, envolve estudo e Educação Ambiental. A equipe de pesquisadores observou que diminuiu o número de golfinhos na baía, e o tempo de permanência deles também. Ainda não conhece as causas, mas levanta hipóteses.

Sonora com José Martins: Podem ter 2 razões isoladas, e ou elas estarem associadas. Uma delas são as alterações climáticas que têm acontecido no mundo e no Brasil influenciam a oferta de alimento para os golfinhos próximos a Noronha, então a ocupação deles, a vinda deles pra Baía dos Golfinhos. E também a pressão do turismo em cima desses golfinhos.

Locução off: No Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, o número de embarcações que circula pela baía é controlado, e mergulhar com os animais é proibido. A equipe do Repórter Eco recebeu autorização pra fazer essas imagens, pra divulgar a importância da espécie. Os golfinhos rotadores têm movimentos graciosos e rápidos, vocalizam bastante pra se comunicar (BG do som emitido pelos golfinhos). Eles podem chegar a 2 metros de comprimento, e a noventa quilos. A coloração é *degradée*, vai do cinza escuro ao branco. A atividade sexual dos golfinhos é intensa, e a cópula é bem rápida. Essas imagens feitas pelo pesquisador mostram uma das funções dos golfinhos rotadores na natureza: com seus dejetos, eles alimentam peixes como o cangulo preto. Em Fernando de Noronha eles também desempenham um papel fundamental junto aos humanos – sensibilizam para gerar consciência ambiental. Estudos do Projeto Golfinho Rotador indicam que muitos turistas vêm pra ilha pra vê-los. Os golfinhos gerariam de 5 a 10% dos recursos financeiros que circulam aqui. É preciso ter cuidado com a pressão econômica. Embora no Brasil a espécie não esteja ameaçada de extinção, ela já é citada como dependente de conservação na lista vermelha de animais ameaçados da União Internacional para a Conservação da Natureza. Quem cuida do turismo em Fernando de Noronha precisa estar atento para que as próximas gerações também possam se encantar com este espetáculo (cenas com BG dos golfinhos em grupo).

Passagem: E não vai embora não que daqui a pouco tem mais: conheça a arte milenar de transformar pedaços de vidro em objetos de arte. O Repórter Eco volta já.

Comercial de Provopar-PR; Detran-PR; Governo do Paraná; Segundo concurso de conto e poesia

Passagem: A arte de reciclar pedaços de vidro. A técnica surgiu no Egito antigo, ficou conhecida na Itália e de lá foi trazida ao Brasil por Gustavo Benini. Ele mostra como transformar esse tipo de sucata em objeto de decoração.

Locução off: Aquele tom de azul do céu, o verde das folhas...

Sonora com Gustavo Benini, artesão: Olha, eu tiro as idéias da natureza, das minhas contemplações, dos artistas em que me baseio, dos meus mestres vamos dizer inspiradores aí do vidro, que são vários. E também tiro das artes plásticas no geral, né.

Locução off: Foi o encanto pelas artes plásticas que transformou o ex-office boy em artesão. Daí para esculpir formas em vidro foi um pulo.

Sonora com Gustavo Benini: Começou com a abundância de material que a gente visualiza na rua, né. A gente encontra por todas as partes o vidro sempre sobrando como um material descartado, né. Surgiu dessa necessidade de começar a dar uma vazão a esse material.

Locução off: Gustavo Benini começou as pesquisas com o vidro há 11 anos. Hoje, mistura matéria-prima comprada, como vidros usados em janelas, com retalhos de vidraçarias. Com precisão, desenha sobre as lâminas, em seguida com alicate destaca os detalhes. Sobre a base, aplica a cola.

Sonora com Gustavo Benini: Após a aplicação da cola eu vou fazer a aplicação do pigmento na técnica de pinturas com peneiras, né. Com capricho em cima das pequenas lâminas usa tinta de outra cor e monta um mosaico em cima da base. A peça vai para uma forma e para o forno. Permanece ali durante 8 horas a 800 graus de temperatura. A técnica se chama fusing. Os retalhos de material reciclado e o vidro novo se fundem e dão origem aos objetos de arte.

Locução in: Com um quilo de vidro se faz outro quilo de vidro, sem perda. Além do reaproveitamento de 100% do caco, a reciclagem também permite poupar matérias primas naturais, como areia e calcário. Aqui no ateliê, o que sobra e não é reaproveitado em peças menores é levado para uma indústria de reciclagem, é transformado em caco triturado, e depois será usado na pavimentação de estradas e até mesmo na fabricação de um novo vidro.

Locução off: O vidro não é biodegradável. O Brasil produz 890 mil toneladas de embalagens por ano. 45% da matéria-prima usada na fabricação são cacos reciclados. Mas apenas 4 em cada 10 embalagens acabam nas indústrias de reciclagem. Na Suíça são 92%. Na Bélgica e Noruega, 88%. Misturando o velho e o novo, Gustavo faz cinco mil peças por mês: pratos, pastilhas. Dos pequenos pedaços nascem bijuterias. Os maiores clientes são construtoras e arquitetos. Os benefícios são de todos nós.

Sonora com Gustavo Benini: É realmente uma realização pessoal. Já não é nem mais uma questão de ganho financeiro nem reconhecimento, é uma questão de se sentir parte integrante da mudança de comportamento, do padrão das pessoas, da cultura. Enfim, né, tudo aquilo que envolve uma sociedade, né.

Encerramento: E antes de encerrar, fique com uma frase do livro Estruturas da Natureza, escrito pelo engenheiro Augusto de Vasconcelos. Ele estudou as formas da Biologia: “Tudo que o homem pensa ter inventado já foi inventado antes, pela natureza”. Até o próximo Repórter Eco. Tchau (cenas dos golfinhos rotadores em grupo, no mar azul de Fernando de Noronha).

APÊNDICE XVIII - GLOBO ECOLOGIA– FOGO NO CERRADO

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): Bióloga e professora da UNB; 2 pesquisadores e o Coordenador do LAPIG; Diretor Associação Plantio Direto do Cerrado; Gerente Agrícola</p> <p>Secundárias: UNB; LAPIG</p>
Assuntos tratados	Destruição do Cerrado
Comentários-chave	Ênfase nos resultados de pesquisas científicas; influência negativa do homem sobre o equilíbrio natural do Cerrado; interligação nas relações ecológicas dos biomas

Quadro 16- Fontes e assuntos do Globo Ecologia sobre fogo no cerrado

Escalada: O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro e também o mais afetado pela ação do homem nas últimas décadas. Essas alterações podem comprometer os serviços ambientais prestados pelo ecossistema. Em tempos de aquecimento global uma notícia nada boa: essas mudanças podem intensificar ainda mais a emissão de gases estufa e as consequências das mudanças climáticas.

Vinheta de abertura: Tema – Fogo no Cerrado

Locução off: O Cerrado ocupa 24% do território nacional (mapa do Brasil com a área de abrangência do Cerrado em vermelho) e está presente em 11 Estados. É o elo central, a conexão com os principais biomas brasileiros: da Floresta Amazônica à Mata Atlântica.

Passagem da repórter: A região sofreu uma transformação intensa a partir da construção de Brasília e da transferência da capital do país para a região Centro-Oeste na década de 1960. Em menos de 50 anos a cidade virou uma metrópole.

Locução off: Brasília é hoje o quarto município brasileiro mais populoso, com 2 milhões e meio de habitantes, e continua crescendo. A previsão é de que em até 15 anos a cidade se torne a terceira maior do país. A construção de Brasília impulsionou a ocupação das áreas ao redor. Além da urbanização, as terras do Cerrado, quase inexploradas, atraíram o agronegócio. A agricultura e a pecuária se transformaram na mola propulsora da economia da região. Em menos de 50 anos quase metade da vegetação do Cerrado foi substituída por plantações e pastagens. A expansão dessas atividades pressiona cada vez mais as áreas remanescentes, e essa não é apenas uma questão de mudança de paisagem.

Passagem: A ocupação do Cerrado, da forma como está sendo feita está interferindo diretamente nas condições de vida, a tal ponto que até mesmo o clima está sendo afetado. E é pra entender um pouco do que está acontecendo e as consequências daqui pra frente que a gente está hoje aqui, nessa reserva ecológica em Brasília.

Locução off: Aqui é desenvolvido o Projeto Fogo, um estudo comandado pela professora Mercedes Gustamante, do Departamento de Ecologia da Universidade Federal de Brasília.

Sonora com Mercedes Gustamante, bióloga e professora do Dep. De Ecologia da UNB: Nós estamos aqui na Reserva Ecológica do IBGE que é uma área de preservação, mas nós conduzimos uma série de experimentos de média, longa duração que tem cerca de 10, 15 anos, procurando entender um pouquinho da Ecologia e do funcionamento dos ecossistemas de Cerrado. Hoje nós vamos conhecer alguns desses experimentos que tem uma relação com o papel do Cerrado na regulação do clima.

Locução off (cenas de áreas queimadas): Para saber como as mudanças no uso do solo afetam a atmosfera, os pesquisadores reproduziram em campo algumas práticas comuns na região. Entre elas, o uso do fogo para o preparo da terra. Muitos produtores ainda utilizam a queimada como ferramenta de manejo, especialmente para a renovação das pastagens.

Sonora com a bióloga: O que nós temos observado é que com a ocupação humana no Cerrado, esse intervalo natural de freqüências né de queimadas no Cerrado tem se reduzido, ou seja, as áreas são queimadas mais frequentemente e essas queimadas são mais intensas. Essa redução no intervalo das queimadas não permite que a vegetação tenha tempo então de se recuperar como ocorria naturalmente.

Locução off: Para descobrir exatamente o que essa mudança representa, os pesquisadores realizaram queimadas controladas em três áreas em diferentes espaços de tempo. As consequências não demoraram a aparecer. Compare agora essa área que não é queimada há 35 anos, com vegetação densa, com essa outra que sofreu queimas sucessivas nos últimos anos. Aqui (com cenas da vegetação queimada), árvores e arbustos se tornaram raros.

Sonora com a bióloga: Então quando você reduz o intervalo das queimadas, e sobretudo quando ocorre no final da estação seca, você tem uma mortalidade maior de indivíduos arbóreos, árvores, e arbustos, e você começa a ter um predomínio da vegetação herbácea, né, e as gramíneas que tem uma tolerância a esse regime mais freqüente de queimadas.

Locução off: Nessa torre a relação das plantas e dos solos com a atmosfera é monitorada 24 horas por dia. Esses equipamentos medem a temperatura, a umidade, a quantidade de carbono no ar. O estudo faz parte do experimento da grande escala da biosfera atmosfera da Amazônia, o LDA, atualmente o maior programa de pesquisas científicas integradas sobre a região amazônica. O Cerrado também se tornou alvo do trabalho por fazer fronteira com a floresta.

Sonora da bióloga Mercedes: As emissões correspondem à metade do que é calculado hoje para as emissões oriundas do desmatamento da Floresta Amazônica, ou seja, é um número nada desprezível. É sempre importante lembrar que esse número foi calculado, esse valor aí nos últimos 40 anos cerca de 50% do que é calculado para a Amazônia, considerando somente a biomassa aérea, ou seja, aquilo que está acima do solo. Então é importante que a gente também entenda como é que ocorre o processo de decomposição das raízes após a mortalidade da parte aérea, quando ocorre a substituição da vegetação nativa por uma área cultivada ou quando ocorre uma queimada.

Locução off: O que os pesquisadores já têm destacado é que no período de inverno, conhecido como estação seca, as temperaturas na região estão subindo, e o ar está ficando mais seco, com recordes históricos de baixa umidade relativa.

Sonora com bióloga Mercedes: Isso está muito relacionado exatamente à perda da cobertura vegetal, porque a vegetação tem esse papel de amenizar tanto a temperatura como a umidade relativa do ar durante o período seco, pela capacidade que a vegetação tem de acessar a água profunda do solo e trazer essa água para a atmosfera na forma de transpiração. Então acho que se você conversar com outras pessoas, os pioneiros que vieram na época da transferência da capital, eles vão já comentar essa mudança local do clima, que está associada à conversão do uso da terra e ao processo de urbanização.

Passagem do apresentador: Conciliar desenvolvimento e conservação ambiental é o maior desafio daqui para frente. (com cenas de plantação) Missão que já está sendo desenvolvida por agricultores adeptos do plantio direto. É o que você vai ver daqui a pouquinho, e a gente vai falar também dos impactos da degradação do Cerrado para a oferta de água e a conservação dos outros biomas brasileiros. O Globo Ecologia volta num instante, eu espero você. Até já.

Oferecimento CEMIG; Comercial do Esporte Espetacular; oferecimento Ipiranga, Caixa Chevrolet e Nextel; Comercial do Projeto Peixe Vivo da CEMIG; Três Irmãs e da Novela

Caras e Bocas; Prêmio Profissionais do Ano; e de Campanha de Doação de Sangue; Comercial do Ministério da Educação do Governo Federal; TV Globinho.

Passagem do apresentador: O Globo Ecologia está de volta, e no programa de hoje estamos falando dos impactos do atual modelo de ocupação do Cerrado. A reportagem é de Fátima Medeiros.

Locução off: As consequências da expansão da fronteira agrícola nas áreas de Cerrado (mapa do Brasil com a área de abrangência do Bioma Cerrado em vermelho) não são apenas locais; afetam também os biomas vizinhos (a citação de cada bioma é acompanhada na imagem com o preenchimento da área de abrangência com cores diferentes para cada um deles): Floresta Amazônica, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica. O principal impacto nesse caso é a redução da oferta de água. É no Cerrado que estão as nascentes de três importantes bacias hidrográficas brasileiras: Tocantins-Araguaia; São Francisco e Paraná. 70% do volume de água dessas bacias vem de áreas do Cerrado.

Locução in: Qual é o papel dessa vegetação típica do Cerrado para o ciclo da água?

Sonora com Mercedes Gustamante, bióloga: A vegetação pode contribuir em dois aspectos importantes: o primeiro é a própria proteção do solo, né, então quando você tem essa vegetação ela reduz o impacto mecânico da precipitação, principalmente das chuvas muito fortes, reduzindo a erosão do solo e reduzindo a compactação daquelas camadas superficiais do solo. Isso faz com que mais água infiltre através do solo em vez de escorrer superficialmente.

Locução off: Para entender melhor os impactos regionais e globais dessas alterações, vamos ao Laboratório de Processamento de Imagens da Universidade Federal de Goiás, o LAPIG. Aqui é feito um monitoramento sistemático do bioma. Os pesquisadores conseguem acompanhar as transformações nas bacias hidrográficas do Cerrado. Esse mapa mostra o trecho do Alto e do Médio Araguaia, e revela que o desmatamento nessa área da bacia já chega a 62%. Sem a proteção das plantas, o rio está sendo assoreado. Esse gráfico mostra o aumento do volume de sedimentos no leito.

Sonora de Manuel Eduardo Ferreira, geógrafo e pesquisador do LAPIG: Ou seja, nós perdemos 2 vezes: nós transformamos o rio e também perdemos uma água que seria infiltrada naturalmente pra recarregar os lençóis freáticos. Água essa que é importante pra agricultura, pra nossa sobrevivência né, nosso consumo de água.

Locução in: Isso traz prejuízos regionais, locais e também para o país inteiro, né?

Sonora com geógrafo Manuel: Pro país inteiro. Regional a gente pode dizer que vai comprometer ali o agricultor que precisa daquela água para o plantio; nacionalmente você está comprometendo as grandes bacias hidrográficas e também a água que a gente consome, que chega nos grandes centros urbanos, por exemplo. Então tudo está interligado. Quando a gente perturba esse ambiente, a gente também está causando uma perturbação na fauna, na flora, na biota em geral, né, no Cerrado e na biodiversidade como um todo.

Locução in: Ou seja, pra gente preservar os outros biomas no Brasil tem que preservar o Cerrado também, né, porque senão eles também vão ser prejudicados?

Sonora com geógrafo: Certamente, é um bioma chave na preservação dos demais biomas. Aliás, você tocou nesse assunto, todos os demais biomas, com exceção dos pampas sulinos, fazem fronteira com o cerrado: o Pantanal, a Mata Atlântica, ou seja, a gente tem contribuição, tem trocas de biodiversidade entre esses biomas.

Locução off (com cenas de vários mapas nos computadores do LAPIG): Os mapas são resultado de um cruzamento de informações enviadas por satélite com dados de campo. A cada 16 dias novas imagens são adicionadas ao sistema. Dá pra acompanhar, por exemplo, a direção em que predomina o desmatamento.

Sonora com Genival Fernandes Rocha, pesquisador do LAPIG: Esses alertas vão ocorrendo sempre nos mesmos municípios, no oeste da Bahia, sudoeste do Piauí, sul do Maranhão e na região leste do Mato Grosso, que seria a parte que pega o Cerrado.

Locução in: Neste outro mapa a gente pode ver os focos de calor na região do Cerrado. O que que a gente pode constatar aqui, Nilson?

Sonora com Nilson Ferreira, geógrafo e cartógrafo do LAPIG: Bom, são 2 coisas importantes: a primeira é a grande quantidade de foco de calor que ocorreu no ano passado. Foram registrados 748 mil focos de calor no Cerrado, né. É o bioma onde mais ocorre queimadas no Brasil, né. A outra é que os focos de calor que estão ocorrendo no Cerrado estão ocorrendo mais ao norte, ou seja, nas áreas que ainda têm Cerrado remanescente, ou seja, o Cerrado além de ter sido ocupado, 40% ocupado, continua sendo devastado.

Locução off: O Coordenador do Laboratório, geógrafo Laerte Guimarães, explica que até mesmo o balanço da radiação refletida pela Terra é afetado.

Sonora com Laerte Guimarães, Coordenador do Lapig: Se você olhar toda essa área em vermelho é onde nós temos a vegetação nativa sendo substituída principalmente por pastagem e agricultura. Então, por exemplo, em determinadas épocas do ano, você não tem agricultura, você tem o solo nu, exposto, que está sendo preparado, e que vai obviamente refletir uma radiação que anteriormente era refletida através daquela vegetação nativa pra fazer fotossíntese, por exemplo. Quando você reflete mais radiação, e essa radiação está sendo refletida, pro exemplo em comprimentos de onda longos, e essa radiação refletida está sendo como se fosse aprisionada pelos chamados gases do efeito estufa. Então obviamente que todas essas transformações que nós vemos a nível de superfície tem um efeito considerável sobre o clima.

Locução off: É o chamado efeito cascata do clima, em que a alteração de um elemento mexe com todo o sistema.

Sonora com Mercedes Gustamante, bióloga: Hoje nós entendemos melhor que o clima é fruto de uma série de interações entre a atmosfera e os sistemas naturais. Então, por exemplo, se nós temos hoje um clima que tende a se tornar mais seco, isso vai reduzir a capacidade dos sistemas naturais de assimilar carbono. Por quê? Porque pra assimilar carbono elas precisam perder água. E se a água passa a ser um fator limitante, que vai limitar, elas tendem a conservar essa água e diminuir a sua assimilação de carbono.

Locução off: Da maneira como a ocupação do Cerrado está ocorrendo, a disponibilidade de água está sendo comprometida. Reduzir os impactos ambientais e evitar a erosão do solo foram os objetivos da criação do sistema de plantio direto, que pode ser empregado tanto em pequenas como em grandes propriedades como essa que visitamos em Goiás.

Locução in: Nesse estágio da plantação, dá pra gente ver bem a diferença entre o cultivo direto e o convencional. Essa é a fase do pré-plantio do milho. Normalmente essa terra estaria totalmente descoberta, mas a palha do milho, que foi a cultura anterior, foi deixada como cobertura, para proteger o solo do sol e da chuva.

Locução off: A camada orgânica ajuda a manter a terra na temperatura ideal para o cultivo

Sonora com John Landers, Diretor Ass. Plantio Direto do Cerrado: Fátima, nós temos medições diretas em campo sem a palha, em torno de 45 graus centígrados, e com a cobertura, 29 graus. E a diferença é que com 35 graus no solo, as raízes da planta não crescem mais. Então estamos retornando o solo à sua condição natural.

Locução off: O plantio é feito sem o revolvimento do solo. Mesmo quando há a utilização de máquinas, o equipamento é adaptado para apenas cortar as faixas de plantio e depositar as sementes, sem retirar a cobertura orgânica – condição que favorece o desenvolvimento dos bichinhos da terra (cenas em close de minhocas e caramujos), que ajudam na fertilidade do solo.

Sonora com John Landers: Esses bichinhos são o sinal de vida do solo. Temos que ter essa vida para o solo funcionar para nós.

Locução off (com cenas em câmera correndo, enfatizando a dimensão da plantação): Essa área onde hoje existe uma plantação de milho serviu antes para o cultivo de trigo e abóbora. O sistema utiliza a rotação de cultura para controle de pragas e doenças, aproveitando os nutrientes e efeitos corretivos dos resíduos, e minimizando o uso de agroquímicos.

Sonora com Roberto Nardí, gerente agrícola: Há um controle melhor em questão de chuvas – se é um período verânico a planta resiste melhor porque essa camada que fica sobre o solo mantém por mais tempo a umidade do solo. O solo fica sempre protegido, você não tem problema com a erosão. Acho que o plantio direto trata com mais carinho o solo, né.

Locução off: A cobertura mantém a umidade do solo por mais tempo, e isso reduz a necessidade de irrigação – menos impacto nos recursos hídricos (cenas de uma represa, com a câmera abrindo do plano médio para o panorâmico).

Sonora com Landers: Em geral pode dizer que há 90% de redução de erosão, e essa redução da erosão quer dizer menos assoreamento dos rios e das represas.

Sonora com Mercedes, bióloga: Então, daqui pra frente, em função de todos os processos que hoje estamos observando em escala regional e global, a conservação hoje não é uma opção em termos de desenvolvimento agrícola, mas é uma condição necessária pra que nós possamos continuar mantendo esses níveis de produtividade.

Cenas abertas do Cerrado e em close de frutos e florescências do bioma.

Passagem do apresentador: Mas apesar de tanta riqueza em forma de biodiversidade e tanta fartura em forma de recursos naturais, o Cerrado ainda não é reconhecido como patrimônio nacional, e portanto, não está entre os biomas brasileiros protegidos pela Constituição. Conservar a vegetação nativa do Cerrado é a única forma de garantir a manutenção dos serviços ambientais prestados pelo sistema. Sem isso, todo o resto

desanda – inclusive a economia. Por isso, diante do desafio imposto pelas mudanças climáticas globais, mais do que nunca o cuidado e o respeito pelo Cerrado e pelos outros biomas tem que estar na pauta dos futuros investimentos.

(Coluna de serviço) Locução off do apresentador: Se você quer ter acesso ao banco de dados do Laboratório de Processamento de Imagens da Universidade Federal de Goiás, acesse o site: www.ufg.br/lapig.

Encerramento: O programa de hoje vai ficando por aqui, mas a gente tem um encontro marcado na próxima edição do Globo Ecologia, e eu espero você. Até lá.

APÊNDICE XIX - CIDADES E SOLUÇÕES – RECICLAGEM DO ÓLEO DE COZINHA

Fontes de informação (primárias e secundárias)	<p>Primárias (não-nomeadas): Assessor de Meio Ambiente da SABESP; professora; técnico em informática; funcionário da ONG Trevo; zelador do prédio; advogada e presidente Samorcc; Presidente da ONG Trevo; operador de logística.</p> <p>Secundárias: SABESP; farmácia; padaria CEPAM; ONG Trevo; Biocapital</p>
Assuntos tratados	Reciclagem do óleo de cozinha
Comentários-chave	C&T como solução para problemas ambientais; uso de tecnologias limpas; mudança de comportamento individual como suficiente; proximidade da questão ambiental abordada no programa e o cotidiano das pessoas; questões econômicas e sociais aliadas à ambiental.

Quadro 17- Fontes e assuntos do Cidades e Soluções sobre reciclagem do óleo de cozinha

Escalada: O Brasil produz 9 bilhões de óleo de cozinha por ano, mas apenas 2,5% de todo esse óleo usado é reciclado, ou seja, separado, coletado, filtrado e reinserido na cadeia produtiva para atender melhor os segmentos da indústria. No programa de hoje, você vai entender melhor os benefícios causados pela reciclagem do óleo de fritura.

Locução off (cenas de fritura de ovo e de pastel): Todo o cuidado é pouco com alimentos a base de fritura. É que esse óleo se acumula, pode entupir veias e artérias e aí não há saúde que resista. O óleo de cozinha que a maioria dos brasileiros joga fora pelo ralo causa o mesmo problema no sistema circulatório das cidades. O primeiro impacto se dá sobre o encanamento de casas e prédios, depois é a vez das redes de saneamento. Não há tubulação que resista à ação lenta e progressiva do óleo de fritura.

Sonora com Marcelo Morgado, Assessor de Meio Ambiente da SABESP: O óleo funciona como um aglutinante, uma cola. Ele vai juntar os resíduos que normalmente as pessoas indevidamente jogam na rede, na bacia sanitária, na privada, e vai formar o que nós chamamos de uma bucha – um obstáculo ao fluxo do esgoto.

Locução in: Qual é a contaminação, o nível de contaminação do óleo de cozinha sobre a água?

Sonora com Marcelo Morgado: Bem, nós já fizemos alguns cálculos e acreditamos que um litro de óleo vai poluir mais de 25 mil litros de água. A nossa base é a Legislação Federal pra lançamento de óleos e graxas de origem vegetal.

Locução off: A maior cidade do Brasil concentra o maior volume de óleo de cozinha por metro quadrado do país. Vem da região central de São Paulo o mais bem-sucedido projeto de coleta de óleo em condomínios.

Locução off: Para o assessor de meio ambiente da presidência da SABESP, está provado que a reciclagem de óleo reduz o entupimento de tubulações na rede.

Sonora com Marcelo Morgado: Nós temos nessa região piloto na ordem de 1500 condomínios verticais, ou seja, prédios. Mil aderiram, o que é um índice muito bom. E nós verificamos que nessa região o índice de desobstruções de coletores-tronco, ou seja, tubulações de maior porte, foi da ordem de 5% - ou seja, nós tivemos uma redução dessas intervenções, que a gente chama de desobstrução de coletor dessa ordem, e no restante dessa unidade de negócio nós tivemos um aumento de 1,5%. Então como tivemos tendências opostas, acho que fica inequívoco que funciona. E essa é uma região que além de muitos prédios tem muitos restaurantes e muitos bares, então o problema ainda é maior, porque o volume de óleo de fritura é grande.

Locução off (cenas de uma Kombi com a inscrição e logomarca da ONG, saindo da sede): Esta é a sede da organização não-governamental trevo. É a maior recicladora de óleo de São Paulo. Acompanhamos uma das 30 kombis que diariamente realizam a coleta na cidade. O primeiro destino é este condomínio onde vivem 400 moradores.

Locução in: Bom dia. Dona Marcela?

Sonora de Marcela de Oliveira Merluzi, professora: Sim.

Locução off (André tocando a campainha e pedindo à dona de casa permissão para entrar em sua cozinha): Dona Marcela foi uma das primeiras moradoras a aderir à coleta do óleo.

Locução in: Quando a senhora usa o óleo de cozinha qual é a rotina?

Sonora de Marcela de Oliveira Merluzi: É assim, André: Eu utilizo o óleo de cozinha pra fazer a fritura. O óleo que sobra você deixa esfriar para não queimar a sua mão, e depois você coloca num recipiente com tampa (colocando num vidro) – muito fácil, sem dificuldade

– você tampa o recipiente e deposita no reservatório de óleo que tem disponível na sua residência.

Locução in: Desde quando a senhora está fazendo isso?

Sonora de Marcela de Oliveira Merluzi: Olha, desde que foi orientado pra gente aqui no prédio, nas reuniões, já faz alguns meses. Antes eu não fazia não, comecei agora.

Locução in: Não dá trabalho?

Sonora de Marcela de Oliveira Merluzi: Não, não dá não. Na verdade fica até melhor, porque a cozinha não fica fedida, porque quando a gente depositava o óleo na pia vinha um cheiro ruim. Agora melhorou.

Locução in: Daqui vai pra onde esse óleo?

Sonora de Marcela de Oliveira Merluzi: Lá pra garagem, onde fica o reservatório.

Locução in: A gente pode acompanhar você?

Sonora de Marcela de Oliveira Merluzi: Vamos lá.

Locução in: (Indo para o elevador, entrando e apertando o botão para descer na garagem).

Locução in: Está na garagem.

Sonora de Marcela Merluzi: Na garagem.

Sonora de Marcela Merluzi: (Cenas de André e Marcela descendo do elevador e, na garagem, chegando ao reservatório) E aqui é fácil: Você destampa, coloca no funil...

Cenas em close do cartaz com dicas do que é correto e errado na destinação final do óleo, pregado na parede acima do galão reservatório.

Sonora com Ismael Lopes Moreno, técnico em Informática: Todo mundo sente um prazer enorme: estou salvando o mundo, né, fazendo esse trabalho, evitando a poluição. É uma forma de você aos poucos ir fazendo essa conscientização e conseguindo a adesão dos moradores.

Locução in: Qual é a taxa de adesão do condomínio a essa proposta?

Sonora com Ismael Lopes Moreno, técnico em Informática: Olha, hoje eu diria que 50% só. Nós não temos, nós temos que fazer mais ações pra que haja mais adesões.

Cenas de 2 funcionários da Recicladora Trevo buscando o reservatório cheio do condomínio e substituindo por outro vazio.

Locução in: Com licença. Qual é a quantidade de óleo que você está coletando aqui?

Sonora do funcionário da ONG Trevo: 30 litros de óleo, aproximadamente.

Locução in: E isso dá direito a quê?

Sonora do funcionário da ONG Trevo: A um pacote de lixo e 2 vassouras ou 2 rodos.

Locução in: Você está deixando um pacote de lixo e 2 vassouras. Se eles não quisessem ficar com isso...

Sonora do funcionário da ONG Trevo: Poderia ser feito o pagamento em dinheiro.

Locução in: Quanto?

Sonora do funcionário da ONG Trevo: Seria 30 centavos por litro.

Locução in: Que totaliza?

Sonora do funcionário da ONG Trevo: Então seria 30 litros, 9 reais.

Locução in: Roberto, melhor levar 2 vassouras e saco de lixo?

Sonora de Roberto: Com certeza.

Cenas de Roberto voltando ao prédio com o pacote de lixo e 2 vassouras e do funcionário da Trevo indo embora na Kombi.

Locução off: Próxima parada, uma farmácia. Uma farmácia??

Locução in (André começa entre as bancas da farmácia e vem andando até a entrada, onde está o ponto de coleta): Farmácia não produz óleo de fritura. Portanto farmácia não é um lugar adequado pra instalar um ponto de coleta de óleo de fritura. Certo? Errado. Aqui tem ponto de coleta e olha o prestígio da proposta nessa região: vasilhames de diferentes tamanhos trazidos por clientes e moradores da região, prestigiando a iniciativa do estabelecimento. Como é que isso veio parar por aqui?

Sonora de Rodrigo Riscoti, gerente: Bem, pode parecer uma brincadeira ou algo que não combine, mas combinou e deu muito certo, né. Porque o proprietário do estabelecimento juntamente com a ONG responsável pelo recolhimento do óleo tiveram essa iniciativa de

deixar na comunidade um ponto de coleta de óleo. E resolveu começar aqui na região a fazer isso daí, e auxiliar, uma pequena parte de auxílio pra ajudar a natureza.

Locução in: Qual é a quantidade de óleo coletada por mês aqui?

Sonora de Rodrigo Riscoti, gerente: Olha, em média são 260 litros mensais. Tem mês que chega a dar 350, mas em média são 260 litros.

Locução in: Vocês estimulam os clientes a fazerem isso? De que maneira?

Sonora de Rodrigo Riscoti, gerente: Com certeza a gente faz o trabalho de divulgação através de folhetos, e o boca-a-boca que funciona bastante também.

Cenas de Roberto arrumando, no balcão do caixa da farmácia, os folhetos de divulgação de coleta, e conversando com a cliente para trazer um vasilhame com óleo usado e depositar no coletor.

Locução in: Ele foi convincente? A senhora vai trazer?

Sonora com Rita Maria de Souza, caixa de padaria: Trago, agora direto eu vou fazer, né. Porque eu to jogando fora, por que é que eu não vou dar pra uma pessoa que ta aí (inaudível) com alguém? Então vou trazer.

Locução in: Próxima visita já tem óleo ou vai ter que demorar um pouquinho pra trazer na garrafa óleo de fritura?

Sonora com Rita Maria de Souza, caixa de padaria: Não vai ter rápido, vou trazer rápido, pode deixar (risos).

Locução off: A própria balança da farmácia é utilizada pra checar o peso do material. Descontada a bombona, o peso final é registrado no papel e o valor é repassado mensalmente para a farmácia, que dá o destino nobre para o dinheiro: em seis meses foram doados 450 reais para a associação de moradores do bairro.

(cenas da rua e da entrada da Padaria Cepam) **Locução off:** Da farmácia para a padaria. Não é uma padaria qualquer, é a maior da cidade de São Paulo. Dois mil metros quadrados de muitas guloseimas e frituras. Quem mata a fome por aqui nem faz ideia da quantidade de óleo usada e descartada todos os dias.

Locução in: Quanto de óleo vocês conseguem separar nessa padaria?

Sonora com Reinaldo Bertagnon, gerente comercial: A gente separa da cozinha 250 litros por semana. E aqui o que o consumidor traz deve dar 300 litros por mês.

Locução in: Há quanto tempo a padaria separa óleo?

Sonora com Reinaldo Bertagnon, gerente comercial: Aproximadamente 1 ano.

Locução in: Antes disso esse óleo ia para onde?

Sonora com Reinaldo Bertagnon, gerente comercial: A gente dava. Na verdade sempre vinham aquelas pessoas que vinha, recolhe e usa pra isso, praquilo. Hoje a gente já aprendeu que dá pra reciclar, reaproveitar e reverter em benefício ou de uma escola, como a gente faz, ou da própria empresa que é pra você poder ter menos gastos e menos desperdício. Essa é a realidade.

Locução in: No universo das padarias de São Paulo, vocês são a regra ou a exceção?

Sonora com Reinaldo Bertagnon: Eu creio que a gente seja a exceção.

Locução in: E se é um bom negócio, se há tantas vantagens, porque que é tão difícil separar o óleo?

Sonora com Reinaldo Bertagnon: Olha, aí eu acho que é uma questão de conceito. Você precisa ter o conceito de prestar atenção naquilo que você pode melhorar e reverter em benefício da sociedade.

Locução off: O dinheiro arrecadado é doado para uma escola de alunos portadores de deficiência no bairro. O que era problema na cidade de São Paulo vira solução graças à mobilização de pessoas como Célia Marcondes. Advogada e ambientalista, foi ela quem primeiro mobilizou o poder público, ONGs e moradores para sistematizar a coleta do óleo na região central da cidade.

Sonora com Célia Marcondes, advogada e presidente Samorcc: Toda essa ação que a gente fez que aumentou consideravelmente, inclusive o grupo que a gente está trabalhando na cidade de São Paulo, na metrópole, recolhemos em torno de um milhão de litros de óleo por mês. Agora isso dentro do nosso universo não chega a 5% do óleo que é descartado. Então nosso trabalho agora é ir em busca desses 95% que diariamente são jogados de forma incorreta, poluindo rios, poluindo lagos e causando um dano sério à tubulação de água. E isso incide no custo da água também, é óbvio, né?

Locução off: É para cá que são trazidas 300 toneladas de óleo de fritura usadas por mês. Na maior recicladora de óleo de cozinha de São Paulo, tudo que chega é filtrado antes de servir como matéria-prima para os diversos segmentos da indústria. Os principais compradores são as fábricas de sabão (cenas da fabricação de sabão). Para manter essa estrutura funcionando, é necessário o apoio dos clientes que separam o óleo para a coleta.

Locução in: Quantos clientes?

Sonora com Roberto Costacoi, presidente da ONG Trevo: Olha, acima de 4500 clientes. Agora eu tô empolgado com o óleo doméstico, porque no meu modo de ver, 90% do óleo comercial já tem o destino correto. Agora a pessoa fala: “Nossa, você mexe com 390 toneladas, 390 mil litros”, é um número pequeno. É a ponta do *iceberg* se você for levar em consideração que cada família gera um litro de óleo por mês. Então nesses segundinhos que nós estamos conversando aqui, quantos milhares de litros já não foram pros nossos rios, nossos mares? Então São Paulo está carente de ecopontos, pra dona de casa poder estar levando seu óleo no lugar correto, nos ecopontos que você acabou de ver.

Locução off: Roberto Costacoi coordena a coleta de óleo na Trevo. Para ele, isso não é apenas um negócio.

Sonora com Roberto Costacoi, presidente da ONG Trevo: Meu *hobbie* é pesca. Então há 25, 20 e tantos anos atrás eu ia pescar aqui, eu alugava um barquinho aqui em Santos, saía pro mar e pegava várias espécies de peixes, 40 minutos de barco. Hoje, passados vinte e tantos anos, eu ando 4 horas de barco saindo lá de Bertioga, num barco muito mais potente que a gente aluga, e não pega um quinto sequer das espécies que a gente pegava há vinte e tantos anos. Pra repor isso, meu amigo, é muito difícil. Mas alguém tem que fazer alguma coisa. Eu to fazendo a minha parte; você faça a sua; ele faça a dele; a dona de casa faça a dela. O mundo vai ser bem melhor.

Locução off: Parte do óleo de cozinha coletado em São Paulo parte de caminhão para Charqueada (cenas de um mapa do Brasil destacando a distância entre a capital paulista e Charqueada), a 200 km da capital.

Locução off: É aqui que muitos caminhões chegam pra descarregar o óleo de fritura que vai se transformar em biodiesel. A Central de Recepção tem a segurança reforçada.

Sonora com André de Oliveira, operador de logística: O operador tem que usar luva, sapato, o cinto de segurança que é pára-queda, que é preso naquele equipamento; capacete e óculos. São os que têm que ser usados na plataforma.

Locução off: O funcionário faz apenas a ligação do tanque com a tubulação de escoamento. O resto é feito através da tecnologia.

BG de André Oliveira falando com um colega de trabalho pelo walk Talk: Vamos partir mais um escoamento TQ 40 14, 54 metros cúbicos. Você pode pôr aí (inaudível) pra carregamento, por favor?

BG do colega numa sala com um computador, a partir do qual controla a matéria-prima: Positivo.

Locução off: Com um simples clic, a matéria-prima é transportada para os tanques da fábrica de biodiesel. A fábrica recebe em média cerca de 300 mil litros de óleo reciclado por dia.

Sonora com Ricardo Magalhães, diretor da Biocapital: Nós trabalhamos com óleo, um pouco de óleo de soja, mas a nossa matéria-prima principal é a gordura animal, o sebo de boi, e trabalhamos também com óleo de fritura.

Locução off: A matéria-prima percorre uma extensa e complexa linha de tubulação. Em vários pontos existe uma canalização paralela, um vapor para aquecimento do canal. Óleo vegetal e gordura animal ficam em tanques separados. Ao lado estão os vizinhos, reagentes que mais adiante vão se juntar no processo para a produção do biodiesel: um álcool, o etanol, e o metilato de sódio, um catalisador (substância que atua na reação química). A mistura ocorre nesse outro tanque, o reator, onde matéria-prima e os reagentes se encontram.

Sonora com Ricardo Magalhães, diretor da Biocapital: Esse reator é responsável pela mistura do óleo ou da gordura com o álcool e com o catalisador. Ele tem um agitador mecânico que faz com que as moléculas batam e quebrem a molécula de gordura, se juntando com o álcool, produzindo o biodiesel e sobrando a glicerina. Então isso é o que acontece dentro desses reatores, onde a gente tem uma temperatura controlada e passa cerca de 2 horas nessa reação aí.

Passagem repórter: Tudo que acontece na fábrica é reproduzido em laboratório nas mesmas condições, através de um minirreator. É esse equipamento aqui (mostrando o

equipamento com close da câmera): a gente vê o motor, que faz girar o eixo e circula a matéria-prima, e também faz a mistura dos reagentes: o álcool e também o catalisador. Da chegada da matéria-prima até o biodiesel pronto, o ciclo é de 6 horas. Depois vem as análises para especificação, que são 23 ao todo. Só pra gente mostrar uma comparação aqui: esse é um produto que já vem com a glicerina, produto que não foi ainda separado, produto que tem uma coloração um pouco mais escura. Quando a gente faz a comparação desse produto aqui com o biodiesel já pronto, olha só, a gente pode perceber que o aspecto é bem diferente (mostrando lado a lado os 2 recipientes de produtos citados).

Locução off: Para chegar a essa coloração, o biodiesel foi para tanques de decantação, onde fica livre da glicerina, material vendido para fabricação de sabonete. A cada etapa do processo, especialistas recolhem e analisam amostras para verificar a qualidade do produto. Quem trabalha no processamento não esconde: o óleo de cozinha é um dos mais trabalhosos para a conversão em biodiesel

Sonora com Ricardo Magalhães, diretor da Biocapital: O óleo de cozinha tem alguns componentes na sua composição, como ele é muito aquecido, acabam algumas moléculas de gorduras se polimerizando, juntando uma molécula de gordura na outra. Então isso acaba ficando como um contaminante do biodiesel, tá. Então o processo é igual, os controles têm que ser um pouco mais rigorosos, então a gente tem uma dificuldade maior de fazer. Mas como a gente não faz com o óleo de cozinha, o óleo de fritura puro, a gente acaba mesclando nas outras matérias-primas, a gente acaba diluindo um pouco esse problema.

Locução off: A usina em Charqueada produz 9 milhões de litros do produto por mês, mas tem capacidade para produzir o dobro em caso de necessidade.

Cerca de 80% do custo é o óleo, os outros custos são menores. Então a grande preocupação é na originação da matéria-prima, em ter a matéria-prima com o teórico menor custo. Toda a produção fica estocada em tanques gigantes de até um milhão de litros. Daqui o biodiesel pronto volta para a central de bombeamento. Agora o destino é a distribuidora de combustível que vai destinar 3% de biodiesel ao óleo diesel comum, e deixar o mundo um pouco menos poluído.

Sonora com Ricardo Magalhães, diretor da Biocapital: É mais uma fonte de matéria-prima, é uma matéria-prima que a gente sabe que tira aí dos rios e lagos, que a gente sabe que é um grande problema para o meio ambiente o óleo de fritura, e comercialmente se tiver um preço que compense essas dificuldades dá pra produzir biodiesel.

Encerramento: No programa de hoje você viu que o descarte inadequado de óleo de fritura é um grande problema. E que a reciclagem do óleo de cozinha já é uma solução ao alcance de muitos brasileiros. Você já faz isso? Mais informações sobre os assuntos mostrados aqui hoje, acesse o link do *Cidades e Soluções* no site da Globo News ou nosso blog na internet. Até a próxima.

APÊNDICE XX: TRECHOS DOS PROGRAMAS REFERENTES A CADA CATEGORIA DE ANÁLISE

Relação natureza-sociedade: Ciência e Tecnologia

Programa	Edição	Trechos sobre C&T e soluções para problemas ambientais
Globo Ecologia	Agricultura Orgânica	Destaca as soluções criadas pelos técnicos para produzir alimentos sem o mínimo de impacto.
Cidades e Soluções	Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável	Traz uma empresa especializada em soluções ambientais (lixo, esgoto, água, solos contaminados e vários outros serviços ambientais em todo o Brasil).
Cidades e Soluções	Slow Food	Pesquisas da USP sobre as características do jaracatiá e jussara melhorando as condições de sabor e manejo dos frutos, e ajudando na preservação dos mesmos.
Repórter Eco	05/04	Ao tratar dos efeitos do desmatamento do Cerrado, a bióloga defende que a agricultura deve se valer da tecnologia pra ser menos impactante.
Cidades e Soluções	Ecogerma	Economia de energia com aplicação de inversores de frequência; polímero biodegradável.
Globo Ecologia	Agricultura Familiar	Estudos sobre a manipueira como fonte de adubação para as lavouras dos pequenos agricultores.
Repórter Eco	12/04	Pesquisas criam alternativas para reduzir a emissão de metano, e o sepultamento de emissões.

Quadro 18 - C&T e soluções para problemas ambientais

Quadro 19 – Destaque a pesquisas científicas

Programa	Edição	Trechos que dão destaque a pesquisas científicas
Globo Ecologia	Agricultura Orgânica	Pesquisas para a criação de alternativas aos produtos utilizados na agricultura convencional.
Repórter Eco	12/04	Estudo da UFRGS sobre a exploração da pesca nos 53 países responsáveis por 96% da atividade no mundo; Sucesso da soltura de três bugios após monitoramento de pesquisadores do Jardim Botânico de Brasília; pesquisas do Laboratório do Borboletário de Osasco sobre as fases de vida das borboletas.
Repórter Eco	05/04	Novo Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, resultado do monitoramento dos satélites feito pela Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o INPE; Estudos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo sobre os efeitos da poluição; Bióloga da Universidade de Brasília estuda os efeitos do desmatamento do Cerrado para o clima no Brasil.
Globo Ecologia	O Avanço da Soja	Pesquisas e tecnologia elevaram a qualidade da soja
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Estudos e monitoramentos do maior programa de pesquisas científicas integradas sobre a região amazônica, que passou a estudar o Cerrado por ser um bioma fronteiro com a floresta; monitoramentos do Laboratório de Processamento de Imagens da Universidade Federal de Goiás sobre o Cerrado e os impactos regionais e globais das alterações sofridas pelo bioma
Repórter Eco	12/04	Taxonomia e sua importância para o estudo e a conservação dos seres vivos

Programa	Edição	Trechos que pregam o investimento em tecnologias limpas e a regulação dos usos dos recursos naturais
Globo Ecologia	Agricultura Orgânica	Uso de flor de mel para combater pragas da cultura do morango orgânico
Cidades e Soluções	Gestão Sustentável	Reaproveitamento da água da chuva
Cidades e Soluções	Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável	Programa de análise de empresas com critérios de avaliação, como o uso ou não de produtos tóxicos e emissões de gases de efeito estufa
Repórter Eco	10/05	Reaproveitamento de madeira em áreas urbanas, que antes era jogada no lixo
Repórter Eco	05/04	Defesa da obrigatoriedade da inspeção veicular anual, e restrição ao transporte individual
Repórter Eco	12/04	Reciclagem de material para a construção do Borboletário de Osasco
Cidades e Soluções	Reciclagem do óleo de cozinha	Consequências do acúmulo de óleo nas tubulações e os benefícios de sua reciclagem para o ambiente
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Benefícios do cultivo direto, e a rotação de cultura para controle de pragas e doenças, aproveitando os nutrientes e efeitos corretivos dos resíduos, e minimizando o uso de agroquímicos.

Quadro 20 – Trechos que pregam o investimento em tecnologias limpas e a regulação dos usos dos recursos naturais

Programa	Edição	Trechos que pregam a defesa de ambientes preservados da presença humana (noção de natureza intocada)
Repórter Eco	01/04	A frase “É uma raridade ver um pedaço de Cerrado assim, bem conservado, com diversidade de árvores, arbustos, frutas, flores” traz a ideia de natureza intocada: conservacionismo.
Repórter Eco	10/05	Manutenção da enorme riqueza da biodiversidade de Fernando de Noronha pelo isolamento de ser uma ilha oceânica Preservação do Parque Lage
Repórter Eco	05/04	Bióloga defende a necessidade do esforço público pra criar de novas unidades de conservação como parques para proteger o Cerrado, e corredores ecológicos entre áreas ainda preservadas do Bioma
Repórter Eco	12/04	O Borboletário de Osasco, área de lazer e educação ambiental, preserva e apresenta a riqueza de sua biodiversidade apenas para visitas e não com convivência e manejo sustentável do ambiente
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Reserva Ecológica do IBGE, área preservada para estudos sobre a Ecologia e o funcionamento dos ecossistemas de Cerrado

Quadro 21 – Trechos que pregam a defesa de ambientes preservados da presença humana

Programa	Edição	Trechos que pregam religação homem/natureza sob a lógica do capital
Cidades e Soluções	Gestão Sustentável	Priorização do aspecto econômico no trecho que cita a previsão de que o ICMS Ecológico movimentará este ano cerca de 600 milhões de reais; O desconto dado pelo IPTU Verde ao proprietário de imóvel que adotar algumas medidas estabelecidas na lei como uso de energia solar ou manutenção de área permeável
Cidades e Soluções	Caminhos para o DS	O consultor Elkington critica que a palavra sustentabilidade é usada aleatoriamente por empresários, que ainda não se movem na direção apropriada com seus modelos de negócios; Crítica ao marketing verde ao citar a distância que separa o marketing das ações efetivas em favor da sustentabilidade; Sustentabilidade como um nicho de mercado: uma empresa na área de sustentabilidade formulou um atrativo plano de negócios vendendo esse conceito de sustentabilidade a dois bancos, que dividem o controle acionário de tal empresa; Linguagem empresarial: sustentabilidade a serviço dos negócios: as empresas cada vez mais consideram a performance social e ambiental dos seus fornecedores; Repensar o processo produtivo da Wall Mart para atender à demanda de clientes “verdes”: a empresa reduziu a quantidade de embalagens para reduzir a emissão de gás carbônico e melhorar sua imagem junto aos clientes; Medição de eficiência: sustentabilidade a serviço dos negócios: um programa mede a eficiência de uma empresa com base em mais de 20 critérios diferentes, sociais e ambientais de medição; DS como setor: A Rhodia tem desenvolvido seu sistema de desenvolvimento sustentável há muitos anos
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Diante do desafio imposto pelas mudanças climáticas globais, a conservação do Cerrado é uma condição necessária pra manter os atuais níveis de produtividade, e os serviços ambientais prestados pelo bioma, essenciais à economia.
Cidades e Soluções	Ecogerma	O mercado de energias renováveis movimentou em termos de investimentos cerca de 6,7 bilhões de dólares; Sustentabilidade como um discurso, não questionando o sistema produtivo ou a concepção de mundo vigente: “Ele tem consciência ecológica, sabe da questão da sustentabilidade. Mas tem a questão do desejo: ele paga um preço relativamente maior por um produto premium; ele quer ter o prazer de usufruir do que esse produto é capaz de entregar”. Priorização do aspecto econômico: O entrevistado, ao apresentar as vantagens do kit que substitui óleo diesel pelo gás, é questionado se “pesa no bolso” a opção por tal tecnologia.
Globo Ecologia	O Avanço da Soja	Biodiversidade a serviço do mercado: o apresentador defende que boa porcentagem de espécies que ocorrem em nosso território deveria ter seu potencial econômico avaliado.
Repórter Eco	10/05	Sensibilização para a questão ambiental a partir do apelo econômico: a prefeitura economizou cerca de 150 mil reais com o reaproveitamento e não descarte da madeira urbana, e a partir de tal economia passou-se a valorizar a meta ambiental. Assim, molda a questão ambiental ao desenvolvimento econômico.

Quadro 22 – Trechos que pregam religação homem/natureza sob a lógica do capital

Conceito de natureza, economia e Desenvolvimento Sustentável

Programa	Edição	Trechos de contraponto à priorização do sistema econômico acima das questões socioambientais
Cidades e Soluções	Gestão Sustentável	Crítica à devastação de parte da área de Piranhas (tombada como patrimônio paisagístico nacional) pela construção de uma hidrelétrica
Repórter Eco	05/04	Crítica à lógica econômica da especulação imobiliária que se sobrepõe à preocupação ambiental, respondendo por enormes níveis de desmatamento no Rio de Janeiro e em São Paulo. Assim, compromete-se a função da floresta de proteger o fluxo hídrico dessas regiões; Valorização das riquezas naturais (biodiversidade) acima da lógica econômica
Globo Ecologia	Agricultura Familiar	Crítica ao esgotamento do recurso madeireiro pela exploração econômica para a fabricação de produtos da mandioca, que ao esgotar a vegetação da Mata Atlântica, avança para a caatinga.
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Crítica à devastação do bioma pelo crescimento urbano desordenado e pelas atividades econômicas na região: A ocupação do Cerrado interfere diretamente nas condições de vida, a tal ponto que até mesmo afetando o clima

Quadro 23 – Trechos de contraponto à priorização do sistema econômico acima das questões socioambientais

Programa	Edição	Trechos que contemplam os elementos conceituais de Desenvolvimento Sustentável
Cidades e Soluções	Reciclagem do óleo de cozinha	Questão ambiental aliada à social – O valor arrecadado pela farmácia e pela maior padaria de São Paulo com a venda do óleo de cozinha para a recicladora é doado para associação de moradores ou para escolas da localidade; Destinação econômica ao óleo reciclado, que é revendido como matéria prima para indústrias como fábricas de sabão, ou para produção do biodiesel: questão econômica aliada à ambiental, por retirar o óleo de rios e lagos; Segurança do trabalho (questão social): operadores das máquinas das recicladoras de óleo e produtoras de biodiesel mostram os equipamentos obrigatórios de segurança que utilizam.
Cidades e Soluções	Gestão Sustentável	Recurso usado para a sustentabilidade social e ambiental: Recursos do ICMS Ecológico para ajudar as famílias dedicadas à agricultura e pequenos produtores; na área da saúde, o dinheiro do ICMS Ecológico foi usado para construir um hospital; um laboratório e farmácia.
Repórter Eco	12/04	Questões social e ambiental da moradia são aliadas na reportagem Ecotijolo, mostrando um grupo de mulheres sem-teto do interior paulista que erguem casas ecológicas com tijolos artesanais

Quadro 24 – Trechos sobre elementos conceituais de Desenvolvimento Sustentável

Programa	Edição	Trechos com perspectiva fatalista ou antropocêntrica na garantia da sobrevivência
Globo Ecologia	Rio São Francisco: um rio de lembranças	Com a devastação do Rio São Francisco, os peixes e outras espécies nativas do rio estão diminuindo: Influência negativa da atuação humana sobre o equilíbrio das relações ecológicas
Repórter Eco	01/04	As mudanças do clima estão afetando a pesca e deslocando a distribuição geográfica das espécies.
Repórter Eco	05/04	São preocupantes os últimos levantamentos sobre a situação do transporte urbano, principalmente nas grandes regiões metropolitanas brasileiras, com graves informações sobre custos, desperdícios, mortes, poluição etc.
Repórter Eco	12/04	Lembrando enchentes, deslizamentos de morros e encostas, furacões e outros desastres ambientais que, provocaram 200 mil mortes no mundo e perdas de 200 bilhões de dólares em 2008, o comentarista citou cálculos de cientistas sobre necessidade de reduzir as emissões em pelo menos 80% até 2050 para evitar que a temperatura da Terra suba mais do que 2 graus e provoque desastres ainda mais intensos.
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Influência negativa do homem sobre o equilíbrio natural do Cerrado: a ocupação humana tem reduzido o intervalo das queimadas naturais do bioma, causando mortandade de espécies, e afetando outros biomas interrelacionados ao Cerrado.

Quadro 25 – Trechos com perspectiva fatalista ou antropocêntrica na garantia da sobrevivência

Cultura e natureza

Programa	Edição	Trechos de crítica à separação do homem e o meio natural
Cidades e Soluções	Slow Food	Crítica à separação homem - meio natural pelo ritmo acelerado da vida moderna, e defesa à reconexão com os desejos humanos básicos
Repórter Eco	17/05	Relação ambiental e ligação homem-natureza se sobrepõe à lógica econômica em 2 matérias: na Morada da Floresta, cujo fundador defende a priorização da relação humana com a natureza sobre o benefício monetário; e na referente à arte da reciclagem do vidro, o artesão afirma que o trabalho é mais uma questão de se sentir parte integrante da mudança de comportamento, do padrão das pessoas, da cultura, do que um ganho financeiro.
Repórter Eco	10/05	Na abordagem sobre o Parque Lage e a beleza de suas trilhas, uma idéia conservacionista de ambiente só para visitação e trilhas ecológicas - dissociação homem-natureza.
Repórter Eco	12/04	Natureza, referente à biodiversidade preservada no Borboletário, concebida como atração cultural, com o exotismo semelhante a exposição de museu; Saúde do planeta dissociada da saúde do homem: “Não há menor dúvida de que andar a pé faz bem para a saúde do planeta mas principalmente para a nossa saúde”.
Repórter Eco	05/04	Defesa da religação homem-natureza pela mensagem sobre o quanto a Mata Atlântica é importante pra vida delas, pra vida dessas pessoas que moram nessas áreas que são urbanizadas mas que dependem da floresta pro bem-estar, pra qualidade de vida.

Quadro 26 – Trechos de crítica à separação do homem e o meio natural

Programa	Edição	Trechos sobre manifestações culturais e sabedoria popular
Cidades e Soluções	Slow Food	Valorizar as tradições culturais e a riqueza socioambiental local pela religação com os hábitos alimentares de uma região
Globo Ecologia	Rio São Francisco: um rio de lembranças	Valorização da identidade e a memória do pescador artesanal do São Francisco e a cartografia das populações tradicionais, embora tal cultura seja colocada como algo já exótico, raro e resistente à força da lógica do mercado turístico; Destaque à canção popular do pescador sobre a felicidade das famílias quando a biodiversidade do rio ainda não era ameaçada
Repórter Eco	05/04	Valorização da crença popular do violeiro de que o Projeto Manuelzão (cujo nome homenageia um vaqueiro imortalizado por Guimarães Rosa) veio em hora certa, enviada por Deus, além do destaque à composição do violeiro em louvor ao projeto; Preservação da riqueza cultural com o tombamento do Bairro CitiLapa
Globo Ecologia	Agricultura Familiar	Valorização da cultura regional pela fabricação do beiju, iguaria típica da região Nordeste

Quadro 27 – Trechos sobre manifestações culturais e sabedoria popular

Programa	Edição	Trechos acerca da volta à harmonia com a natureza
Repórter Eco	17/05	Morada da Floresta, um projeto de casa ecológica que serve de exemplo de convivência em harmonia com a natureza
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Vantagens do plantio direto sobre o respeito ao equilíbrio orgânico do meio natural, por meio de técnicas que permitem o retorno à harmonia e a manutenção das relações ecológicas naturais do solo
Repórter Eco	10/05	Visão romântica da natureza pela contemplação da paisagem do Rio de Janeiro a partir do alto das trilhas do Parque Lage
Globo Ecologia	Rio São Francisco – Um rio de lembranças	Visão romântica e idílica – o rio está detonado, e as relações naturais não voltam a uma harmonia passada como é defendido pelo organizador da Cartografia dos Povos Tradicionais

Quadro 28 – Trechos acerca da volta à harmonia com a natureza

Conflitos e soluções

Programa	Edição	Trechos sobre conflitos e sua abordagem
Globo Ecologia	Rio São Francisco: um Rio de Lembranças	De um lado é tratada a fragmentação da natureza e de outro da cultura local: a contradição entre a resistência dos povoados tradicionais e o mercado hoteleiro ingressando na região, mas ouve apenas os moradores locais, não entrevistando quem respondesse aos depoimentos dos moradores ou mostrasse outros ângulos e interesses sobre a questão - unilateralidade
Repórter Eco	01/04	Passivo ambiental apresentado no documentário Barão de Mauá: conflito tratado unilateralmente (só os moradores do condomínio e a diretora do filme foram ouvidos), de forma apenas informativa e superficial

Quadro 29 – Trechos sobre conflitos e sua abordagem

Programa	Edição	Trechos sobre problema X soluções
Globo Ecologia	Fogo no Cerrado	Dicotomia problema X solução: primeiro alarme sobre o problema do comprometimento da disponibilidade de água com a ocupação desenfreada do Cerrado, e em seguida a solução trazida pelos benefícios do plantio direto: reduzir os impactos ambientais e evitar a erosão do solo.
Cidades e Soluções	Reciclagem de Óleo de Cozinha	Denúncia sobre o problema e as consequências do entupimento das tubulações urbanas e poluição dos recursos hídricos pelo óleo de cozinha, e depois a abordagem da solução ao problema acima citado: a reciclagem de óleo, que reduz o entupimento de tubulações na rede e a poluição mencionada.

Quadro 30 – Trechos sobre problema X soluções

Política

Programa	Edição	Trechos sobre atuação no campo da política pública
Repórter Eco	12/04	Reclamação sobre a situação precária das calçadas, e cobrança do poder público municipal para resolver o problema - importância da ação e decisão do poder público
Repórter Eco	05/04	Obrigatoriedade da inspeção veicular anual imposta pelos Ministérios do Meio Ambiente e das Cidades, além da cobrança para que o poder público imponha restrições ao transporte individual
Globo Ecologia	Rio São Francisco: um rio de lembranças	Cobrança do pescador artesanal para que órgãos públicos competentes atuem em favor da permanência das comunidades pesqueiras na região do rio, e trabalhe no repovoamento do rio com espécies nativas já extintas

Quadro 31 – Trechos sobre atuação no campo da política pública

Programa	Edição	Trechos sobre mobilização coletiva
Repórter Eco	12/04	Mobilização coletiva de movimentos sociais: ONG's ambientalistas, empresas e governos lançam um pacto que pretende restaurar 150 mil quilômetros quadrados da Mata Atlântica até 2050
Repórter Eco	05/04	Participação da comunidade local nas ações pró-educação, limpeza e fiscalização e na reprodução das idéias do Projeto Manuelzão
Repórter Eco	17/05	Instituto de Defesa do Consumidor cobra do governo federal maior fiscalização dos grãos transgênicos: Mobilização coletiva e cidadania (cidadão no patamar de consumidor).
Cidades e Soluções	Reciclagem do Óleo de Cozinha	Advogada e ambientalista mobilizou o poder público, ONGs e moradores para sistematizar a coleta do óleo na região central de São Paulo

Quadro 32 – Trechos sobre mobilização coletiva

Dimensão jornalística e lógica empresarial

Programa	Edição	Trechos sobre dramaticidade ou espetacularização da natureza
Repórter Eco	01/04	Apresentação do problema dos moradores do Condomínio Barão de Mauá e seu passivo ambiental: Apelo ao emocional e sensibilização do telespectador pela dramaticidade.
Globo Ecologia	Rio São Francisco	Espetacularização da natureza aos mostrar os paredões (60 quilômetros de canyons navegáveis) de pedra que formam um contraste com as águas do rio e tornam o cenário ainda mais bonito.
Repórter Eco	10/05	Visão romântica e espetacularizada da paisagem vista pelas trilhas ecológicas do Parque Lage.

Quadro 33 – Trechos sobre dramaticidade ou espetacularização da natureza